

CRYS CARVALHO



*Ballas
da vida*



Table of Contents

Sinopse

Parte I - O Passado

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.

Parte II - O Presente

- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.

Parte III - Revelações

- 27.
- 28.
- 29.
- 30.
- 31.
- 32.
- 33.
- 34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

Parte IV - Recomeço

41.

42.

43.

44.

45.

46.

47.

48.

49.

Agradecimentos

RALLY DA VIDA

Crys Carvalho

2018

Copyright © 2018 Crys Carvalho

Capa: Joycilene Santos

Revisão: Mari Monni

Diagramação Digital : Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

RALLY DA VIDA

Crys Carvalho

1ª Edição

Janeiro — 2018

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sinopse

Parte I - O Passado

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.

Parte II - O Presente

- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.

Parte III - Revelações

- 27.

[28.](#)

[29.](#)

[30.](#)

[31.](#)

[32.](#)

[33.](#)

[34.](#)

[35.](#)

[36.](#)

[37.](#)

[38.](#)

[39.](#)

[40.](#)

[Parte IV - Recomeço](#)

[41.](#)

[42.](#)

[43.](#)

[44.](#)

[45.](#)

[46.](#)

[47.](#)

[48.](#)

[49.](#)

[Agradecimentos](#)



Sinopse

Renan Barbieri. Só o nome já diz que ele não é um homem qualquer. Aos vinte e sete anos, ele tem tudo o que poderia querer. Dinheiro, mulheres, fama e uma brilhante carreira como piloto de motocross. É quando conhece Mirela e vê seu mundo virar de cabeça para baixo. O que deveria ser um relacionamento de uma semana, acabou se tornando sua maior felicidade.

Só que a vida prega peças...

Três anos depois e tudo está diferente. A vida de Renan não é mais a mesma. Tudo por causa de um acidente que o deixou paraplégico.

Se você acha que este é mais um livro de cadeirantes onde o protagonista fica emburrado na cadeira até a mocinha aparecer, se enganou!

Renan, agora, é o novo nome do crossfit e um exemplo a ser seguido. Em vez de se deprimir e se entregar, ele transformou sua vida. Só tem uma coisa que ele precisa ter de volta: o seu grande amor. E ele não vai descansar até ela dizer *sim*.

Parte I - O Passado

“É fácil demais viver em paz, as pessoas é que complicam tudo!”

(Autor Desconhecido)



1.

Mirela chegou à agência bancária correndo por causa da chuva torrencial que caía do lado de fora. Tirou as suas chaves e o celular de dentro da bolsa e os colocou dentro do caixa acrílica, entrando na porta giratória.

“Foi detectada a presença de metais em seu poder, por favor, coloque-os na caixa e entre novamente.”

Aquela voz idiota parecia debochar da sua cara. Ela olhou em pânico para o segurança, que a reconheceu e liberou sua entrada.

— Poxa, Flávio, esta porta tá de sacanagem comigo. Toda vez a mesma coisa.

— Não sei não, viu, dona Mirela... Acho que esta porta tem uma quedinha por você – o segurança conclui, sorrindo.

— Era só o que me faltava. — A mulher sorriu e caminhou em direção ao balcão de senhas.

Encarou o painel por longos minutos, as atendentes chamaram todas as senhas possíveis, menos a sua. Mirela tirou os óculos de sol, arrumou seu vestido rendado azul, procurou o celular na bolsa e leu as mensagens no aplicativo. O painel acendeu novamente, ela olhou, cheia de esperanças, e rapidamente o sorriso em seu rosto se desfez.

— Puta merda! Faltam vinte pessoas para chegar a minha vez. Hoje não é o meu dia — ela disse para a pessoa ao lado dela. Em fila de banco, todo mundo é amigo. Aquilo era, para dizer o mínimo, esquisito.

Pagar as contas não era seu hobby favorito, mas seu sócio sempre conseguia o que queria fazendo cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança. Jonas era um cara legal, um pé no saco às vezes. Tinham uma loja especializada em venda de peças e manutenção de máquinas agrícola. Podia defini-lo em duas palavras: sonhador e desequilibrado. Riu de seus pensamentos.

Notou uma cadeira vaga próxima ao balcão de empréstimos, apressou-se e sentou, antes que algum espertinho tivesse a mesma ideia. Guardou seus óculos, pegou o fone e colocou-o apenas em um ouvido, tirou o livro da bolsa, cheirou, alisou a capa e leu o título. *Um conto do destino*. Sentiu os olhares

curiosos devido à quantidade de páginas do exemplar. Começou a ler e se desconectou do mundo exterior por um tempo, até escutar o burburinho das pessoas ao seu redor.

— Nossa, o pai dele era um grande homem! — uma senhora ao seu lado falou com admiração.

— Que pena. Morreu tão jovem — alguém na cadeira de trás lamentou.

— Foi imprudência. Ele estava correndo demais — uma mulher acusou.

— Não! Seu Edu não era imprudente, ele contribuiu muito para o desenvolvimento do esporte nessa cidade — o homem que estava encostado na parede e usava roupas esportivas defendeu.

Mirela não precisou se virar para entender sobre o que falavam. Sabia exatamente do que se tratava. Um empresário bem-sucedido havia morrido há cinco dias, a cidade havia ficado em luto. O motivo de toda a comoção estava de pé, conversando com o gerente da agência. Ela piscou algumas vezes e se arrumou na cadeira.

De onde tinha saído aquele homem? Ficou boquiaberta com o cara a sua frente. Óculos escuros, cabelos castanhos desalinhados, barba por fazer, calça jeans preta marcando o contorno das pernas e a camisa polo parecia se fundir ao abdômen. Ela suspirou... Um homem desses devia ser mantido em cativeiro, de preferência em sua cama!

Ele conversava com o gerente. Ela aproveitou o momento e pôs-se a analisá-lo descaradamente. Afinal, não é todo dia que se vê um cara assim dando sopa por aí! Uma funcionária do banco aproximou-se e o tocou de leve no braço, começando um teatro muito fajuto.

— Sei que em uma hora dessas nada que eu disser vai confortar você e sua família. Só nos resta pedir forças aos céus.

A indiferença à demonstração pública da moça não lhe passou despercebida. Ele nem se deu ao trabalho de agradecer e continuou a conversa com o gerente. Mirela teve pena da garota, afinal, que culpa tinha de estar hipnotizada pela beleza do homem?

O celular dele tocou, ele atendeu, colocou a mão no bolso e começou a andar em círculo. Enquanto ele estava distraído, ela o devorou com os olhos. O cara era muito gato!

O painel de senhas acendeu, faltava apenas uma pessoa para chegar sua vez. Logo agora que estava curtindo a espera... Ela se levantou, pegou sua

bolsa e se virou para fitá-lo uma última vez. Ele tinha tirado os óculos escuros e seus olhos cor de mel encontraram os dela, prendendo-a por um momento. Quem era ele? Conhecia seu Edu, tinha visto sua esposa um par de vezes, até com as filhas dele já tinha esbarrado por aí. Se bobeasse, nem o cachorro da família escapava, mas nunca soube da existência do homem arrebatador que a encarava.

Passou o resto da tarde lembrando-se da cena no banco. Pareceu surreal. Talvez ele fosse um personagem que tinha saído de algum dos livros em sua bolsa para realizar suas fantasias. Doce ilusão, jamais o veria novamente. Com certeza morava fora e tinha uma loira peituda esperando por ele.

— Está tudo bem? — A voz de Jonas ecoa no pequeno escritório que dividiam, a trazendo à realidade.

— Claro, só estou pensando na minha vida sem graça — Ela riu. — Não me acontece nada de novo há meses.

— Quer dizer que não sou mais suficiente para sua vida? — Jonas levanta de sua cadeira e senta sobre a mesa dela, com um olhar desconfiado.

— Sei lá, talvez o nosso romance épico esteja saturado, não acha? Querido, as relações se desgastam com o tempo, sabia? — Ambos sorriram, todas as pessoas do planeta os acusavam de ter um namoro secreto há anos, seus funcionários, seus amigos e até mesmo os pais deles.

Jonas teve uma queda por Mirela na adolescência, mas não deu muito certo. No fim, preferiram manter a amizade e deixar de lado o romance. Tinham tanto em comum que acabaram escolhendo a mesma profissão: engenharia mecânica. Um ano depois da formatura, ele teve uma ideia inovadora e ela, como a boa amiga que era, embarcou, mesmo sem acreditar a princípio, e fundaram juntos a AGROMAQ.

Deu tão certo que após três anos lá estavam eles, com uma empresa sólida, que ganhava espaço significativo no mercado, e uma estrutura invejável. Como sua mãe dizia, eles eram “a tampa e o balaio”. Só que, ao contrário do que as pessoas pensavam, romance nunca esteve nos planos de nenhum dos dois.

— Nossa, isso é muito duro de ouvir, Mi... Está me dando um fora, justo agora que eu tinha tomado a decisão de oficializar a nossa união? — Ele pôs a mão sobre o coração e o tom dramático a fez rir. — O que você está aprontando, garota?

— O que o faz pensar isso? — pergunta, tentando camuflar seus

recentes pensamentos, mas era impossível esconder as coisas do seu amigo.

— Te conheço, garota! — ele afirmou, convicto. — Meu palpite é que existe um cara, povoando seus pensamentos. Me corrija se estiver errado.

— Credo, Jonas! Tem que parar com essas coisas, viu?! Existe um cara sim, mas é só mais uma das minhas fantasias literárias. Tenho certeza!

— Bem, se você está dizendo... — O amigo retornou à própria mesa. *Não, ele não desistia assim tão fácil!* — Tomara que não seja mais um daqueles fantasmas que você insiste em esconder de todos. Sua vida amorosa é uma incógnita. É por isso que as pessoas insistem na nossa relação, sou a melhor aposta delas. Se não arrumar um namorado, juro que vou encontrar eu mesmo um cara para você. Até os meus casinhos de uma noite pensam que estou traindo minha namorada. Pelo amor de Deus, quem aguenta uma coisa dessas?

— Você gosta desse papel, de namorado pulador de cerca. — Mirela estreitou os olhos e Jonas riu alto de suas afirmações. — Admita, não vai doer nadinha!

— Esta conversa tá ficando estranha, acho melhor falarmos de negócios. Tenho uma notícia que agitará esta sua vidinha sem graça. Recebemos uma proposta de trabalho para o Canadá, mas teríamos um novo desafio. — A mulher arqueou a sobancelha, esperando que ele continuasse. — Na semana passada, estávamos comentando sobre entrar no ramo da mineração, manutenção de máquinas, vendas de peças essas coisas. Entrei em contato com alguns amigos e hoje obtive uma resposta positiva, o que você acha?

— É extremamente interessante e tenho certeza de que você não esqueceu que somos especializados em máquinas agrícolas. Me diga o que está aprontando, meu rapaz?

— Acho melhor arrumar as malas... Consegui uma introdução rápida às máquinas CATERPILLAR em Tucson, Arizona. Você parte em um mês para os Estados Unidos, Dalila já está cotando as passagens. O princípio é o mesmo; o que muda é a proporção e, por enquanto, até especializarmos nossa mão de obra, trabalharemos apenas com consultoria. Mirela, está disposta a dar o seu sangue pela nossa empresa?

— Você só pode estar brincando comigo, não é, Jonas? — Ela estava em êxtase, amava seu trabalho e as novas possibilidades que ele trazia sempre. — Fez tudo isso por baixo dos panos! E se eu não concordar com suas ideias, o que acontece?

— Chegamos ao ponto, querida. Você sempre concorda comigo. Ainda não consegui casar contigo, mas isso é só uma questão de tempo, pensando pelo lado de que temos um romance secreto há muitos anos. Você é uma mulher difícil, ou pelo menos finge muito bem.

— Seu besta... com essa cara de cachorro pidão, acabo fazendo quase tudo que você quer. Caramba! — A mulher estava eufórica novamente. — Pensei que a conversa da semana passada era só uma brincadeira, mas até que gosto da ideia de subir naquelas máquinas enormes e mandar em uma porção de homens machistas me olhando atravessado. Isso que é aventura de verdade. Já disse que te amo? Oh. Deus por que é que não me casei com este homem ainda?

— Sim, essa deve ser a centésima vez que se declara hoje... — Ele pisca e sorri travesso. — Você não faz o meu tipo, garota!

Seria muito bom ter novas possibilidades. Ao menos agora ela teria outra coisa para pensar e esquecer o deus grego.



2.

Duas semanas se passaram. Mirela estava fazendo uma visita à fazenda de um cliente quando sua amiga Karen ligou, dizendo que tinha brigado com o marido e estava arrasada.

— Amiga, por favor, estou precisando tanto de você. Vem aqui na clínica depois do seu trabalho. Durante a tarde, só tenho clientes agendadas depois das três horas. Vou te esperar, viu?

— Karen, estou só graxa e lama dos pés à cabeça. Não penso que seja uma boa ideia ir a uma clínica de estética com este figurino, sem mencionar que, assim como eu, meu pobre *Jimny* está só a lama. — Seu jipe era pau para toda obra e uma de suas principais ferramentas de trabalho. Sem ele, não era ninguém. Por isso o tratava com carinho. — Mas tudo bem, se não tem outro jeito passo aí assim que terminar a consultoria por aqui.

Mirela terminou o trabalho e seguiu para encontrar a amiga. Estacionou seu jipe de frente a uma loja de artigos esportivos, arrumou seus cabelos em um rabo de cavalo, limpou seu rosto com lenço umedecido, retocou a maquiagem, colocou seus óculos de sol e se olhou no espelho retrovisor mais uma vez...

Droga, ainda tinha marcas de ferrugem em seu pescoço!

O cheiro de fluido de motor podia ser sentido a quilômetros de distância, seus jeans surrados traziam uma mistura de lama, graxa e gasolina. A camisa xadrez amarrotada indicava que havia acabado de sair de uma luta com um animal selvagem. Olhou suas botas, só o esterco, e sentiu vontade de girar a chave do *Jimny* e ir correndo para sua casa tomar um banho relaxante. Só que Karen nunca a perdoaria.

Pegou sua mochila, desceu do jipe e colocou-a nas costas. Estava andando distraidamente, lendo os e-mails no celular, quando esbarrou na placa da loja de artigos esportivos. Os vendedores a olharam como se ela fosse uma mendiga. Mirela não resistiu o impulso de olhar sua imagem refletida no vidro da loja. Talvez estivesse pior que havia pensado.

Arrumou os óculos de sol e voltou a andar. Então, viu um cara lindo virar a esquina, nossa... O que era aquilo?

— Só posso estar sonhando — ela disse e assim que reconheceu o homem andando em sua direção, endireitou a coluna. Era o mesmo da agência bancária.

Uma tremenda de uma sacanagem!

Parecia até que alguém queria lhe esfregar que ele não estava ao seu alcance. O visual parecia ter sido calculado para deixar as mulheres caindo de amores. A calça cáqui se ajustava perfeitamente ao corpo maravilhoso, a camisa branca, com a manga longa dobrada até o cotovelo, abraçava os músculos do abdômen, os óculos de sol escondiam os olhos castanhos...

Sacanagem!

O coração de Mirela batia descompassado conforme ele se aproximava. Quando passaram um pelo outro, teve um vislumbre do sorriso cínico no canto dos lábios do rosto perfeito. Suas pernas ficaram bambas por um instante ao sentir o aroma másculo que exalava dele.

Oh my God! Qual o seu problema, garota?

Devia ser carência, com certeza. Não tinha um namorado há, sei lá, uns seis meses, um ano, dois? Tá, era carência! Estava sozinha há mais tempo do que admitia. Óbvio que tinha suas aventuras, mas não pareciam tão boas quando comparadas a esse cara idiota (sim podia chamá-lo disso!).

Em poucos minutos, chegou à clínica, ainda tentando se recompor do breve episódio.

— Caramba, Mirela, está tudo bem? Você está esquisita.

— Acho que estou bem. Quero um pouco de água. Menina do céu, acabei de ter um vislumbre do que poderia ser o homem dos meus sonhos!

— Onde você viu isso? Naquela série nova que começou a ver ontem ou no livro daquela autora, sua amiga?

— Querida, nem todos os homens dos sonhos que encontro estão nas séries que assisto ou nos meus livros. Esse é bem real e acredito que, neste momento, esteja ostentando seu sorriso cínico na loja aqui do lado.

— O quê? Na *Extreme Sports*? Espere aí, que homem é esse, hein?

— Menina, aquilo é “O” homem. O que sei é que é filho do seu Edu. Nem sabia que a nojenta da Duda tinha um irmão. Pelo menos foi isso que as pessoas diziam no banco na semana passada, que era filho dele.

— Que banco, sua doida? Você não o viu agora pouco?

— Sim, só que tinha tido o prazer de admirar aquele belo espécime em extinção antes disso. Estava até conformada que nunca o veria de novo, que uma loira peituda estava em algum lugar esperando por ele. Daí se materializa de novo na minha frente.

— Só você mesmo para me fazer rir dessas suas maluquices, viu Mi?! Talvez tenha visto esse cara algumas vezes essa semana, mas como a mulher casada que sou, prefiro só admirar e manter a boquinha fechada. — O semblante dela mudou e o sorriso se desfez. — Falando em casamento... Nossa, estou enfrentando uma barra com o Ricardo. As crises de ciúmes estão ficando cada vez piores. Um ano de casados e ele simplesmente decidiu que não vou mais trabalhar.

“Eu sou uma mulher independente, ele sabia disso, poxa! Não vou ser bonequinha de luxo de ninguém. Acho que ele cogita até me colocar em uma ‘vitrine’, trancada a sete chaves. Não me matei de estudar para ficar em casa, Mirela... — Os olhos dela estavam cheios de lágrimas. — Estou de saco cheio dessas bobagens! Amiga, você sabe, mais que ninguém, o quanto amo aquele homem. E essa guerra besta que ele travou contra o meu trabalho está me matando.”

Deixou a amiga desabafar. Karen falava demais quando estava chateada e Mirela apenas escutava. Um monólogo. Mas isso sempre fazia a amiga se sentir melhor.

Karen começou a trabalhar na clínica de estética pouco antes de sua formatura. Lá, havia conhecido seu marido, Ricardo, que era primo da dona. Foi uma paixão avassaladora. Namoraram por três anos e, quando se casaram, ele, que tinha demonstrado ciúme antes, colocou as garras de fora.

As horas com a amiga passaram rapidamente. Passou no escritório e deixou os relatórios da consultoria para Jonas, para que fizesse o orçamento dos serviços para o cliente. Agora, no final do dia, trabalhava no conforto da sua casa, após uma ducha relaxante. Com tudo pronto, resolveu navegar pelo seu *Facebook*. O homem não saía da sua cabeça, começou a pesquisar para ver se encontrava algo sobre ele, digitou o nome da sua irmã na barra de pesquisa. Duda Barbieri.

Não tinha nada de interessante na vida da patricinha metida. Ela tinha feito mestrado recentemente e havia ficado noiva. Clicou no álbum da festa de noivado, seu coração acelerou, a adrenalina subiu, lá estava “seu” gato misterioso, vestido impecavelmente como se fosse um astro da televisão, com um sorriso maravilhoso estampado no rosto. O problema é que nenhuma foto

havia sido marcada, nem um mísero comentário com o nome dele...

Nossa! A busca seria mais difícil do que imaginara. Digitou o nome de cada um de seus parentes (que conhecia) ou possíveis conhecidos na barra de pesquisa, bisbilhotou todas as fotos públicas e nada de informações.

Credo, que cara antissocial!

Deitou no sofá, frustrada, pegou o celular e teve outra ideia. Abriu seu *Instagram* e digitou o nome da irmã adolescente dele, Luísa Barbieri. Quando entrou no perfil da garota e viu a primeira foto, começou a gritar fazendo uma dança louca de vitória.

— Pensou que se esconderia de mim, né, seu lindo? Você não sabe o quanto sou obstinada quando quero, Renan Barbieri — disse, empolgada, testando pela primeira vez como o nome soava em sua voz.

Ele não era só o cara lindo que povoava seus sonhos. Agora tinha nome e sobrenome. Com isso, acabou descobrindo uma coisa inusitada. Jamais teria adivinhado que o homem era piloto profissional de Motocross.

Parecia piada que aquela fosse a profissão do “*playboy*”. Ela parou de olhar as fotos, porque estava ficando sem ar com tanta beleza.

Passou uma semana olhando as fotos todos os dias, pela manhã, meio-dia e antes de dormir. Tinha a sensação que, de repente, tinha virado uma maníaca perseguidora.

Ele parecia ser solteiro e muito discreto, tanto que estava pensando seriamente na possibilidade de ele ser *gay*.

Ah, mais um gato desse tinha que ter algum defeito, nem que fosse nas tripas!

Não que fosse preconceituosa, mas se estivesse certa em suas teorias, as mulheres haviam perdido um partidão.

Como ele postava raramente, resolveu conhecê-lo pelo ângulo de seus seguidores, passou a ler todos os comentários em cada foto. Aliás, as fotos dele deviam ser banidas das redes sociais, era uma afronta à sanidade das mulheres. Concluiu, por fim, que ele era um cara bacana.



3.

A semana foi extremamente cansativa. Mirela precisava desesperadamente de uma dose de romance no cinema. O filme do momento era *Cinquenta Tons de Cinza*. Suas amigas tinham assistido e comentavam sem parar ao ponto de deixá-la extremamente curiosa. Precisava saber o que tinha de tão especial nele, a não ser, é claro, o Jamie Dornan sem camisa, sem outras coisas e todos os outros spoilers que Karen fez o favor de soltar.

Depois de um bom banho, ela estava pronta para qualquer coisa. Pelo menos não estava cheirando a nenhum fluido derivado de combustível.

Com o ingresso comprado, sentou-se para aguardar. Tirou o celular da bolsa, abriu seu Instagram e pôs-se a ler os comentários das quatro últimas fotos que faltavam. Estava lendo os posts da penúltima quando um comentário do próprio Renan lhe chamou atenção... Sério que era o número do celular dele? Mirela o anotou nas costas do panfleto do cinema e depois salvou. Abriu o aplicativo de mensagens e deu gritinhos de felicidades quando digitou o nome nos contatos e foto de Renan, com um sorriso perfeito, apareceu. Ele estava “online”, mas a coragem dela não foi suficiente para puxar conversa.

A sessão começaria em poucos minutos. Ela entrou na sala e escolheu o melhor lugar. Colocou o celular no silencioso e o guardou dentro da bolsa. Olhou em volta e notou que a sala estava abarrotada de mulheres loucas para verem o ator gostosão, ela riu do último pensamento.

Para sua surpresa, também via muitos homens. Talvez fosse pelas cenas quentes protagonizadas pela Dakota Johnson.

Mirela quase foi apedrejada pelas suas amigas quando não conseguiu terminar o livro porque discordava de alguns fatos abordados. Ela decidiu ver o filme apenas para provar para as amigas que sempre esteve certa, a história era um porre, mas também pelo ator principal, que foi perfeito no papel do caçador em “*Once Upon a Time*” e ela entrou em crise existencial quando ele morreu na primeira temporada.

O filme estava começando quando um panaca desavisado, usando um boné cinza de aba reta, entrou na sala com um balde gigante de pipoca em uma das mãos. Todos começaram a reclamar, e ele tratou de procurar um

lugar para sentar. O único vago era uma cadeira ao lado dela. O cara saiu pisando nos pés das pessoas, tropeçando nas cadeiras e, quando finalmente chegou, se desequilibrou e caiu por cima de Mirela, derramando o balde de pipoca nela.

— Seu babaca, olha o que... — Ela arregalou os olhos e parou no meio da frase ao reconhecer a pessoa que lhe causou constrangimento.

Renan Barbieri estava paralisado a olhando, como que por um encanto. O cheiro dele a deixou tonta. Ele usava uma calça jeans escura, uma camisa social xadrez aberta mostrando a camiseta branca por baixo que marcava os músculos do seu abdome. Conseguia ser mais gato do que ela se lembrava! Pela proximidade, pensou, por um momento, que talvez fosse beijá-la. Então, uma pessoa atrás deles gritou.

“Vocês não vão nem esperar o filme começar pra dar início à pegação?”

— Tem pipoca no seu cabelo — ele disse, sentando ao seu lado, com um sorriso arrebatador. A voz mansa e compassada lhe causou arrepios. — Me desculpe pela bagunça, moça, mas assistir a este filme não era uma das minhas prioridades. Aquela atendente desatenta me vendeu o ingresso errado. Fiz o maior barraco na fila de entrada, mas eles não trocaram e nem me devolveram o dinheiro. Não perco meus vinte reais nem a pau! A propósito, sou Renan Barbieri.

— Mirela, sem sobrenome de rico mesmo. — O homem riu e ela estendeu a mão para ele que a apertasse. De repente, a sala lhe pareceu estar pegando fogo. — Se você tirar esse balde de pipoca de cima de mim, posso até pensar se desculpo!

— Ok! — ele disse, pegando o balde e tirando algumas pipocas espalhadas pela cadeira que acabara de sentar. — Admita, a minha entrada foi inesquecível.

— Cale a boca, você está na sessão errada, mas eu não.

“E pare de sorrir, por favor!”, queria acrescentar, mas achou melhor ficar calada.

Se não estivesse sentada, ela com certeza estaria escorada em alguma parede, porque suas pernas estavam bambas e a voz dele lhe causava arrepios. Usou todo seu autocontrole para não fazer nada idiota. Concentrou-se na tela, no protagonista gato correndo sob um céu cinza, escolhendo a gravata cinza, vestindo um terno cinza, entrando num carro cinza. Como é o nome do filme

mesmo?

— Vem cá, esse cara é alguma espécie de deus? Porque ele, *puft*, aparece em todo lugar do nada.

— Olhe para ele, Renan, é um gato milionário e com o helicóptero particular. Isso dá a ele o direito de aparecer onde quiser. O que eu não entendo é como um cara que pode pegar até a Angelina Jolie quer essa tapada e atrapalhada? Tudo bem que ela tem esses olhos perfeitos e esse corpo invejável, só que fala sério, né?

— Silêncio! — um casal na fileira da frente ralhou.

Eles se calaram, olharam um para o outro e seguraram o riso.

Continuaram observando cada cena atentamente, até que Renan começou a cochichar no ouvido dela.

— Que merda é essa? Por que esse homem precisa de um contrato assinado pra “foder” essa mulher?

Ela riu, sentindo os cabelos em sua nuca eriçarem e suas mãos gelarem com a proximidade.

— Talvez porque tenha gostos peculiares — ela cochichou de volta.

— Mirela, esse filme é uma puta sacanagem com as mulheres — ele disse quando Grey mostrou o quarto de jogos e todas as moças presentes na sessão suspiraram, achando ele um fofo. — Passaram anos lutando pela liberdade, por direitos iguais, para voltarmos a isso? Se alguém me contasse, eu não acreditaria que o sonho secreto de toda garota é ter um cara que bate nelas. Que isso?! E a lei Maria da Penha, onde fica?

— Por favor, retire meu nome dessa sua lista do sonho secreto de todas as mulheres...

— Fala sério. Isso é machismo barato... O quê? Ele dá umas palmadas nela porque não aceita o carro de presente? Se me der um carro, Grey, pode bater em mim o quanto quiser...

Renan deu uma gargalhada alta e Mirela não conteve os espasmos de riso.

Foi assim que ambos acabaram sendo expulsos da sessão do filme.

— Onde é que eu estava com a cabeça quando decidi assistir a esse filme para não perder o meu dinheiro?

— Eu nem queria assistir esse filme besta mesmo... — ela disse,

fingindo indiferença ao caminharem para fora do cinema.

Encantada, seria a palavra correta para descrever o que estava sentindo. Apesar de terem sido expulsos, foi bem divertido. Quando achou que iria se despedir, o cara a surpreendeu mais uma vez.

— O que acha de debatermos mais sobre esse filme tomando um milkshake?

— Ok! Quer me fazer ser expulsa do shopping agora?

— Prometo que não vou tropeçar ou cair em cima de você e nem fazer com que te expulsem do recinto.

Um *deus grego* que ria e a fazia rir como uma louca. Por essa realmente não esperava!

Haviam sentado em um banquinho minúsculo no meio do shopping, as pernas se tocando a cada movimento, e isso a deixou tensa.

— Deixando o filme de lado, faz muito tempo que mora aqui, Mirela?

Renan falava seu nome de uma maneira engraçada, o que só piorava as coisas.

“Oh, céus! Ele tinha que ser bacana? Por que ele não é um ogro? Ainda existe a possibilidade de que seja gay!”

De qualquer forma, isso ajudaria em nada mesmo.

— Sei lá, acho que uns vinte anos. Só não nasci aqui, viu?!

— Sério? Quando você disse vinte anos pensei que estava exagerando. Uma adolescente com senso de humor, só isso.

— Uma adolescente? Eu? Fico lisonjeada, mas passei a maioridade há um bom tempo. Tenho vinte cinco anos.

— Brincadeira! Tenho vinte e sete anos, nem sou tão velho assim, mas não convidaria uma adolescente para sair. Onde esteve escondida esse tempo todo? Porque praticamente nasci nessa cidade.

— Sempre estive por aqui. Talvez nós andássemos distraídos demais... Você mora há muito tempo na cidade?

— Não moro aqui. Me mudei há quatro anos, mas sempre venho nas férias para visitar meus pais, que continuam morando aqui. Agora só a minha mãe. Talvez tenha conhecido o meu pai, ele faleceu há quase um mês. — Ela viu uma nuvem de tristeza passar pelos olhos dele.

— Sinto muito!



4.

— Obrigado. Gostaria de entender porque isso tinha que acontecer com uma pessoa como o meu pai. — A voz dele falhou e Mirela percebeu o quanto a morte o afetou. — Seu Edu era um cara do bem, um ótimo pai, um exemplo! É difícil aceitar que nunca mais vai me dar conselhos. — Ele passou as mãos pelo rosto, tentando aliviar a tensão. — Caramba! Quando falo nele não consigo evitar esta dor insuportável no meu peito.

— Imagino o que deve estar sentindo, embora nunca tenha perdido nenhum parente tão próximo. — Ela tocou o braço de Renan delicadamente — Nem sei o que te dizer, talvez nem existam palavras certas para um momento como este.

— Você é a primeira pessoa a falar sobre isso com sinceridade. — Ele notou o espanto no olhar dela. — Sério, nem dou ouvidos quando alguém vem comentar sobre isso comigo. É tanta hipocrisia que fico com vontade de descer a porrada nessa cambada de gente idiota. Só porque viram o meu pai uma vez na vida pensam que podem falar qualquer baboseira para mim e minhas irmãs. — O tom descontraído voltou novamente à conversa — Apesar da sua hostilidade e da cara de patricinha, até que você é bacana!

— Você também. Para um baderneiro de sessão de cinema até que não é nada mal!

Ele sorriu da resposta, mudou de posição no banco e acabou se encostando nela, que se afastou rapidamente do contato.

Renan a reconheceu no momento em que tropeçou nela no cinema. Mirela era a morena de vestido azul que o secou descaradamente na agência bancária uma semana após a morte de seu pai. Tinha ficado incomodado com a ousadia da mulher.

Tentou intimidá-la encarando-a, mas não deu certo. Ao contrário do que imaginou, ela ficou mais ousada. Ele sabia perfeitamente o efeito que causava nas mulheres, mas apreciava a descrição. Ao contrário dela, foi discreto e analisou-a minuciosamente, chegando à conclusão de que a mulher era só mais uma patricinha mimada querendo se dar bem, se aproveitando do momento de dor pelo qual estava passando. Todas as garotas da cidade estavam fazendo fila para ser seu “*ombro amigo*”.

Detestava essa merda de lugar por isso, as pessoas pareciam ser mais hipócritas que o normal. Isso o revoltava!

Odiava o fato de as pessoas exporem suas vidas nas redes sociais a torto e a direito. Só mantinha um perfil no Instagram para agradar sua irmã caçula, que o tachava de antissocial. O que, de certa forma, tinha um fundo de verdade.

Encontrar Mirela no cinema não foi uma surpresa. Digamos que foi premeditado, mas, ainda assim, extremamente divertido.

A imagem de patricinha fresca havia começado a se arruinar no segundo momento em que a viu; e se destruiu totalmente quando ela o mandou calar a boca. Apesar das turbulências dos últimos dias, sorrir ao lado dela era fácil. Aparentemente, parecia não fazer ideia de que ele era filho de um dos empresários mais ricos da cidade, muito menos campeão nacional de motocross ou simplesmente havia ignorado os fatos, o deixando à vontade, conversando sobre assuntos triviais.

— Opa, uma engenheira mecânica que dirige um jipe no trânsito maluco desta cidade? — Renan havia ficado pasmo com a profissão dela e muito mais com o que ela fazia na prática.

— É claro! E tem coisa melhor? Posso até passar por cima desse bando de motoristas que compararam a carteira. — Eles caminhavam pelo shopping, sem pressa.

— Nossa, quanta fúria você tem. Devo me lembrar de ficar longe dos jipes da próxima vez que estiver dirigindo?

— Não sou tão violenta normalmente. Só que, às vezes, me sobe uma raiva... Falamos muito de mim, mas e você?

— Bom, o que posso dizer é que agora sou um administrador frustrado, só que, até poucos dias atrás, era um piloto de Motocross que curti manobras radicais, velocidade, lama e toda aquela extensa lista que acompanha os gostos de um piloto. E não me olhe com essa cara de “*você só pode ser louco*”. Na minha família, isso é tão normal quanto andar de bicicleta.

— Não deveria esperar menos de um cara que me fez ser expulsa da sessão de cinema, ou deveria? Vai morar aqui?

— O sonho da minha mãe é me ver de terno engomadinho e sentado atrás de uma escrivaninha cuidando dos negócios da família, mas definitivamente não nasci para isso! A relação com a minha mãe não é das melhores. Pela vontade da dona Renata, eu assumiria tudo, mas será minha

irmã Duda a ter todas as responsabilidades chatas.

Renata Barbieri era o tipo de mãe que impunha suas vontades e, quando contrariada, sempre havia algum tipo de retaliação. Os filhos mais novos não costumavam seguir o padrão imposto por ela, então acabavam a confrontando. Renan era o principal prejudicado, pois sempre saía em defesa de sua irmã mais nova.

— Tenho necessidade de respirar ar puro. Preciso sentir a adrenalina correr loucamente em minhas veias, sou uma alma livre... Estou organizando as coisas por aqui, esperando minha mãe se recompor. Esta cidade não gosta de mim, definitivamente!

— Hum... Além de lindo, tem espírito aventureiro. Meu Deus! É demais para mim — Mirela tapou a boca imediatamente. Ele riu com a espontaneidade e ela ficou sem graça.

— Uau, você fala isso para todos os caras que acabou de conhecer ou fui premiado?

Naquele momento, o que Renan precisava era um pouco de paz. Talvez sua capacidade de julgamento estivesse comprometida devido aos últimos acontecimentos de sua vida, mas aquela mulher parecia algo bom em meio ao caos que se tornara os seus dias.

Nunca foi o cara que saía com a primeira que aparecesse, só que algo nela o fez acreditar que, pelo menos uma vez, valeria a pena arriscar.

— Me desculpe — ela disse, visivelmente arrependida e lhe interrompendo os pensamentos.

— Você sairia com um completo desconhecido? — perguntou num rompante. Provavelmente se arrependeria daquelas palavras algum dia, mas que se dane! Por uma noite, seria o cara que sai com uma garota maravilhosa que acabou de conhecer, sem pensar nas consequências futuras.

Mirela lançou um olhar confuso. Ele sabia que não eram completos estranhos, levando em conta que ela havia curtido todas as suas fotos no Instagram.

— O que você tem em mente, Renan?

— Me surpreenda... — O medo na própria voz apenas confirmou que sair da redoma teria seu preço. A pergunta era: estaria disposto a pagar?

Seus olhares se cruzaram por um segundo, ponderando as opções. O que tinham a perder? No máximo, um coração. No mínimo, jamais voltariam

a se encontrar. Pelo menos teriam uma boa história para contar.

— O que acha de um passeio em minha Harley?

— Tá brincando? — Não conseguiu esconder a surpresa. Ela, definitivamente, não era nada convencional. — É sério isso? Devo deixar meu testamento assinado para ir com você?

— Ok. Considerando que é piloto profissional, acho que deveria ter assinado há muito tempo.

Bingo! Renan ergueu as mãos e abriu um sorriso largo, admitindo a derrota.

Sentindo-se desconfortável por um momento, de repente se viu tomado pela incerteza e medo.

Desde a morte de sua noiva, não tinha encontros. Às vezes, saía com algumas mulheres, mas nada comparado à Mirela. Tudo fluía tão bem que pareceu natural que tomasse esse rumo.

Eles haviam sentado em um banco qualquer do shopping, nenhuma música tocava, mas por uma fração de tempo, ouviram a canção silenciosa e ritmada de seus frenéticos corações.

Renan levantou-se, estendendo-lhe a mão. Dedos se entrelaçaram e ela levantou-se. O calor daquele pequeno gesto tomou conta do seu corpo. Ele a prendeu em um olhar, com o coração descompassado. Então, todos os clichês que haviam zombado no filme faziam todo o sentido.

Ainda perdido na intensidade com que Mirela o fitava, ele tocou o rosto dela, que instintivamente fechou os olhos. Talvez estivesse ficando louco, mas era bem provável que havia se apaixonado por esta garota. Seria possível?

— Quero correr o risco com você — Renan sussurrou ao pé do ouvido dela.



5.

O ar frio ameaçava rasgar seus pulmões. O calor dos seus corpos, colados em um abraço forçado, deixava tudo em uma sincronia perfeita.

Mirela pilotava muito bem. Apenas o som do motor rompia a noite silenciosa, que trazia como plano de fundo um céu estrelado. O perfume de Renan invadia seus pulmões enquanto os braços fortes apertavam a sua cintura por cima da jaqueta de couro, o que fazia com que borboletas voassem em seu estômago.

Usou suas últimas gotas de autocontrole para não derrubar a moto ou fazer qualquer outra coisa idiota. Durante o percurso, nada foi dito. Quando finalmente parou, o viu surpreso outra vez. Estavam diante de um mirante.

Renan parecia enfeitiçado pela magia do lugar e, sem esconder as emoções que o envolviam, caminhou até o ponto mais alto e suspirou. De costas para ela com as mãos no bolso da calça, ele fitou as luzes da cidade.

Aquele era um homem e tanto! Mirela o observava, encostada na Harley. Ele aproximou-se devagar, pegou a mão dela e caminharam juntos em direção ao local recém descoberto para ele.

— Obrigado — agradeceu, ainda segurando a mão dela. — Nem imagina o que fez por mim. Estou em um momento complicado da minha vida em que as coisas parecem não fazer sentido. Perder meu pai foi um baque e, às vezes, penso que não conseguirei seguir em frete.

Ela apoiou-se no corrimão de madeira do mirante, de frente para o piloto, e os olhos dele a encararam num silencioso pedido de socorro. Num ato espontâneo, Mirela o envolveu em um abraço, que trouxe a ele exatamente o que precisava naquele momento.

Algo nele lhe inspirava confiança, sentia que poderia confidenciar a ele desde a coisa mais idiota ao seu segredo mais oculto.

— Nem tudo dura para sempre — Mirela disse baixinho no peito dele. — Essa dor não passará, mas, com o tempo, diminuirá e você aprenderá a conviver com ela todos os dias.

O abraço ficou mais apertado e a ligação mais forte ao arrastar dos minutos. Apesar da conversa agradável entre eles, até em silêncio um

completava o outro.

Quando Renan tocou o rosto de Mirela, fitando-a, e encostou sua testa na dela, a mulher permitiu que o cheiro amadeirado a invadisse novamente. Queria lembrar daquela sensação para sempre, da linha formada pelo maxilar, o contorno dos lábios, os pequenos arrepios que o toque das mãos fortes lhe causava.

Queria poder garantir a ele que tudo ficaria bem, que suas cicatrizes não sumiriam, mas que a dor passaria com o tempo.

— Obrigado — agradeceu em um mover de lábios quase inaudível.

Sim, queria muito beijá-lo! Poderia, inclusive, lhe roubar o beijo. No entanto, seria como se violasse toda a magia que os envolveu desde o momento que se encontraram. Talvez precisassem desesperadamente um do outro.

Ele se aproximou devagar, o hálito quente dele acariciou seus lábios, mas ele ficou paralisado na metade do caminho. Mirela abriu os olhos e o fitou, o incentivando a continuar. E no encontro entre suas bocas, sentiram-se embriagados por um sentimento que não conseguiam descrever com palavras.

Mirela teve muitos primeiros beijos, só que nenhum poderia ser comparado a esse. Queria sentir o sabor daquela boca por mais alguns momentos. Tudo tinha começado em câmera lenta e agora sentia cada terminação nervosa do seu corpo reagindo ao beijo em uma sensação até agora inédita.

Afastaram-se por um curto momento para recuperar o fôlego. A melodia ofegante da respiração tomou conta. O mundo parou enquanto se perdiam num olhar, e o pensamento único que lhes ocorreu era que precisavam repetir aquele momento por milhões de vezes se preciso fosse.

— Você é de verdade? — Mirela perguntou entre um beijo e outro.

— Pareço alguém que irá virar poeira a qualquer momento? — respondeu, rindo, e a enlaçou pela cintura, o rosto da mulher se encaixou na curva do pescoço dele. — Estou aqui e nada pode mudar isso.

Quando aquele dia começou, nenhum dos dois imaginou que seria daquela maneira que ele findaria. Apoiados um no outro, eles desejavam nada além daquele momento.

Sobre o futuro? Nenhum deles criou expectativas.

— O que você faz tão longe da sua cidade natal? — Mirela indagou,

quebrando o silêncio que tinha se instalado entre eles.

Renan acariciou os cabelos dela, que se apoiava em seu peito ao encará-lo deitado na grama.

— É uma longa história, Mirela — desconversou, deixando-a intrigada.

— Acho que temos tempo — ela insistiu, curiosa.

— Aconteceram coisas que me forçaram a isso, não foi uma escolha fácil e não quero falar disso com você — respondeu secamente.

Mirela o sentiu recuar, surpreso. Não o forçaria a dizer nada que não quisesse. Não podia negar que sua curiosidade só aumentou e seu sexto sentido lhe dizia que havia alguma coisa errada com ele e toda aquela reação por uma pergunta tão simples e inofensiva.

— Desculpe. — Ela não conseguiu esconder a frustração.

Havia uma barreira invisível entre eles agora. Não conseguia fitá-lo e acabou por deitar na grama ao lado dele, sentindo o abismo aumentar com o correr dos minutos. Ele acariciou a sua mão.

— Não foi minha intenção ser grosseiro, Mirela. Me desculpe — Renan se retratou, após um longo momento de silêncio. — Só não estou preparado para responder essa pergunta agora. Em outro momento você saberá. — Renan a trouxe para mais perto de si e roçou os lábios em sua fronte, fechando os olhos.

No fundo, Mirela, sabia que ele não queria ter feito aquilo. Para selar a paz, depositou um beijo nos lábios do homem intrigante ou (talvez) bipolar, que correspondeu com uma intensidade surpreendente, a deixando sem fôlego por alguns segundos.

Foram apenas algumas horas com ele, que era extremamente complexo, para dizer o mínimo, e só conseguia lembrar como sua vida era sem graça antes daquele encontro.

Após o incidente do cinema, parecia que ela tinha embarcado em uma montanha-russa de sentimentos e a voz em sua cabeça dizia que ia dar merda, mas ela só queria levantar os braços e curtir a viagem.

Enquanto ela fazia reflexões sobre o que acontecia entre ambos, Renan pigarreou e afastou-se de repente, com uma expressão que não conseguiu compreender.

— Você tem namorado, Mirela? — perguntou, apreensivo.

Ela riu.

— Ops! Você me pegou. Sou casada e tenho o costume de ir sozinha ao cinema nas noites de sábado. — Renan afastou-se um pouco mais. — Ah, também gosto de paquerar pilotos no shopping. Não que meu marido se importe, sabe?

O homem à sua frente estava estupefato. Até Mirela cair na gargalhada.

— Você realmente acreditou nessa história? — Ela o puxou para perto novamente, ele suspirou aliviado. — Não tenho namorado e para sua segurança, é melhor que não tenha uma loira peituda te esperando em algum lugar — terminou a frase, apontando o dedo no peito dele.

O piloto apenas riu de sua ameaça.

“Devia ser proibido ter um sorriso tão perfeito assim.” Ela pensou.



6.

Renan achou por muito tempo que nunca estaria pronto para um relacionamento sério com mulher alguma. Não depois de tudo que se passou com Aline. Mulheres eram traiçoeiras e complicadas, sua regra básica para relacionamentos era: não se apegue a ninguém, não confie em ninguém! E tinha funcionado muito bem até hoje. Porém, Mirela estava, de alguma maneira, derrubando suas convicções.

Ele ia embora e, por melhor que fosse estar com ela, não daria certo. Queria poder acreditar em toda a magia que os envolvia, mas aprendeu a duras penas que, em sua vida, nada vinha sem consequências drásticas.

Não tinham prometido qualquer coisa um ao outro, apenas deixariam rolar. Essa foi a ideia inicial. A noite estava terminando e Renan sentia-se cada vez mais tentado a fazer uma proposta a mulher aninhada em seu peito. Nunca foi seu plano sair com alguém no final desse dia, muito menos experimentar sentimentos tão conflitantes.

Influenciado pelo perfume dela, inebriado pelo sabor de sua boca na dele, pelo toque suave dos corpos, decidiu por algo inusitado.

— Mirela, não sei o que espera da gente depois de hoje. — Ela quis interrompê-lo, mas desistiu depois de ver a expressão em seu rosto. — Ou, no fundo, sabemos que não podemos simplesmente esquecer o que vivemos nessas últimas horas. Tenho algo a propor. Vou embora em uma semana, sei que ficou implícito desde o início que iríamos deixar rolar, mas gostaria de conhece-la melhor. Você quer ser minha... sei lá... minha namorada por uma semana?

“Que merda é essa, Mirela?”

A maldita voz soou outra vez, mas ela o havia perseguido tantos dias nas redes sociais que, de alguma forma, esperava que houvesse algo entre eles e, convenhamos, não tinha nada a perder. Talvez o coração, mas era conversa para outra hora.

Pelo pouco tempo que passaram juntos, pelas palavras não ditas por ele e a expressão no olhar, entendia que foi uma decisão difícil. Não havia o que pensar, ela apertou o cinto, levantou os braços e se deixou levar pela

montanha-russa de sentimentos que os envolvia.

— Eu aceito — *Ia se arrepender disso?* Com certeza. Mas o que seria dos livros de romance se não fossem as decisões feitas com o coração e não com o cérebro? Simplesmente não existiriam.

Após tomar a decisão que mudaria a vida de ambos de qualquer maneira, eles foram tomados por um sentimento inexplicável e incontrolável. Renan segurou o rosto dela entre as mãos, Mirela inspirou seu cheiro, fechou os olhos e seus lábios se tocaram, selando o estranho compromisso.

“Tudo está indo rápido demais”

Mirela pensou e acelerou a moto com tudo, dando outro sentido à frase em sua cabeça. Nem em seus sonhos mais loucos imaginaria o que acabou de acontecer. Despediu-se do seu namorado, se é que tinha entendido direito. Só podia ter titica de galinha na cabeça para aceitar uma proposta dessas, mas poxa vida! Não é todo dia que um deus grego te faz uma proposta dessas. Trocaram telefones e foi isso... O piloto ultra-blaster-mega lindo seria dela por uma semana inteira!



— Como é que é? Me explica outra vez que não estou entendendo nada, sua doida. — Dizer que Karen estava confusa seria eufemismo. — Como é que a pessoa vai ver um filme e volta com “o namorado perfeito” a tiracolo. Menina, você não perde tempo, hein...

Mirela se entupia de torradas com requeijão e um copo de achocolatado, às sete e meia da manhã, ouvindo o áudio de sua amiga no WhatsApp. Domingo era dia de acordar cedo para ambas e aproveitar da melhor forma possível. Parecia loucura, mas faziam isso desde a adolescência.

— Querida, eu lá tenho culpa de o universo conspirar a meu favor? Não, né.

— Sim! E o nosso almoço com dona Jane hoje melou? Você tem outros planos com um certo piloto? — Nem lembrava do compromisso na casa da mãe de Jonas.

Sua resposta foi um *emoticon* com a carinha confusa. O namorado não tinha dado o ar da graça... ainda.

— Seria precipitado levar ele para um encontro de família?

— Não, querida, imagina. Vocês namoram há o quê? Vinte quatro

horas? Já está mais que na hora de apresentá-lo a sua família, amigos, cachorro, papagaio e periquito... Isso se o objetivo seja antecipar a ida dessa pessoa linda pro raio que o parta, senhorita “o universo conspira ao meu favor”.

Sua amiga não estava legal. Ricardo só pode ter tido outra crise de ciúmes ou sei lá qual baboseira tinha inventado dessa vez, porque cada dia ele aparecia com uma nova paranoia.

— Ok. Sem exageros, entendi que não pega bem. Me conta aí o que o Ricardo aprontou que te deixou sem filtro.

— Essa é minha amiga, lê as entrelinhas — ela suspira. — Agora pôs na cabeça que eu estou de papo com o office boy da contadora da clínica. Que porra é essa? Me atiro de uma ponte por causa desse homem se for preciso e é isso que recebo em troca? Não tá fácil Mirela. Para completar, você me aparece com esse *boy magia* que te conquistou assim, num estalar de dedos. Amiga, não cometa os mesmos erros que eu, não se entregue tão facilmente... — Havia ressentimento nas últimas palavras no áudio de Karen.

Conversaram por algum tempo, tentando achar uma solução para o problema da amiga. Porém, não chegaram a lugar algum.

Mirela manteve seu celular sempre por perto, seu coração pulava a cada som de notificação, mas nada do bendito namorado. Jogou-se no sofá, o relógio marcava dez horas da manhã, talvez ele tivesse se arrependido da proposta.

10:15 — ela tinha decidido esquecer que um dia aceitou aquela proposta tão idiota.

10:17 — ele foi embora e nunca mais olharia na cara dela.

10:20 — lembrou de olhar no WhatsApp dele a última visualização. Fala sério! Quem passa tanto tempo sem dar uma conferida no celular? Nos dias de hoje, isso se configura descaso.

10:22 — *“Eu me rendo, foi tudo invenção da minha cabeça louca!”*

10:25 — Mirela tinha certeza de que estava ficando paranoica e com transtorno obsessivo compulsivo.

Jogou o celular na mesa de centro e decidiu ir ao almoço da dona Jane.

— Quem diabos espera por alguém que não tá nem aí? Ele é só um babaca mimadinho que te fez de trouxa e você caiu como um patinho — ela gritou para o celular e entrou no quarto para se vestir.

Terminava sua maquiagem quando ouviu a campainha tocar. Olhou no relógio, quase meio-dia, droga! Estava mega atrasada. A pessoa apressadinha do lado de fora do seu apartamento apertava insistentemente a merda da campainha, levantando a ira de Mirela ao nível máximo.

Não esperava alguém em pleno o domingo ao meio-dia. E se estava na sua porta, só podia ser um de seus vizinhos folgados querendo alguma coisa emprestada. Procurou a chave em tudo que é lugar da casa, mas não encontrava. Amaldiçoou até a décima geração do ser que colava o dedo na sua campainha quando viu a chave balançando calmamente na fechadura. Abriu a porta e foi falando de uma vez.

— Olha aqui, não tenho açúcar, café, leite, torrada, achocolatado e muito menos goma de mascar para emprestar nem para minha avó — Ela arregalou os olhos e ficou paralisada ao dar de cara com um olhar cor de mel, segurando um botão de rosa amarela.

— Que maneira mais agradável de receber seu namorado, senhorita esquentadinha — Renan disse, com o sorriso que tinha se tornado o preferido dela.



7.

Renan precisava ouvir a voz de Mirela, ver seus olhos e sentir o seu calor nos braços dele outra vez para ter certeza de que a noite foi muito além de fantasias criadas por sua mente.

Foi fácil demais encontrá-la. Apenas pegou emprestado o Facebook de sua irmã caçula e seguiu o rastro dela pela rede social. As pessoas se esquecem dos perigos ao expor suas vidas nas redes sociais. Descobriu mais coisas sobre ela do que em seu breve encontro na noite passada. Passou a manhã planejando os próximos dias.

Sempre foi um romântico incorrigível, mas há anos não fazia nada tão espontaneamente. A sessão no cinema havia mudado sua vida de alguma forma. Sabia que não estava completamente preparado para aquela relação, porém viveria tudo que fosse possível em uma semana. Talvez existisse uma remota chance de suas feridas cicatrizarem e o passado ficar onde sempre deveria ter ficado. No passado!

— Desculpe... Como você sabe onde moro? — foi a primeira coisa que Mirela lhe falou depois do espanto inicial.

— Você devia repensar sobre essa coisa de expor a vida nas redes sociais. Não vai me convidar para entrar, namorada? — Ele ofereceu-lhe a rosa amarela.

— Obrigada. — Ela cheirou a rosa, encabulada. Era a sua preferida e não saía por aí dizendo aos quatro ventos que adorava rosas amarelas — Entre. — Fez um gesto rápido para que ele entrasse. Renan reparou que estava arrumada para sair.

— Desculpe, estou atrapalhando você? — ele disse, sentando no sofá, como se fizesse parte do cotidiano de ambos estarem juntos. — Te liguei para avisar que viria, mas você não atendeu. Tem planos para o dia?

Mirela queria socar aquele rosto perfeito. Esperou a manhã inteira por uma mísera mensagem e, quando se afastou do celular, ele resolveu ligar.

— Bem, eu... — Seu coração estava disparado, suas mãos suadas e, de repente, não conseguia achar as palavras que pretendia dizer. O namoro estranho não foi um sonho — ...tinha. Até abrir a porta para você.

O homem sentado no sofá a olhava como se nunca a tivesse visto. Media cada centímetro do seu corpo. Os olhos pararam nos lábios rosados pelo batom.

Sim, você está perdido! Ela riu do próprio pensamento.

O short jeans branco lhe caía muito bem. Vestia, também, uma regata de seda com estampa de oncinha. Os acessórios que usava casavam perfeitamente com o look escolhido por ela. Ele não era um cara que curti moda, mas sabia que ela tinha estilo. Era evidente.

— E isso significa que você está disponível para mim, *namorada*? — ele perguntou, dando ênfase a última palavra. Se levantou e enlaçou a cintura dela, rompendo a distância que os separava. A cada movimento, ele a desejava mais.

— Pode ser... namorado — o desafiou e ele colou a boca na dela, lhe roubando o ar em um beijo. Esperava que, assim como ele, ela não quisesse sair de seus braços.

— Quero levá-la a um lugar. Vamos? — Ele interrompeu o beijo, mas não deixou que se afastasse.

Mirela calçou suas sandálias, pegou o chapéu sobre o aparador e, depois, começou a digitar algo no celular. Provavelmente cancelando os planos que tinha. Isso fez com que Renan sorrisse para si mesmo.

Enquanto ele dirigia sua Hilux pela estrada de chão, suas mãos se entrelaçaram. E ele adorava a sensação.

Passaram por alguns bairros da periferia da cidade. Renan percebeu que ela estava bem curiosa sobre o lugar que ele pretendia levá-la. Quando reconheceu as placas, exibiu um sorriso bobo.

— Você tem algum poder sobrenatural, Renan?

Ele a fitou, sem entender o que ela quis dizer.

— Não responda. Lê pensamento, é isso?

— Digamos que tenho meus meios — ele segurou a mão dela e a levou aos lábios.

Naquele momento, Mirela teve certeza de que ele sabia como conquistar uma garota. A estava levando para seu restaurante preferido, onde serviam um tambaqui na brasa perfeito. Havia uma parte do restaurante que ficava sobre o lago que se formava na queda da cachoeira cercada pela floresta nativa. O contato com a natureza sempre fez parte da vida dela.

— Como você faz isso? Primeiro vai até a minha casa com a minha rosa preferida e depois me traz a esse lugar. Juro que estou considerando a possibilidade de você ser paranormal.

— Facilidades da tecnologia, meu bem. Então, gostou da surpresa? — Eles chegaram ao estacionamento de paralelepípedos próximo à floresta.

O restaurante ficava em uma área de reserva ambiental, um ótimo lugar para recarregar as energias após uma semana estressante.

— Tá brincando? Adorei. — Ela estava eufórica quando ele estacionou a caminhonete.

Mirela desceu do carro com a ajuda de Renan, depois enlaçou seu pescoço, beijando-o até o deixar sem fôlego.

— Você não pode ser de verdade, deve ser algum dos personagens dos meus livros!

— Uau, lamento informar que sou bem real — ele disse, acariciando os cabelos dela. — Isto aqui é um pedacinho do paraíso.

Sim! Todo aquele verde, o canto dos pássaros, o som tranquilizante da queda d'água. Soltou-se dele e rodopiou, enchendo os pulmões com o ar puro, enquanto Renan a olhava sorrindo. *Click!* Ouviu o disparo da câmera do celular dele, captando o seu momento espontâneo.

O lugar estava cheio, porém ele havia reservado uma mesa na parte externa, sobre o lago. O restaurante, decorado de maneira rústica, trazia um ar natural ao ambiente.

Precisava conhecê-lo melhor. Eram tantas as coisas que queria saber... Por que ele era tão reservado em relação a sua vida pessoal? Por que parecia tão apreensivo ao que estavam sentindo?

Aguardavam o pedido sentados, lado a lado. Sendo sincera consigo mesma, Mirela deveria admitir que estava apaixonada por Renan. A paixãoite começou bem antes de conhecê-lo pessoalmente. Só que conhecê-lo pessoalmente foi uma experiência melhor do que poderia imaginar. Chegou à conclusão de que estava caindo de amores pelo cara que a encarava. A separação deles ia ser péssima, mas ela não pensaria nisso agora.

— Não vai me contar como achou meu Instagram e curtiu todas as fotos da minha *time line*?

Sentiu seu rosto ruborizar. Como é que ele sabia disso? Tantos seguidores curtindo tudo dele que achou que não seria notada.

— Ah! Foi por acaso — mentiu. — Nem imaginei que fosse me notar.

— Assim como imagina que não a vi me encarando descaradamente na agência bancária algumas semanas atrás? Ou como estava linda e cheirando a óleo diesel dias depois. Sim, sempre soube que era você!

— Que loucura é essa? Por acaso aceitei namorar um maníaco perseguidor?

— Estava me perguntando a mesma coisa. — O riso travesso exibido por ele a fez pensar que talvez a sessão de cinema não tivesse sido por acaso.

— Espere aí, você estava o tempo todo um passo à frente? — A constatação a deixou boquiaberta. — Como sabia que não era uma perseguidora louca?

— Simples, você não tem esse perfil. Sim, sempre estive um passo à sua frente. Amor, existem meios de fazer as coisas na internet sem deixar rastros. — A piscadela dele foi irritante. — Confesso que a minha curiosidade se aguçou após vê-la suja de lama dos pés à cabeça e exalando óleo diesel. Vi a clínica que entrou aquele dia e, com um pouco do meu charme e encanto, descobri seu nome e algumas coisas básicas sobre a mulher que chamou minha atenção na rua. Sim, me julgue! Fiquei intrigado com você e sua dupla personalidade. Precisava conhecê-la e, na primeira oportunidade, aproveitei.

— Meu Deus! Estou aqui pensando se aquela pipoca no meu cabelo foi obra do acaso...

— Bem, aquilo não foi planejado, mas foi divertido. Confesse.

O pedido chegou, interrompendo as revelações de Renan e a deixando encabulada.

O peixe estava maravilhoso e eles comeram com gosto.

— Ok. Tudo isso foi muito legal, mas a rosa amarela, como você descobriu?

— Namorada, notou a quantidade de fotos que tem no seu Instagram com uma rosa amarela no cabelo? Inclusive sua foto do perfil — ele disse.

Acabaram a refeição e ficaram ali, admirando a vista, com a mão de Renan sobre os ombros dela.

— E como isso funcionará? Nos dois... Como será quando for embora? Pensou nisso, gênio da lâmpada?



8.

Definitivamente, ele não queria pensar nisso agora.

— Não sofreremos por antecipação, Mirela. Uma coisa de cada vez.

— Parece uma boa ideia, por hora.

Passaram a tarde juntos. Após o almoço, ele a levou ao motódromo particular de sua família. Há semanas seus primos insistiam para que ele mostrasse algumas manobras novas, mas aquele lugar foi um presente de seu pai lhe deu há seis anos, quando completou vinte e um anos. Tinha muitas lembranças boas e seria doloroso voltar lá sem ele aplaudindo a cada volta, o ajudando a levantar em cada queda. Com Mirela por perto, sentiu-se confiante e percebeu que era o momento de seguir em frente.

— Resolveu nos prestigiar com a sua ilustre presença, Renan? — seu primo Alex brincou, descendo de sua na Honda CRF450.

— Antes tarde do que nunca, Alex. — Eles se cumprimentaram com um abraço esquisito.

— Moço, tu precisa me ensinar umas coisas dessa moto. — O primo, que também era piloto, notou a mulher ao lado de Renan, e a maneira como a olhou fez com que ele enlaçasse a cintura de Mirela de forma possessiva. — Quem é a sua amiga?

— Não é minha amiga. — Notou a expressão de Alex mudar de admiração para surpresa. — Essa é Mirela, minha namorada — deu ênfase às últimas palavras, fazendo-a sorrir.

Seu primo ergueu as mãos em um pequeno gesto de rendição.

— Opa, namorada de primo meu é homem para mim — ele se justificou, estendendo a mão para a bela mulher. — Prazer, sou Alex Barbieri. O que você fez com esse cara para se tornar namorada dele? Tem tipo uns cem anos desde que ele nos apresentou alguém.

Renan o socou de leve, em uma tentativa falha de fazê-lo se calar.

— Mirela Lacerda. Ser direto é uma peculiaridade de todos os Barbieri ou só vocês dois são assim? — ela perguntou, apertando a mão do homem à sua frente, que lembrava muito pouco o seu piloto, mas não deixava de ser

igualmente interessante.

No início da conversa, ela pensou que os dois primos tivessem uma disputa pela forma possessiva de Renan. Logo percebeu que pareciam bem amigos, parceiros. Na verdade, esta segunda palavra os definia melhor. Haviam outras pessoas por perto para as quais foi apresentada devidamente como namorada de Renan. Não pôde deixar de notar o olhar de decepção de um grupo de garotas eufóricas que acompanhava Alex e alguns amigos em suas manobras na pista enlameada.

— E aí, primo, bora fazer a alegria das gatinhas da arquibancada? — ele disse, oferecendo sua moto. — Tenho uma roupa reserva no carro.

Renan a deixou com as garotas, que a olhavam como se tivesse lepra. Mirela sentou-se ao lado de uma loira aguada, com uma roupa tão apertada e minúscula que a fez sentir vergonha alheia. O mundo dele era parecido com o seu, mas cada um com suas peculiaridades. Apesar disso, ela nunca se imaginou em um lugar como aquele.

Uma garota com capuz, sentada sozinha na ponta do banco, chamou-lhe atenção. Ninguém parecia nota-la. Mirela se incomodou e foi até ela.

— O que você faz aqui sozinha?

— Não me encaixo nos padrões de idiotice da loira aguada ali — ela disse num riso forçado, mas seus olhos pareceram tristes. — Sou Luísa Barbieri, mas pode me chamar de Lú. E você, quem é?

— Mirela. É impressão minha ou todos aqui presentes têm alguma relação com este sobrenome?

Quando a moça abriu a boca para responder, ouviram um ronco de motor sobressair sobre todos os outros. As garotas se levantaram e gritaram, eufóricas. Ao olhar para a pista, num ato impulsivo, ela também gritou loucamente. A sua frente estava Renan com roupas de piloto, acelerando a moto imponente como um rei, seu coração disparou.

Que homem era aquele?

Pegou um panfleto qualquer que estava perdido em cima do banco e começou a se abanar. De repente, o local aberto pareceu uma caixa minúscula. Ele deu a primeira volta, fazendo algumas manobras que levavam as moças à loucura, e o fraco coração de Mirela batia desenfreado. Seu sorriso bobo e seus gritos eufóricos denunciavam seus sentimentos por ele.

— É... Ele causa isso em todas — Luísa disse, tirando-a do transe —,

mas não pense que será fácil conquistá-lo. Se olhar para você, levante as mãos para o céu e agradeça a benção divina — ela riu da própria frase.

— De quem você fala, Lú?

— Do ladrão do seu coração, querida. Nem se iluda. Está secando o campeão brasileiro de motocross e ele não dá mole para simples mortais. — Mirela olhou a garota com espanto. Dessa última informação ela não sabia.

Quase disse a outra que “*esse gato é meu namorado*”, mas não precisou de nada disso. Renan parou a moto na frente delas, tirou o capacete e a olhou como se fosse a única mulher ali presente.

— Quer vir comigo, namorada? Prometo ser bonzinho contigo — ele a convidou para sua última volta.

— O quê? Se quero ir? — A animação era evidente em sua voz. — É lógico que vou com você, namorado, e não tem short branco no mundo que me impeça de montar nessa moto. — Ela pulou a pequena cerca de segurança, deixando para trás uma Luísa boquiaberta.

Mirela colocou o capacete, sentou na garupa e passou os braços em volta de Renan. Quando ele acelerou, a proximidade fez com que ela agarrasse ele como se sua vida dependesse disso. Com seus corpos colados, a sincronia dos movimentos foi perfeita, como se os dois fossem um só.

Então, ela estava gritando a plenos pulmões, não por medo, mas pela sensação maravilhosa de estar voando a caminho da liberdade. Quanto ao piloto, nunca teve uma garupeira tão feliz e sem medo da alta velocidade.

A velocidade liberava grandes descargas de emoções, os deixando leves. A alegria da mulher era contagiante.

— Está coberto de razão em não querer se afastar disso — ela disse, ainda ofegante ao descer. Renan estacionou a moto e se encostou nela. Ele puxou Mirela para si.

Seus olhares se encontram como se tivessem uma linguagem própria. Ele segurou o rosto dela com uma das mãos e espalmou a outra em suas costas, e a trouxe mais para perto, como se tudo precisasse ser feito em câmera lenta. Ela sentiu a respiração de Renan, que provocou arrepios em seu corpo, os lábios quentes tocaram os dela, causando-lhe uma descarga de emoções.

O beijo foi demorado, porque a sensação de estarem juntos o faziam querer mais muito mais. Ela o abraçou com força, não querendo que ele se

afastasse.

Meu Deus, o que iam fazer quando terminasse essa semana?

— Ok. Foi autoexplicativa toda essa pegação, mas agora posso saber como meu irmão arrumou uma namorada sem ao menos me consultar?

O piloto se afastou por um momento de Mirela, mas relaxou em seguida.

— Seria porque a minha irmã caçula controla demais a minha vida? — Ele piscou para a moça que o encarava, fingindo estar brava. — Luísa, quero que conheça minha namorada, Mirela, mas pela sua cara penso que já se conheceram.

— Uau... — foi só o que Mirela conseguiu dizer.

— Me desculpe pela conversa deprimente, Mirela, mas esse é o meu papel como irmã caçula de um gato desses — ela disse, jogando um beijo para ele. — Levante as mãos pro céu, querida. O olhar dele para você é tão secante quanto o seu para ele.

— Ufa. Aquilo era uma espécie de teste e eu passei, é isso?

É a vez de o próprio Renan responder.

— Digamos que você está aprovada pela pessoa que mais importa para mim.

Depois disso, ela conheceu mais alguns primos dele. Fecharam o dia como dois adolescentes bobos em uma sorveteria. Tudo parecia surreal para ambos e rápido demais para Mirela.

— Quero conhecer sua família — o piloto pediu, antes de se despedirem.

— Você quer o quê? — ela disse, assustada. Nunca apresentaria aos seus pais um cara que conheceu há dois dias e se dizia seu namorado.

— Quero conhecer seus pais. O que há de errado nisso? Afinal, somos namorados e te apresentei a minha família.

— Existe uma diferença enorme entre me apresentar a um punhado de primos e a uma irmã adolescente. Renan, uma coisa somos nós dois brincarmos de sermos namorados, outra bem diferente é envolvermos mais pessoas do que deveríamos. Anota aí, doerá quando você for embora. Entramos em um jogo perigoso e perderemos muito nele, pelo menos um de nós. — Ela não o fitava, e ele soube que o alguém seria ela.

— Ou nós dois... — ele completou.



9.

Renan nunca precisou da aprovação da mãe para absolutamente nada em sua vida, só queria ver a cara dela quando apresentasse sua namorada e provável noiva, se tudo corresse como havia planejado.

Sim, estava indo rápido demais. E apesar de ter quebrado sua cara com a ex, sentia que Mirela era diferente. Sempre foi impulsivo. Quando colocava algo na cabeça, ninguém conseguia tirar. Aquela mulher foi a melhor coisa que o aconteceu nos últimos anos, trazia cores novas aos seus dias cinzentos. Sem esquecer da tempestade de emoções que causava nele com um simples toque.

A última semana foi bem produtiva no trabalho. Duda prometeu que cuidaria de tudo da melhor forma possível. Tinha chegado a hora de voltar para a sua vida, apesar de saber que ela nunca mais seria a mesma depois de Mirela. Precisava ir. A primeira fase do campeonato brasileiro se aproximava e havia perdido muito tempo nos últimos dois meses.

Sua mãe nunca foi presente em sua vida, não como ela fazia as pessoas pensarem. Renata Barbieri só pensava em si mesma e na imagem da sua família diante da sociedade. Ser filho dela era algo que, às vezes, queria ser capaz de anular.

Tudo tinha a ver com o que as pessoas pensariam deles, tudo girava em torno das vontades da matriarca. Seu pai conseguia segurar uma pouco as loucuras dela, mas com sua morte, as coisas estavam fugindo do controle.

A família de Eduardo Barbieri se afastou, a culpavam pela morte precoce dele. O passado a condenava e ela fazia de tudo para que os filhos não soubessem o que havia feito, mas Renan sabia e isso lhe causava aversão a sua mãe. Duda seguia os passos da mãe, se tornando cada dia pior. Sem o pai, sua família estava à beira do abismo.

Ela jamais esqueceu Aline e ainda o culpava por tudo o que aconteceu. Apesar disso, nos últimos anos Renata vinha tentando casá-lo com a filha do prefeito e todas as suas tentativas haviam sido frustradas.

Infelizmente para sua mãe, ele não acatava suas sugestões. Afinal, se tratava da sua vida. A reação de sua mãe quando disse que queria apresentar

uma pessoa não foi exatamente o que ele esperava.

— Finalmente recobrou o juízo e resolveu acatar meus conselhos?

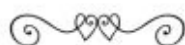
— Não faço ideia do que a senhora quer dizer com isso, mas acho que vai se surpreender.

— Odeio surpresas. Espero sinceramente que não me decepcione outra vez, Renan.

— Prometo que será exatamente o contrário.

Podia ouvir as engrenagens na cabeça da mãe, maquinando onde poderia atacá-lo se ele ousasse desafiá-la.

A noite de sábado seria interessante, mas, intimamente, lamentava o fato de ter envolvido a namorada nisso. Alguma coisa lhe dizia que Renata faria um verdadeiro show. Conhecia muito bem sua mãe, e a namorada dele não era exatamente o tipo de pessoa que Renata idealizava para ele.



Mirela poderia ter dito não à proposta. Provavelmente, teria perdido uma semana perfeita ao lado de Renan. O sábado havia chegado e em dois dias estaria tudo acabado entre eles. Não fazia ideia de como ficaria a estranha relação, mas a química e as chamadas eram palpáveis. A semana foi intensa para ela tanto no trabalho como em seu relacionamento complicado.

Toda a conversa sobre conhecer seus pais era realmente séria, e ela conseguiu um acordo com ele: o apresentaria apenas como um amigo.

Seus pais moravam em outra cidade e vieram resolver alguns negócios durante a semana. Por isso, acabaram almoçando com Renan. Se arrependimento matasse, ela estaria *“dura e preta em uma cova a sete palmas”*. O piloto caiu nas graças deles que, agora incorporados em santos casamenteiros, não a deixavam em paz, querendo saber mais sobre a relação dela com o “amigo”. Como se não bastasse, hoje, no penúltimo dia, ele tinha marcado um jantar formal para que ela conhecesse sua mãe e sua outra irmã.

Todo aquele circo ia acabar em merda, ela podia até sentir o cheiro.

Tinha colocado seu guarda-roupas abaixo e não conseguiu achar nada decente para usar. Ia ser avaliada por uma legítima patricinha esnobe. O pânico tomava conta dela e Karen, deitada em sua cama com aquela cara idiota de “eu te avisei”, não ajudava em nada. Aliás, só atrapalhava com seus comentários, deixando-a mais nervosa.

— Fique calma, Mirela, são só duas cobras e nada mais. Só você para entrar numa roubada dessas. A Dona Renata é fogo... E o que dizer da Duda? A mulherzinha é abusada, mas com aquele gato do seu lado, você consegue, amiga. — Ela o havia conhecido há dois dias e, como os pais de Mirela, Karen também tinha caído nas graças dele.

— Até parece — Mirela disse, jogando um short na amiga.

Cogitava ligar e cancelar tudo quando deu de cara com o vestido perfeito. Estava terminando de se arrumar no momento em que Renan avisou que a esperava lá embaixo.

— O que você fez com a minha Mirela? — perguntou quando a viu, em um misto de surpresa e orgulho.

O vestido amarelo justo com detalhes em renda evidenciava suas curvas, o cabelo estava preso para o lado em uma trança e a maquiagem leve a deixaram completamente diferente. Era exatamente a reação que ela pretendia causar nele.

— Estava cansada demais para qualquer encontro formal e enviou sua gêmea má para chacoalhar a vida de um certo piloto que ousará deixá-la daqui a dois dias — argumentou, sentindo uma pontada em seu peito.

— Ok, gêmea má, não me importo de ter você esta noite. — Renan estendeu a rosa para a namorada, suas mãos se tocaram e a puxou delicadamente para os seus braços. — Você está maravilhosa.

Oh, céus! Como seria sua vida depois dele?

Não podia perdê-lo. Como uma pessoa podia, em poucos dias, fazê-la se apaixonar daquela forma?

— Obrigada — agradeceu, enlaçando o pescoço dele.

Seu namorado estava pronto para arrasar qualquer coração, o dela principalmente. A camisa social preta marcava o abdômen definido e os primeiros botões abertos faziam a engenheira querer pular em cima dele e terminar de abri-la. A calça jeans colada evidenciava as pernas musculosas, o seu cheiro a fez morder o lábio inferior, pensando mil maneiras de roubá-lo.

O cara lindo que se dizia seu namorado a soltou depois de um beijo demorado, que a deixou com as pernas bambas e o coração batendo a mil por hora, e a ajudou entrar no carro. Ao chegarem no restaurante, tudo que Mirela queria era dar meia volta e ir para casa, mas o sorriso do namorado a encorajou a entrar e enfrentar as feras. Seja o que Deus quiser!

— Mamãe, Duda, quero que conheçam minha namorada, Mirela Lacerda — Renan a apresentou às duas mulheres com o braço em volta dela e ambas lançaram um olhar desprezível para ela e um sorriso tão falso quanto uma nota de três reais.

— Prazer, florzinha, sou Duda Barbieri — ela estendeu a mão e a irmã de Renan apenas tocou levemente, como se tivesse medo de pegar alguma doença contagiosa. — Uau, Barbie, você é linda, hein?! Pela sua profissão, confesso que esperava uma jaqueta suja de graxa e uma calça rasgada. Este vestido está di-vi-no.

— Duda! — Renan a repreendeu.

— Renata Barbieri, a mãe deste jovem de futuro brilhante. É um prazer conhecer você, queridinha — a senhora disse sem ao menos levantar-se da cadeira. — Não se importe com a minha filha, ela sempre diz o que quer, saiu igual ao pai. Se o seu objetivo era nos impressionar, parabéns!

— Obrigada! — Mirela não sabia, ao certo, se era um elogio, mas que se dane! Estava ali por Renan e não pelas duas falsas que lhe fuzilavam com os olhos. Sentiu como se tivesse numa espécie de inspeção de controle de qualidade. Pela cara delas, tinha sido reprovada com louvor.



10.

— Não foi um elogio, Barbie! — Duda disse, sarcástica. — Conheço bem o seu tipo. É evidente que só quer o dinheiro e prestígio do bom nome da nossa família.

— Cala essa boca, Duda, não admito que fale assim com a minha namorada — Renan a repreendeu e procurou a mão de Mirela. O gesto falou por si só.

Não tenha medo, estou do seu lado!

Definitivamente, o homem só podia ter saltado de algum dos seus livros, apesar de tê-la levado aquele covil. Riu, sem humor, dos próprios pensamentos.

— Ela é até bonitinha, filho — Renata falou com desdém incontido —, mas não se apegue, nunca se sabe o que pode acontecer amanhã ou depois. Ela não pertence ao seu mundo e você não é obrigado a desfilar por aí, exibindo suas conquistas. — Agora, o tom dela era de repreensão. — Não criei filho a pão de ló para acabar nisso.

Mirela escutava em choque as últimas palavras da mulher vazia a sua frente, que nem sequer permitiu que fizessem o pedido. Ela simplesmente não parava de falar asneiras desde o momento que seus olhos bateram na escolhida pelo filho.

— Mãe, por favor, aqui não é hora e nem lugar para isso — ele disse, tentando manter a calma, mas seu corpo estava tenso e ele apertou com força a mão da namorada.

A noite só estava começando e Mirela queria que o chão a engolisse. Eita, que no meio de um paraíso de sogras, ela foi sorteada justamente com essa nojenta. Além disso, continuava se perguntando quem era a tal de Aline. O homem ao seu lado a fitou longamente, fazendo uma promessa silenciosa de que tudo ficaria bem.

— Perdoe-me por ser honesta, filho, mas você merece coisa melhor. A Beatriz é linda e o pai dela é o prefeito. Um namoro com ela seria ótimo até pra sua carreira idiota de piloto. Lembrando que nenhuma dessas suas conquistas de uma noite vão superar a Aline e muito menos a Beatriz.

— Pelo amor de Deus, mãe. Pare com isso. — Renan afundou na cadeira, talvez desejando que a terra o engolissem.

Mirela se remexeu na cadeira. Ah, mas nunca que deixaria a soberba dessas duas entalada na garganta... O embate entre as três agora seria algo inevitável!

Viu Renan massagear a têmpora ao perceber o que viria a seguir.

— Desculpa, mas quem é Aline mesmo? E essa Beatriz de onde saiu?
— Mirela disse, olhando desafiadoramente para a mãe dele.

Renan tocou seu braço, tentando acalmá-la. Mas ela resolveu ignorar o gesto. Empinou o nariz e insistiu na pergunta.

— Vamos, me digam o que essa Aline e essa Beatriz têm a ver comigo ou com o seu filho. — Renan abaixou a cabeça e ela percebeu que a coisa ia ficar feia.

— Meu irmão não te contou, florzinha? — Duda se intrometeu com sua voz insuportável, que podia desestabilizar até um inofensivo monge budista.
— Beatriz é a mulher ideal para ele. Já Aline era a noiva do meu irmão. Entende o significado da palavra, não é mesmo? Por que escondeu isso da sua namorada? Ah! Talvez por peso na consciência.

— Não esqueça de dizer que ela era linda, sem querer ofendê-la, viu, florzinha? Eles iam se casar. — A mulher suspirou com o que pareciam ser lembranças da melhor coisa que poderia ter acontecido ao filho. — A festa de noivado foi a melhor que esta cidade já viu. Nossa, lembra daquele anel de diamantes que deu para ela? Coitadinha não mereceu o que fez com ela, Renan.

Mirela viu o namorado se enrijecer na cadeira e fechar as mãos em punho. Ela queria correr dali. Sua “sogra” era uma mulher sem escrúpulos. Continuava a tecer elogios a essa tal garota sem ao menos se importar no quanto feria o filho.

O olhar de superioridade de Duda a humilhava, fazendo com que se sentisse menos que uma mosca insignificante.

— Por que você brigou com ela, hein, Renan? — sua irmã o questionou, enquanto Mirela apertava a mão em torno do braço da cadeira, ao ponto de deixar os nós de seus dedos esbranquiçados. — Você a agrediu, que coisa feia! Pobre Aline... Não merecia um fim tão trágico por sua causa — a patricinha esnobe disparou, e a face do irmão empalideceu. — Culpa sua, Renan! — ela repetiu e o sangue de Mirela ferveu.

— Cala a boca, sua mimadinha idiota — gritou, chamando atenção de todos no restaurante. — Existe uma coisa chamada educação, mas acho que não existe no seu vocabulário. Está escutando o que diz? Olha para o seu irmão — Mirela esbravejou, levantando-se. — Ele tem cara de que está gostando dessa sua história idiota?

— Baixe o tom para falar com a minha filha, sua golpista, aproveitadora metida a besta — Renata se manifestou. — Você chegou agora, nem sabe se vai ficar, portanto, baixe o tom, queridinha!

— Quer saber, vocês duas podem ir para o raio que o parta. Para mim já deu, Renan... fui — ela disse, pegando sua bolsa, enquanto o namorado, petrificado com as palavras da mãe e da irmã, via tudo acontecer em câmera lenta. — Eu não sou obrigada a nada!

Aquilo não estava acontecendo com ela. As lágrimas ameaçavam cair, mas ela não ia chorar, não na frente das duas cobras. Quando cruzou a porta do restaurante, as lágrimas desceram. Sabia desde o começo que não ia dar certo. O cara não era para ela, o amor dele nunca seria dela.

A maldita semana não tinha passado de uma brincadeira idiota em que havia perdido seu coração. Nada de mais, claro!

As informações recentes ainda martelavam em sua cabeça. Ele tinha uma noiva e, por algum motivo idiota, foi culpado pela morte dela. Era só o que faltava mesmo.

Talvez esse fosse o motivo de ele ter ido embora da cidade. Renan havia sido hostil com ela quando, no primeiro encontro, perguntou-lhe sobre o que o tinha feito partir. Tudo parecia tão desconexo.

Chorou, derramou tudo que tinha. Entrou no primeiro táxi e ignorou as perguntas do motorista sobre seu estado emocional. Ninguém a tinha diminuído tanto. As palavras a machucaram bastante, não mais que ver Renan ali, parado, sem reação. Não mais do que ele não ir atrás dela e ficar lá, sentado, como um belo pedaço de pedra. Chegou em casa e se jogou no sofá.

— PUTA QUE PARIU — ela gritou, entre o choro — QUE MERDA VOCÊ FEZ, MIRELA?



11.

Renan sempre soube do que a mãe e a irmã eram capazes, só não imaginou que desceriam tão baixo. Tudo aquilo não era com Mirela e sim com ele, porque tinha decidido ir embora novamente, porque escolheu uma pessoa que não aparecia nas colunas sociais, porque havia rejeitado a tal Beatriz e todas as outras ao longo desses quatro anos.

A culpa foi sua por não ter contado o motivo real que levara Aline à morte. Culpa sua por não ter se perdoado pelo acidente que tirou a vida dela.

Ele tinha mandado mensagens no WhatsApp e ligado insistentemente para Mirela, mas sem nenhuma resposta. Dirigiu feito um louco até o apartamento dela, tocou a campainha e quando a porta se abriu, se odiou mais uma vez por fazê-la sofrer.

— Vá embora! — Ela fechou a porta na cara dele.

— Mirela, precisa me ouvir. Por favor, abra a porta.

— Vá à merda, Renan. Não quero saber de você e da sua vidinha medíocre.

— Não vou sair daqui se não me der uma chance de explicar!

— Cala a boca e vai embora. A semana acabou e você não é mais nada meu. — Ele a ouviu soluçar. *Droga!*

Lá fora, havia apenas um completo silêncio. Mirela esperou quinze longos minutos, encostada na porta. Ele se foi e havia levado consigo o coração dela. *Merda!* Devia ter tomado de volta.

Abriu a porta, devagar. No fundo, tinha esperança de que ele estivesse lá, esperando por ela, mas havia ninguém. Ia fechar a porta quando um braço forte a impediu.

— Não costumo desistir assim tão fácil — Renan disse, segurando a porta e entrando.

— Quero meu coração de volta agora! — Ela bateu no peito dele, chorando baixinho.

Ele a apertou em seus braços, passando a mão pelos cabelos macios dela, se embriagando com seu cheiro.

— Me perdoe, por favor. Me perdoe por ter permitido que dissessem tudo aquilo para você — o homem à sua frente falou. Seu tom de voz demonstrava o desespero que sentia. Ele tomou o rosto dela entre suas mãos. — Precisamos conversar. Tudo aquilo não foi contigo. — Mirela enxugou as lágrimas e o encarou sem entender. — O problema delas sempre foi, e continuará a ser, comigo. Você foi apenas a maneira mais fácil de me atingir naquele momento. Aconteceram tantas coisas na minha vida que nem faço ideia por onde começar.

Os braços dele a envolviam, prometendo coisas que, talvez, não conseguisse cumprir. Para Mirela, o mais sensato seria acabar tudo ali mesmo e colocá-lo para fora, mas seu coração traiçoeiro não resistia ao toque, ao cheiro e muito menos à voz de Renan.

— Por mim, você pode começar me explicando que é essa tal Aline.

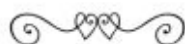
Mirela viu uma nuvem escura passar pelo olhar dele e seus músculos enrijecerem.

— Aline foi uma parte da minha vida que eu preferia nem ter vivido. A conhecia desde criança, crescemos sabendo que, cedo ou tarde, namoraríamos e depois formaríamos uma família. Na adolescência, tivemos um namorico, mas nada sério. Depois, quando passei no vestibular para direito, houve uma certa pressão, tanto por parte dos meus pais como dos dela, para que firmássemos um compromisso sério.

Existiam algumas coisas sobre ele que Mirela ainda não sabia. Por qual motivo um cara formado em direito viraria piloto de motocross? Porém, ela não o interrompeu. Estavam sentados no tapete felpudo da sala, encostados no sofá de estampa florida.

Renan pousava a cabeça sobre suas pernas, fechando os olhos como se precisasse daquilo para recordar-se de tudo que viveu.

— Começamos um namoro oficial. Eu a amava e, apesar da pressão de nossas famílias, passávamos a maior parte do tempo juntos. Quando terminei a faculdade e comecei a exercer a profissão, a queria como minha mulher. Ficamos noivos, me mudei da casa dos meus pais e fomos morar juntos. Foram os melhores dias da minha vida. Resolvemos marcar a data do casamento até que, faltando semanas para oficializarmos a nossa relação, eu descobri tudo.



Quatro anos antes...

Era para ser um dia normal como qualquer outro. Renan saiu de casa apressado, estava atrasado para a audiência trabalhista no fórum. Pela manhã, teria mais três além dessa.

Geralmente, ele só voltava para casa à noite, mas, por volta do meio dia, notou que havia esquecido uma de suas pastas. Tentou falar com Aline, mas o celular caiu direto na caixa postal.

Passou em casa rapidamente, pegou a pasta em seu escritório — aparentemente não havia ninguém em casa. Quando foi até o quarto, escutou a voz de sua noiva, que estava ao telefone. A conversa que ouviu o deixou perplexo e sem chão.

— ... não posso ir hoje, tenho umas coisas do casamento para resolver com a tia Renata. O Renan é um chato! Aff, nem sei como vou suportá-lo. Sabe que só estou fazendo isso por você, né? Para te dar a vida maravilhosa que merece, Caio. Estou cansada de bancar a noiva feliz. Não fala assim que me derreto toda, coração... — Ela suspirou e fechou os olhos, deitando na cama sem perceber a presença do noivo.

Renan fechou a porta com força, completamente transtornado, ignorando os gritos dela.

Não conseguiu voltar para o trabalho, ficou vagando pelas ruas por um tempo.

Como ela foi capaz disso?

Precisava confrontar Aline, enxotá-la de sua vida o mais rápido possível. Só que, no fundo, tinha esperança de que ela não estivesse falando sério. Queria que tudo aquilo fosse um grande mal-entendido. Só que as evidências apontavam para o pior. Melhor do que ninguém, ele sabia como as evidências podem ser mal interpretadas.

As horas seguintes ele passou andando. Sem rumo. Sem direção. Apenas pensando em tudo aquilo que tinham vivido juntos. E todos os sonhos que estavam prestes a ser destruídos. De amigos de infância, eles passaram a algo mais. Renan aprendeu a amá-la. Ela fazia parte de sua vida. Não podia acreditar que havia sido enganado por tanto tempo. *Será que, um dia, ela o*

amou?

Depois de muito pensar e com a cabeça fria, decidiu ir para casa e ouvi-la. Não queria discutir, simplesmente a ouviria. Só que, no fundo, sabia que aquela conversa não os levaria a lugar algum.

Tudo estava exatamente como havia deixado. Encontrou a noiva de roupão, cochilando, jogada no sofá. Ela se assustou ao vê-lo em pé diante dela.

— Renan, você precisa me ouvir — disparou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Estou aqui para isso — disse, evitando o contato visual.

— Não sei exatamente o que ouviu, mas o que acha de passar uma borracha nisso e seguir em frente? Somos adultos, nos casaremos em alguns dias, os convites foram entregues, o bufê, o cerimonial e a decoração estão pagos. Ah, querido, vamos fazer de conta que não aconteceu nada. — Ela segurou o seu rosto entre as mãos, e ele procurou sinais de arrependimento em suas palavras, mas não o encontrou.

— Aline, só tenho uma pergunta. — Ele retirou as mãos dela do rosto dele e a forçou a fitá-lo — Você me ama?

Ela desviou o olhar e não conseguiu responder. Renan teve certeza de que tudo havia acabado naquele momento, comprovando o que já tinha certeza.

Típico. Ele já deveria ter desconfiado. Como pôde ser tão cego?

— Tem dois dias para contar a burrada que fez para a sua família e para a minha. Quero você fora da minha casa até amanhã. Se vire com os convidados, bufê, cerimonial e todo esse circo que armou para essa palhaçada que chama de casamento.

— Não pode fazer isso comigo! Me humilhar perante as pessoas e as nossas famílias... Renan, me escuta, por favor. Esqueça a conversa idiota, eu só estava de cabeça quente.

— É uma pena, mas não voltarei atrás. Você selou nosso destino sem pensar por um minuto sequer na minha humilhação. Deveria ter ponderado suas opções antes de pensar que eu ia sustentar o seu amante. — Ele não podia mais conter o ódio e o olhar de desprezo dela só alimentava sua ira.

— Você é um idiota, Renan. Achou que ia me casar por amor? — Ela gargalhou, debochando da cara dele — Eu. Nunca. Amei. Você. Só comecei

esse namoro por causa da tia Renata. Ela é tão boa comigo, e eu queria agradá-la. Odeio você, tenho nojo quando me toca, quando me beija... Você é tão patético que deixou de seguir seu sonho de ser piloto só para ser esse advogado de merda, porque era isso o que tua mãe queria. Te odeio, Renan, mas prefiro morrer a passar essa vergonha — ela disse, apontando o dedo na cara dele — Você vai se casar comigo por bem ou por mal.

Ele tentava manter a calma, mas as últimas palavras dela o desestabilizaram.

— Cala essa boca, Aline — a discussão fugia do controle.

— Você não é homem, Renan. O Caio é muito mais macho que você. Escute bem o que estou te dizendo: mulher nenhuma vai te amar. Nunca! — ela disse, o encarando e se aproximando ainda mais. — No máximo vão querer passar uma noite contigo. Você é um babaca metido a besta. Todas amarão o dinheiro da sua família e não você. — Agora, apenas centímetros de distância separavam seus rostos. — Farei da sua vida um inferno. E me aceitar será sua única opção. Convencerei a tia Renata de que você está mentindo. Não se engane, você é um fantoche nas mãos dela e da Duda, seu CORNO! — Aline finalizou e ele, sem pensar, fechou as duas mãos no pescoço dela, que não deixou de insultá-lo em nenhum momento.

— Me solta, seu babaca idiota. Você está me machucando.

Renan estava cego de ódio e continuava a apertar as mãos no pescoço dela, até que uma vizinha bateu na porta, perguntando se estava tudo bem, o que fez com que ele recobrasse a razão e a empurrasse para o sofá.

— SOCORRO — ela começou a gritar, enquanto Renan se afastava dela, seguindo em direção ao quarto — NO MEU ROSTO NÃO, POR FAVOR, RENAN — ela esbravejou, dando um tapa na própria face e jogando um vaso contra a parede. — EU PROMETO QUE NUNCA DIREI PARA SUA MÃE SOBRE SUA AMANTE!

Não só o prédio, mas o quarteirão inteiro ouvia os disparates que falava. Ele entrou no quarto, fechou a porta e ela continuou a gritar, chorar e quebrar tudo dentro de casa. Os vizinhos batiam na porta insistentemente.

— CALE ESSA BOCA, ALINE — ele gritou do quarto, tentando abafar o som dos gritos dela com o travesseiro. Após uma sequência de barulhos consecutivos, ela se calou. Os vizinhos, perturbados com o barulho, ameaçavam chamar a polícia.

Renan não abriu a porta, precisava se acalmar ou não responderia por

seus atos. Entrou no banheiro, ficou debaixo do chuveiro por uns quinze minutos, até escutar o som da porta da frente sendo arrebatada. Enrolou-se na toalha, saiu do quarto e se deparou com uma cena que nunca mais sairia de sua mente.

Aline estava caída e desacordada no chão sobre uma poça de sangue, com um caco de vidro atravessando seu pescoço. Parecia um cenário de guerra: cacos de vidros espalhados, flores despedaçadas, plumas de almofadas por toda parte. Dois policiais apontavam uma arma para a cabeça dele.

— Fique onde está, seu vagabundo. — Um dos policiais não conseguia esconder o ódio. — Ajoelhe-se e coloque as mãos na cabeça.



12.

Mirela ficou chocada com a história que Renan acabara de contar.

O piloto foi acusado da morte da noiva, todas provas levavam a ele, que ficou preso durante o período das investigações por ser considerado altamente perigoso pelas testemunhas. Por causa da escolaridade, não ficou junto com os presos comuns. Com a repercussão do caso, perdeu o emprego e sua carteira profissional foi suspensa.

Após o fim das investigações, conseguiu um *habeas corpus*, mas não poderia se ausentar da cidade até o julgamento, que aconteceu seis meses após o ocorrido, onde foi declarado inocente do crime de assassinato, exceto pela lesão corporal. Apesar de não ser a causa da morte, as marcas de suas mãos no pescoço dela causaram um grande burburinho na imprensa sobre a conduta dele. Pegou a pena mínima e pôde responder ao processo em liberdade.

Ele confessou a Mirela que nunca havia contado a ninguém o que causou toda aquela confusão. Sua liberdade lhe foi dada com base nas evidências que comprovaram sua inocência. Apesar dos esforços do advogado da família dela em o culpar pela morte, os jurados concluíram que a morte foi acidental diante de todas as provas que lhe foram apresentadas.

Tudo aconteceu no ano em que Mirela estava no intercâmbio em Nova York, por isso não acompanhou o caso. Ouviu alguns comentários de suas amigas, mas nunca imaginou se tratar do seu atual *namorado*.

Renan, agora sentado e encostado no sofá com a cabeça entre as mãos, deixava as lágrimas cair enquanto Mirela, sem saber o que dizer, apenas aflagava suas costas.

Ele contou sobre as noites em claro, os pesadelos e a culpa que sentia por tê-la deixado ir adiante com as loucuras e disparates, evitando, assim, o fim trágico do episódio sombrio de suas vidas.

— Não pode se culpar. Aline selou o próprio destino. Não foi culpa sua!
— ela tentava aliviar o peso que ele carregava nas costas.

— Simplesmente não consigo evitar. Odeio esta cidade e todas as lembranças daqui. Por isso fui embora — revelou, em agonia. — Quando todo o pesadelo acabou, só queria sumir daqui. Prometi a mim mesmo que

correria atrás do meu sonho. Minha mãe se opôs terminantemente a minha decisão, mas meu pai me apoiou. Renata Barbieri desconhece os limites do bom senso. Me perdoe por ter permitido que falassem todas aquelas coisas horríveis para você, não imaginei que seriam capazes de tanto.

— Elas não tinham o direito de fazer e dizer aquelas coisas, Renan. — Ela encostou a cabeça nos ombros dele, segurou sua mão e ficaram em silêncio por um longo momento, absorvendo tudo o que ele acabara de compartilhar.

— Mirela, preciso que saiba esta semana foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida nesses últimos anos. Implicitamente, combinamos que viveríamos tudo nesta semana, sem cobranças, sem esperar nada um do outro. Mas sabe aquela pessoa que a gente passa a vida inteira procurando para viver? — O coração dela batia desenfreadamente. — Tenho certeza de que a minha é você. Só que não me sinto preparado para a explosão de sentimentos que acontece a cada vez que nossos olhos se encontram. É tão fácil gostar de você.

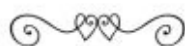
As palavras dele pareciam sinceras, os fantasmas do seu passado ainda o assolavam. Renan não sofreu apenas pelas acusações que recaíram sobre ele, mas também pela perda. Havia aprendido a amar a noiva ao longo do tempo que estiveram juntos, foi o que confessou.

As mentiras de Aline o devastaram. Há anos ele tentava passar uma borracha no passado, começar de novo. Mirela descobriu que não seria fácil romper as barreiras imperceptíveis que Renan havia criado para si. Ele precisava perdoar a si mesmo antes de qualquer outra coisa.

Ela estava com o coração apertado, não sabia o que dizer. Depois de ele expor os próprios sentimentos daquela maneira, Mirela só pensava agarrá-lo com todas as forças e não deixar que ele saísse nunca de sua vida, porém a hesitação na sua voz causou-lhe um frio na espinha.

Precisava da felicidade que haviam partilhado, da maneira como a olhava, ouvi-lo chamando-a de namorada, das conversas jogadas fora. Só que, dadas as circunstâncias, precisavam ir com calma. O homem ao seu lado trazia feridas que nunca foram cicatrizadas.

— O que vai ser da gente? — ela disse, por fim, num lamento.



O piloto levou a mão ao bolso, tocando a caixa aveludada e lembrando

da decisão que havia tomado muito antes de sua mãe colocar sal em suas feridas. Achou que poderia fazer o que quisesse, mas o fantasma de Aline insistia em aparecer, sempre atrapalhando suas decisões fazendo com que ele questionasse suas escolhas.

“*Mirela não é Aline!*” Ele repetia o mantra em sua mente, ponderando entre continuar com o que havia planejado ou recuar. A segunda opção lhe pareceu melhor, mas não a deixaria ir. Ela seria sua cura, tinha certeza disso. Retirou a mão do bolso e tomou a decisão que mudaria a vida de ambos para sempre.

— Desde o momento em que nossos olhares se cruzaram, Mirela, você me faz querer viver sem o peso enorme de culpa que carreguei por todos esses anos. Mas a verdade é que nunca me perdoei e preciso muito disso. Quero segurar sua mão e não soltar nunca mais. Mesmo correndo o risco de estar antecipando os acontecimentos, preciso disso, das cores que você trouxe para a minha vida cinzenta.

Renan tocou o rosto da mulher ao seu lado. Eram nulas as possibilidades de um futuro em que ela não estivesse presente em sua vida. Deixou o ar entrar em seus pulmões e o soltou lentamente, tocando as mãos frias da mulher que tinha transformado seu mundo em apenas sete dias, levando-as ao seu coração, que batia descompassadamente, consciente de que uma palavra errada e tudo estaria acabado entre eles.

— Independentemente do que irá acontecer daqui para frente, quero que saiba que esse coração bate por você — afirmou, pressionando a mão dela sobre o seu peito. — Não foi sorte ou acaso a gente se esbarrar — constatou, por fim.

Mirela tocou seu rosto, seus olhos se encontraram, se aproximando lentamente, o hálito quente acariciando os lábios dele e fazendo com que ele se entregasse sem pensar nos próprios fantasmas. Ela seria sua cura. Segurou sua nuca, sentindo os pelos eriçados, inalou o cheiro cítrico dela mais uma vez e a beijou como se tudo dependesse das sensações causadas por aquele momento.

— Me apaixonei por você e não é algo que consiga controlar — Mirela declarou assim que se afastaram, com a respiração ainda ofegante. — Não pode existir, para mim, um amanhã sem você me chamando de *namorada*. Entendo que precisamos dar um passo de cada vez. — Ela riu, ainda com o rosto colado no dele.

— *Namorada* — ele falou num sussurro, acariciando os cabelos de

Mirela enquanto uma lágrima teimosa rolava no rosto dela. — Não quero ser apenas seu namorado, quero muito mais que isso. Agora vem a parte difícil — ele hesitou por um momento — Me esperaria por um ano? Não estou dizendo que vamos passar um ano sem nos ver, só que preciso de um tempo para me livrar dos meus fantasmas e não consigo me afastar de você totalmente.

Aguardou uma objeção. Por mais que quisesse ficar com ela, ainda tinha a droga dos fantasmas em sua cabeça, as palavras de Aline ainda ecoavam, mas não poderia deixar Mirela ir.

— Espero — ela respondeu sem hesitar. — Viajo daqui a poucos meses para o Texas, acho que também vou precisar de um tempo.

—Sério que vai aceitar minha proposta?

— Muito sério! Desde que prometa não me esquecer quando entrar naquele avião, que toda a adrenalina da sua vida não vai apagar tudo que tivemos durante essa... — ela não termina a frase, porque a boca dele a tomou, deixando claro que não existia remota possibilidade de aquilo acontecer.

— Nunca vou te esquecer, namorada! Você é minha — disse, ofegante — E vai continuar sendo.

Precisava senti-la por inteiro, desejava isso desde o momento em que seus olhos se cruzaram. Seu corpo latejava por ela, a maciez dos lábios o leva à loucura, os beijos se intensificam e a sala ficou pequena para todo desejo que os tomava. Eles rolaram sobre o tapete com os corpos colados, as mãos dele estavam em toda parte, sem conseguir controlar as emoções que se misturaram.

Ela gemeu baixinho quando Renan apertou sua bunda, com as duas mãos, por baixo do vestido colado.

— Mulher, você vai ser a minha perdição — os olhos dele brilhavam ao dizer as palavras nos seus lábios.

Mirela levantou, segurando a mão dele e o puxando em direção ao quarto. Ele a pressionou contra a parede antes de alcançarem a porta. Sua camisa foi arrancada, o toque das mãos dela no seu peito tinham um efeito devastador. Renan fez o mesmo com o vestido dela, percorrendo com os lábios cada parte daquele corpo feminino enquanto descia a peça lentamente.

— Eu quero você, Renan — ela disse, fechando a mão no volume proeminente da calça dele, enquanto voltam a se perder nos lábios um do outro.

Quando chegam ao quarto, ele a jogou na cama, ficando por cima dela. Mirela o ajudou a terminar de tirar as roupas.

— Caramba, Renan, você só pode ser invenção da minha cabeça. Que corpo é esse? — Os olhos da mulher o cobiçavam descaradamente.

Ele sorriu, tomando seus lábios vorazmente.

— Isso parece real... — Interrompeu o beijo, ofegante, e desceu os lábios pelo o pescoço — E isso... — A mão dele tocou os seios fartos sobre o sutiã. Ela se contorcia embaixo do seu corpo. — Meu Deus, como você é linda, Mirela.

O sutiã foi retirado e a boca tomou o lugar das mãos, a língua fazia carícias no mamilo rijo. Ela gemia com o contato sensual. As mãos desceram pela cintura, passando pelas coxas, as carícias foram interrompidas enquanto se desfazia lentamente da última peça que cobria o corpo dela.

Ele a segurou pelo tornozelo, se concentrando nas pernas torneadas e segurando com as mãos o pé esquerdo, beijou cada dedo demoradamente. Descendo para o calcanhar, mordendo-o levemente, a boca foi deslizando pela pele macia, mordiscando em alguns pontos estratégicos, arrancando suspiros e gemidos. Parando com o rosto em frente à fenda molhada que o aguardava, quando sua boca tocou a pele morna, Mirela não conseguiu conter o grito de prazer.

— Ooh!

— Gosta?

— Sim — a resposta saiu em um sussurro ofegante.

— Vamos descobrir do que mais você gosta.

Continuou a explorá-la, dançando a língua sobre a carne completamente úmida, intercalando com beijos suaves e saboreando o gosto do prazer que lhe proporcionava.

Dois dedos foram enfiados na vagina em movimentos de vai e vem, sem que ele parasse de chupar o clitóris, enquanto a mão livre massageava o mamilo da bela mulher.

— Mais, Renan, por favor — ela implorava com os dedos afundados nos cabelos dele, sentindo sua cabeça se movimentando entre suas pernas.

O desejo dela foi atendido. Ele deu continuidade às carícias, mordiscando os lábios macios, lambendo, chupando o clitóris até que ela estremecesse sob suas mãos em um orgasmo que a deixou sem ar.

Renan avançou sobre ela, tomando sua boca num beijo desesperado, as línguas se roçando em carícias sensuais. Ele se afastou, ficando de pé no chão e dando a Mirela uma visão privilegiada do membro pulsante. Ela passou a língua pelos lábios. Ele localizou sua calça próximo à cama e retirou a embalagem do bolso, deslizou a camisinha sobre toda a extensão de sua excitação. Então, a puxou para a ponta da cama, segurando as pernas torneadas, abrindo-as e deixando a entrada úmida exposta para si.

O cheiro do sexo o deixa louco de tesão. Seu membro rijo a invadiu sem aviso prévio e o som de prazer ecoou pelo ambiente. Os movimentos eram sincronizados e fortes, fazendo com que os sons ocos emanassem pelo quarto.

— Você é muito gostosa, Mirela! — Renan disse, sua voz rouca.

Enfiava com força, em um ritmo louco. Ela retribuiu, gemendo de prazer e cravando as unhas em sua bunda. O homem apertou as mãos com força em sua cintura e empurrou bem fundo enquanto seu corpo tremia, finalmente atingindo o êxtase. Suas pernas cambalearam e ele se jogou na cama, ao lado da mulher que compartilhou um dos melhores momentos de sua vida.

— O que foi isso? — ela disse, sorrindo, ao recobrar o controle de sua respiração.

— Isso, namorada, fui eu lhe dando um motivo para não me esquecer. Mas acho que o efeito foi exatamente o contrário — conclui, beijando-a e abraçando seu corpo nu.

Os sentimentos foram concretizados a cada toque, cada beijo. Agora, tinham plena convicção de que nunca mais poderiam se afastar. Os corpos se encaixavam perfeitamente, os cheiros se misturavam, transformando aquele momento em algo único e Renan nunca havia sentido aquilo com ninguém.

Um ano e tudo se resolveria.

Um ano e poderia tê-la para sempre.

Caralho! Não conseguiria ficar longe daquele corpo por tanto tempo assim

Malditos fantasmas, maldita Aline!

Droga! Ela se mudaria para o outro lado do continente e ele iria morrer de saudades, porque aquela mulher era fogo!



13.

Dez meses depois...

Os roncos dos motores eram ensurdecadores. Mirela torcia como uma louca quando Renan assumiu segunda posição. Ele estava entre os favoritos do campeonato AMA Supercross. A cada salto, o coração dela disparava e o medo lhe causava tremores pelo corpo.

Esta era a terceira vez que acompanhava uma corrida. Nunca ia se acostumar com isso. Mas não adiantava tentar negar alguma coisa a Renan, ela simplesmente não conseguia. “*Você me traz sorte, preciso que venha!*” Os argumentos eram sempre infalíveis.

Os meses que se passaram desde o momento em que tomaram a bendita decisão de esperar não foram fáceis. A distância os maltratou bastante, esta seria a quarta vez que se encontravam após aquela noite e só passariam o restante do fim de semana juntos.

Seu voo atrasou e Mirela não pôde vê-lo antes da corrida começar. A saudade estava corroendo seu peito. Gritou eufórica quando o narrador o anunciou como campeão do circuito.

A comemoração com a equipe foi no hotel em que estavam hospedados. Apesar do calor durante o dia, a noite de Las Vegas não era tão quente quanto ela imaginou. O cansaço da viagem fez com que encerrassem a noite mais cedo.

— Meu Deus, achei que ia morrer de saudades de você, mulher — Renan disse, apertando-a em seus braços ao entrarem no elevador em direção ao quarto.

— Não morremos e estamos juntos mais uma vez — respondeu, virando para ele e beijando seus lábios levemente.

Chegaram à suíte e Mirela se jogou na cama macia.

— Nossa, nem acredito que ganhei o Supercross! Tem noção do que isso significa? — Renan deitou ao seu lado e tomou a sua mão, fazendo uma carícia leve. — Para eles, sou um amador que desbancou gente que está há

anos nisso. Que venha novamente o campeonato brasileiro! Não abro mão de ter você comigo pelo menos nas etapas finais, Mirela. Pra mim, já deu essa coisa de tempo, aliás, por que aceitou uma loucura dessas?

Eles se encaram por um momento, apesar da pergunta, ela sabia que seu “namorado” precisava de um tempo para lidar com o que sentia.

— Porque amo você... — Ela o abraçou. Deus, como era bom estar com aquele homem.

— Mulher, já disse que você é fogo? — Renan ficou por cima dela, com os olhos cheios de desejo. As peças de roupa foram se espalhando pelo quarto.

E naquela noite, deixaram que seus corpos mostrassem novamente o quanto estavam dispostos a viver esse amor que aconteceu tão inesperadamente. Renan venerou cada parte do corpo dela, levando-a aos pontos mais altos do prazer. Cada canto da suíte foi testemunha de que os sentimentos eram verdadeiros.

— Quero assumir nossa relação, amor — ele confessou, beijando os ombros dela.

Ambos relaxavam na banheira de hidromassagem após uma sessão intensa de sexo. As pernas musculosas dele entrelaçavam as dela, os braços a envolviam de forma carinhosa, ele já não carregava mais aquele peso que tinha antes.

— Volto ao Brasil em três meses e o Jonas vai assumir meu lugar no Canadá. Ele acha que é melhor que eu fique tomando conta dos negócios no Brasil.

— Não gosto dele, mas não posso negar que ter você comigo será maravilhoso. Obrigado, por me esperar todo esse tempo, me sinto preparado para isso! — Ela se virou para beijá-lo. — Então, você aceita ser minha namorada?

— Com uma condição.

— Você sempre tem condições — ele disse, a beijando na têmpora.

— Não vamos dizer nada até eu chegar ao Brasil.

— Fechado, namorada! Sou o cara sortudo. Sabe o que mais gosto em você? — perguntou, virando-se e ficando por cima dela. — Da sua boca deliciosa, seus olhos secando meu corpo, e esses seios? São perfeitos... — Ela sorriu quando ele a beijou — Este sorriso me mata. Tá, admito, é bem

difícil escolher o que mais gosto, porque você não facilita nenhum pouco para mim. Te amo, não esquece disso.

— Também te amo, meu campeão. Quanta honra em ser amada por você.

Aquele fim de semana ficaria marcado na vida de ambos. A distância fez com que os sentimentos crescessem.

Mirela sabia que, depois de Renan, não haveria outro homem, pois ele tomava conta de seus pensamentos e do seu coração de uma maneira irreversível.

Renan tinha certeza de que ela era a mulher de sua vida. Afinal, a chegada dela expulsou todos os fantasmas que o assombravam. Agora, em seus sonhos, só via seu sorriso, sua voz. Contava cada segundo para estar com o corpo dela sobre o seu, sentir seu cheiro, ouvi-la dizer o quanto o amava e todas as sensações que sua presença trazia.

Nada poderia separá-los e isso era um fato.

Parte II - O Presente

“Quem sobrevive não é o mais forte ou o mais inteligente e sim aquele que se adapta melhor as mudanças.”

(Charles Darwin)



14.

Dois anos depois...

De todos os golpes que a vida havia dado em Renan, o pior deles foi perder Mirela.

Depois de toda a história com Aline, veio a morte do seu pai. Juntos, esses fatos o tornaram uma pessoa cheia de culpa e decepções. Quando Mirela entrou na sua vida, foi como um sol que chegou para levar toda escuridão embora. Ela fazia seu dia mais perfeito apenas com um mero sorriso.

Entretanto, em sua vida, quando algo muito bom acontecia, podia esperar que a queda seria devastadora. E com ela, não havia sido diferente. Tudo tinha começado muito bem. Abriu seu coração e expôs todas as suas feridas. Ambos sabiam que teria que se libertar dos seus fantasmas antes do próximo passo na relação e optaram por seguirem seus caminhos durante um ano, depois tudo voltaria a ser como antes.

Ela passou meses trabalhando no exterior. Era importante para a carreira de Mirela. Enquanto ele tinha seus próprios demônios a enfrentar. Acabou se dedicando integralmente à profissão no período em que estava fora. Buscou ajuda profissional para se libertar dos seus problemas, ganhou o Supercross, que sempre foi sua meta pessoal, e depois passou em todas as fases do campeonato brasileiro para chegar ao que o tornaria, pela segunda vez consecutiva, campeão brasileiro.

Se soubesse o que aconteceria, teria desistido de tudo e passado mais tempo com ela. Não a deixaria sair de sua vida, pelo menos teriam tido a chance de tentar e não viveria com a maldita culpa que o consumia a cada dia. Agora era tarde demais para arrependimentos. Precisava entender que nunca a teria de volta, afinal, ele mesmo havia escolhido assim. O problema é que era extremamente difícil convencer seu coração disso.

Tentava pensar de modo racional, mas a lembrança do que viveram aquecia seus dias e, em muitos momentos, lhe dava forças para continuar.

A lembrança de como se conheceram o fazia rir; imaginar a bela mulher na capa da revista com o cabelo cheio de pipocas chegava a ser cômico, mas

foi assim que tudo começou. Um ingresso errado, um balde de pipocas e um belo tombo.

Folheou a revista mais uma vez. Mirela e Jonas estampavam a capa de muitas revistas de grande circulação nacional. O casal mais jovem do país a conquistar um prêmio de reconhecimento internacional no ramo de manutenção de máquinas de mineração.

Há dois anos, a ex-namorada se mudou de vez do país, retornando há poucos meses. E ele soube disso através das colunas sociais. Não conseguia ficar feliz pelo sucesso dela. Às vezes, tentava se convencer de que tinha sido trocado pelo maldito trabalho, o que não era verdade, só estava tentando direcionar sua raiva para outra coisa que não fosse ele.

O anel de brilhantes no dedo dela causava descompasso em seu coração. Toda aquela bagunça tinha sido culpa sua, não podia culpá-la. O rompimento doloroso, as lágrimas silenciosas que ela derramou ao virar as costas sem olhar para trás, mas, mesmo assim, sentia-se traído e com seu ego ferido ao ver o sorriso que ainda amava estampado no rosto dela.

Vê-los ali trazia tudo de volta. Fechou os olhos e recordou-se da primeira vez que a elegante mulher de preto na capa da revista cruzou o seu caminho. Inicialmente, não lhe causou efeito algum. A morte do pai havia afetado bastante a sua vida, tanto pela maneira repentina como aconteceu quanto pelas responsabilidades que tinham recaído sobre ele.

Teria que assumir a posição que sua mãe esperava dele, administrando os negócios da família, quando, na verdade, só queria voltar a ser livre. A profissão sempre foi sua válvula de escape, amava a liberdade que ser piloto lhe proporcionava. Aquela história de ser um homem de negócios sugou sua vida.

Em meio a tudo isso, veio a semana perfeita que passaram juntos e as promessas que acabaram esquecidas pelo caminho.

— Com tanta mulher linda nesse mundo, você ainda insiste nessa daí?
— A voz irritante de Duda o trouxe de volta à realidade que, naquele momento, preferia esquecer.

— Por que você invade meu escritório sem ser anunciada? O que veio fazer aqui? O trabalho tá pouco na Extreme Sports?

— A mamãe tá preocupada, me mandou ver se precisava de alguma coisa. E pelo que estou vendo, bem que tá precisando esquecer essa golpista aí... Vê se não muda de assunto, irmãozinho — disse, colocando a bolsa na

escrivaninha e se sentando na poltrona à frente.

— Do que está falando, Duda?

Renan desconversou, misturando o exemplar em meio à pilha de processos que deveria ler, o que foi inútil, pois Duda puxou a revista, visivelmente irritada, derrubando alguma das pastas no chão.

— Estou falando dessa idiota aqui que te trocou por esse projeto de homem. Ah, pelo amor de Deus! Ele não tem nem cara, muito menos tamanho, de homem — esbravejou, sacudindo a revista.

Ele balançou a cabeça e riu sarcasticamente.

— Estou apenas colhendo o que plantei. É claro que dói vê-la com ele, mas, infelizmente, não posso mudar a porra da decisão que tomei.

— Mesmo que Mirela quisesse, não poderia, não é mesmo? Olhe para você! Não existe a menor possibilidade... Aquela mulherzinha só estava interessada no dinheiro da nossa família, isso é um fato.

— Cala a boca, Duda — Renan disse em tom ameaçador. — Não sabe de que merda está falando. Por mais que eu ame essa mulher, não quis prendê-la às consequências desse maldito acidente. Sabe o que dói mais? É saber que ela não lutou por mim ou pelo amor que dizia sentir. Ela só foi me ver no hospital uma única vez. Isso não entra na minha cabeça. A mulher que eu conheci não faria isso.

Duda revirou os olhos em resposta e caminhou pelo escritório, analisando a decoração.

— acredite, ela fez isso sim. Não queria nem atender minhas ligações. Devia ter coisas mais importantes para fazer. A melhor coisa que você fez na sua vida foi chutar a aspirante a *Barbie* para fora o quanto antes. Não importa o que aconteceu, você sempre vai ser inalcançável para ela — finalizou com um sorriso triunfante no rosto.

Sua irmã nunca foi fã de Mirela, isso não era segredo, mas ele não gostou da maneira como Duda se referiu a ela.

— Conseguiram o que queriam, não é mesmo? Só não enxergam que, por baixo de toda essa capa do homem inabalável, existe um cara que só queria ser como qualquer outro. Minha vida virou uma merda sem a Mirela e vocês preferem usar a porra de uma venda diante dos fatos — desabafou, batendo a mão sobre a mesa. — Você e a mamãe pensam que me tornei um inútil, mas provo todos os dias que isso não é verdade.

— O que há de errado com o advogado mais lindo desse mundo? — Sua irmã caçula, Luísa, entrou na sala, sorridente, foi até ele e se jogou em seu colo.

— Fantasmas do passado, Lú. Aqueles que me trazem arrependimentos e me esfregam na cara que fui um completo imbecil!

Ela viu a revista jogada sobre a mesa.

— Cara, não brinca que essa é a Mirela? Tô passada... Meu pai do céu, que homem lindo é esse que está com ela? Ai, não! Esse anel deve ter custado uma fortuna. — Ela percebeu o silêncio do irmão e se calou quando Duda pigarreou. — Ah, me desculpe, maninho. Você é mais lindo e vai ser sempre. Mas não adianta ficar aí parado...

— Não enche, Luísa! Esse Jonas é um porre e essa Mirela é uma sonsa — a outra disse, irritada.

— Convenhamos que está passando da hora de você correr atrás do prejuízo. Esse acidente foi há dois anos. Chega desse pensamento besta que você enfiou nessa cabeça vazia desde que acordou naquela cama de hospital.

— Lú, percebe o que está me pedindo para fazer? — ele quase gritou em agonia. — Como acha que me sinto? Esse acidente me custou a profissão, perdi a mulher que amava... — Renan deixou que a amargura o tomasse como há muito tempo não permitia.

— Ninguém é culpado a não ser você — Duda respondeu entre dentes.

— Tenho plena consciência da minha culpa nisso tudo. Odeio a minha vida sem ela. — Ele socou o ar. — Diferente do que vocês pensam, não odeio essa cadeira de rodas como você e a mamãe — finalizou, encarando o olhar estupefato da irmã com suas afirmações.

Sua nova realidade machucava seus familiares, principalmente sua mãe e a irmã mais velha. Luísa foi a única a incentivá-lo a viver sem medo e aceitar sua nova condição, por mais que o machucasse.

— Eu não posso condenar Mirela a carregar esse peso comigo, Luísa. Na verdade, acho que ela não estaria disposta a isso. Apesar da decisão ter sido minha, ela poderia ter lutado mesmo assim, mas simplesmente virou as costas e não olhou para trás.

As irmãs se encararam em uma guerra silenciosa. Renan percebeu a tensão; estiveram tramando pelas suas costas, constatou.

— Posso saber por que estão com esses olhares? — Elas permanecem

mudas. — O que aconteceu, o gato comeu a língua de vocês?

Luísa, sob o olhar de reprovação da irmã mais velha, começou a falar.

— Sabe que te amo, não é mesmo? Que me desculpem Duda e mamãe, mas acho que já é hora de você saber de algumas coisas — sua irmã disse, encarando os sapatos.

— Cale essa boca, Luísa. Não pode fazer isso. Lembre-se do que a mamãe disse... Nós só fizemos o que julgamos melhor para o bem da nossa família — Duda se justificava, tentando fazer com que a outra parasse de falar.

— Lógico, e para isso manipularam as pessoas conforme quiseram. Escutei uma parte do que disse a Duda antes de entrar no escritório, e eu, mais do que ninguém, sei a lavagem cerebral que essas duas fizeram em você, meu irmão. Isso sem falar nas ameaças que fizeram para ninguém contar o que realmente se passou naquele hospital.

— Do que está falando, Luísa?

— A pergunta certa seria: como fizeram isso? Usaram-se do seu surto ao descobrir que jamais poderia voltar a andar e enfiaram nessa sua cabeça tosca que Mirela nunca o aceitaria nessas condições, que ela nem se importou com o que aconteceu com você. Por isso só foi te ver uma única vez. — A irmã caçula suspirou e relaxou os ombros como se estivesse tirando um peso de suas costas. — E, assim, aquela mulher apaixonada, que você acha que o abandonou depois daquele trágico acidente, teve o amor da sua vida roubado por um mero capricho dessas duas. Elas manipularam as pessoas para que não dissessem nada a você.

— Luísa cala essa maldita boca, sua pirralha idiota, antes que eu quebre esse seu nariz irritante — Duda ameaçou, aproximando-se de Luísa.

— Eu cansei, Duda, cansei de ficar acobertando as suas loucuras e da mamãe, recebendo em troca apenas promessas vazias. Não vou mais me calar! Alguém precisa pôr um limite nessa loucura de vocês. — Renan massageou a têmpora, tentando entender onde a garota queria chegar. — Elas mentiram para você sobre a Mirela. Não contaram que aquela mulher passou dias na porta da ala da UTI enquanto aguardava notícias suas. Não te disseram que proibiram a entrada dela quando você saiu do coma, a chutaram a pontapés por várias vezes do hospital, quando tudo o que ela queria era saber se você estava bem.

Renan a encarava sem palavras. Não... Aquilo só podia ser mentira.

Elas não tinham feito isso com a mulher que ele amava.

— Também esqueceram de te contar que ela esteve lá em casa, onde teve uma discussão acalorada com mamãe e Duda. Porque tinha uma coisa importante para dizer, mas ninguém deu ouvidos. Como foram mesmo as palavras usadas por você, Duda? *“Você não faz parte dessa família, não tem nem a porcaria de um anel que prove sua relação com meu irmão. Imagine só se Renata Barbieri permitiria que seu único filho se envolvesse em um compromisso sério com uma presunçosa arrogante como você.”*

Renan tentou digerir o que sua irmã falava. Algumas coisas faziam sentido agora. Mirela nunca fugiria, era da sua natureza lutar pelo que queria, brigou por ele mesmo quando ainda estava inconsciente na UTI.

— Luísa, tem ideia das consequências do que acaba de falar? — ele perguntou, girando sua cadeira de rodas e indo de encontro a sua jovem irmã, que havia se afastado e encarava a parede de vidros, com os olhos marejados de lágrimas.

— Eu presenciei todas as injustiças que fizeram com Mirela. — Duda estava sentada no sofá como uma mera ouvinte, apenas certificando-se da reação de Renan. — Mas o que disseram quando ela descobriu sobre o acidente foi cruel... Não tinham o direito de fazer aquilo.



15.

Dois anos antes...

— Você não faz parte dessa família, não tem nem a porcaria de um anel que prove sua relação com meu irmão. Imagine só se Renata Barbieri permitiria que seu único filho se envolvesse em um compromisso sério com uma presunçosa arrogante como você.

A discussão começou no momento em que Duda abriu a porta e a mulher lhe perguntou sobre o estado de saúde de Renan após o acidente que havia acontecido há dois dias. Haviam proibido sua entrada na ala de internação do hospital e a falta de informações a estava enlouquecendo. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar, precisava saber o que estava acontecendo.

Quando Mirela soube do acidente do namorado, pegou o primeiro voo em Quebec para o Brasil com uma mochila nas costas, que continha apenas seus documentos pessoais e duas mudas de roupas, tamanho foi o seu desespero. Chorou a viagem inteira, com medo de não chegar a tempo, com medo de o pior acontecer com ela tão longe. Queria estar por perto, passando energias positivas, torcendo para tudo acabar bem.

Tinham se falado horas antes do acidente, que aconteceu no motódromo da família. Ela viria embora na próxima semana e, enfim, ele poderia dizer aos quatro ventos sobre o que sentiam. Desde Las Vegas, as coisas haviam mudado. Os laços estavam mais fortes. Talvez por isso o coração dela estava apertado, sabia que algo terrível havia acontecido, mas ninguém lhe dava uma informação sequer.

— Quem pensa que é para tomar decisões sobre a vida do seu irmão?
— Nunca teve medo de Duda e não seria agora que a deixaria pisar nela como se fosse capacho. — Sou namorada do Renan, tenho tanto direito quanto vocês de entrar naquele hospital e saber o que está acontecendo.

O que Mirela queria mesmo era sentar o tapa na patricinha metida a besta, mas não podia se dar ao luxo do descontrole, não com o homem que amava à beira da morte, segundo as poucas informações que conseguiu.

— Florzinha, você continua sendo ninguém, portanto, não tem direito sobre coisa alguma. Tire o seu cavalinho da chuva, meu filho, não junta os trapinhos contigo nem por cima do meu cadáver. Não basta o desastre com Aline para manchar o nome da nossa família? Nunca fui com a sua cara e não vai ser agora que está se achando, porque tem a merda de um emprego em outro país, que vou cair de amores. Meu filho pode casar até com uma cadela de rua, mas escute bem: nunca vai ser contigo — Renata deu seu ultimato, segurando o queixo de Mirela, que a encarava desafiadoramente.

— Veremos — ela disse, tirou a mão da mulher de seu rosto e saiu em direção à porta.

— Saiba que esta é uma batalha perdida. Não jogue fora seu tempo tentando me provar nada — a sogra insistiu. — Muito antes de ele te conhecer, eu já existia. Queridinha, você não tem cacife para competir comigo. — A última frase de Renata fez a moça parar onde estava e voltar com uma fúria latente.

— Renata, isso nunca se tratou de uma competição sobre quem manda na vida do seu filho. Amo o Renan e ele me ama. Goste você ou não, nós vamos ficar juntos, com ou sem a sua “permissão”. Não o faça perder o respeito que tem pela senhora.

Duda inclinou a cabeça e soltou uma gargalhada.

— A única que vai perder alguma coisa aqui será você. Se cuida, viu? Porque a queda será muito grande e não sei se você terá coragem de se levantar outra vez. — Duda abriu a porta e apontou para fora. — A porta da rua é a serventia da casa. Suma daqui com esse seu nariz empinado. Você não perde por esperar — finalizou, jogando um beijo no ar para Mirela, que saiu de cabeça erguida.

Após a saída da moça, Luísa, que esteve todo o tempo na sala ao lado e escutara toda a discussão, saiu batendo palmas.

— Devo confessar que são ótimas atrizes. Cada dia me surpreendem mais — a garota disse sarcasticamente — Quando o Renan souber disso, quero só ver se ainda vão sustentar esses sorrisos presunçosos.

— Cala a boca, sua fedelha — Duda gritou, jogando uma almofada em direção à irmã.

— Ele nunca vai saber do que aconteceu aqui, Luísa, e sabe porque, filha? — Renata disse com arrogância, apertando o braço da garota. — Porque você nunca ouviu conversa alguma. Ou seu amado curso de designer

de moda vai para o espaço. Não se esqueça de que das duas pessoas capazes de fazer todas as suas vontades uma está morta e a outra está entre a vida e a morte, com 99% de chances de se tornar um aleijado inútil, sua garotinha insolente. Vá procurar um namoradinho, que eu e Duda temos problemas a resolver.

Enquanto se retirava da sala, Luísa sentiu um frio na espinha com a última frase que as ouviu dizer, conspirando contra a namorada do irmão.

— Não se preocupe, mamãe, essa golpista não sabe onde se meteu. Se o Renan acordar, fique tranquila, faremos com que ele faça tudo por nós. Vamos apenas assistir à queda dessa mulher insuportável.



Que direito sua mãe achava ter sobre sua vida para interferir daquela forma?

Renan nunca pensou que estivesse sendo terrivelmente manipulado pelas duas naquela época. Talvez fosse o efeito da medicação forte que tomou durante meses ou mesmo o seu psicológico abalado com a notícia devastadora de que havia perdido o movimento das pernas.

Pensando bem, agora tudo começava a fazer sentido. Aquela mulher o amava e iria às vias de fato por ele, só que a decisão que tomou, baseado no que a mãe implantou em sua cabeça, tornou a dor de ambos muito pior.

Então, ela virou as costas e nunca mais olhou para trás, excluiu todas as suas contas nas redes sociais e ficou invisível para que Renan não pudesse achá-la. Não que ele fosse fazer isso, mas cogitou acompanhar a vida dela através desses meios.

— Você nunca me contou o que aconteceu naquele hospital na única vez em que ela pôde te ver depois do acidente. Mas Mirela foi embora no dia seguinte muito magoada.

— Fizemos um favor a você, ela nunca te ia aceitar nessas condições — Duda disse em defesa própria e com a voz alterada. — Aquela mecânica idiota nunca te amou. Caso contrário, teria ficado do seu lado.

— Melhor ficar calada, já que você não faz ideia dos disparates que diz — A irmã mais nova gritou, irritada, enquanto o irmão assimilava as novas descobertas. — Mal-amada como é, nem deve saber o significado da palavra.

— Não é possível que você e mamãe continuem a achar que têm algum

poder sobre mim. — Renan finalmente encaixou todas as partes do jogo sórdido que se meteu. — Não tinham esse direito, passei esses anos me martirizando pela burrada que fiz, culpando Mirela por não lutar pela gente e vocês conspirando pelas minhas costas — ele cuspiu as últimas palavras alterado, mas ainda assim tentando manter a calma.

— Pelo que me lembro, aceitou tudo de bom grado — Luísa o lembrou —, enxotou ela de sua vida, sem titubear, no auge da sua crise existencial. Fez exatamente tudo conforme elas queriam. O que vocês três juntos fizeram a Mirela a deixou devastada a ponto de querer ir para o mais longe possível da pessoa que ela amava.

A irmã lhe jogou os fatos por um ângulo completamente diferente, de uma maneira que ele não tinha pensado antes. Sempre pensou na própria dor. Após o acidente, muitas coisas mudaram, alguns assuntos de sua vida ficaram em segundo plano.

Sempre houve a possibilidade de a mulher estar sofrendo, mas esteve por muito tempo completamente confuso com toda a situação em que encontrava a sua vida.

— Feriram Mirela da pior maneira possível — a jovem continuou de forma eloquente e tudo soava como um discurso ensaiado há muitos anos. Ela finalmente pôde aliviar toda a culpa que sentia. — Feriram o ego dela. Mamãe e Duda com as humilhações e você com o seu discurso de autopiedade em sua breve crise existencial, sem medir as consequências devastadoras de suas palavras. Tenho certeza de que ela sofreu muito mais!

Duda parecia petrificada no sofá, como se, de repente, tivesse se transformado em parte da decoração do escritório. Nada dizia, apenas escutava em silêncio, mas seu olhar era mortal para a irmã mais nova. Não dava sinais de arrependimento, a ira nele subiu e ameaçava sufocá-lo.

Tudo passava em um maldito flashback, da morte de Aline até a perda do próprio pai. Depois, a imagem de Mirela indo embora de sua vida.

Se arrependeu pelas decisões tomadas no calor das emoções. “*Ela não quer estar aqui!*” As palavras da mãe martelavam em sua cabeça e o que disse a ela, a maneira como fez, doeu bem mais do que deveria.

Uma chama de esperança reacendeu em seu coração. Será que ela ainda o amava? Mas tudo não passava de suposições e ilusões. Será que ela o amaria com todas as suas limitações?

— Me deixem sozinho — disse calmamente em meio à confusão de

sentimentos que ameaçavam tomar conta dele.



16.

A vida de Renan mudou radicalmente nos últimos anos. Luísa foi seu ponto de apoio em sua luta diária, sempre o incentivando a superar seus medos. E era isso o que ela estava fazendo naquele momento, mostrando que era hora de enfrentar seu maior fantasma, tirar aquilo de vez da cabeça.

Quando tudo aconteceu, e ele entendeu a gravidade do acidente, quis entrar em desespero. Foi nesse período que dispensou Mirela. Aos poucos foi se situando a nova realidade; necessitava de auxílio e supervisão para atividades que antes realizava de forma independente. Não foi fácil.

Estava acostumado a fazer tudo sozinho e, de repente, viu-se ali, dependendo de outras pessoas, sendo uma criança em tamanho adulto. Nos dois primeiros meses ficou isolado, não queria receber visitas nem falar com ninguém.

A sequela da lesão medular transformou sua vida de forma significativa. A incerteza do que aconteceria lhe causou medo, por vezes sentia-se inferior. Percebeu que as pessoas a sua volta achavam que o fato de que ele não podia mais andar também determinava que deveria viver no isolamento.

Na rua, todo mundo ficava olhando e especulando. Aquilo o afetou muito no início, mas depois, com acompanhamento psicológico, acabou superando.

Sua vida foi tornando-se normal na medida do possível. No fundo, ainda alimentava a esperança de que um dia voltaria a andar, mas entendeu que precisava aceitar o que essa nova condição trazia, quais portas se abriam e quais se fechariam. Realmente, foi um passo decisivo logo depois do surto inicial.

Seus colegas de equipe, seus primos e a irmã caçula foram sua força durante os longos meses de adaptação. A força deles era o seu combustível para continuar lutando.

As sessões de fisioterapia, por vezes, o faziam pensar em desistir de tudo aquilo. Ficava exausto após os exercícios, mas manteve-se firme. Seu bom condicionamento físico ajudou bastante em sua recuperação. Ter uma rotina, uma vida normal, não era fácil e ainda haviam as dores crônicas que

não passavam nunca. Tinha que matar um leão por dia, mas tudo era uma questão de adequação e agora a cadeira fazia parte de quem ele era.

A limitação seria parte da sua vida dali em diante, mas ele era uma pessoa forte e possuía uma série de outras características positivas que facilitariam a execução de diversas tarefas, apesar de não ter mais todos os movimentos.

Seu programa de reabilitação, que foi iniciado logo após a lesão, influenciou significativamente no modo como enfrentou seus medos. Viabilizou sua adaptação a sua nova realidade. Um enfermeiro foi contratado para ficar com ele em tempo integral no primeiro ano.

Por fim, acabou se conscientizando que viveria da melhor forma possível, sem focar no fato de voltar a andar. Afinal, isso podia nunca acontecer e o deixaria frustrado cada vez mais. Então, decidiu que a deficiência não seria sua incapacidade; não o impediria de alcançar voos maiores. E com esse pensamento e muita perseverança, sua vida foi voltando ao que se podia chamar de normal.

Um dos maiores medos de um homem é tornar-se impotente. A falta de informações e os mitos que as pessoas cultuavam fizeram com que ele pensasse, nos primeiros meses de lesão, que havia perdido a capacidade de ter uma vida sexual. A princípio teve vergonha de falar sobre o assunto com seus médicos. Tinha ereções involuntárias na frente dos enfermeiros, fisioterapeutas, enquanto faziam exercícios que nada tinham a ver com sexo.

Quando tomou coragem para perguntar, descobriu que o acidente havia afetado drasticamente sua função sexual. Porém, com as orientações certas, poderia ter uma vida sexual como qualquer outra pessoa.

Sua lesão era, segundo os médicos, incompleta, com nível torácico e lombar. Desse modo, ele conseguiria recuperar quase que completamente suas funções sexuais.

Aquele primeiro ano foi difícil, teve que reaprender a fazer quase tudo novamente, aprender a conviver com a dor diariamente, tentando ignorá-la, o que as vezes era quase impossível. Mas uma coisa dentro dele o impulsionou a continuar. Precisava tomar as rédeas de sua vida. Caso contrário, se tornaria uma pessoa digna de pena.

Há um ano tinha retomado sua carreira como advogado e a sensação de não ser um fardo foi uma das melhores coisas que experimentou depois do acidente.

Sua mãe foi totalmente contra. Para ela, a vida do filho tinha acabado e estava fadado a fracassar, mas ele sempre foi uma alma livre e não seria uma lesão medular que o faria sentir-se de outra forma.

Apesar de sua independência recém conquistada, simplesmente não conseguia esquecer que o acidente que lhe tirou os movimentos das pernas. Também tirou a mulher que amava de sua vida. Renan pegou a revista, apertou-a contra o peito e deixou que as grossas lágrimas caíssem. O último ano em uma cadeira de rodas o ensinou a não ter medo dos próprios sentimentos, a não sufocar sua dor.

Mirela era como o ar que ele respirava. Talvez por isso nunca estaria pronto para a rejeição que poderia vir dela.

— O que pensa fazer? — ouviu a voz compassiva de Luísa, que não conseguia se afastar sabendo do seu estado de confusão emocional.

— Não tenho ideia, mas não vou perder aquela mulher novamente. Se fracassar, pelo menos vou saber que tentei.

— Me desculpe por não ter contado antes – a garota disse, trazendo uma cadeira e sentando ao seu lado.

O pequeno gesto dela o enchia de orgulho, porque estar sentada os colocava em níveis iguais e a maior parte das pessoas do universo não entendiam que isso significava para um cadeirante.

– Não estou chateado, Lú. – Renan tocou os cabelos dela, enquanto a irmã fitava os pés. — Tenho orgulho da mulher que se tornou nos últimos anos. Confesso que meu maior medo hoje é decepcionar você. Preciso que me ajude. Não sei se consigo fazer isso com tantas limitações, mesmo que até agora tenha vencido cada uma delas, não faço a mínima ideia de como fazer dar certo!

— Estamos juntos nessa — Luísa disse, encarando-o. — Ainda vai ao encontro hoje?

— Não sei, Lú — Ele coçou a cabeça. — Esses encontros casuais têm sido ótimos para que eu conheça meus limites, mas não estou com saco para isso hoje. Não faz ideia de como a Mirela ainda mexe comigo, bagunça tudo. Será que ainda tenho chances? Será que posso competir com o Jonas?

— Convenhamos que ele é um gato — Luísa sorriu da afirmação. — E quanto a você, pisou na bola com a Mirela. No lugar dela, faria você suar bastante — conclui, sincera.

Não importava o quão baixas eram as chances de tê-la de volta, Renan decidiu que, mesmo assim, tentaria.



17.

Mirela estava feliz, mais seu coração ainda carregava mágoas que talvez nunca conseguisse ignorar.

Voltar para o Brasil foi uma decisão complicada, evocava coisas que preferia esquecer, mas o contrato com a mineradora havia chegado ao fim. Nesse tempo em que morou fora, muitas mudanças ocorreram em sua vida, sendo a maior delas sua relação com Jonas. Ficaram ainda mais próximos, mas, ao contrário do que todos acreditavam, eles nunca estiveram noivos, nem ao menos namoravam.

O anel de brilhantes em seu dedo foi apenas uma brincadeira entre ambos. O sócio queria se vingar de uma blogueira que cobriria o evento de premiação e acabaram criando um monstro. Quando tomaram a decisão de aparecer a festa como casal, não imaginaram que o prêmio mais cobiçado da noite seria deles e teriam destaque em todas as revistas e sites de fofoca do país.

Seis anos os distanciavam do projeto inicial e lá estavam eles, tendo reconhecimento internacional como melhor empresa do segmento. Não foi fácil chegar ao topo. No decorrer do caminho, muitos desafios foram enfrentados. Ela perdeu e ganhou muita coisa nesses anos e sem o apoio de seus amigos e sua família talvez tivesse se entregado aos seus medos e tomado decisões pelas quais se arrependeria para sempre. Afinal, a escolha entre o certo e errado podia ser bem difícil, se não tiver do seu lado pessoas com as quais pudesse contar.

Só que, para ela, o passado não poderia ser esquecido.

Naquele dia em especial havia acordado com o coração cheio de pesar. Há dois anos uma maldita tragédia começou a destruir seu mundinho perfeito de felicidade. Algumas coisas ficaram sem explicação enquanto outras eram bem óbvias. As palavras do último encontro ainda ecoavam em sua cabeça.

— Renan — ela disse baixinho para si mesma e uma lágrima teimosa rolou pelo seu rosto.

Há muito tempo deixara de mencionar esse nome. O apagou da maneira que pôde de sua vida e de seu coração. Queria ter feito tudo diferente, porém

as circunstâncias tornaram isso impossível. Ele a magoou de uma maneira que nunca pensou ser possível, lhe tirando a opção de lutar com tudo que tinha para provar que estava lá por eles.

Ali, em seu antigo escritório, que foi totalmente reformado para recebê-la, tentava analisar alguns relatórios, mas era tudo em vão. O ex-namorado lhe roubava os pensamentos e não conseguia concentração para trabalhar. Não era justo! Aliás, nada do que aconteceu foi justo.

Sentada na confortável poltrona, encarava três revistas diferentes com sua foto estampada na capa. Não pôde evitar o sorriso ao ler as frases logo abaixo das fotos.

“O mais jovem casal a ganhar reconhecimento internacional”

“Mirela Lacerda e Jonas Alvares, casal prodígio”

“Casal arrasa no tapete vermelho em premiação”

— Não seria a primeira vez que as pessoas fazem esse tipo de confusão — Jonas falou, tomando uma das revistas das mãos dela, que estava tão envolvida em seus pensamentos que nem percebeu sua chegada. — Confesso que ficamos ótimos juntos, e esse anel ficou perfeito em você.

O homem encostou-se em sua escrivaninha e folheou a revista, com um sorriso presunçoso.

— O que nós fizemos, Jonas? Criamos um monstro, como vamos desmentir isso?

Seu amigo soltou uma gargalhada alta.

— Quem disse que temos que fazer isso? Quero ver a Andressa Zor morrendo aos poucos, entalada com o próprio veneno. Avisei que teria volta, que iria se arrepender de não aceitar meu pedido de noivado.

— Você está exagerando, Jonas, não precisava de tudo isso. Onde é que eu estava com a cabeça quando concordei com esse desatino? — ela disse, dando um tapa no braço dele. — Agora, nenhum homem vai olhar para mim porque sou uma garota “comprometida”.

— Nossa, Mirela, quem não te conhece que te compre. Até parece que está desesperada por arrumar alguém. Se passaram dois anos desde o último namorado e nunca assumiu nada sério com ninguém a não ser comigo. Não minta para mim, porque sei que me ama.

Ela lançou um olhar reprovador para ele.

— Não da maneira como sua mente pervertida acha — ela disse, revirando os olhos. — Fala sério, Jonas. A nossa relação não dá liga.

— Sério que é imune ao meu charme natural? — Jonas a olhou galantemente, fazendo-a sorrir.

— Continua o mesmo convencido de sempre.

Ele sorriu, sentando-se na cadeira a frente da mesa e tamborilou os dedos sobre a escrivaninha.

— É lógico, não podia deixar que a minha má fama fosse desfeita por causa de um premiazinho internacional — o homem disse, retirando outra revista em meio à pilha de papéis sobre a mesa. — Parabéns, Mirela, tenho consciência que devo meu sucesso a você. Diga-se de passagem, está uma gata na capa dessa revista, mas voltando a esse anel, ele deu uma valorizada no seu visual, hein?!

— Seu palhaço... fiquei linda sim, e não foi só por causa desse anel. Você não está vendo esse homem aí do meu lado? Tenho certeza que todas as mulheres do planeta queriam estar no meu lugar. — Mirela inclinou-se para encarar os olhos âmbar.

Ele tinha orgulho dela, era exatamente isso que dizia aquele sorrisinho presunçoso no canto da boca dele. Jonas levantou-se, foi até ela e pôs-se atrás da poltrona da mulher, passando o braço pelos ombros dela, seus lábios tocaram o topo da cabeça de Mirela.

— Essa brincadeira ainda irá nos machucar, Mirela — ele disse, por fim, sentando-se outra vez na mesa e tocando o anel na mão dela —, mas a idiota da Andressa Zor pareceu nem notar a notícia do momento.

— Ah, caro amigo, pode ter certeza de que ela notou o nosso clima de romance naquela festa. Me fuzilou com os olhos a noite inteira. Me refresque a memória com o motivo de eu aceitar fazer parte dessa idiotice com você.

— Porque me ama, quer que me case de verdade com alguém que amo, além de você, e, acima de tudo, quer que as minhas conquistas deixem de culpá-la por dispensá-las sempre que recebo uma ligação sua pela manhã.

Ela abriu um sorriso debochado.

— Obrigada por despedaçar corações por aí e colocar a culpa em mim! — Uma expressão indecifrável tomou seu rosto. — Me diga uma coisa, Jonas, realmente ama Andressa? Vale apenas fazer esse circo todo só para que ela perceba o que está perdendo? Não seria mais fácil dizer o que sente de uma

vez?

— Mirela, querida, quando digo que amo uma mulher, não estou mentindo. Aquela blogueira linda vale cada loucura que eu cometer. Acredite em mim quando digo que a mulher petulante precisa de uma lição para perceber que me ama mais do que o maldito emprego de fofoqueira de famosos.

Mirela ficou pensativa por um momento.

— Eu te amo também, não fique com ciúmes, querida. — Ele inclinou-se e sussurrou em seu ouvido — Esse plano vai dar certo. Prometo que o mais breve possível terá a sua vida de volta. O que não é lá grande coisa, levando em conta que não tem um namorado de verdade há o que? Vejamos seis, oito ou seriam nove meses? Um ano talvez... ah! Uau, são dois anos.

— Nossa, muito gentil da sua parte lembrar o quão deprimente tem sido a minha vida amorosa. — Mirela o fuzilou com um olhar mortal.

— Não tenho medo de você, não adianta me olhar assim, Mi. Você não nunca namorou depois do Renan, só um casinho com o empresário canadense, mas aquilo nem pode ser contado como romance.

— Ele não era tão ruim assim — defendeu.

— Não mesmo, era péssimo. O babaca tinha ciúmes de mim, poxa!

— Você bem que provocava ele, né Jonas?! O fato é que vim com defeito de fabricação e não sirvo para relacionamentos.

— Sem essa, Mi. Conta outra, sei o que se passa nessa cabecinha aí. Apesar de eu continuar achando que deve sair e arrumar um cara para morrer de ciúmes de mim, também acho que é importante lembrar que, nesses últimos anos, você conquistou coisas pelas quais deve se orgulhar — ela entendeu as entrelinhas e sentiu-se envergonhada por estar tão melancólica.

— Será que te arranquei de um daqueles livros de autoajuda que ando lendo? — ela disse, fitando-o.

Jonas piscou para ela e exibiu um sorriso misterioso.

— Quem sabe eu não tenha mesmo saltado de um daqueles seus livros para ser seu conselheiro e guiar o seu caminho, hein?! — Ele se aproximou dela devagar, com um sorriso travesso. — Ora, admita que um cara legal e boa pinta como eu não fica dando conselhos ao vento.

Mirela explodiu em uma gargalhada, o superpoder de Jonas sempre foi acabar com a sua tristeza em questão de minutos. Talvez agora fosse preciso

mais que isso, porque os sentimentos que a tomavam não fugiriam facilmente.

Ao ficar sozinha novamente, todas as suas angústias e medos voltaram. Quando tudo aconteceu, achou que morreria com tamanha dor, mas fez o que sabia fazer de melhor: sacudiu a poeira e fechou as portas para a tristeza, desespero ou qualquer outro sentimento ruim que pudesse prejudicar sua sanidade mental. E isso havia funcionado muito bem até hoje.

Ela mergulhou com tudo no trabalho e não houve espaço para que se afogasse em suas mágoas e decepções. Era uma mulher prática.

Sentia as coisas mudando. Talvez se ela não tivesse se fechado, provavelmente não estivesse passando por essa “crise”.

Não queria ver Renan porque sabia que seu coração ia sangrar ainda mais. Traria de volta tudo que perdeu; traria de volta as palavras que ainda a machucavam; traria de volta a dor que a acompanhou quando virou as costas e se proibiu olhar para trás.

Até o momento, tinha conseguido esse objetivo com êxito. A última vez que o viu foi há três meses no circuito de Supercross em Las Vegas. Ele estava acompanhado pela irmã Luísa, pareceu até feliz e a lembrança por si só era suficiente para fazê-la desmoronar. Foi até lá porque queria reviver suas melhores lembranças. Talvez assim conseguisse deixar o passado para trás, mas isso não aconteceu.

Desde o último encontro deles, ela esteve determinada a esquecê-lo de uma vez por todas e nunca se permitir olhar para trás. Porém, as coisas ficaram difíceis, não conseguiu apagá-lo de sua vida e se permitiu, por uma última vez, vê-lo. Sabia que ele estaria lá, apesar das limitações, aparentemente, o homem vivia normalmente.

Quando o viu, percebeu que nada tinha mudado em seu coração. Ele apenas tinha uma cadeira de rodas em vez de andar sobre as próprias pernas. Observou-o à distância e descobriu que ainda lhe causava as mesmas sensações. As borboletas dançavam em seu estômago, as mãos suavam e o coração acelerava feito louco.

Definitivamente, não podia cogitar a ideia de chegar perto dele, que havia tirado dela o direito de ter a única coisa que quase todas as mulheres sonham um dia ter. Não conseguia perdoá-lo por isso e por todas as dores que a fez sentir.

Estando a um oceano de distância foi fácil se permitir esquecer, mas ali, na mesma cidade, onde viveram tantos momentos felizes, era difícil manter

tudo aquilo no passado.



18.

Dois anos antes...

— O que faz aqui, Mirela? — a voz arrastada de Renan, pelo efeito da medicação forte, a deixou tensa. — Atravessou o oceano por mim, namorada?

O rosto machucado se contorceu numa espécie de sorriso quando ela entrou em seu campo de visão. Mirela não conseguiu conter as lágrimas e a dor que sentiu por vê-lo naquele estado.

Os médicos informaram à família que Renan havia sofrido uma lesão na medula óssea, o que paralisou seus movimentos da cintura para baixo. A notícia caiu como uma bomba em cima deles, desestruturando todos.

Mirela só queria estar com ele, confortá-lo, apoiá-lo. Depois da cirurgia, ele esteve em coma induzido e só agora, uma semana após o acidente, ela conseguiu que permitissem sua entrada.

Não podia nem mesmo vê-lo através do vidro, mas esteve lá todos os dias. Os funcionários do hospital a olhavam com pena. Os médicos o tiraram do coma há dois dias, mas Renata Barbieri simplesmente não autorizou sua entrada.

Se não fosse por Luísa, ela provavelmente teria continuado sem nenhuma informação e não teria conseguido vê-lo.

— Olha para mim, namorada — ele pediu baixinho num fio de voz enquanto a mulher encarava os pés. — Não quero que me veja assim. Não quero que sofra.

— Renan — ela o interrompeu, passando a mão carinhosamente no rosto do homem que roubou seu coração em um espaço tão curto de tempo. — Não fala nada, só quero ficar aqui olhando para você e agradecendo a Deus por estar vivo.

— Você não pode ficar aqui, namorada — ele insistiu, com a voz carregada. — Não vai se acorrentar a mim, a essa coisa que me atingiu. Não seria justo! Eu nem sei mais quem ou o que sou. Olhe para mim, pare de encarar o chão! Você é como eu, somos pássaros voando livre sem destino

certo. Vá embora, por favor!

— Não pode me pedir isso — respondeu, com a voz embargada, em meio aos soluços. — Não ficamos tempo demais separados? Lembra de Las Vegas? Você disse que me amava...

— Sei o que disse, namorada. Quanto ao que sinto, nada mudou. Sabe aquela promessa que fiz a você no chão da sua sala? — Ela assentiu, sem fitá-lo. — Nunca vou quebrá-la, mas preciso que vá embora. Não seria justo com a história linda que temos. Infelizmente, as decisões que tomamos nessa relação são, quase todas, feias de se verbalizar. Mirela... — a voz dele falhou enquanto fechou os olhos, procurando forças para dizer as palavras certas. Mesmo que a magoasse naquele momento, sabia que, mais tarde, ela iria superar. — Quero que se afaste. Quero que saia por aquela porta e não olhe para trás... porque... eu amo você mais do que a mim mesmo e preciso abrir mão de tudo isso agora.

— Pare com isso, Renan. Sabe que não posso fazer o que está me pedindo. Não depois que roubou meu coração. Não depois de tudo que vivemos. — Suas pernas fraquejam, as olheiras profundas denunciavam que o sofrimento dos últimos dias havia deixado suas marcas. Ela procurou a mão dele entre os lençóis, o contato aqueceu seu coração, que estava gélido. Sentiu o leve aperto dele.

Ele não podia fazer aquilo com ela!

— Namorada... — ele fraqueja novamente, fechou os olhos por um momento e quando os abriu, o brilho das lágrimas a chocou. Realmente estava falando sério! — Você foi a melhor coisa que aconteceu... Só quero que saiba que o meu coração é seu. É tão jovem, cheia de vida, sonhos, tem uma carreira em ascensão. Não quero que perca isso. Não quero que se prenda comigo nessa porcaria de gaiola. Vá e viva tudo que puder, por mim, por você, por nós dois.

Mirela exibiu um sorriso fraco, tentando esconder a dor que a rasgava por dentro. Seus olhares se encontram dizendo tantas coisas... Ela depositou um beijo na testa dele, e fez uma trilha de pequenos beijos delicados pelos hematomas. Logo depois, encostou a cabeça bem próxima a ele, o silêncio os tomou, aquele do tipo que dizia tudo e nada ao mesmo tempo. Uma mão segurou a dele e a outra lhe acaricia o rosto machucado. Deixou que o cheiro dele invadissem o seu corpo. Era uma despedida.

Não conseguiria dizer o que havia planejado há alguns dias. O fim de semana que passaram juntos meses atrás deixou suas marcas e queria muito

dividir com ele, mas parecia não haver escolha a não ser ir.

Uma enfermeira entrou, quebrando o silêncio.

— Sinto muito, mas precisa ir Mirela. O seu tempo acabou. — Ela sentiu o coração doer, tudo estava acabado. A enfermeira deu mais alguns minutos.

— Só para você saber — ela disse, limpando o rosto com as costas das mãos —, se quiser, posso ficar. Podemos passar por isso juntos. Quando atravessar a porta, não terá volta. Se algum dia se arrepender dessa loucura que está fazendo, lembre-se que eu dei a você a opção de ficar e lutar.

O homem fitou o teto, cansado demais para lutar. Sua vida tinha se tornado um desastre e jamais arrastaria aquela mulher para o futuro incerto que o esperava. Queria gravar seu cheiro, seu toque. Queria tantas coisas, mas não pediria que ficasse...

— Vá, namorada — ele disse e uma lágrima solitária rolou por seu rosto. Mirela a limpou com o polegar. — Viva por nós dois.

Ela não falou nada. Encostou os lábios levemente nos dele ainda um pouco inchados e deixou que suas lágrimas se misturassem. Era doloroso ir.

— Eu te amo, Renan — sussurrou antes de virar as costas e ir para sempre da vida dele.



19.

Renan dirigia seu carro adaptado a caminho do fórum.

Aumentou o volume da música nos botões do volante e foi invadido pela lembrança de Mirela girando em meio ao estacionamento no primeiro encontro oficial deles. Sorriu.

Aquela mulher era fogo!

Tinha a impressão de que eram aquelas lembranças que o mantiveram vivo. Em um breve momento de desatenção, ele não percebeu o sinal fechar e acabou encostando seu carro no veículo da frente.

Porra, Renan!

Deu ré, desviou do carro e estacionou mais a frente para não interferir no trânsito. Se preparava para descer e ver o tamanho do estrago quando uma mulher elegante bateu furiosamente no vidro do carro.

— Seu babaca! Você nem pense em fugir. É cego, por acaso? — ela disse antes mesmo de o vidro terminar de descer. — Vai ficar aí, parado feito estátua, ou quer que chame a polícia para te tirar daí seu miserável? Droga... droga... mil vezes droga.

— Fique calma, me dê alguns minutos que vou descer — disse, tentando tranquilizar a mulher irritada, mas não funcionou. Ela achou que o homem estava brincando com a cara dela e teve um acesso de fúria. Começou a chutar a porta do carro e puxar a maçaneta, tentando abrir.

— Tá pensando que só porque tá nesse carrão não tem que arcar com as consequências, seu babaca? Você não é homem para resolver seus problemas aqui fora olhando na minha cara! — Uma pessoa a segurou enquanto a mulher gritava todas as espécies de xingamentos conhecidos ou nem tanto.

— Moça, talvez se me deixar descer do meu carro, possamos resolver isso como pessoas civilizadas que somos, ok? — Ele levantou os braços em rendição.

— Pode descer, doutor Renan, prometo que ela não vai fazer nada. — O homem que a segurava o reconheceu.

— Ainda é médico, um otário desse... Papai comprou sua carteira junto

com o diploma, né seu merda? — a mulher cuspiu acusações.

Renan balançou a cabeça em negativa, abriu a porta, pegou sua cadeira e fez sua rotina enquanto assistia às mais variadas reações da pequena aglomeração de pessoas, que iam desde olhares de pena a escandalizadas com a cena que presenciavam.

A mulher elegante agora estava ruborizada, arrependida das palavras que disse antes. Isso o divertia. O mundo e essa mania besta de achar que um cadeirante não tinha chance na vida e era digno de pena.

— Me desculpe, rapaz, não sabia da sua condição!

— Não me peça desculpas — respondeu, irritado com a repentina gentileza da mulher. — A propósito, não sou médico e sim advogado. Meu pai não pagou meus estudos. Passei em segundo lugar na Universidade Federal do Estado. E então, podemos resolver as coisas como adultos agora?

— Desculpa. Foi só um amassadinho, moço, nem precisa se preocupar — a mulher insistiu, encarando os pés.

— Faço questão de arcar com o seu prejuízo, já que me fez descer do meu carro e acha que sabe tudo sobre mim. Mas não nos apresentamos ainda, sou o doutor... — disse, estendendo a mão. Antes de terminar a frase, escutou uma voz que faz seu corpo estremecer.

— Vacilou feio hein, seu moço. Estragou muito meu carro, Vitória?

— Poxa, Mirela, me desculpa. Vou pagar o conserto do teu carro, foi só um amassadinho... — a mulher disse, minimizando o problema como se fosse culpada do acidente.

— Negativo, ele vai pagar o conserto do meu carro — ela disse quando o homem girou a cadeira com um sorriso idiota no rosto.

— Que mundinho pequeno esse, Mirela — Renan disse, coçando a barba por fazer.

Se arrependimento matasse, queria que alguém lhe enfiasse uma faca no peito naquele momento. A beleza dela o deixou sem ar, as madeixas descoloridas estavam soltas ao vento, os óculos escuros escondiam os olhos mais lindos que ele tinha visto. O short jeans colado ia da cintura fina até o joelho, marcando suas curvas, e os rasgos no tecido davam asas à imaginação de qualquer homem em pleno uso de suas faculdades mentais. O body branco deixava suas costas à mostra e marcava os seios fartos. A mulher exuberante se equilibrava em um salto quinze centímetros. Ele teve que inclinar a cabeça

para olhá-la por completo.

Você está fodidamente perdido! Ele pensou.

— Renan?! — ela falou, espantada, tentando assimilar os fatos.

— Oi?! Se conhecem? — Vitória perguntou, sem entender a reação de ambos e tirando Mirela do estado catatônico.

— Depende do que você entende por conhecer? — ele respondeu sem tirar os olhos da ex-namorada, que não ia muito bem o nervosismo, enquanto a outra os encarava, confusa.

— Vitória, fique tranquila. Pode ir para o escritório que resolvo aqui com o Renan. Liguei para o Jonas, ele terminou lá no banco e te leva no cliente.

As pessoas começaram a se dispersar, restando apenas os dois, que diziam nada para o outro.

— Vamos ficar aqui mesmo no meio da rua nesse sol gostoso da manhã? — Renan foi o primeiro a tentar quebrar clima estranho que se instalou. — Não que esteja reclamando.

Ela revirou os olhos e começou a caminhar.

— Vamos ao meu escritório. Fique sabendo que vai mesmo pagar o estrago que fez no meu carro — ela disse do alto de sua beleza.

— Prometo, mas não sou muito bom com promessas. — Ele viu o corpo esbelto estremecer.

A seguiu por alguns metros até o prédio da Agromaq. Mirela e o sócio tinham crescido absurdamente no último ano e isso era motivo para enchê-lo de orgulho, porque ela fez o que ele havia pedido, mas não era exatamente o que sentia agora.

Foi precipitado em achar que sua vida tinha acabado no momento em que acordou naquele hospital. Se houvesse uma mísera chance e voltar atrás, com certeza faria tudo de maneira diferente.

Claro que não era fácil, mas também não era impossível.

Ao contrário do que as pessoas imaginavam, a tragédia também lhe abriu novos horizontes e oportunidades. Se sentia tão livre quanto antes, afinal, todo mundo tem alguma limitação, por mais que não admita.

Olhando-a calada enquanto o elevador os levava até o andar do seu escritório, ele sentia como se o seu coração fosse sair pela boca a qualquer

momento. Foram muitas noites insones nos últimos anos por causa dela, houveram momentos em que pensou que todas as qualidades eram apenas fruto da sua imaginação e estar ali provava, de alguma forma, que tudo o que viveram anos atrás tinha sido real.

Não trocaram uma única palavra durante o percurso e foi estranho porque havia muito a ser dito.

— Uau, isso aqui cresceu bastante, hein – ele quebrou o silêncio constrangedor ao entrarem no escritório, impressionado com tudo que ela tinha conquistado sem ele. A vista da cobertura era magnífica. – Parabéns, você e o seu *noivo* fizeram um ótimo trabalho.

— Obrigada — Mirela respondeu ainda em pé ao seu lado, olhando a vista através da janela de vidro. Renan viu quando uma lágrima rolou no rosto dela, mas a limpou rapidamente, tentando esconder o quanto ele ainda a afetava.

— Me desculpe, Mirela — disse, segurando as mãos macias dela, que se esquivava e evitava o contato visual. Outra lágrima desliza pelo rosto.

— É muito tarde. — Ela sentou no sofá, só então o encarando. Seus olhos queriam dizer tantas coisas... Ele sente uma pontada aguda de dor no seu peito. — Não viemos falar de nós e sim do estrago que fez no meu carro. Por acaso você cogitou fugir? Porque recebi uma ligação da minha funcionária em choque dizendo que o cara bateu no meu carro e estava fugindo.

— Eu não faria isso, não estava fugindo. Só estacionei meu carro mais à frente para não atrapalhar o trânsito e logo depois aquela mulher doida começou a me agredir verbalmente — riu ao lembrar da cena constrangedora que a outra protagonizou. — Até descobrir que eu era um cadeirante, porque aí a coisa mudou de figura. De repente virou uma santinha. Ô povo para ter ideia errada das pessoas, viu!

— Peço desculpas por ela.

Renan sorriu sem humor.

— Não se desculpe pelo preconceito dos outros — Mirela concordou com um leve gesto.

Trataram de resolver o problema do carro, que foi levado a uma oficina para o conserto. Renan ligou para sua secretária, pedindo que cancelasse todos os compromissos daquela manhã. Quando conseguiram sair da oficina, já passava das onze. Ofereceu-se para levar Mirela de volta ao trabalho, mas

mudou a rota no meio do caminho e guiou o carro até outro destino.

— Para onde está me levando? Tenho compromissos, não posso me dar ao luxo de ficar batendo pernas por aí — o repreendeu, chateada — o Jonas vai ficar preocupado.

Mirela tinha o olhar perdido.

— Pode esquecer esse seu noivo por um momento e escutar o que eu tenho a te dizer? — Ele parou o carro e os olhos dela percorreram o local. Naquele mirante, haviam tomado a decisão mais louca de suas vidas!

Ela o observou descer do carro de maneira habilidosa, depois o acompanhou até o ponto mais alto, o vento batia em seus cabelos, espalhando seu perfume pelo ar, e seus olhos brilham cheios de lágrimas.

O local era cercado por árvores, o verde quase infinito formava um verdadeiro contraste com a visão da cidade logo abaixo do mirante. Os pássaros cantavam baixinho, como se entendessem o que o momento significava para ambos.

— Porque está fazendo isso? Dor de consciência agora, nessa altura do campeonato? — perguntou de costas para ele.

— Sabe porque estou fazendo isso, só não quer admitir — a voz dele saiu mais áspera do que planejou. *Droga!* Não seria assim que a conquistaria novamente.

— Não, eu não sei. Pelo que me consta, você me mandou sair da sua vida sem olhar para trás e é exatamente isso que estou fazendo. Então, não. Não faço ideia do que pretende me trazendo até aqui.

Renan passou as mãos pelos cabelos e conduziu a cadeira até o ponto em que ela estava. As cores vivas da natureza deixavam-na ainda mais bela. Na teoria, reconquistá-la parecia tão fácil.

Por que diabos a tinha enxotado de sua vida? Definitivamente, os remédios lhe causaram mais danos do que lembrava. Não estava em pleno domínio de sua mente quando fez aquela idiotice e isso era um fato. Suas mãos suavam, sua garganta estava seca, as mãos tremiam e o coração parecia querer saltar fora do peito a cada batida.

— Foi uma decisão tomada no auge da minha crise existencial. Tente, ao menos, se colocar no meu lugar. Eu achava que minha vida tinha acabado.

— Mas não acabou... E pelo que percebi, lida muito bem com tudo isso!

— Naquele momento eu tinha certeza que sim, e por mais que, como disse, eu lide muito bem com as minhas dificuldades, não tenho o mais importante... que é você. Sabe, não foi fácil conviver com essa escolha. Te amar é como uma droga e estou há tempo demais em abstinência.

Os olhos castanhos se viram para ele, procurando a verdade em suas palavras. Renan constatou que os sentimentos ainda estavam lá, mas, de alguma maneira, ela conseguiu sufocá-los.

— Você o ama?

— Quem?

— O Jonas. O ama?

— Sim, somos bons amigos e sócios.

— Não foi isso que perguntei. Mirela, não subestime a minha inteligência, você é mais esperta que isso — advertiu, puxando seu braço com força, causando um desequilíbrio e surpresa nela, que acabou caindo em seu colo.

Ele a prendeu entre os seus braços, inspirando o cheiro e encostou o nariz no pescoço dela, causando-lhe um arrepio sobre a pele morena.

— Olhe para mim e diga que ama ele, que vai casar por amor...

A hesitação era evidente, a pulsação da mulher estava acelerada. Ela abriu a boca por duas vezes, mas as palavras não saíram.

Renan encostou os lábios nos ombros nus e a sentiu estremecer.

— Não vou fazer isso — disse, por fim, quando as palavras decidiram ecoar. — Você me machucou muito, Renan. Ignorou minha opinião, não me deu escolha e simplesmente impôs sua vontade. As feridas ainda nem cicatrizaram e já quer abri-las novamente.

— Me responda sinceramente — pediu mais uma vez, alisando as madeixas por trás da orelha — Juro que se você me disser que o ama, a deixo em paz e continuo a viver a minha vida como tenho feito até agora.

O corpo dela estremeceu com suas últimas palavras e a reação foi suficiente para ele ter certeza de que ainda existia uma chance, ainda que fosse mínima, mas precisava tentar recuperar o que perdeu.

Sem pensar muito, segurou sua cintura, apertando-a contra seu corpo de maneira desajeitada. A outra mão subiu pela nuca, puxando-a para mais perto, fazendo com que os lábios se encontrassem. Renan devorou cada centímetro

da boca dela, que se rendeu, espalmando as mãos sobre o peito largo e, *por Deus*, ninguém causava aquelas sensações nele.

Tudo ao redor perdeu o sentido, só existiam os dois. A descarga de emoções quase podia ser tocada. Ele mordeu, sugou os lábios macios em uma sede incapaz de ser saciada, o gosto de sua boca na dela era como um fogo que o consumia por inteiro. As línguas se tocaram demoradamente enquanto as mãos de Renan subiam pelas costas dela, causando arrepios sobre a pele morena.

— Caralho, que gosto bom você tem, mulher. Achei que era apenas fruto da minha imaginação. — ele disse, ofegante, afastando-se dos lábios sedosos por um breve momento para, em seguida, reivindicá-los novamente, de forma nada gentil.



20.

Lá no fundo, Renan sabia que Mirela não se apaixonou porque ele tinha um belo par de pernas andantes. O sentimento que os uniu era mais do que isso, mas não soube enxergar isso anos atrás.

Será que era tarde para arrependimentos?

— Como consegui viver esse tempo todo sem você? Não me lembrava do quão bons somos juntos.

As lembranças do que aconteceu no mesmo local anos antes invadiram Renan. O momento em que estava tão perdido com a morte do pai e ela o trouxe de volta, só que naquele momento aconteceu exatamente o contrário. Mirela implorava a ele com os enormes olhos tristes que a salvasse do buraco em que tinha vivido nos últimos anos. Ele a apertou mais uma vez nos braços, sentindo-a afundar a cabeça em seu pescoço e entregando-se ao choro.

Aninhou-a entre seus braços e ficaram ali, em silêncio, apenas ouvindo o bater descompassado dos próprios corações.

Ela não era mais a mesma garota impulsiva de antes, mas uma mulher com uma carreira invejável que carregava uma mágoa no olhar. Renan estava determinado a descobrir o motivo de sua tristeza.

— Me leva para o escritório — ela disse, levantando-se num rompante.
— Foi um erro! Não posso ficar aqui, tenho compromissos a zelar.

— Não faça isso — ele disse, tentando acompanhá-la — nos dê uma chance!

— Não me venha falar em chances, Renan. Não tive uma quando precisei! — o ressentimento na voz dela o fez entrar em alerta.

— Do que está falando?

Mirela caminhou até o corrimão de madeira, sem conseguir esconder toda a dor que sentia.

— Não se faça de idiota, sabe do que estou falando. — Ela apertou o corrimão até os nós dos dedos ficarem esbranquiçados. — Foi bem rápido em me tirar da sua vida e depois foi bem rápido em não querer ouvir o que tinha a dizer.

— Mas que coisa, Mirela! Pare de ficar falando em códigos comigo, fale de uma vez. — Guiou a cadeira até ela e a puxou para encará-lo — Me diga o que fiz para te deixar assim?

— Eu estava grávida. contei tudo a você naquela maldita mensagem, meses depois.

A revelação o deixou em choque.

Como assim ela estava grávida? Tinha lhe contado?

Mirela não era mais capaz de segurar as emoções que brigavam dentro de si. Seu corpo se contraiu e as lágrimas correram sem controle algum.

— Grávida? — Renan perguntou, ainda tentando absorver a informação.

— Não finja que não sabia, porque sei que leu a mensagem, Renan — o acusou novamente de saber.

Ele vasculhou cada canto de sua mente, revirou suas memórias e encontrou absolutamente nada que pudesse lhe dar qualquer pista dessa informação. Não fazia a mínima ideia do que ela falava. Que mensagem era aquela?

— Tomou todas as decisões por nós dois — Mirela continuou despejando suas mágoas sobre ele. — Eu queria ter ficado e lutado. Escutei coisas horríveis da sua família no período em que estive no hospital. Me humilharam, sequer deram importância quando disse que tinha algo importante para dizer. E você fez exatamente a mesma coisa.

— Eu não...eu não... sabia... — ele estava perturbado com toda a informação. — Por que nunca me contou?

— Você não me deixou falar, pelo que lembro, me descartou. Disse que me amava e mesmo assim me queria fora da sua vida como se fosse uma decisão só sua. Depois, quando te dei a oportunidade de saber, você e sua família novamente me humilharam, nunca vou me esquecer, Renan! — Ela não o encarava.

O que a mulher dizia não fazia o menor sentido, nunca ignoraria um filho, ainda mais vindo dela. Pôs as duas mãos na cabeça, não conseguia raciocinar direito ou formular qualquer pergunta. *Que merda ele tinha feito? Como ela podia pensar que fosse capaz disso?*

Então, um pensamento lhe ocorreu. *Onde estava a criança?* As lágrimas de Mirela eram um prenúncio de uma notícia que, talvez, ele não

estivesse preparado para ouvir.

— Onde está o nosso filho? — sua voz falhou ao perguntar. Ela soluçou e limpou as lágrimas com as costas das mãos, sem conseguir pronunciar as palavras.

Renan segurou a sua mão e a afagou carinhosamente. Não podia tê-la feito sofrer tanto. O pior era saber que ela acreditava que ele havia feito tudo de maneira proposital.

— O bebê está... morto... agora não importa mais — respondeu, desfazendo o contato dele, que sentiu o coração sangrar com aquelas palavras.

— Importa sim. Quero saber o que aconteceu. Tenho esse direito. Me culpa por isso também? Por isso tem tanta raiva de mim?

— Nunca se importou. Dois anos e você nem sequer procurou saber se eu estava viva ou se nosso bebê havia sobrevivido depois das merdas que você e sua família fizeram — as palavras dela o atingiram como uma bofetada.

Esteve tão concentrado em sua recuperação que essa possibilidade nunca lhe passou pela cabeça nos últimos anos, mas ninguém podia culpá-lo por isso.

Tudo o que queria naquele momento era tirar a dor que ela sentia, mas não tinha a menor ideia de como fazer isso.

— Me importo com você — afirmou, colocando-se à frente dela, que começou a caminhar em direção ao carro. — Por mais que a sua boca negue isso, lá no fundo sabe que me importo com tudo que diz respeito a sua vida.

— É muito tarde para me dizer isso, não acha? Por favor, me leva para o escritório e esqueça que tivemos essa conversa totalmente desnecessária. Esqueça que um dia passei pela tua vida. E, principalmente, me esqueça, Renan!

A mulher continuava irredutível. Não iria forçá-la a contar. A queria novamente em sua vida e se fizesse as coisas de qualquer forma, estragaria ainda mais suas chances. A conhecia e, apesar de tudo, sabia que o caminho para a reconquistar não era aquele. Precisava ter paciência, abrir a boca nos momentos certos.

Ela não sabia de suas lutas, não conhecia os inúmeros obstáculos que havia enfrentado em sua recuperação. Porém, não iria diminuir a dor dela, não diria que a sua vida não era assim tão fácil como ele fazia parecer.

— É impossível, para mim, esquecê-la, que fique bem claro! Tentei isso um tempo atrás, mas foi inútil. Só que reconheço quando devo recuar e, por hora, respeito sua decisão de não me contar. Sei que há muito a dizer.

Mirela abriu a porta do carro sem dizer uma palavra. Renan deixou que ela entrasse e se acalmasse por um tempo. Só depois seguiu até o veículo.

Em respeito ao silêncio e a dor que sabia que ela estava sentindo, Renan dirigiu sem dizer nada, parou o carro em frente ao prédio dela, que desceu em silêncio.

O bebê havia morrido e ela havia passado por tudo sozinha.

Seu coração se apertou novamente. Tiveram um pedacinho do amor dentro dela.

Tinha uma coisa muito errada nessa história, fragmentos que não se encaixavam. A mulher achava que ele havia rejeitado o bebê, por isso recusava-se a contar o que realmente tinha acontecido.

A conversa não saía de sua cabeça, não conseguiu fazer nada durante o restante do dia.

Quando foi que perdeu o controle de sua vida?

Antes de saber da verdade sobre as atitudes de Mirela, ele sempre pensou ter feito a coisa certa, apesar das noites insones. Sua namorada tinha tantos planos ambiciosos era tão cheia de vida e ele nunca quis tirar nada dela. Sua condição após o acidente tornou tudo bastante complicado.

Quando tomou sua decisão, anos antes, baseando-se no que a própria mãe e sua irmã haviam implantado em sua cabeça, ele só queria afastá-la de toda a dor que sentia. Queria que ela continuasse sua vida. Em nenhum momento pensou em como faria para viver com o vazio que seria viver sem Mirela.

Na verdade, sempre sentiu como se a história deles não tivesse acabado, apenas sofrido uma interrupção.

Precisava arrumar um jeito de penetrar os muros que Mirela tinha construído em torno do si.

A história do noivado não fazia sentido. Ela e o sócio sempre foram muito amigos. Tempos atrás, Renan até se arriscaria dizer que nunca se envolveriam romanticamente. Algo lhe dizia que tudo não passava de uma farsa.

Sua cabeça trabalhava arduamente, tentando fazer as conexões, ligando

as partes. Por mais que tentasse, nada se encaixava. E se alguém sabia como fazer as peças se juntarem, esse alguém com certeza seria Luísa. Pegou o telefone discou o número.

— Alô — sua irmã atendeu após a segunda tentativa. — Aconteceu alguma coisa?

— Oi, Lú. Não aconteceu nada. Aliás, hoje o dia foi cheio. Aconteceram muitas coisas, nem sei por onde começar. Bati o meu carro pela manhã e adivinha só de quem era o carro?

— Era daquele juiz que pega no seu pé? — ela disse, alheia ao que tinha acontecido com Renan.

— Nada, o carro era da Mirela. Sabe, aquela garota que chutei da minha vida? — a irmã suspirou do outro lado da linha.

— Uau... não é justo os encontros de vocês serem tão memoráveis e eu não consigo nem que meu colega de faculdade note minha humilde existência — lamenta, rindo.

— Aquela mulher é fogo! — ele riu e se recordou da expressão do rosto dela quando percebeu sua presença. — E continuo amando-a como se nunca tivéssemos nos separado.

— Só você não tinha percebido isso. Me conta, como foi?

— Estranho, cheio de sentimentos não ditos, mágoas... Mirella me deixa de um jeito que não consigo explicar. Onde é que estava com a cabeça quando achei que seria melhor deixá-la fora da minha vida? Onde é que você estava, Lú, que não me impediu de fazer essa idiotice?

— Até parece que eu ia conseguir te fazer desistir dessa sandice, como se não te conhecesse. Quando você coloca uma coisa na cabeça, ninguém consegue dissuadi-lo — Luísa respondeu, irônica.

— Ela estava grávida, você sabia?

Apenas a respiração descompassada da irmã podia ser ouvida.

É claro que sabia!

— Me desculpe — a voz dela falhou. — Escutei uma conversa entre a mamãe e a Duda, mas não tinha certeza, por isso não te contei.

— Escondeu mais alguma coisa de mim, Luísa Barbieri?

— Apenas suposições... E o bebê? Você o viu?

— Então não sabe que o bebê morreu?

— Nossa! Não sabia. Renan, vá com calma. Tenho motivos para acreditar que ela sofreu muito mais do que você imagina.

— Mas que merda, Luísa! Por que a minha vida tem que parecer um maldito *Rally*, com tantos obstáculos pelo caminho?

— Escolhas erradas trazem consequências que, às vezes, podem se tornar irreversíveis — a irmã disse, o fazendo refletir por um momento.

Desejou imensamente que ainda conseguisse reverter tudo que havia feito. Apagar cada palavra errada...

A dor que Mirella carregava o deixou extremamente preocupado. Alguém tinha agido pelas suas costas e fazia ideia de quem, mas precisava ter certeza.

— Lú, preciso te perguntar mais uma coisa e preciso que me responda com sinceridade.

— O que não faço por você, irmão? Claro, prometo ser sincera, mesmo que me doa.

— Acha que a mamãe tem alguma coisa a ver com essa história toda? Que pode ter feito alguma coisa para prejudicar a Mirella e o nosso filho?

Silêncio.

Luísa procurava as palavras certas para dizer o que realmente achava. Na época, ouviu muitas coisas sobre a possível gravidez da namorada do irmão, mas eram palavras soltas e desconexas que não faziam muito sentido.

Queria poder dizer que não, que a mãe deles jamais faria algo assim, porém a realidade era bem cruel e não havia nada que pudesse fazer para diminuir o impacto de sua resposta.

— Sim, estou certa de que Renata Barbieri é responsável pelo que quer que tenha acontecido com seu filho e com Mirela.



21.

— Estive com Renan hoje — Mirela disse a Jonas assim que ele abriu a porta da sala dela.

— Nosso noivado acabou, é isso que está tentando me dizer? — o sócio disse, colocando a mão no coração. — Não vou aguentar um baque desses. É muita emoção pro meu fraco coração!

Ela revirou os olhos com a dramatização do amigo e arremessou uma bola de papel contra ele.

— Seu bobão, como é que as pessoas te levam a sério desse jeito, hein?

— Só você conhece meu verdadeiro eu. — Jonas se sentou sobre a escrivaninha à frente dela. — Se não vamos romper, por que está com essa carinha tão triste?

— Ele não sabia que eu estava grávida. Pareceu surpreso quando contei — Mirela disse, baixando os olhos para as mãos.

— Mas sabemos que as mensagens foram lidas e isso só pode ser uma manobra dele para te envolver outra vez.

— Ele pareceu sincero. Não consegui esconder a raiva que sinto.

— Contou sobre o que aconteceu com a nossa estrelinha?

— Óbvio que não... — Mirela afirmou, limpando uma lágrima em seu rosto.

A reação de Renan foi tão verdadeira. Quis muito se convencer de que ele realmente não sabia. O problema é que não confiava nele, não mais.

— Está bem, Mirela? — o amigo perguntou, preocupado. A história toda mexia muito com ambos.

Ele segurou a sua mão nos momentos em que achou que não ia conseguir, não deixando que ela sucumbisse aos sentimentos ruins que sempre ameaçavam invadi-la.

— Não, nunca vou estar bem para falar sobre isso — respondeu e o encarou com os olhos cheios de lágrimas.

— Vem cá, Mi — ele levantou e a abraçou, como fez todas as vezes que ela estava à margem do desespero. — Não fique assim, você é a pessoa mais forte que conheço. Vamos superar isso juntos, nem que para isso eu tenha que sair atirando em algumas pessoas que andaram te magoando.

— Obrigada por estar aqui, Jonas, nem em duas vidas conseguiria pagar pelo que tem feito por mim. Não sei o que faria sem você e a louca da Karen.

— Com certeza se atiraria de um prédio. Fácil, fácil — disse, tentando fazê-la rir. — Sabe que vamos estar aqui sempre, não importa o que aconteça, certo?

Mirela sabia que sim.

Por muito tempo, achou que o amor de Jonas era um outro tipo de sentimento, mas depois de tudo que passaram juntos, tinha plena certeza de que ele não desejava nada além da sua amizade.

— Claro que sei! — Mirela disse enquanto se afastava do amigo e encarava a vista das luzes da cidade. — A cadeira não prendeu o Renan. De um jeito esquisito, parece que o deixou mais livre. É como se fosse uma extensão dele.

— Isso é ruim?

— De forma alguma, mas pensei todo esse tempo que ele estava recluso, em um estado depressivo. Foi no que Renata me fez acreditar. Passei por tudo sozinha contigo. Depois da minha tentativa frustrada, nunca mais tive coragem de procurá-lo, jogar na cara dele o impacto que suas palavras causaram na minha vida! Acreditei que era sua culpa e ponto.

— Começo a acreditar que o que falaram a você não passavam de boas mentiras! Como o Renan reagiu quando te viu?

— Na verdade, ele me surpreendeu. Cheguei lá e vi o cara na cadeira de rodas. Daí Renan se virou e quase enfartei quando me exibiu seu melhor sorriso. Sinceramente, vê-lo em uma cadeira de rodas não me causou o impacto que esperava, porque, de certa forma, ele é exatamente como antes. Independente, sem meias palavras e voltou a ser advogado, pelo pouco que pude notar.

Jonas a encarou por um momento e sorriu, passando a mão pelos cabelos. A maneira como ela estava perdida depois do encontro, concretizava a certeza que sempre teve. Sua amiga ainda amava Renan, só que deixava sua dor dominar todos os outros sentimentos, pois sentia-se culpada pelo que aconteceu a sua filha.

— Devo pedir meu anel de brilhantes de volta? Porque é isso que os seus olhos estão me dizendo. “*Vou correr para o Renan agora e ninguém me segura!*”

Mirela cruzou os braços encarou os pés, pensativa. Os sentimentos ainda estavam lá, mas tinha a maldita dor que rasgava sua alma toda vez que pensava nele. *Que droga!*

— Desde quando você lê meus olhos? Pode parar com essa crise de ciúmes aí, viu, “*noivo*”?! A única coisa que o impede de jogar seu charme irresistível em definitivo para cima mim é esse anel. E vou me aproveitar disso o máximo possível.

— Cadê a mulher que estava doida para essa farsa de noivado acabar?

— Continua aqui, mas não estou pronta para enfrentar o Renan. Não quero uma reaproximação porque dói... Dói saber que ainda guardo tantos sentimentos por uma pessoa que tirou tudo de mim. Não consigo controlar a minha língua quando ele começa com o discurso de arrependimento e, ao mesmo tempo, não sei o que dizer a ele...

— Só falar a verdade, Mirela. Não existe mistério nisso! Diga a ele o que sente, conte sobre a dor que lhe causou. Faça isso, coloque para fora sua raiva.

No fundo, sabia que seu amigo tinha toda razão, mas escolheu viver sua dor sozinha. Há algum tempo tinha chegado a uma conclusão: Renan era o único culpado de tudo que aconteceu.

Afinal, a dispensou em um momento que precisavam se apoiar e ficarem juntos. Tudo bem que ele estava tentando entender a própria vida após toda a tragédia. Depois do rompimento doloroso, veio a perda de sua filha e tudo influenciou para que canalizasse toda a sua raiva e dor para ele. Poderiam ter superado tudo se estivessem juntos, afinal, existia o amor deles, que era mais forte do que qualquer obstáculo.

Quando retornou ao Brasil, tinha consciência de que ele ainda lhe causava as mesmas emoções, então prometeu a si mesma que não se aproximaria dele de maneira alguma, nem se permitiria experimentar todas aquelas sensações novamente.

Mas uma força maior insistia em colocá-los juntos outra vez. Só que agora sua presença abria as feridas que vinha tentando curar nos últimos anos. Quando fechava os olhos, ainda conseguia visualizar as palavras que a machucaram tanto.

— Hello! Planeta terra chamando Mirela — Jonas estalava os dedos frente aos olhos dela. — Ouviu alguma coisa que disse nos últimos minutos?

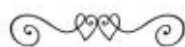
— Desculpe. — Ela sacodi a cabeça, tentando voltar para a conversa.

— A Karen está louca atrás de você, algo sobre ter conhecido um homem lindo que tem um primo que gostaria muito de te conhecer — Jonas revirou os olhos. — Em que planeta ela vive? Não lê revistas nem acessa páginas de fofoca? Esse anel aí no seu dedo não diz nada? Aquela mulher maluca não vai manchar minha reputação por aí.

O amigo estava jogado no sofá com os pés em cima da mesa de centro enquanto Mirela continua de pé, encarando as luzes da noite.

— Ela não desiste mesmo, mas isso aqui — mostrou o anel para ele — não é de verdade. Veja logo se conquista a blogueira, porque eu não tenho a vida toda.

— Assim você me ofende, Mi — ele se pôs de pé, foi até ela e colocou as duas mãos sobre os seus ombros. — Chega de tristeza. Vamos embora que hoje é sexta feira e já passam das oito. A noite só está começando e preciso exibir uma certa noiva gata que arrumei pelas baladas dessa cidade.



— Deus me livre, conheço muitas pessoas indecisas, só que como você está para nascer, Mirela — Karen disse, impaciente, sentada no pufe do closet. — É só um bom restaurante e com o Jonas, não precisa colocar todos os seus looks abaixo.

— Para uma mulher recém divorciada, você bem que anda muita malvestida, Karen.

— Pelo menos tenho um quase namorado gato e você, com esse look matador e esse anel no dedo, não ganha um beijinho sequer — a amiga disse, fazendo careta. — Mi, só você para entrar em uma roubada dessas.

Mirela arremessou uma blusa contra a amiga.

— Uau... me conte mais sobre esse seu “quase namorado”?

— Ainda não é o momento — desconversou. — Cuida logo que o seu “noivo” já está lá embaixo, te esperando.

Jonas e Karen tinham muitos planos para a noite. Primeiro iriam a um restaurante de um velho amigo, que estava sendo inaugurado. Depois, a uma casa de shows badalada. Estavam realmente focados no plano de distrair

Mirela dos problemas.

— Nossa, que lugar bacana. Olha isso, Mi — Karen disse, lendo o folder de apresentação que Jonas havia entregado a elas assim que entraram no carro. — *“Nosso restaurante está equipado para oferecer 100% de acessibilidade a todos”*. Temos alguém com responsabilidade social...

Se quisesse esquecer Renan, definitivamente estava no país errado, na cidade errada. Cada maldita coisa a fazia lembrar dele. Enquanto os amigos discorriam sobre o novo restaurante, manteve-se calada e envolvida em suas recordações.

O local realmente fazia jus aos elogios de Jonas. Ambiente aconchegante, comida maravilhosa e atendimento impecável.

A conversa girava em torno das últimas aventuras de Karen e seu quase namorado misterioso. Ela havia se separado há pouco mais de um ano e beijava cada boca que se insinuava para ela sem arrependimentos, fazendo com que as pessoas questionassem a sua sanidade.

O dia havia sido intenso, as emoções lhe trouxeram muitas coisas, travara uma luta interna entre se entregar a tudo que sentia quando Renan a tocava, inclusive a dor ou fuga de tudo aquilo para não sofrer outra vez.

A conversa mexeu muito com ela, abrindo suas feridas novamente. O beijo despertou seu coração adormecido há tempos.

— Alguém lá em cima está empenhado em nos juntar, Mirela — ouvir a voz de Renan lhe causou um arrepio na espinha. — Ou você está me perseguindo outra vez.

Os amigos sorriram da última frase.

— Jonas. Tudo bem? — o homem disse, sem graça, após notá-lo, e acenou com a cabeça — Que anel lindo você conseguiu colocar na mão desta mulher, hein?

Jonas apenas sorriu, sem conseguir esconder o quanto se divertia com a situação.

— E não é que consegui fisgá-la depois desses anos todos?! — disse, virando a taça de vinho em uma tentativa de não falar demais.

— Parabéns, é um cara de sorte — Renan falou, com um olhar que deixou Mirela intrigada. — Posso roubar sua noiva por alguns minutos?

— Noiva? Quem? — Jonas cobriu a boca assim que percebeu a bobagem que acabara de dizer — Humm... se ela quiser ir com você, tudo

bem.

A mulher o fuzilou em um pedido de socorro, mas ele simplesmente deu de ombros.

— Prometo que não vou sair correndo com a sua noiva por aí, cara. Palavra de cadeirante — ele piscou para Jonas e Karen, que continuaram se divertindo com a situação. — Vamos para um lugar mais tranquilo, Mirela?

Ela o acompanhou a contragosto até um espaço reservado. Claro que tudo tinha sido planejado de alguma forma. Apesar do abismo entre eles, o conhecia muito bem. E aquele homem podia até estar em uma cadeira de rodas, mas sua capacidade mental continuava a ser a mesma. Ele não fazia as coisas sem calcular as probabilidades antes.

Cruzou os braços e virou-se, pronta para iniciar uma discussão ou deixá-lo ali sozinho. Porém, a raiva se dispersou no momento em que os olhos deles se encontraram.

Mas que homem insistente!

— De todas as coisas que me disse hoje, tem uma que não me sai da cabeça. O que aconteceu com nosso filho?



22.

Renan a encarava em busca da resposta. Os olhos dela brilhavam, cheios de lágrimas, fazendo seu coração se apertar. Talvez não estivesse preparado para ouvir as palavras que ela estava prestes a dizer.

O silêncio pairou por um longo momento, a mulher sentou-se de frente para ele, levando as duas mãos ao rosto, em uma agonia impossível de ser escondida. A respiração descompassada o fez querer puxá-la para si, aninhá-la em seu peito e nunca mais deixar que fosse embora de sua vida.

— Esther, minha *estrelinha*... — a voz dela soou fraca, as grossas lágrimas molhavam seu rosto delicado — Minha filha está morta e não há nada que possa fazer que a traga de volta.

— Nossa filha, Mirela!

As palavras cortaram o silêncio, o corpo estremeceu com o tom da voz da mulher e o machucaram de uma maneira que não conseguia entender. Isso ele já sabia, mas precisava entender o que havia acontecido.

Aproximou um pouco mais a cadeira e tocou as lágrimas. *Que droga!* Nunca foi sua intenção magoá-la do modo que a via agora. Decidir pôr um fim na história deles era justamente para evitar aquela tristeza que agora estampava seu rosto.

— Não chore — Renan suplicou e segurou carinhosamente o rosto de sua amada entre as mãos. — O que houve com a nossa filha?

Mais lágrimas.

Ele só queria embalá-la em seus braços e arrancar a dor que ela estava sentindo. Como pôde ser tão cego? Tinha raiva de si mesmo por tudo que havia provocado.

— Não consigo fazer isso — ela disse, sem encará-lo. Levantou, limpando as lágrimas, e seguiu em direção à porta.

— Preciso saber. Não vou conseguir viver sem saber o que aconteceu — Renan a alcançou e segurou seu braço.

Mirela fechou os olhos, sacodiu a cabeça e tentou se desvencilhar do toque que a feria como ácido.

— É muito tarde...

A porta se fechou e ele ficou estático, as palavras o atingiram em cheio.

Talvez fosse realmente muito tarde para tê-la novamente, afinal, estava noiva. Mas apaixonar-se pela garota impulsiva foi algo tão natural em sua vida que se pudesse voltar no tempo, não mudaria uma única vírgula do que sentia por ela.

Apesar da mágoa que Mirela carregava, ele não conseguia se lembrar de uma única recordação ruim dos momentos que tiveram juntos.

Ela chegou num momento em que tudo o que ele precisava era de sentimentos sinceros, o sorriso dela iluminou sua vida em todos os espaços. Quem diria que Renan Barbieri se apaixonaria daquela maneira após tanto tempo trancado com todas as suas dores e perturbações?

Exatamente por esse motivo, não conseguia compreender a incapacidade dela de perdôá-lo ou, ao menos, explicar em que momento a história deles tinha se transformado naquele conto de dor.

Perdido em suas incertezas, ponderava entre ir atrás dela ou admitir que havia perdido a única mulher que foi capaz de fazê-lo esquecer todos os seus medos. A última opção estava fora de cogitação.

Tentou reorganizar os pensamentos a fim de procurá-la. Ao abrir a porta, encontrou Jonas a sua espera.

— Podemos conversar um minuto?

— Acho que podemos deixar essa conversa para outra hora, Jonas — Renan disse, tentando desviar do homem.

— Não acho que vai conseguir consertar as coisas com Mirela sem antes ter algumas informações.

— Por que acha que quero consertar as coisas com uma mulher que está noiva?

— Nenhum dos dois me engana e conheço Mirela como a palma da minha mão. Tenho sua atenção agora?

Ambos entraram novamente, Renan o encarava, intrigado.

— Em primeiro lugar, gostaria de deixar claro que existe absolutamente nada entre mim e minha sócia, a não ser nossa amizade.

— E quanto a todas as fotos estampando as capas de revistas, o anel de brilhantes, o olhar cúmplice?

— Desculpa, cara — Jonas disse, encarando algo aleatório atrás de Renan. Afinal, poderia estar fazendo a maior besteira contando parte dos segredos da amiga, mas estava cansado de vê-la tão vazia de sentimentos.

— Acredito que não me chamou aqui apenas para isso — Renan esbravejou, girando a cadeira, impaciente.

— Perdi o foco, confesso — Jonas sorriu. — Tudo isso de noivado foi apenas uma brincadeira que acabou virando um monstro, mas eu só queria dar uma lição em uma garota e enfiei Mirela nisso. É uma história estranha, eu sei, só que, convenhamos, todos já fizemos loucuras por amor em algum momento de nossas vidas. Como disse antes, conheço aquela garota teimosa como a palma da minha mão e sei que, apesar de não parecer ou não querer demonstrar, você ainda mexe muito com a cabeça dela. E acredito que precisam resolver algumas coisas, das quais não estou autorizado a falar.

— O que exatamente quer que eu faça?

— Que deixe de bancar a estátua e vá atrás daquela bendita mulher antes que ela faça a proeza de fugir. E não me olhe com essa cara de espanto. Da maneira que a vi sair daqui, tenho certeza de que ela pode, sim, cometer qualquer disparate.

— Quem garante que ela vai me deixar entrar, que vai contar o que preciso saber? Mirela me odeia, vi isso nos olhos dela nas duas vezes que nos encontramos.

— Ela não te odeia tanto quanto está pensando. Vai entender tudo assim que ouvir a história dela. Insista um pouco mais, minha sócia consegue ser bem teimosa quando quer, mas ela precisa se abrir. Talvez assim consiga aliviar o peso que carrega.



Mirella saiu do restaurante, descontrolada. Não conseguia parar de chorar. Por que tudo conspirava para que suas feridas nunca cicatrizassem? Seus olhos estavam inchados, sua cabeça doía, mas simplesmente não conseguia conter a tempestade de emoções que a invadia.

A última coisa que queria era companhia em seu momento de descontrole. Tinha deixado isso bem claro aos seus amigos, porém a maldita campanha insistia em tocar.

— Mas que droga! Não falei que queria ficar sozin... — as palavras morreram no momento em que notou a pessoa a sua porta.

— Sempre recebe as pessoas assim? Dessa forma tão calorosa? — Renan sorriu, fazendo com que a vontade de chorar voltasse com mais força.

— O que faz aqui?

— Posso entrar? — ele perguntou, conduzindo sua cadeira para dentro do apartamento antes que ela falasse qualquer coisa.

— Adianta eu dizer que não?

Renan balançou a cabeça em negativa. Mirela fechou a porta e ele girou a cadeira, se aproximando dela. Seu coração batia a mil por hora.

— Preciso que me escute, Mirela! — insistiu, encarando-a. — Pode se sentar e ouvir o que tenho a dizer?

Ela seguiu até o sofá, sentou e o homem se pôs a sua frente. Renan segurou sua mão e começou a falar, sua voz branda e calma.

— Me perdoe. Sei que estou uns anos atrasado, só que acredito que ainda dá tempo de concertar isso. — A mão dele tocou o rosto dela, fazendo com que o encarasse. — Repassei tudo na minha mente e não consigo encontrar uma justificativa para toda essa mágoa que tem de mim. Fiz uma grande merda te colocando para fora da minha vida e sinto tua falta todos os dias...

As palavras fugiram por um momento, ele estava nervoso. Mirela sabia, pelo toque gelado das mãos dele, que o momento era importante e que ele estava lutando contra as próprias incertezas.

— Sabe, essa cidade é um péssimo lugar para te esquecer. Tudo aqui faz questão de me apontar o dedo, me acusar de ter permitido sua partida. — Renan abaixou a cabeça e passou as mãos pelo cabelo, em um gesto nervoso. — Mas que droga, Mirela! Desde o maldito momento em que virou as costas e passou por aquela porta tenho me culpado. Fiz uma promessa nessa sala certa vez. Disse que meu coração só bateria por você. Acredite, tenho levado a sério cada palavra.

Por que esse homem tinha que fazer isso com ela? Por que cada maldita palavra fazia seu coração sangrar?

Houve momentos em que precisou tanto daquelas palavras que ele acabara de falar e ele simplesmente não estava lá para dizê-las. O seu coração traiçoeiro estava quase gritando o nome dele através das batidas descompassadas, mas ela não cederia.

— Por favor, diga alguma coisa porque o seu silêncio está me matando.

— Estou noiva — foi a única coisa que lhe veio à mente. Mostrou o anel em uma tentativa de reafirmar a verdade de suas palavras.

— Mentirosa — Renan sussurrou, com um meio sorriso. — Eu sei de tudo.

Num gesto de ansiedade, se levantou e alisou a calça jeans colada, cruzou os braços e suspirou.

Não era nada fácil controlar as palavras. Pensando racionalmente, devia fazer jogar a verdade na cara dele e expulsá-lo de sua vida de uma vez por todas. Porém, o homem parecia realmente preocupado em entender o que se passou em sua vida.

— Como você sabe? — perguntou, por fim, mas já conhecia a resposta.

— Jonas...

— Claro, ele tinha que dar com a língua nos dentes.

— Mirela, escutou alguma palavra do que eu disse?

— Sim e devo admitir que fez uma escolha sábia de palavras, mas não muda o que falei. — Ela continuou de pé, tentando evitar olhá-lo para não desistir de falar as coisas que estavam entaladas em sua garganta. — Antes de sair pela porta daquele quarto com o meu coração sangrando, eu quis te dar um motivo para lutar pela sua vida, mas você não me deu escolha. Avisei que, se saísse, não haveria volta!

Renan balançou a cabeça.

Como poderia fazer dar certo? Como faria ela contar?

Sentiu uma enorme necessidade de tocá-la, talvez o contato despertasse algo. Ela fazia de tudo para evitar que seus olhos se encontrassem com os dele, tentava a todo custo evitá-lo. Então, ele focou no ponto fraco. Ficou ao seu lado, segurou a mão dela e pediu calmamente:

— Olha para mim, amor. — O corpo dela estremeceu. Era assim que ele a chamava antes de tudo. — Sei que pensa que fiz tudo de forma intencional, mas não foi assim que as coisas aconteceram. Mirela, passei por um momento difícil, por algo que não desejo nem ao meu pior inimigo. Fiz um julgamento errado do nosso relacionamento. Achei que não merecia ficar presa comigo em uma vida que, naquele momento, pensei ter se acabado. Consegue me perdoar por isso?

— Não posso. — Os olhos dela estavam marejados outra vez. Caminhou até o sofá, sentou levou as mãos ao rosto. — Se te perdoar, estaria

quebrando a promessa que fiz a minha *estrelinha*...

Seus olhos se encontram por um longo momento, não precisavam dizer nada. Naquele momento, houve uma trégua. Reconheceram a dor que ambos passaram, embora não apagasse a lembrança do abandono que Mirela sentia. Ela compreendeu que as lutas dele também foram árduas.

— Me conte o que aconteceu, Mirela. Não saber está me corroendo. — Os olhos dele brilhavam, cheios de lágrimas. Saber era importante para ele, ela percebeu — O que fiz?

— Presenteou-me com a coisa mais preciosa do mundo e depois não se importou em abandonar-nos à própria sorte.

— Entenda que não abandonei você. Apenas a deixei livre...O que houve com ela?

— Logo depois de você me enxotar da sua vida naquela maldita noite, saí daquele quarto em um estado emocional totalmente questionável. Acabei desmaiando na recepção do hospital, fui socorrida pelas enfermeiras — ela fez uma pausa para limpar as lágrimas dos olhos inchados. — Fiquei em observação e, na manhã seguinte, fiz uma ultrassonografia morfológica. Foi então que recebi a notícia que mudou minha vida para sempre. O laudo médico da minha *estrelinha* dizia: “*ausência parcial de massa encefálica, o que sugere anencefalia**”

Renan não fazia ideia do que aquilo queria dizer, mas Mirela passou a chorar descontroladamente.

— Shh, não chore. — Renan lhe afagou a mão, precisava arrumar uma maneira de arrancar toda aquela dor dela.

Transferiu-se da cadeira para o sofá, alcançando-a, e a puxou para si, passando os braços em volta dela, lutando contra suas próprias lágrimas. Beijou-lhe os cabelos, apertou-a em seus braços, enquanto os espasmos de choro a tomavam por completo.

Deixou que suas lágrimas também viessem e chorou com ela. Sentiram juntos a dor pela filha morta, e a voz em sua cabeça lhe acusava de ser culpado por todo esse sofrimento.

Então, a lembrança da conversa com Luísa lhe veio à mente e sentiu o seu coração acelerar.

Sua mãe tinha alguma culpa nisso, mas que droga!

***Anencefalia** é a ausência total ou parcial do cérebro em fetos - consiste em uma má formação rara do tubo neural.



23.

Dois anos antes...

Mirela passava a mão sobre a barriga, agora aparente. Aos sete meses de gestação, as palavras do médico tempos antes ainda ecoavam em sua cabeça.

“Sua filha tem má formação cerebral e não tem a mínima condição de sobreviver. Você pode entrar na justiça e pedir autorização para abortar. Não vale a pena levar essa gestação até o fim, será um sofrimento tanto para o bebê como para você e provavelmente ele nem aguenta até lá.”

O homem deixou bem claro que não havia tratamento ou cirurgia que resolvesse o problema e sugeriu que ela tirasse o direito de viver da própria filha. O deixou falando sozinho e saiu desorientada do consultório. Quem ele achava que era para decidir algo ou sugerir tirar a vida da própria filha? A sugestão a deixou indignada.

Pegou o ônibus, foi até a casa dos pais, chorando a viagem inteira. Tudo o que mais queria era estar de mãos dadas com Renan, porém ele tomou a decisão de mantê-las fora de sua vida.

Após uma longa conversa com sua mãe, Mirela tomou a decisão de levar a gravidez até o final. Não poderia negar isso ao pequeno pedacinho do amor que compartilhou com Renan. Na mesma noite, pegou o primeiro voo de volta para Montreal, com uma promessa de seus pais de que tudo ficaria bem e que logo se juntariam a ela.

Mirela tinha assumido a responsabilidade pela vida daquela criança no momento em que a percebeu dentro de si. Sua pequena estrelinha estava ali, protegida nela, e já a amava.

Durante as conexões da viagem, fez algumas pesquisas rápidas na Internet em busca de algo que a orientasse, e os dados eram assustadores.

Cinquenta por cento das mortes em casos de anencefalia eram provocadas ainda na vida intrauterina. Dos que nasciam com vida, 99% morriam logo após o parto e o restante poderia sobreviver por apenas alguns dias ou poucos meses. Encontrou conforto nas lindas cartas escritas por pais

de bebês que nasceram com anencefalia. Leu-as entre lágrimas e, por fim, acabou se sentindo presenteada por esta fonte de amor gratuito que carregava em seu ventre.

Após o baque inicial, encontrou apoio da sua família e dos amigos.

Buscou se informar mais sobre o assunto, saber dos riscos, dos casos mais conhecidos, encontrar famílias que passaram pela mesma situação.

Somando tudo isso à fé que depositou em Deus, foi ganhando forças para aguentar até o momento em que sua pequena Esther resolvesse chegar. Passou a viver um dia de cada vez, agradecendo por cada dia de vida de sua estrelinha em seu ventre. Cada movimento na barriga era uma vitória que comemoravam.

Jonas acompanhou de perto sua gravidez com visitas frequentes, se desdobrando entre o Brasil e o Canadá. Tomou as responsabilidades de pai para si e nos últimos meses da gestação deixou tudo de lado e veio para Montreal para apoiá-la, apesar da mãe de Mirela estar lá.

Sua pequena o havia conquistado antes mesmo de vir ao mundo. A verdade era que haviam sido envolvidos pelo mais rico e puro amor ao se depararem com aquela experiência tão excepcional. Era um amor em que não havia expectativas de retorno, embora cada mexida de Esther em seu ventre demonstrasse que sentia todo aquele imenso amor que a cercava.

Jonas conseguiu convencer Mirela de viver aquele momento intensamente. Tiraram muitas fotos das fases da gestação, gravaram cada ultrassom, o amigo conversava por horas com sua barriga e a estrelinha sempre respondia com pequenos chutes.

Agora o desafio era se preparar para esta realidade que machucava tanto seu coração quanto os dos seus familiares.

Renan era um pensamento frequente. Mirela falava dele para sua estrelinha, contava como foram felizes no pouco tempo em que estiveram juntos.

— Acha que devo contar a ele, Jonas? — ela perguntou, pensativa, enquanto o amigo sentado ao seu lado acariciava sua barriga.

— Se eu estivesse no lugar dele, com toda certeza gostaria de saber o que está acontecendo. Passaram cinco meses do acidente e você nunca ligou ou procurou saber sobre a vida dele.

— Ele escolheu isso e me magoou muito. Foi como se ele tivesse

menosprezado tudo o que vivemos e sentimos, mesmo afirmando que estava me pedindo para me afastar por me amar.

— Mi, sei que está sofrendo, que os nossos dias estão difíceis, mas será que essa era mesmo a intenção do Renan, deixá-la fora da vida dele?

— Não sei, Jonas. Ele estava sofrendo, tudo foi tão doloroso para nós dois, mas ele não tinha esse direito.

— Quer saber o que acho sinceramente? — ela apenas acenou afirmativamente, encarando um ponto qualquer da sala do apartamento que dividiam. — Ligue para ele e conte tudo, pelo menos para que ele saiba o que está se passando na sua vida e sobre a nossa Esther. Sim, ela é tão minha quanto é dele.

A mulher concordou, relutante.

Jonas decidi deixá-la sozinha para que decidisse por si mesma.

Ela procurou o número de Renan em seu celular e num rompante ligou.

— Alô, é você Mirela? — a voz dele do outro lado da linha a fez estremecer — Eu sei que é você, ninguém me ligaria com número privado. Fale comigo...

Tum. Tum.

Ela desligou a chamada e pressionou o aparelho em seu peito, com as lágrimas quentes sobre o rosto. Seu amigo a fez prometer que contaria tudo a Renan, mas não conseguiria fazer aquilo.

Encarou a tela por alguns minutos, abriu o aplicativo de mensagens, digitou o nome dele e a foto ainda era a mesma de um ano atrás. No status, uma mensagem que contradizia com os sentimentos que ele expressou tempos antes.

“Sempre há um motivo para agradecer, mesmo que você não perceba”

Pensou por um momento se deveria contar tudo a ele e, por fim, decidiu enviar uma mensagem.

Que se dane! Ela estava a praticamente um oceano de distância e o homem não tinha condições de ir atrás dela. No fundo, seu coração se encheu de esperanças ao ouvi-lo.

“Sei que prometi sair pela porta daquele hospital e não olhar para trás, mas preciso te dizer que temos um fruto do nosso amor sendo gerado em meu ventre. Me desculpe te contar só agora... Não sei como está sua vida e sei

que provavelmente não caibo mais nela, muito menos um bebê. Só quero que você saiba que não houve um minuto sequer nesses meses que eu não pensei em você ou no que vivemos. Estamos no sétimo mês de gestação e tudo vai bem. Te amamos, papai!”

A mensagem foi lida, mas não houve resposta. E as esperanças de que tudo ficaria bem entre eles foram se esvaindo. Não quis mencionar o problema que havia sido detectado na filha deles, aquilo era assunto para uma longa conversa ao telefone.

O celular de Mirela vibrou e a tela exibiu uma mensagem de um numero desconhecido.

“Que espécie de golpe é esse, Mirela? Você não acha que estragou demais a vida do Renan? Para de ser burra e vê se esquece que ele existe. Qual parte do “acabou tudo entre nós” você não entendeu? Será que é tão difícil de entender. Acho que não, né?! O Renan fica bem melhor sem você, sua songamonga metida a besta. Fique longe dele, você e esse fedelho que carrega. Duvido muito que seja dele, sua golpista de quinta categoria.”

Com as mãos tremulas, Mirela digitou rapidamente.

“Quem é você e o que o faz pensar que sabe alguma coisa da minha vida?”

O coração batia descompassado, o medo a tomou e Esther deu um leve chute, mostrando que também estava sentindo a mesma coisa.

“Não interessa quem sou, sua golpista miserável, sei exatamente o seu objetivo. Desista, colega, é só um pequeno aviso... Acho que deveria saber que ninguém da família dele te suporta, sua Barbie sem sal. O Renan está curtindo com a sua cara nesse exato momento. Todos sabemos dessa sua mensagem idiota, rimos muito. Quer enganar a quem com esse “te amamos, papai”? Deixa de ser trouxa que ele não dá a mínima para você. Faça um favor a si mesma e tenha amor próprio, gata!”

As palavras a machucaram mais do que deveriam. Ele nunca faria aquilo com ela. Apesar de tudo, ainda confiava nele.

“Mentira, Renan nunca faria algo para me magoar, não dessa maneira”

O aparelho vibrou mais uma vez e Mirela estava tomada pelas incertezas, todo o seu corpo estava desmoronando, as lágrimas ameaçaram cair... Passou a mão sobre a barriga, na dúvida entre ler ou deletar a mensagem. Mas optou pela primeira opção.

“Tenho provas.”

As duas palavras seguidas de um print de tela lhe tiram o ar. Ele realmente estava caçoando dela. Aquilo doeu muito mais do que a rejeição dele meses antes. O homem falava dela de uma maneira pejorativa e a ridicularizava. Foi uma traição da pior maneira. Como ele poderia ter feito aquilo com o sentimento deles, com o que viveram? Como ele podia diminuí-la daquela forma?

“Não diga que não avisei, sua songamonga”

Sentiu sua barriga se contrair enquanto o desespero começava a tomar proporções que desconhecia. As lágrimas e os soluços inundavam tudo. Como pôde ser tão tola e acreditar nas palavras dele? Como pôde ser tão tola e acreditar nas falsas lágrimas que ele derramou? E acima de tudo, como pôde acreditar naquele amor fingido?

Talvez esse fosse o objetivo desde o início. Provavelmente, todas as palavras bonitas teriam sido ensaiadas previamente. O mundo dele nunca foi o seu, tudo esteve errado desde o início.

Mirela respirava com dificuldade, a dor atingia todo o seu corpo. Por que tudo aquilo estava acontecendo em sua vida? Ela se levantou com dificuldade e foi até a janela do apartamento. Não bastava conviver com a rejeição dele, teria que viver sem sua filha também, a única coisa que havia restado de ambos.

Não era justo que sua filha não tivesse o direito de viver como as outras crianças.

Não era justo que não pudesse acalantar sua filha durante as noites insones por alguma cólica ou febre.

Não era justo que tivessem lhe roubado o direito de ser mãe daquela pequena e indefesa estrelinha.

Nada era justo.

Sua barriga se contraiu novamente e trouxe junto uma dor desesperadora. Sentiu o líquido quente escorrer por suas pernas. Não podia acontecer agora. Precisava proteger seu bebê por mais tempo. Outra onda de dor a consumiu, levou as mãos a barriga e falou baixinho: – Vai ficar tudo bem, estrelinha, mamãe promete.

E, de repente, não conseguia mais controlar os gritos quando a dor vinha cada vez mais forte. Com muito esforço, sentou-se em uma poltrona

próxima e viu quando Jonas entrou desesperado na sala, a pegando no colo e correndo para fora em direção à garagem. Tudo a sua volta se escureceu...

A dor ameaçava quebrar seu corpo ao meio, não conseguia manter-se lúcida por muito tempo. Era como se o seu cérebro estivesse entrando em colapso. Consequia ver apenas pequenos flashes de imagens que não sabia distinguir se eram realidade ou fruto de sua imaginação.

— Pelo amor de Deus, me ajuda. Minha amiga está morrendo — ouviu a voz de um Jonas desesperado quando entrou no hospital com ela nos braços. — Aguenta firme, Mi, você é forte... Estrelinha, escuta o papai, vai ficar tudo bem.

O grito desesperado de Mirela com uma nova contração fez com que as enfermeiras agilisassem o atendimento.

Passaram com ela para a observação enquanto Jonas ligava para dona Márcia, mãe de Mirela, para avisar sobre o ocorrido. Ela havia ido ao supermercado quando tudo ocorreu, pediu que viesse imediatamente ao hospital e trouxesse a pequena mala com as únicas coisas que compraram para a pequena Esther e algumas roupas para Mirela.

Ele andou de um lado para o outro em agonia, passando as mãos pelos cabelos. Tinha alguma coisa errada. A obstetra os havia tranquilizado na última consulta, a pequena guerreira estava se desenvolvendo bem. Apesar dos contratemplos, aguentaria as trinta e oito semanas. Mirela estava apenas com vinte e sete semanas de gestação.

— Eu preciso entrar, moça, por favor?

A enfermeira o olhou, inexpressiva.

— Você é o pai do bebê?

— Sim — respondeu num impulso em meio à angústia que o tomava. — Por favor, me fale o que está acontecendo.

— A paciente está sendo preparada para a cesariana, a bolsa rompeu e não há dilatação. A médica dela foi informada, os batimentos cardíacos do bebê estão fracos, precisamos agir rapidamente.

— Não... não isso não pode estar acontecendo agora. — Jonas pôs a cabeça entre as mãos. — Preciso entrar, tenho que estar com elas, minha estrelinha precisa de mim e Mirela também...

A mulher assentiu e, com relutância, permitiu a sua entrada no centro cirúrgico

Mirela estava anestesiada e as dores controladas. Quando Jonas entrou na sala de cirurgia, ficou ao seu lado, segurando a mão dela, enquanto a pequena Esther estreava em um mundo que havia sido cruel o bastante com ela.



24.

Ouvir o choro de sua filha naquela tarde foi uma das sensações mais incríveis que Mirela experimentou em toda sua vida. Sentiu as lágrimas quentes molharem o rosto enquanto Jonas, emocionado, afagava seus cabelos.

Quando o pediatra veio trazê-la para seus braços, um Jonas meio bobo pôs-se a tirar fotos. Ela era linda! Tinha a boca de Mirela e os olhos de Renan. Seu chorinho insistente era como se pedisse por proteção. Em meio ao choro, Mirela beijou a pequena estrelinha e pediu desculpas pela vida tão breve que lhe daria.

Jonas e Mirela sentiram-se envolvidos por uma onda de amor que não sabiam exatamente de onde havia surgido. Quando levaram a pequena Esther, ambos ficaram com uma sensação maravilhosa, pois tudo que haviam pedido tinham conseguido: que tivessem pelo menos um curto momento para curtir-la.

Mais tarde, a médica da UTI Neonatal pediu que levassem Mirela até lá, pois os batimentos cardíacos estavam caindo e um alarme soava, alertando seu estado crítico. Quando viu sua filha, Mirela não conseguiu conter a emoção de observar melhor sua pequena. Admirou silenciosamente os pezinhos, as mãozinhas delicadas, o corpinho minúsculo desnudo. Sua filha era a coisa mais linda e fofa que tinha visto. O amor transbordava em seu peito. *Como era possível amar daquela maneira?* Ser mãe era a melhor sensação da vida.

— Amo você, minha estrelinha — ela disse num sussurro. — Desculpe não poder te oferecer mais que isso, desculpe não poder tocá-la como anseio, desculpe não poder te amamentar e não poder sentir seu cheirinho, minha pequena guerreira.

A mão de Jonas apertou o ombro da amiga. Ele também estava sofrendo, mas prometeram fazer dos poucos momentos algo que ficasse na memória de ambos.

Enquanto dona Márcia presenciava o momento em silêncio ao lado deles, o coração da jovem senhora estava doendo tanto pela filha como pela neta. Por mais que estivessem se preparando para o momento, nada se comparava a vivê-lo. Sua neta era um pedacinho de amor que veio ao mundo com a missão de ensinar a todos eles que anjos existem e os encontramos

onde menos esperamos.

— Também amo você, minha pequena guerreira. Sou o papai — Jonas falou, segurando a mão de Mirela —, não o aquele que é responsável pela sua beleza — ele enxugou as lágrimas —, mas aquele que te amou desde sempre.

Enquanto conversavam com ela, os monitores registraram que seus batimentos começaram a subir, para a surpresa, inclusive, da enfermeira que os acompanhava.

— Depois dizem que não tem vida... — a mulher disse, emocionada.

Foi a prova física do que a jovem mãe sabia. A pequena Esther a reconheceu como a pessoa que a protegeu durante sua curta vida. Todos aqueles pequenos momentos foram inesquecíveis. Saber que não havia sido nada em vão, que era importante para o pequeno ser cercado de amor.

Talvez eles nem fossem merecedores de tamanha alegria, mas a confirmação era tudo o que precisavam.

Cinco horas depois do parto, a médica a chamou novamente, pois o estado da pequena estava se agravando. Quando cruzaram a porta da UTI neonatal, sua estrelinha não respirava mais. Sofreu uma parada respiratória, mas seu semblante era de que não tinha sofrido.

Mirela lembrou-se naquele instante do motivo que a trouxe ao hospital. Como a pessoa que lhe deu a oportunidade de ter a melhor experiência também tinha sido responsável por encurtá-la? Renan era o culpado.

Ela segurou o corpinho inerte de sua filha e percebeu naquele momento que ela a estava vendo e sabia do amor que tinham por ela. Beijou o rostinho e ficou ali, admirando sua pequena Esther.

— Ele nunca mais vai me fazer sofrer, nunca mais vai chegar perto de mim, nunca mais vai me tocar... Prometo a você, minha estrelinha — disse baixinho para a filha, acariciando o rostinho inerte, enquanto sentia próprio coração se contrair em uma dor inexplicável.



25.

— Devia ter me contado, eu tinha o direito de saber.

Renan encarava Mirela, que após a crise de choro, contou o que aconteceu sem dar muitos detalhes.

— Você não pode ser tão cretino assim, Renan — ela o encarou, procurando algum resquício de que o homem realmente não tivesse lido a maldita mensagem que desencadeou a chegada prematura de sua filha. E o semblante abatido lhe revelava algo assustador. Ele nunca tinha lido a mensagem!

— Sem rodeios, me explica por que sente tanta raiva a ponto de prometer a nossa filha que nunca chegaria perto de mim?

— Renan, você nunca leu aquela mensagem, não é mesmo? Nem faz ideia do que estou falando.

— Não, não sei que mensagem é essa. — Ele tocou seu rosto, mostrando que não estava mentindo. — Olhe para mim... Acha que ficaria indiferente a alguma coisa que viesse de você?

Vendo-o agora, a desolação em seu rosto, a maneira como tentou acalmá-la... Não fazia o menor sentido. O culpou gratuitamente todo esse tempo.

Mirela pegou o aparelho celular, ignorando os questionamentos, o que o deixou extremamente irritado.

— Me responda, querida!

— Estou falando disso — disse, oferecendo o aparelho para ele.

As mensagens que ele leu na tela o deixaram ainda mais confuso.

— Não estou entendendo. Por favor, me explique o que significa isso...

Sem dar uma palavra ela mostrou a mensagem que havia enviado a Renan, que a olhou perplexo.

— Você enviou para mim?

— Sim.

— Nunca havia visto essa mensagem até hoje. Preciso que acredite em mim — ele deslizou as pontas dos dedos pelo rosto dela — Essa outra tela que me mostrou... acha que fui eu quem escreveu essas baboseiras sem sentido sobre você?

A mulher fez um leve movimento em afirmação.

— Meu Deus! Que espécie de homem acha que sou?

O jeito como ele a olhava, a maneira como as palavras saíam, a convenceu de que tudo não passou de uma armação ridícula que lhe custou a perda precoce da filha. Mas não diria aquilo a ele, via culpa demais nos olhos de Renan.

— O tipo que me mandou ir sem olhar para trás — afirmou, ainda magoadada.

— Não diga isso, já expliquei que só queria deixá-la livre para fazer suas próprias escolhas. É tão difícil entender, Mirela?

— Eu amava você, Renan, não tinha o direito de fazer o que fez — ele a olhou, perplexo.

— Não me ama mais? — perguntou, segurando-lhe a mão.

— Eu não sei mais o que sinto por você — Mirela disse, afastando-se.

— Não faz isso com a nossa história. Fui um completo idiota te pedindo o impossível. Me dê uma chance de consertar esse estrago. — As palavras penetraram fundo nela. Ele era mais uma vez o cara por quem havia se apaixonado.

Queria perdoá-lo, viver sem todo o peso da culpa. Ele a puxou novamente para perto, as mãos percorreram o rosto delicado.

— Preciso que entenda que, não importa o que aconteça, sempre vou amar você. Não me peça para ir, porque não farei isso. Me perdoe, mas não posso deixá-la ir sem antes lutar. Eu te amo e sei que em algum lugar nesse coração ainda me ama também.

— Mas eu perdi a nossa filha... você não pode me amar — ela encarou as mãos com os olhos inchados pelas lágrimas.

Ele encostou sua testa na dela e segurou o belo rosto entre as mãos.

— Você não teve culpa, amor — as palavras saíram doces, fazendo todo o peso começar a se esvaír. — A culpa é minha. De qualquer maneira, agora que sei sobre ela, preciso dizer que a queria tanto quanto você a quis.

— Ela tinha os seus olhos, Renan — Mirela disse com a voz embargada, apertando as mãos dele em seu rosto.

Não tinha como as palavras dele serem falsas. Com ele não haviam meias palavras; era tudo ou nada. Devia ter acreditado desde o início que ele não faria nada para magoá-la.

— Embora não saiba — ele disse, encostando os lábios na testa dela —, você me deu o melhor presente que um homem pode querer. Me deu uma filha e apesar dessa tragédia que nos atingiu, nós vamos superar isso juntos. Quero saber tudo sobre ela, se você estiver pronta, claro.

Mirella fechou os olhos e ele encostou os lábios nos dele, em um carinho leve. Depois, ela descansou a cabeça no ombro de Renan por um longo momento. Apenas as batidas descompassadas dos seus corações podiam ser ouvidas, as respirações aceleradas.

Ele nunca mais a deixaria, isso era fato!

— Mirela — ele sussurrou seu nome enquanto a mão dela descansava sobre peito dele.

Os olhos se encontraram e existia um mar de incertezas. Renan segurou o rosto dela entre as mãos e capturou os lábios doces com uma urgência que jamais teve.

Ela deixou que o sabor a preenchesse, levando embora toda a dor que sentia. Ainda era cedo, mas agora sabia que a dor ia diminuir, que chegaria o momento em que conseguiria seguir em frente sem todos os sentimentos ruins que sentia.

Renan a queria em sua vida, nunca quis tanto alguém como ela. Secretamente, seu coração esperou todo esse tempo por isso. O encontro dos lábios trouxe pequenas correntes elétricas, o cheiro dela o consumia. Precisava fazer tudo certo dessa vez, afastou-se e encostou seu nariz no dela, sentindo a respiração voltar ao normal.

— Quero seu amor de volta, Mirela, nem que seja a última coisa que eu faça na vida. — Os lábios dela buscavam desesperadamente a boca dele, que se afastou, ofegante e ciente de que ainda havia um longo caminho a ser percorrido por ambos.



26.

O suor escorria pelo rosto de Renan ao final da última sequência de exercícios. O ritmo dos seus treinos tinha se intensificado nos últimos meses. Após o acidente, ele constatou que não tinha nenhum controle de tronco, mas acabou adquirindo, aos poucos, com a reabilitação e posteriormente com o crossfit.

Apesar de ter uma rotina de exercícios antes do acidente, as coisas tinham mudado bastante. O primeiro ano foi extremamente difícil, chegou a fazer até dez fisioterapias semanais. A depressão, por vezes, ameaçava se instalar, mas com a ajuda da irmã caçula e do esporte, conseguiu superar.

Muitas pessoas ficavam chocadas ao verem do que ele era capaz de fazer, mesmo estando em uma cadeira de rodas.

Estava indo para o seu carro quando notou uma moto estacionando na faixa amarela do seu lado do motorista. Acelerou um pouco e pegou a pessoa desavisada.

— Uou, amigo, sabe que não pode estacionar sua moto aí, né?

— Tem tanto espaço aí, cara, seu motorista consegue entrar de boa...

Renan inspirou, procurando pelo menos um resquício de paciência para não ser o bruto e ignorante que algumas pessoas esperam.

— Beleza. Eu sou o motorista, o que significa que não consigo entrar no meu carro simplesmente porque você decidiu que tem espaço suficiente para alguém passar.

— Não sabia, cara, desculpa aí — o homem disse, retirando a moto da faixa e se direcionando ao estacionamento exclusivo para motos que, aliás, estava vago.

Cadeirantes ficam putos da vida quando andantes utilizam a vaga direcionada a eles. Não é só porque não conseguirão acessar os locais. Para parar em uma vaga de cadeirante, a pessoa precisa ter um cartão que custa um bom dinheiro por conta de todo o processo para ser feito. A pessoa tem de fazer várias coisas para ter o direito de estacionar em uma vaga de deficientes. Por esse motivo, não é nem um pouco justo que alguém se sinta no direito de fazer esse tipo de coisa só porque está com pressa.

Seguiu em direção ao seu escritório para mais um dia de trabalho. O pensamento voou para Mirela. Precisava fazer alguma coisa para reconquistá-la. Os sentimentos ainda estavam lá, sabia disso, mas tinha que mostrar que sua vida sem ela não fazia sentido algum.

Não queria pressioná-la apenas uma semana após o encontro cheio de revelações. Tinha começado um plano para derrubar os muros que ela havia construído em volta de si. Precisava ser paciente e que a decisão de voltar para sua vida viesse dela.

— Bom dia, Dr. Renan. As pastas que me pediu estão na sua mesa. Ah, já enviei as flores para a moça — sua secretária informou ao vê-lo sair do elevador.

— Obrigada, Berta! Você é meu anjo da guarda. — A mulher de meia idade sorriu discretamente. — O dia hoje começou cedo demais, mas me sinto ótimo. Pode trazer um café para mim, por favor?

O celular vibrou dentro da pasta.

Obrigada, dizia a mensagem de Mirela. Apenas uma palavra e o sorriso largo invadiu seu rosto. Ela valia a pena. Não conseguiria apagar o passado, mas criaria novas lembranças e a faria feliz.

— Sonhando acordado, engomadinho?

— Por que você sempre ignora minha secretária, Alex?

— Sua secretária virou fantasma agora? Porque não vi ninguém lá fora, mas sou seu primo, não preciso ser anunciado.

— Você é mesmo um idiota. Já pensou se eu estivesse com um cliente? — era inútil tentar enfiar isso na cabeça oca dele. — O que te traz aqui tão cedo? Não deveria estar treinando para o campeonato nacional? Se manchar o nome dos Barbieri no motocross, juro que dou um jeito de impedir que pise num circuito pelo resto da sua vida.

— Calma aí, mano. Tirei umas semanas de folga, relaxa — Alex disse, sentando na cadeira giratória a frente do primo —, mas você está aí com essa cara de besta porque, posso saber?

— Mirela.

— Caraca! Tu ainda está nessa? Já viu as revistas da semana passada?

Sua secretária chegou com o café.

— Tá gata, hein, dona Berta — Alex sempre a deixava sem graça. —

Sei que o meu primo não é de elogios, ele ficou bem chato de uns tempos para cá. Não liga, não. Ele te ama, acabou de me dizer isso.

— Obrigada, seu Alex! Se precisar de mais alguma coisa, pode me chamar, Dr. Renan. — Ela se retirou.

— Então? Viu ou não as revistas?

— Sim, para todas as perguntas. Não tem como esquecer aquela mulher. Só para efeito de informação, aquele anel no dedo dela não significa nada.

— Deixa eu ver se entendi — ele disse, gesticulando. — Vai tomar ela do Jonas a qualquer custo?

— Você nunca me deixa terminar, Alex.

O primo sorriu e coçou a cabeça.

— Mirela não está noiva, era só uma brincadeira e deu no que deu.

— Então explica, né, meu irmão?! Porque o Jonas é meu *brother* e isso eu não apoio. Mas chega de falar de você e vamos falar de mim, que é o que realmente interessa. Acho que estou apaixonado!

Renan gargalhou alto, foi inevitável. Seu primo não era o cara que se apaixonava, ele tinha uma fama de destruidor de corações.

— Ouvi direito?!

— Nem você acredita em mim, Renan. Desse jeito fica difícil. Achei que pudesse me dar uns esclarecimentos.

— Sou todo ouvido — a ironia em sua voz foi evidente.

— Encontrei uma gata sábado passado. Estava no cinema e *puft*, ela caiu em cima de mim com um balde de pipocas. — Renan se espantou com as coincidências da cena vivida por ele anos antes. — Depois disso não desgrudamos mais, sei lá... Ela tem um corpo perfeito, uma boca deliciosa e uma língua afiada.

— As histórias que começam assim geralmente acabam em desastre, Alex. Nós Barbieri dominamos a arte de enfiar os pés pelas mãos e acabamos fazendo tudo da maneira errada.

— Como soube que era a Mirela?

— Não sei. De uma hora para outra eu não conseguia mais viver sem ela. Tivemos uma filha...

— Como é? — Alex encarou o primo, abismado. — Entrei na máquina

do tempo e ninguém me avisou?

— Quando sofri o acidente, ela estava grávida. Não me olhe com essa cara de acusação. Eu não fazia ideia disso até semana passada. A própria Mirela jogou na minha cara como se eu soubesse de tudo e me recusasse a assumir minhas responsabilidades.

— É muita informação para absorver de uma vez só. Onde está sua filha?

— Morta — a tristeza em sua voz era nítida.

— Nossa, sinto muito, cara!

Renan contou com detalhes o que sabia sobre o acontecido. Seu primo era um bom amigo. Depois do acidente, acabaram se aproximando ainda mais.

— Olha, Renan, não me leva a mal, cara, mas tenho certeza que tem o dedo da tia Renata e da Duda nessa história. Minha tia nunca engoliu esse seu romance com a menina louquinha. No seu lugar, tiraria isso a limpo.

— Quero me convencer de que não foi a minha mãe ou a Duda, mas tudo conspira pra elas. Eu a amo, preciso dela na minha vida.

— Se você gosta mesmo, não deixa ela ir novamente. Argh! Virei até conselheiro amoroso, o que será de mim daqui para frente?

— Isso é só o começo!



O celular tocou insistentemente enquanto Mirela saía do banho. Ela sorriu ao encarar a tela.

— Oi.

— Oi, incomodo? — a voz do outro lado perguntou.

— Não, acabei de chegar do trabalho. Obrigada pelas flores! Rosas amarelas, você não esqueceu. — Renan, tinha essa coisa de surpreendê-la com coisas assim. Havia esquecido o quanto isso a colocava nas nuvens.

— Você não é o tipo que se esquece num estalar de dedos — a voz dele lhe causou arrepios. — Tem planos para mais tarde?

— Não costumo sair, só quando sou arrastada por Karen e Jonas.

— Janta comigo? — o homem hesitou ao perguntar.

Ela pensou por um momento. No fundo, esperou o convite a semana toda, mas não aconteceu. Em alguns momentos, chegou a pensar que as palavras dele tinham sido apenas isso, palavras. Mas, então, começou a receber flores todas as manhãs, acompanhadas de um cartão com uma única frase. Te amo.

Por que não dar uma nova chance a ele? Afinal, ele era o responsável por sua vida amorosa estar um desastre.

— Tudo bem. — A conversa entre eles não fluía mais como antes, as mágoas haviam deixado suas marcas.

— Te pego às nove!

Revirou seu closet à procura da roupa certa e, no final, decidiu por um vestido leve de costas nuas que ia até o meio das coxas. Fez uma maquiagem leve, queria relembrar da garota cheia de atitude que aceitou namorar um cara lindo por uma semana.

Estava nervosa com o encontro. As mãos suavam, as pernas tremiam, o coração queria saltar do peito. Apesar de tudo, ele ainda era o Renan, o pai de sua filha, o homem que a fazia suspirar.

Quando entrou no carro, sentiu que já não guardava tanto rancor dele. Todo esse tempo cultivando ressentimentos e, no fim, nada era o que ela pensava ser.

— Está deslumbrante — Renan elogiou, beijando-lhe o rosto.

— Obrigada!

Ele a levou a um restaurante aconchegante. A conversa era leve, falavam apenas sobre coisas triviais.

Em alguns momentos, Renan tomava a mão dela e levava aos lábios, em um carinho leve. Os olhos ternos a diziam que iriam ficar bem.

— Mirela — ele mudou o tom de voz ao dizer seu nome —, não sei se deixei claro o bastante, mas quero você na minha vida. Nunca quis tanto como...

— Talvez não seja o momento de falar sobre isso — ela o interrompeu, puxando a mão. Falar sobre os sentimentos não era tão fácil como gostaria que fosse.

— Pare de fugir de mim, amor.

— Não estou fazendo isso... — a resposta não o convenceu.

— O que mais eu preciso fazer para que se convença de que as minhas intenções são verdadeiras e que não pretendo machucá-la?

— Eu sei que não quer isso, Renan. Mas não posso esquecer o passado, não consigo. Eu perdi a minha filha, e é uma dor que não consigo arrancar do meu peito. Por muito tempo canalizei toda a minha raiva para um culpado: você. Mesmo que, no fundo, eu soubesse que era só mais uma vítima das maldades de pessoas mesquinhas. Não consigo mudar isso do dia pra noite.

Ele a encarou, pensativo. Sabia que ela tinha razão, assim como também sabia que podiam se livrar dos fantasmas dela juntos.

— Boa noite. É difícil se esconder nessa cidade, viu?! — Alex os cumprimentou, sorrindo e segurando a mão de uma mulher que tentava se esconder atrás dele. — Não adianta, Karen, eles iam nos ver de qualquer jeito.

Mirela os encarou, perplexa. Então esse era o quase namorado misterioso de sua amiga? Fuzilou Karen com um olhar, que pedia desculpas silenciosamente.

— Deixa eu ver se entendi, Alex, sua garota é ela? — Renan perguntou, divertindo-se com o embaraço da mulher ao lado do primo.

— Algum problema com isso?

— Não, a vida é sua.

— Alguém pode, por favor, me explicar o que está acontecendo aqui? — Mirela perguntou por fim.

— Oi, Mirela. Tudo bem? — Alex a cumprimentou.

— Tudo. Estão se pegando há quanto tempo? — direcionou o olhar interrogador para a amiga.

— Não é relevante, Mi. Quanto a você, Alex — ela disse, fuzilando o homem, que lhe apertou a cintura —, ouviu alguma coisa do que eu disse sobre discrição? Podíamos ter saído sem ser notados.

— Desconheço essa palavra, mulher. — Ele exibiu seu melhor sorriso, e Karen desistiu de qualquer coisa que fosse falar. — Já jantaram? Podemos nos sentar com vocês um pouco?

Renan encarou o primo, querendo esganá-lo, mas ele o ignora.

Um casal improvável, Mirela pensou ao vê-los juntos. Apesar da surpresa e de estar chateada com sua amiga ingrata, gostou de saber que era ele o cara misterioso dela.

Conversaram por alguns momentos e logo se despediram na porta do restaurante. O caminho tomado por ele não era o da casa dela. Mais uma vez, ele subia a serra em direção ao mirante.

Ele parou o carro em um ponto de onde podiam ver as luzes da cidade. A noite parecia carregar uma certa magia. O local estava praticamente vazio, apenas alguns casais de namorados ao longe.

— Eu precisava de um momento a sós com você, Mirela. Tem sempre alguma coisa acontecendo a nossa volta, impedindo que terminemos nossas conversas. — Renan soltou o volante e tocou seu rosto. — Sei que temos um longo caminho a ser percorrido, mas acredito que podemos fazer isso juntos, de mãos dadas. Chega de estarmos longe, chega das pessoas se meterem na nossa vida. Vamos viver, apenas isso.

A mulher segurou a mão dele, tudo nela vibrava, era uma ideia tentadora.

— Sem aquela coisa de tempo, não tenho paciência para isso mais, Mirela. — Ela riu da impaciência dele. — Sei que a minha condição hoje é um fator a ser ponderado, não sei se está preparada para isso.

— Sua condição não está sendo julgada. — Ela o encarava com os olhos brilhantes.

— Que bom, porque eu amo você e nunca mais vou abrir mão disso. Prometo que vou fazer tudo no seu tempo. Depois de tudo que vivemos, acho que o mínimo que posso fazer é isso.

O toque dele a fez fechar os olhos. Sentiu saudades, mais do que gostaria de admitir. Ele era seu vício, sua cura, seu amor, seu tudo... Por mais que tentasse ignorar, não podia negar o que sentia. Pelo menos para si mesma precisava admitir.

Renan continuava sendo culpado. Culpado por ter um sorriso desconcertante, por tê-la feito se apaixonar em tão pouco tempo, por roubar seu coração e simplesmente deixá-la ir. Havia muitas cicatrizes para serem curadas, mas sentindo seu carinho, percebia que ele as curaria.

— Como pretende fazer isso? — ela perguntou em meio à confusão de sentimentos que a invadia.

Os rostos estavam próximos, a respiração quente dele tocava sua pele, fazendo os pelos eriçarem. A mão contornava a linha do seu rosto, fazendo-a fechar os olhos e suspirar lentamente.

— Quer namorar comigo? — a voz dele sou trêmula, pelo medo da resposta. — Do jeito certo. Vamos devagar, mas sem precisar se esconder. Somos adultos. É a coisa certa.

Com os lábios de Renan tão próximos, concordaria com qualquer loucura que saísse daquela boca linda. Ficava difícil raciocinar direito. Mas o pedido era legítimo, não era um impulso nem uma brincadeira boba. Ele estava diferente e queria conhecer esse novo cara.

— Sim, eu acei... — ele a interrompeu, colando a boca na dela. Não existia a menor possibilidade de não aceitar.

Espalmou a mão no peito dele, desajeitada pela posição dentro do carro. Mais uma vez, o mirante tinha sido palco de um momento decisivo em suas vidas, mas, dessa vez, fariam dar certo.

— Amo você, Mirela.

A declaração agora trazia um novo significado, estava lá por eles.

Depois das decisões tomadas, desceram do carro e ficaram curtindo a noite, sob o olhar perplexo dos poucos casais que ali estavam.

— Acho que as pessoas pensam que eu sou louca — ela sussurrou entre um beijo e outro, sentada no colo de Renan.

— Claro! Um cadeirante não pode ter uma vida, tem que ser coitadinho. Não acha isso, amor? — a ironia a fez rir.

— Não acho. Aliás, sabe o que eu acho? — Ele inclinou a cabeça para fitá-la e a incentivou a concluir o raciocínio. — Que as pessoas deviam se preocupar com a própria vida e nos deixar em paz.

Renan acariciou os cabelos macios com um sorriso largo no rosto, os lábios se tocaram em uma explosão de sensações. Naquele momento, só existiam eles, nada mais importava.

Que se danasse o mundo, as pessoas e seus conceitos pré-definidos sobre o amor!

Parte III - Revelações

“Absorva o que for útil, descarte o que não for, e adicione àquilo que for unicamente seu.”

(Bruce Lee)



27.

— Já estou indo, mas que coisa, Mirela! Será que você não pode esperar um minuto sem tocar a campainha? — Karen disse, abrindo a porta, ligeiramente irritada.

— Credo, que mau humor. Para quem passou a noite com o futuro campeão brasileiro de motocross...

— Para você ver que nem tudo nessa vida são flores — a amiga disse, sorrindo. — Não me venha com esse papinho, porque sei exatamente o que faz aqui.

— Desembucha, Karen. Me explica o motivo pelo qual eu não estou a par do seu romance com o Alex?

— O Alex é um bocudo. Bem lindo e gostoso, é claro, mas não era para ninguém saber disso agora. Desculpa, Mi, juro que ia te contar!

— Sei — Mirela fingiu indignação. — Pode me contar o que está rolando entre vocês? Tenho o dia todo. Hoje é sábado e estou de folga, portanto, temos tempo. O Jonas está muito bonzinho comigo. Estou até com medo.

— Fique tranquila que o bom humor do seu sócio tem nome e sobrenome. Andressa Zor!

— Que bando de traíra eu tenho como amigos...

— Tá, mas e você?

— O que tem eu?

— Não se faça de tonta que te conheço não é de hoje, Mirela. Como foi o encontro com o Renan?

Não era muito fácil esconder o sorriso bobo que tomava seu rosto desde o momento em que disse sim ao homem.

— O que posso fazer se a minha cabeça diz uma coisa e a boca verbaliza outra? O Renan me surpreendeu, parece mais maduro, sabe? Tem uma coisa que emana dele, acho que gosto disso.

— O nome disso é amor, querida! Satisfazendo a sua curiosidade, o

Alex é estranho, beija bem... não quero me envolver, sabe? Ele volta para a capital depois do fim de semana. E eu acompanhei de perto uma história parecida que acabou mal.

— Gosta dele?

— Muito, mas não posso.

— Onde está a garota com discurso motivacional sobre relacionamentos que vive me torrando a paciência?

— Sei lá, você deve ter perdido ela por aí — ambas sorriram —, mas me conte como foi com ele. O que vão fazer agora? Quais os planos? Existem planos?

— Calma ai! São muitas perguntas... Foi como achei que seria. Renan é incrível, não sei como acreditei por todo esse tempo que ele poderia ter me enviado aquelas mensagens que me machucaram tanto. Estamos namorando novamente, concordamos em ir sem pressa, mas nada de nos esconder. Planos? Quem planeja quando se namora o senhor das oportunidades?

— Uau, que evolução. Estou aqui torcendo por vocês. Amiga, vai dar tudo certo dessa vez.

Por mais que tentasse, Mirella ainda se sentia culpada por ter aceitado o pedido de Renan. Eles teriam muito o que enfrentar a partir de agora, começando pelo preconceito das pessoas, passando por suas dores que não haviam cicatrizado e chegando, por fim, ao inevitável enfrentamento com Renata e Duda.

Passou a manhã com a amiga e depois seguiu para o seu apartamento. Estava se preparando para comer qualquer coisa e passar a tarde atualizando suas series favoritas no Netflix, quando o celular tocou.

— Bom dia — a voz masculina disse do outro lado da linha. — Tem planos para hoje?

Mirela riu, parecia um déjà vu.

— Tinha, até atender o telefone.

— Fique pronta, passo aí em uma hora. Estou saindo do treino na academia, vou em casa tomar um banho e te encontro daqui a pouco.

Percebeu que não sabia mais nada sobre ele. Como assim treino e academia? Vestiu um micro short e uma regata, pegou o celular e resolveu que estava passando da hora de voltar para as redes sociais. Baixou o Instagram, digitou o nome dele na busca.

Como assim? Quer dizer que aquele peitoral definido não era obra do acaso?

Ele participava de competições de Crossfit. Seus seguidores haviam triplicado. Muitas fotos dele em competições, treinando, frases motivacionais, ele engomadinho na porta do fórum – ela riu dessa foto. Era um dos maiores medos dele, tornar-se um engomadinho.

Escutou o som da buzina, olhou pela janela e lá estava ele no seu ix-35, acenando para ela. Pegou sua bolsa, calçou o tênis e saiu ao encontro dele.

Entrou no carro e foi imediatamente puxada para um beijo que a deixou de pernas bambas. Algo lhe dizia que o destino seria o mesmo restaurante de tempos atrás.

— Mirela, preciso que me fale sobre a nossa filha. Não consegui assimilar direito as informações. Fiz umas breves pesquisas, mas quero que me conte como foi tê-la em seu ventre — Renan disparou assim que começaram a pegar a estrada.

— Foi a melhor sensação que experimentei na minha vida. Eu falava sobre você para ela, sabe... Ela dava chutinhos quando ouvia seu nome.

Os olhos dele estavam marejados, e Mirela pôs a mão sobre o seu braço.

— Por que não me disse antes? Eu queria ter vivido isso com você, ela era um pedacinho do nosso amor...

— O médico me sugeriu que abortasse, mas tomei a decisão de tê-la. A melhor escolha. Tenho fotos dela, os ultrassons gravados, registros da gravidez.

— Eu quero ver tudo. Tem outra coisa que me deixou intrigado. Por que pensa que eu falei aquelas coisas sobre você? Aliás, quem te mandou aquilo?

Ela limpou a garganta e começou a contar o que aconteceu nos momentos que antecederam a chegada de sua estrelinha.

— Enviei uma mensagem a você, contando sobre a gravidez. Recebi a notificação de leitura. Logo depois, comecei a receber uma série de mensagens, de um número desconhecido, me ofendendo. A princípio, não acreditei no que falavam. Daí mandaram o print. Eu estava com sete meses de gravidez, tudo ia muito bem. Quando li tudo aquilo, fiquei muito abalada e entrei em trabalho de parto. As malditas mensagens mataram a nossa filha...

As lágrimas eram inevitáveis para ambos. Apenas o silêncio pairava

sobre eles.

Chegam ao destino, ele estacionou o carro, mas não desceram. Ficaram ali, encostados um ao outro, chorando a perda da pequena Esther.

Renan sentiu-se responsável por tudo aquilo, Mirela tinha razão de sentir raiva dele. Descobriria quem fez aquilo com ela, mesmo que precisasse ir ao inferno. Traria a maldita pessoa e faria com que pagasse por tudo. Por Mirela e por sua filha! Ninguém tinha esse direito.

— Tem alguma ideia de quem pode ter feito isso? — ele disse, secando as lágrimas em seu rosto. Mirela fitou um ponto qualquer do carro para não o encarar.

— Não faço ideia — ela mentiu e Renan percebeu.

— Olhe para mim e me conte quem fez isso — ele pediu, tocando seu rosto.

— Entenda que eu não quero colocar você contra sua família, mas agora tenho certeza de que sua mãe e Duda estão envolvidas nisso.

— Mas que porra! — Ele esmurrou o volante e tencionou os músculos. — Quando é que essas duas vão parar de se meter na minha vida? Estou de saco cheio disso.

— Por isso não quero tê-las por perto. Não quero aproximação.

— Fique tranquila, não deixarei isso barato — afirmou, passando as mãos pelo rosto.

— Veja lá o que vai fazer. De qualquer modo, elas são sua família.

— Mas olha só o que fizeram conosco, Mirela? Deram um jeito de enfiar na minha cabeça que você não queria ter sua vida atrelada a alguém que estava condenado a um futuro incerto. Depois, por culpa delas, você teve um parto prematuro em uma gravidez que estava relativamente normal. Não posso ignorar essas coisas.

Ela encostou a cabeça nos ombros dele e fechou os olhos por um momento. Nos últimos dias, teve a oportunidade de repensar alguns fatos de sua vida, coisas que a machucaram de uma forma que achou ser irreparável. Quem no mundo não tem suas próprias batalhas? E daí que tinha sofrido?

As lições que ficaram a fizeram uma pessoa mais forte, só agora percebia isso. Se ela queria vingança? Claro, quem não quereria? Afinal, sentia cada vez mais que haviam roubado a felicidade dela.

Ninguém sabia das suas dores mais do que ela mesma. Viu sua felicidade escorrer pelos dedos por duas vezes. Só que talvez estivesse na hora de amar mais e julgar menos. Não queria que Renan alimentasse os sentimentos ruins que ela teve nos últimos tempos e que provavelmente ainda estavam lá. De alguma forma, aceitar o pedido dele fez com que ela quisesse passar uma borracha no passado.

Entrelaçou seus dedos nos dele e decidiu que tomariam uma atitude diferente diante de tudo. Claro que não esqueceriam; perdoar não é sofrer de amnésia, perdoar é se dar uma oportunidade de ser feliz sem tantos fardos e amarguras.

— Renan... — ela disse, procurando os olhos dele. — Não quero que isso afete você. Sei como está se sentindo agora, porque me senti assim por muito tempo. Vamos focar em nós, ainda estou confusa em relação ao que sinto e ao que temos agora. Se você quiser tirar essa história a limpo, prometo não impedir, até porque é um direito seu. Só quero que foque no que é importante para você hoje.

— Como você consegue dizer isso tendo passado por tantas coisas?

— Da mesma forma que você vive bem, sem rancor. Olha por quantas mudanças sua vida passou, Renan. Poderia ter se tornado uma pessoa amargurada, reclusa ou depressiva, mas escolheu viver da melhor maneira possível. Eu quero isso para mim também. Me ajuda a superar toda essa dor que sinto aqui?

Renan passou a mão pelos ombros dela, beijou-lhe os cabelos. Mirela sempre teve algo que o fazia querer ser melhor, e devia a ela toda a força para superar tudo o que passou de cabeça erguida.

— Sei que falhei em algumas promessas... Tá! Cometi umas bobagens ao longo do tempo que tivemos nossas vidas entrelaçadas. Vamos nos ajudar. Ambos temos medos escondidos, quem não tem? Encontraremos um jeito disso dar certo, Mirela. Amo você. Esperei todo esse tempo e não estou disposto a perdê-la novamente.



28.

Depois de saber um pouco mais sobre o que Mirela havia passado, as emoções se afloraram. Ele não conheceu a filha, o que era muito triste e lhe deixava com um aperto no peito. Não esteve do seu lado naqueles momentos.

Uma revolta ameaçava tomar conta dos seus pensamentos. Como as pessoas que ele amava tinham feito tanto mal a ela? Seu primeiro impulso foi dar meia volta e ir até sua mãe e tirar satisfações.

Deveria ter feito isso desde que Luísa lhe disse que Dona Renata tinha tudo a ver com essa história, mas esteve anestesiado nos últimos dias. Foi atropelado por tantas descobertas que não teve tempo para reagir.

As palavras de Mirela conseguiram aplacar um pouco da raiva. Era exatamente por isso que precisava dessa mulher, ela era seu ponto de equilíbrio. Ficaram em silêncio por um tempo.

— Vamos? — Renan a convidou depois de recuperar o controle de suas emoções.

— Você precisa de ajuda?

— Pode pegar a cadeira para mim? Espero que não se assuste com a minha parafernália. Foi você que aceitou namorar um cadeirante, que fique claro que não pressionei. — Ele toca o rosto dela e a beijou, sorrindo.

— Imagina, você nem insistiu muito.

Havia escolhido o mesmo restaurante, porque queria que fosse um recomeço para ambos. Nada melhor do que o lugar onde tudo começou realmente.

Mirela andou lado a lado com ele, mesmo ainda não sabendo ao certo como agir em algumas situações, ela escondia muito bem. O local tinha se tornado “acessível” há pouco tempo. Termo que, aliás, as pessoas entendiam como um lugar com uma rampa sem medidas corretas, um banheiro com porta larga e uma barra dentro. Não é bem assim que as coisas são na teoria.

Havia reservado a mesa na varanda de onde podiam admirar a queda d’água da cachoeira, respirar o ar puro e ouvir os sons da natureza. Um local de paz. Exatamente o que precisavam.

— Bom dia, a senhorita conhece os pratos da casa? — O garçom se aproximou, entregando o menu a Mirela e isolando Renan da conversa. — Seu irmão pode gostar desse aqui...

Renan assistiu à cena patética. O cara achava mesmo que uma mulher não podia namorar um cadeirante?

— Ele não é meu irmão — Mirela disse bruscamente — É meu namorado. Tem algum problema com isso?

— Não, me desculpe, moça — respondeu sem graça, ainda se direcionando unicamente a ela.

— Amigo, sou cadeirante e não surdo-mudo. Entendo perfeitamente tudo o que diz.

— Ei, você não é aquele cara do *crossfit* adaptado que deu uma entrevista na TV semana passada? — o homem na outra mesa perguntou, deixando o garçom embasbacado.

Resolvido o impasse, eles fizeram o pedido.

— De piloto ao “cara do *crossfit* adaptado”. Me conte sobre isso que estou curiosa, Renan.

— Bem, a Luísa que me apresentou ao esporte. Ela conheceu através do Instagram, pesquisou a fundo, assistiu vários vídeos na internet e conversou com um amigo dela que é *head coach*. Ela me levou para conhecer o *box* e, a partir daí as coisas aconteceram naturalmente. Quando dei por mim, estava participando de competições.

— Lembro-me de dizer que tinha espírito aventureiro, que gostava de sentir a adrenalina correr solta em suas veias. Essa coisa de esportista emana de você, mas confesso que fiquei surpresa ao ver suas fotos nas redes sociais hoje!

— Me *stalkeando* novamente, senhorita?

Ambos sorriram.

— Não. Sabe que não sou dessas coisas — a mulher disse entre risos.

— Vou fingir que acredito. Está de volta às redes sociais?

— Talvez. Estou observando um cara aí e seus seguidores loucos. Diz para mim que você não lê todos aqueles comentários malucos e nada discretos.

— Para sua decepção, leio todos e geralmente respondo. Me divirto

com eles.

— Tá! Você voltou a exercer sua profissão de formação? São muitas coisas novas para absorver.

— Quando a vida te oferecer limões, faça uma limonada — ele disse, piscando para ela. — Tudo é uma questão de ponto de vista. Tive o meu sonho de ser piloto interrompido? Ok, mas não vou morrer por isso. Existem milhões de possibilidades. Minha vida não acabou porque estou em uma cadeira de rodas.

— Suas atitudes são admiráveis. Depois do seu acidente e, posteriormente, quando perdi nossa filha eu me neguei a saber qualquer coisa sobre você. Proibi meus amigos de mencionarem seu nome em qualquer situação. Achei que talvez assim minha dor pudesse ser anestesiada.

— Me perdoe por tudo que a fiz passar, não foi minha intenção. Eu sei que parece exatamente o contrário para quem olha de fora, mas juro que não queria te fazer sofrer, Mirela.

Ele tocou a mão dela. Se não tivesse tomado decisões no calor das emoções, talvez sua vida fosse bem diferente da realidade.

— Vamos passar uma borracha no passado e começar novamente. Eu preciso disso, Renan!

Ela não disse que o perdoava, mas, pelo menos, não se recusou como antes!

O almoço foi agradável, desfrutaram da companhia um do outro sob olhos curiosos, que se arregalavam a qualquer demonstração de carinho deles.



— Fim de semana intenso, hein, sócia?!

Jonas a olhava cheio de curiosidade enquanto ela assinava os documentos com um sorriso bobo.

— O seu não parece ter sido menos interessante que o meu. Seu traíra...

— Eu? O que fiz de errado? — ele disse com um ar ofendido que a fez rir. — Até te liberei de um casamento fadado ao fracasso. Devia me agradecer, sabia?

— Não, querido, acho que você devia *me* agradecer. Afinal, sem a minha colaboração, jamais estaria desfilando por aí com essa sua cara de bobo

apaixonado. Tá pegando a Andressa novamente e nem teve a decência de me dizer!

— Calma, dona moça. Em minha defesa, ela que está me pegando de jeito.

— Devo ter cara de trouxa mesmo! Que belos amigos tenho. Uma me enrola dizendo que não estava preparada para me contar e o outro... — ela não termina a frase, apenas revira os olhos. — Também não conto nada mais sobre a minha vida para vocês.

O amigo explodiu em uma gargalhada.

— Não é como se tivesse escolha de nos contar, Mi, sua vida é um livro aberto. Viu sua foto no Instagram hoje?

— Foto? Que foto, Jonas?

Ele tirou o celular do bolso, procurou por algo e lhe entregou o aparelho, com um sorriso travesso no rosto.

No perfil de Renan, havia uma foto do casal e não era uma foto qualquer. Mirela estava sentada no colo dele, seus rostos colados e a felicidade estampada. A frase a baixo da foto fez seu coração bater descompassado.

“Sabe aquela história de alma gêmea? Sim, existe”

Quando Luísa tirou a foto no domingo, não imaginou que pararia nas redes sociais. *Qual o problema daquela família com a descrição?*

— Devo ter jogado pedra na cruz para merecer vocês. Qual o problema com o mundo?

— Eu lá tenho culpa de você namorar um *popstar* do *crossfit*? Bem-vinda aos holofotes novamente, sócia.

— Sou forte, aguento mais essa... e não pense que vai me esconder essa história da blogueira! Almoçaremos juntos e vai me contar tudo.

— Assina logo esses documentos que hoje o dia está cheio.

Jonas se divertia com a história toda, Mirela precisava de uma chacoalhada na sua vida.

O telefone tocou e a secretária dela anunciou que tinha alguém na recepção à sua espera, mas a pessoa se recusava a dizer o nome. Apenas insistia que precisava muito falar com ela.

Ao chegar na sala de espera, se deparou com um sorriso que faz seu corpo se tencionar.

— Uau. Você está muito gata, *Barbie*. Que *up* deu na sua vida, hein?!
— Duda Barbieri estava a sua frente, medindo-a de cima a baixo.

— O que faz aqui, Duda?

— Isso é jeito de receber sua cunhada, Mirela? Não vai me convidar para sua sala?

— Não tenho nada para falar com você!

— Ah, queridinha, temos muito o que conversar ou quer que eu comece meu show aqui mesmo?

Mirela sentiu o corpo estremecer, tinha começado tudo outra vez. Pensou que nunca mais em sua vida teria que olhar na cara daquela patricinha idiota. Seguiram para seu escritório.

— Que palhaçada é essa, *Barbie*? Quando é que vai entender que meu irmão não é para o seu bico? Ainda mais agora. Sabe que ele não pode te dar o que você gostaria?

— Está louca, Duda. Desde quando acha que pode se meter nos meus assuntos pessoais? Seu irmão é dono da própria vida. Te disse isso uma vez, mas você deve ter algum problema que te dificulta entender as minhas palavras. Direi pausadamente. Eu. Não. Tenho. Medo. De. Você. E. De. Suas. Ameaças. Quanto à capacidade do seu irmão de me dar algo, não lhe diz respeito.

Duda a fitou, sem palavras. Elas se encaram e a tensão dominou todo o ambiente.

— Não me enfrente, sua *Barbie* de araque, não sabe do que eu sou capaz.

— Sei exatamente do que você é capaz, Duda — Mirela disse, a centímetros do rosto da outra. — Você é uma pessoa capaz de destruir os sonhos alheios, é capaz de se opor contra o seu próprio sangue. É culpada pela morte prematura da minha filha e isso é uma coisa que eu nunca irei perdoar.

A cunhada ficou muda de repente. As palavras não saíam e a surpresa estava estampada em seu rosto pálido.

— Achou que eu nunca saberia que foi você, Duda?



29.

Mirela falou para a cunhada tudo que estava entalado, mas, mesmo assim, as palavras dela martelavam em sua cabeça.

Qual o problema da maldita mulher?

Apesar de tudo, conseguiu calar a cobra peçonhenta, que, de um jeito estranho, pareceu perplexa com a acusação de que havia matado a sobrinha.

No fim do dia, a tensão tomava conta dela. Não queria esconder nada de Renan, mas sabia que a conversa com a irmã dele o deixaria chateado. Pegou várias vezes o telefone para ligar e contar, só que acabou decidindo que não ia incomodá-lo com essa história, não hoje.

Pegou seu celular e ficou olhando a foto deles. A linguagem corporal falava muito. Sim, estavam apaixonados e juntos como deveriam ter ficado desde sempre, para o desespero da família Barbieri.

— Posso entrar? — Estava tão envolvida em seus pensamentos que não viu quando a porta foi aberta.

— Renan, o que faz aqui? — perguntou, encabulada, ao vê-lo entrar com um embrulho sobre as pernas.

— Queria surpreender a minha namorada. Tudo bem aparecer sem avisar?

Ela caminhou até ele, que estende a sacola.

— Não é nada demais. Passei o dia todo lembrando de você. — Mirela pegou a sacola e sentou em seu colo, envolvendo os braços em seu pescoço. — Fiquei com saudades.

— Vamos ver o que temos aqui. — Ela abriu o embrulho. Chocolate! Ele ainda lembrava dos pequenos detalhes. Levou logo um a boca, o sabor diminuiu um pouco a tensão do dia. — Obrigada.

Seu namorado sorriu e pressionou sua cintura, aproximando-se dela com os olhos cheios de desejo. Os lábios se encontram em uma carícia demorada, e a mão de Renan apertaram os quadris dela, fazendo uma leve pressão. O corpo reagiu de forma que achou não ser possível.

— Também senti saudades, namorado — disse nos lábios dele.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece preocupada — ele perguntou, acariciando as madeixas descoloridas.

— Nada importante, apenas trabalho.

— Pode sair mais cedo? Vamos dar uma volta por aí, quem sabe um cinema. O que acha?

— Acho que vai me fazer relaxar. Preciso passar em casa. Posso dirigir hoje?

— Pensei que nunca pediria — ele sorriu. — Também tenho que ir em casa, você passa na minha casa, então.

De repente ela lembrou que ele podia morar com a mãe e um encontro entre elas não seria legal.

— Ainda mora com sua mãe? — perguntou, sem jeito.

— Fique tranquila, sou um cara independente. Tenho meu próprio apartamento — respondeu, beijando-lhe as pontas dos dedos.

Resolveram assistir a um filme no cinema. De certa forma, o cinema também foi um marco no relacionamento deles. Foi lá que tudo começou. Riram com a lembrança do momento embaraçoso.

— Promete que não vai me fazer ser expulsa da sessão hoje?

— Poxa vida, eu não sou mais aquele baderneiro de antes — Renan disse quando se acomodaram em seus lugares e o filme iniciou.

— Shh — alguém atrás deles ralhou.

— Tá vendo, acho que foi uma má ideia, namorado. — Ela encostou a cabeça no ombro dele. — Vê se não fica narrando o filme, viu.

Isso é bom, muito bom, Mirela pensou. Deviam fazer mais vezes. O carinho dele a fazia sentir-se segura, não havia outro lugar onde quisesse estar a não ser ali, no seu abraço, sentindo o calor de suas mãos, o gosto de sua boca.

Tiraram algumas fotos com Renan fazendo-a rir e postaram nas redes sociais. Por que esconder a relação tão bonita que estavam construindo? Passearam pelo shopping, comeram fast food, tomaram sorvete. Fizeram coisas normais, como qualquer casal.

Ela não deixou de notar como as pessoas a olhavam. Uma senhora

chegou até mesmo perguntar se eles já namoravam antes dele ficar “daquele jeito”, o vendedor do quiosque de sorte a perguntou se ele era seu irmão. O preconceito era escancarado. A princípio, aquilo a incomodou. Depois resolveu ignorar e foi a melhor decisão que tomou.

A noite acabou e ela o levou para casa. Ele a chamou para subir, mas ainda não se sentia preparada para o próximo passo. Era um mundo completamente novo, nem havia parado para pensar onde tudo os levaria. Mas estar com ele era sempre bom. Dormiu pensando em como sua vida havia se transformado novamente em poucas semanas.



— Posso saber qual a razão dessas fotos? — Renata Barbieri disse, invadindo a sala do filho e jogando seu tablet sobre a escrivaninha.

Renan encarou o aparelho por um momento e arqueou a sobancelha.

— Realmente devíamos ter escolhido outro filtro, mãe, falei para Mirela que esse não estava bom. — Ele a encarou, sorrindo.

— Não se faça de idiota, Renan, qual a razão de você está desfilando por aí com essa golpista?

— Não admito que fale assim da minha namorada — o tom da voz dele se alterou.

— Namorada? Sério que você começará com essa palhaçada outra vez?

— Dona Renata, não teste os limites da minha paciência.

— Meu filho, alguém tem que colocar um pouco de juízo nessa sua cabeça. Você não pode sair por aí fazendo o que bem entende.

— Não só posso como faço, mãe. Se a senhora ainda não percebeu, eu cresci. Qual o problema, afinal?

A mulher foi até à janela do escritório, respirou fundo.

— O problema é que você está em uma cadeira de rodas, não pode sair por aí fazendo essas loucuras. Namorada... Era só o que me faltava.

— Mãe, minha vida não acabou! Quantas vezes terei que repetir isso?

— Essa mulher só trouxe desgraça para a nossa família. É tão difícil entender isso?

— É exatamente o contrário. Nós que trouxemos desgraças para a vida

dela. Eu a dispensei em um momento difícil, ela perdeu a nossa filha...

— Uma fedelha sem cérebro seria um fardo pesado demais para você, meu filho.

Renan ficou em choque por alguns momentos, tentando absorver o que a mãe acabara de dizer. Como ela sabia da doença de sua filha?

— Como sabe disso mãe?

O rosto da mulher imponente adquiriu um tom pálido.

— Ah! As pessoas comentam, Renan...

— Mãe, as pessoas comentam por aí sobre o tempo, sobre o que comeram no almoço, mas isso não é o tipo de coisa que saem comentando. Pouca gente sabe dessa informação. Vamos, me diga como soube?

— Isso não vem ao caso, filho. Você não tem condições de namorar alguém, de assumir compromissos...

— Que espécie de justificativa é essa, mãe? — Renan disse, esmurrando a mesa. — Vamos, diga as palavras!

Renata o encarou com os olhos cheios de lágrimas.

— Não me faça dizer isso, Renan. Você sabe que não pode e pronto!

— Insisto em ouvir, já que a minha própria mãe tem pensamentos preconceituosos sobre mim. — A discussão estava acalorada e o tom de voz dele estava totalmente alterado. Ele bateu mais uma vez sobre a mesa, — Vamos, dona Renata, me diga as malditas palavras!

— Você é um aleijado! — Ela confessou, por fim. — Não pode entrar em um relacionamento amoroso com alguém, não tem nada a oferecer a uma mulher. Vai trata-la com beijos para sempre? Pensa que ela suportará uma vida assim? Além de ser aquela maldita garota, que não conseguiu sequer me dar um neto saudável. Se isso tivesse acontecido, talvez eu a tolerasse...

— É muito pior do que pensei, dona Renata. Saia da minha sala agora! Você é uma pessoa desprezível, espero que tenha valido a pena tudo o que fez!

— Só porque raramente frequenta a minha casa, não quer dizer que deixei de ser sua mãe. Veremos até onde vai a sua imaturidade e rebeldia, Renan! Você não é mais uma criança. Como um alguém na sua situação mora sozinho, faz tanta bobagem e ainda pensa que pode ter uma namorada?

— Eu não penso. Eu tenho uma namorada. Saia da minha frente, Renata

— ele disse, conduzindo a cadeira até porta do seu escritório e abrindo-a. — Esqueça que sou seu filho.

— Irei, mas você vai se arrepender de cada palavra que me disse, seu ingrato.

— Não tenho medo das suas ameaças!

Sua mãe era uma pessoa extremamente desprezível. As atitudes dela comprovavam o quanto era mesquinha e só pensava em si mesma.

Mas, no fundo, tinha esperanças de que a mulher tivesse um coração. Dizer que estava decepcionado era pouco, há muito ela não o apoiava em suas decisões, mas ouvir as palavras dela doeu muito mais do que imaginou.

Sua mãe foi embora, o deixando completamente irritado. Passou as mãos pelos cabelos e uma ideia assustadora lhe ocorreu.

—Não, ela não poderia... — disse para si mesmo, sacudindo a cabeça negativamente.

Sabia que sua mãe tinha, de alguma forma, sido culpada pelo nascimento prematuro de sua filha. Ela sabia sobre a doença do bebê e, principalmente, sabia que Mirela estava grávida e escondeu isso dele por puro egoísmo.

Lembrou-se do seu pai, que lhe disse por várias vezes para nunca confiar nela. Eduardo Barbieri levou para o túmulo muitos segredos de sua esposa, e, naquele momento, Renan gostaria de saber muitos deles. Porém, seu pai só lhe confiou um único segredo e o fez jurar que só contaria se realmente fosse necessário.

— Mas se ela foi capaz de esconder isso dos próprios filhos, que outras coisas mais ela faria?

Em sua cabeça um emaranhado de conexões se formava e ele ficava cada vez mais aterrorizado com o que a mãe era capaz de fazer para alcançar seus próprios objetivos.



30.

— Quem sua mãe pensa que é para te ameaçar assim, Renan? Que espécie de mãe não fica feliz com a felicidade do filho?

Mirela estava deitada em seu sofá com os pés descansando sobre as pernas do namorado. Ouviu a história contada por ele e ficou inconformada com a reação da sogra diante da relação deles.

Seu namorado massageava seus pés enquanto contava sobre o dia. Os momentos juntos ao final do dia se tornavam cada vez mais frequentes, e ela gostava muito de tê-lo por perto.

— Não se incomode com isso, amor. Já me acostumei com as loucuras da dona Renata. Ela nunca mudou, sempre foi assim. Por um tempo acreditei na mudança, mas perdi as esperanças.

— Ela e a Duda não desistem mesmo — disse, pensativa. — O que eu fiz para elas?

— Você não fez nada, é exatamente aí que mora o problema. Vamos esquecer aquelas duas. Vem cá que estou morrendo de saudade da minha namorada.

Os braços dele a envolveram enquanto a beijava, acendendo o desejo dela. Havia feito algumas pesquisas na internet, mas era tudo inconclusivo. Eles definitivamente precisavam falar sobre esse assunto.

— Renan... — o nome escapou de sua boca enquanto as mãos dele percorriam suas costas, lhe tirando a concentração. — Tem uma coisa que queria te perguntar, tentei evitar, mas não achei nada de útil na internet.

Ele riu de seu embaraço, todo mundo tinha essa dúvida. Já devia ter esclarecido isso no momento em que percebeu sua hesitação em ir além.

— Não ria de mim, namorado. É bem difícil admitir que recorri a esses meios em vez de te perguntar logo. Mas a Duda ficou me enchendo com isso...

— A Duda? — ele interrompeu, sem entender — O que a minha irmã tem a ver com isso?

— Ela foi até o escritório dias atrás, me fez muitas acusações.

Despejou muita besteira sobre mim, mas a maneira como ela falou que você não podia me dar o que eu queria me incomodou bastante. Não me entenda mal, mas ela falou de maneira depreciativa.

— Será que vou ter que prendê-las, entrar com uma medida restritiva para que nenhuma das duas se aproxime de você? Isso tá ficando insuportável — ele disse, irritado.

Mirella o beijou, tentando tranquilizá-lo, mas não funcionou.

— Não se preocupe, sei lidar com cobras — ela riu. — É sério, não sou uma menina bobinha que não sabe se defender.

— O que ela disse sobre mim? — perguntou, curioso, enquanto Mirela traçava linhas com as pontas dos dedos pelo rosto dele.

— Esquece isso, Renan. Nem devia ter contado isso a você. Eu e minha boca grande.

Ele passou a mão pelos cabelos dela, que o fitou, pensativa.

— O que quer saber, Mirela?

— Como é para você? Como é... — Mirela hesitou — Você sabe... o sexo? Pode fazer isso?

— Claro que posso! — ele respondeu, rindo. — Sou jovem e saudável, tenho limitações, só que não me impedem de ter uma vida sexual. Não quero que se sinta ofendida, até por que são absolutamente válidas as suas dúvidas.

— Então a gente pode? — Mirela escondeu o rosto corado em seu peito.

Renan toma o rosto dela entre as mãos, e a beijou.

— Sim, nós podemos tudo. Claro que minha condição não permite algumas performances, mas isso a gente tira de letra — ele piscou, sedutor, deixando-a ainda mais corada.

Que raio de dúvida idiota, ela pensou. Estava até parecendo uma virgem. Como o próprio namorado disse, e ela constatou nos fóruns de dúvidas na internet, era uma dúvida frequente.

— Me desculpe, mas eu precisava saber.

— Não precisa ter vergonha, namorada. Foi difícil para mim, lá no início. Mas tenho trabalhado nisso, explorado minhas limitações. Basta apenas que mantenha a mente aberta, por que as possibilidades são infinitas.

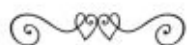
— Gostei disso... de manter a mente aberta. — Ela se aconchega mais nos braços dele.

O beijo agora era diferente e Mirela deixou que as sensações tomassem seu corpo. Ele mordiscou o lóbulo de sua orelha, fazendo com que ela se arrepiasse.

— Prometo que vai ser melhor do que antes — disse nos lábios dela. — Vamos com calma, é melhor assim. Podemos ir testando seus limites, o que acha?

— Nossa, você sabe mesmo como fazer isso!

O toque delicado das mãos sobre o corpo dela ascendia tudo, sempre foi assim com ele. Porém, agora tinha algo mais, um cuidado para que não perdessem nenhuma sensação, os beijos lentos... ela queria muito experimentar, mas sentia que ainda não estava pronta.



— Mamãe não me assusta, Luísa, não mais. — A conversa entre ele e sua irmã sempre acabava em Renata. — O que fizemos para merecer uma mãe como ela?

— Francamente, não faço ideia. Ela me olha de um jeito que, às vezes, me faz questionar se temos realmente o mesmo sangue.

Renan ficou tenso por um momento, adorava sua irmã não queria vê-la sofrer. Ela era como um raio de luz, sempre deixando alegria por onde passava.

Gostava da maneira como se preocupava com ele, das visitas frequentes. Luísa não podia saber da verdade, não mesmo. Seu pai o fez prometer que cuidaria dela sob qualquer circunstância, como se soubesse que iria morrer.

— Não diga besteira, Lú, você tem os olhos do papai. Voltando a nossa mãe, acha que ela pode fazer algo contra Mirela?

— Não vou te iludir, meu caro irmão, se ela não fizer alguma coisa, com certeza a Duda fará. De uns dias pra cá, tenho medo de estar sozinha em casa com a mamãe. Estou passando tanto tempo na república da faculdade que estou quase cogitando me mudar para lá.

— Tem medo da Dona Renata?

— Jamais. Só que tem uma aura negra dentro daquela casa... Na

verdade, sempre foi assim, só que piorou depois que o papai morreu. Sei lá, parece que, a qualquer momento, uma alma penada vai saltar de um daqueles quadros bizarros da mamãe!

— Seu Edu faz tanta falta, não é? Ele colocava um pouco de controle naquelas duas. Aquele acidente foi tão estranho... Como aquela caminhonete ficou sem freios do dia pra noite? Eu falei com o papai antes da viagem e ele estava na oficina fazendo revisão do carro. Aquele laudo apontando falha mecânica me parece sem lógica.

— Pode tirar isso dessa cabecinha, Renan. Esse caso foi encerrado há tempos. Agora, me dá logo um pedaço desse bolo que eu não nasci pra ficar admirando comida.

— É sério, Luísa, tenho pensado muito nisso ultimamente — ele confessou, servindo uma fatia do bolo para a irmã.

— Temos coisas demais para pensar, maninho. Que tal focar na festa que o presidente do clube de futebol vai dar em homenagem ao papai no fim do mês? Ainda tem aquele evento com seus patrocinadores esse fim de semana. Devia parar com essa coisa de advogado, sabia?

— Quero levar Mirela a essa festa e apresentá-la como minha namorada oficialmente!

Luísa arqueou a sobrancelha.

— O que aconteceu com todo aquele papo de discrição de anos atrás?

— Não conseguimos fazer isso. Nós Barbieri viemos com essa pecinha quebrada. Você ainda tem aquele anel guardado?



A irmã o encarou, surpresa. Ela guardou a sete chaves esse segredo para ele. Renan era impulsivo e quando percebeu o que sentia por Mirela anos antes, decidiu que a queria como esposa, mas depois da cena com sua mãe, ele declinou por medo de estar cometendo um erro.

— Quer pedi-la em casamento? Não pensa que é muito cedo?

— Só quero o anel por precaução. Preciso fazer algumas coisas antes.

Luísa sabia que os sentimentos que unia seu irmão e Mirela eram verdadeiros, assim como também sabia que eles teriam que se libertar de muitas coisas e vencer outras.

Em seus dezenove anos de existência, a jovem garota havia passado por coisas que a fizeram ter mais maturidade do que gostaria.

Renata Barbieri sempre a fez se sentir excluída do papel de sua filha, a humilhando a cada oportunidade, a fazendo mendigar seu amor. Apesar de enfrentá-la e questioná-la em tudo, sempre sentiu uma necessidade de aceitação.

Sua mãe a manipulava em troca de promessas de se tornarem mais próximas ou até mesmo de fazer com que Renan a odiasse. A mulher era capaz de ir às vias de fato para conseguir seus objetivos, fossem eles válidos ou não.

Às vezes, a garota tinha a sensação de que era apenas uma peça de um jogo sórdido de sua mãe. Foi exatamente assim que se sentiu ao esconder fatos importantes da vida do irmão.

“Se você disser uma única palavra sobre essa maldita gravidez, te mando no primeiro avião pro Japão. E não pense que o Renan poderá fazer alguma coisa deitado naquela cama. Se você não disser nada, prometo a você que passaremos mais tempo juntas. Vou te apresentar para uns amigos da indústria da moda, vamos à semana de moda em Paris, posso ver alguns cursos lá para você... A escolha é unicamente sua. O que quer? Jogar sua carreira fora, que provavelmente seria promissora, em troca de um amor de verão do seu irmão que, agora, está invalido e totalmente dependente de nós? Pense bem, querida, e não seja ingrata com a mamãe.”

A volta de Mirela para o Brasil lhe deu a força que precisava para pôr um fim as loucuras de sua mãe e irmã. Não era tão fácil de fazer como imaginou; o medo de ser rejeitada pela mãe ainda a amedrontava, mas fez o melhor que pode.

Ao menos agora o irmão estava no caminho certo, sem que ela precisasse ter quebrado as promessas que fez à sua mãe.

Seu celular tocou assim que ela estacionou o carro na garagem da república. O visor mostrava um número desconhecido.

— Alô, você é Luísa Barbieri? — uma voz feminina perguntou do outro lado da linha.

— Sou eu mesma, e você quem é?

— Andressa Zor, do blog Verdades & Fatos. Desculpe estar ligando a essa hora, mas gostaria de conversar com você, se possível ainda hoje.

— É... Andressa, né? Não acha que está muito tarde para termos uma conversa?

— Não posso esperar, preciso te contar a verdade sobre sua mãe — a mulher disse e desligou o telefone.

Que grande droga! Ela encostou a cabeça no volante do carro.

Como ia encontrar a tal blogueira?

O que ela sabia sobre sua mãe?

Desceu do carro com aquelas perguntas pairando sobre sua cabeça e entrou na república. Não notou a pessoa sentada no sofá da sala e quando ouviu sua voz, assustou-se.

— Luísa Barbieri, falei com você agora a pouco por telefone. Podemos conversar?

— Hã? Claro!

— Sou Andressa Zor. Você me lembra muito a sua mãe na sua idade — a mulher comentou, a deixando intrigada.

Luísa analisou a mulher por um momento e, para dizer a verdade, ela parecia estar na profissão errada.

Andressa Zor lembrava uma daquelas modelos de capa de revista. Seu corpo esguio, os cabelos loiros em um corte Chanel, os olhos azuis escondidos por um desses óculos de grau modernos... Alguma coisa no rosto dela era bastante familiar.

— Você não é muito jovem para ter conhecido ela na minha idade?

— Desculpe — a mulher disse, alisando a calça jeans. — Antes de falar sobre sua mãe, quero lhe contar uma breve história, peço apenas que me escute.

Luísa assentiu, curiosa. A blogueira parecia desconfortável ao mencionar a palavra *mãe*. O que sabia sobre sua mãe?

— Luma tinha mais ou menos a sua idade quando conheceu o homem que viria a mudar sua vida para sempre. — Andressa limpou uma lágrima no canto do olho. — Ela era uma simples secretária do empresário bem-sucedido. Eles foram tomados por uma paixão avassaladora, mas o problema era que ele estava no meio de um divórcio, com uma esposa louca e duas crianças que não precisavam sofrer por erros dos pais.

A voz dela estava carregada de emoções que Luísa não consegue

identificar.

— Depois de muitas promessas e palavras bonitas, Luma cedeu e se entregou ao amor do homem, mesmo sabendo das possíveis consequências. Então, os problemas começaram. Ela engravidou e a jovem esposa dele criou muitas situações embaraçosas envolvendo a secretária, além de garantir que ela não conseguisse trabalho em outra empresa.

Novamente, a triste história foi interrompida pelas lágrimas da mulher, que tentava manter o controle das suas palavras.

— A perseguição e as ameaças fizeram a gravidez de Luma ser de risco. O homem esteve ao seu lado em todos os momentos, mas a mulher não assinava o divórcio. Por várias vezes, rasgou os documentos, o ameaçando de diversas formas. Já não moravam juntos, ele tinha seu próprio apartamento onde vivia com Luma na reta final da gravidez. Mas a esposa não aceitava a situação. Foi até eles, exigiu que acabassem com toda aquela história. Chegou, inclusive, a agredir fisicamente Luma. E o final não foi dos melhores... — Os soluços agora estavam descontrolados, ela não conseguia se segurar. Sua voz falhou e Luísa a olhava sem compreender por que motivo Andressa estava contando algo que parecia causar tanta dor, se ela nem sequer a conhecia. — A jovem entrou em trabalho de parto e morreu minutos depois de ter a filha em seus braços.

— É uma história muito triste, mas o que tem a ver com a minha mãe e comigo? — Luísa perguntou, sem entender.

— Tem tudo a ver com você. — Andressa massageou a têmpora e fechou os olhos por um momento. — O nome do jovem empresário? Eduardo Barbieri. Nem preciso dizer o nome da mulher dele. Aquele bebê é você Luísa.

As palavras tiveram um efeito devastador. Luísa sentiu todo o corpo tremer.

Não era possível! A história não era dela, não podia ser.

Era filha de Renata e Edu Barbieri e todo mundo estava careca de saber. Sua mãe passou a gravidez inteira no campo, porque foi um período complicado. Não que gostasse de falar sobre aquilo, mas Luísa sabia de suas origens.

Quem era a mulher, afinal, para lhe contar uma história absurda dessas e fazê-la contestar as verdades de sua vida?

— Quem é você? Por que inventar uma história absurda dessas?

— Luma era minha irmã — a mulher disse, convicta, encarando-a. — Eu sou sua tia, não estou mentindo. Jurei sobre o túmulo de sua mãe que um dia você saberia de toda a verdade.

— Essa história não faz o menor sentido, Andressa — Luísa falou, ainda em choque, mas de repente, tudo começou a se encaixar.

Renata nunca a tratou como filha, tinha sempre a sensação de que não fazia parte daquilo. Às vezes, sua mãe a olhava com um ódio incontido. Seria mesmo possível que não fosse filha de Renata Barbieri?

— Luísa, essa história tem muito sentido, minha querida. Não mentiria para você. Só quero o seu bem. Estou há um ano procurando um meio de te contar essa história. Encontrei muita sujeira quando investigava Renata Barbieri, você nem faz ideia do que ela é capaz.

— Não é verdade, ela é minha mãe. — As lágrimas ameaçavam cair, agora tudo parecia tão obvio.

Como não enxergou isso? Como aceitou as migalhas de amor em troca de tão pouco?

Andressa caminhou até ela, sentou-se ao seu lado e a envolveu num abraço apertado.

— Sinto muito que tenha sido assim. Lá no fundo, você sabe que estou falando a verdade.

Luísa deixou as lágrimas caírem, os soluços a invadiram, seu peito se apertou em uma dor que ela não conseguia explicar. Como eles fizeram aquilo com ela?

— Todos eles sabem? — Luísa questionou quando se recupera da crise de choro.

— Não! Talvez seu pai tenha contado a Renan, mas acho pouco provável. Eduardo deu um jeito de te ligar à herança que deixou a cada um deles, inclusive Renata. Uma garantia de que nenhum deles a deixaria desamparada ou tentassem qualquer coisa contra você.

— Como sabe de tanta coisa, Andressa?

— Nos últimos meses tive acesso a mais informações do que você possa imaginar. Seu pai foi um bom homem, honesto, trabalhador e lutava por causas nobres. O único erro dele foi se apaixonar pela minha irmã. Ele fez de tudo para proteger você das maldades de Renata, não o odeie.

— O que eu farei agora sabendo disso?

— Por enquanto fará absolutamente nada. Só preciso que você esteja ciente dos acontecimentos que estão por vir. Renata cometeu crimes e está sendo investigada por cada um deles. Entreguei todas as provas à polícia e fiz uma denúncia formal. Precisava te contar antes dessa bomba explodir. Você é minha menininha, Luísa. — A mulher disse, acariciando seus cabelos. — Acompanhei de longe todas as fases do seu crescimento. Quando estava na faculdade, seu pai me manteve informada sobre sua vida. Depois que ele morreu, vim morar aqui para ficar perto da única família que me restou.

Luísa sentiu que era amada pela jovem blogueira, assim como sentia quando Renan a abraçava



31.

Mirela conversava ao telefone com o namorado, como em todas as manhãs. Era cada dia mais difícil se afastar dele.

— Você não sabe o significado da palavra discricção, Renan? Qual o problema dos homens da sua família com isso?

— Sinto muito, mas quero dizer ao mundo que você é minha namorada. Não tenho culpa se causa isso em mim.

Ela sorriu, encarando a tela do computador que exibia uma série de fotos deles. Nos últimos dias, tinham virado a sensação das redes sociais. Ela não sabia lidar direito com esse assédio.

— Sua família não lida muito bem com isso, Renan — ela disse, trocando a posição do celular.

— Que se dane a minha família! Quero você ao meu lado e isso não está aberto a discussão, apesar de saber que Luísa está na torcida por nós.

— É reconfortante saber que ao menos alguém torce por nós. Por aqui, Karen e Jonas já estão quase mandando fazer camisetas com nossas fotos estampadas. A torcida está grande. A mamãe está eufórica, fazendo mil planos para fazermos uma visita a eles.

— Nossa, que saudade da dona Márcia. Vamos marcar um fim de semana para almoçar com eles. — Seus pais adoravam Renan. — Podíamos sair com seus amigos amanhã, o que acha? Quero convidá-los para a festa dos meus patrocinadores na próxima sexta.

— Vai convidar apenas eles para a festa? — o tom ofendido dela o fez rir.

— Óbvio que não. Você vai entrar no tapete vermelho de mãos dadas comigo, namorada! Não tenho a menor pretensão de escondê-la do mundo.

— Adeus, discricção. Olá, holofotes.

Uma parte de Mirela queria fugir de toda a exposição que sabia que teriam, mas a outra queria ficar e ver no que ia dar.

Jonas e Karen queriam que ela fechasse os olhos e se entregasse sem

medo, porém, existia uma enorme diferença entre falar e fazer.

Lá estavam ela e Karen depois de um longo dia de trabalho, em um bar badalado e esperando por Renan e Jonas.

Sua amiga andava tristonha desde que Alex foi embora no final da semana, mas jurava que não estava apaixonada e que logo ia passar. Renan chegou em seguida, pediram as bebidas e conversaram sobre coisas triviais enquanto aguardavam pelo sócio dela.

— Tá, Renan, me explica aí esse negócio de crossfit, porque não entendi patavinas. Você compete também? Isso não é só uma modinha que inventaram agora? — Karen o encheu de perguntas depois de ele explicar como conheceu o esporte.

— Em primeiro lugar, não. O crossfit não é uma modinha. Ele ajuda a melhorar a força e a flexibilidade.

— Boa noite, pessoal — Jonas chegou, interrompendo a explicação de Renan e trazendo com ele uma loura estonteante. — As meninas conhecem Andressa, mas talvez você não a conheça. Renan, essa é Andressa Zor, minha... digamos, namorada!

A loira não escondeu o espanto em ver o ex-piloto e tentou inutilmente disfarçar.

— Prazer, Andressa, sou Renan Barbieri — ele disse, estendendo a mão e a reconhecendo imediatamente. — Você não é aquela blogueira do Verdades & Fatos?

— Sim, sou eu mesma. E você é o cara do crossfit, não é mesmo? Admiro sua força e determinação, rapaz!

—Tietando o namorado da minha sócia, Andressa? Assim não dá — Jonas disse, dramático.

— Não liga pro que ele diz, Andressa — Karen brincou entre risos. — Devia ter me consultado antes de aceitar qualquer relacionamento com esse aí.

— Ele não me deu muita escolha, Karen — disse, um pouco menos tensa com o fato de estar tão próximo a Renan e saber de coisas que nem mesmo ele imaginava.

— Andressa, de antemão, quero dizer em minha defesa que não tive nada a ver com esse plano do Jonas de te fazer ciúmes — Mirela a tirou dos seus pensamentos — Tá, eu aceitei, sou culpada um pouquinho...

— Sei o quanto ele pode ser convincente, Mirela, fique tranquila que o meu ódio inicial passou — Andressa tentou aliviar a tensão.

— Vamos dançar, meninas, hoje eu tô solteira e ninguém me segura — Karen disse numa empolgação exagerada.

Renan riu, imaginando o que seu primo diria se soubesse que a mulher se considerava solteira.

— Se contar para o Alex, dou um jeito da minha amiga aqui ir para o Alasca em dois tempos, está me ouvindo, Renan? — Karen o ameaçou, fazendo todos rirem.

As mulheres a acompanharam, temerosas pelas loucuras que ela ia fazendo pelo caminho.

Renan observava enquanto Mirela se afastava, chamando atenção dos homens por onde passou. Ela estava deslumbrante, o vestido justo azul-marinho com listras verticais ia até o meio da coxa, deixando suas pernas bem torneadas a mostra e o decote ombro a ombro deixava a pele sob o colo exposta. Era impossível não amar aquela mulher!

— Seguiu meu conselho, Renan. Parabéns, mas se machucar Mirela outra vez não respondo por meus atos.

— Garanto que não farei outra burrice, Jonas. Sinto que preciso te agradecer por estar ao lado dela nos momentos difíceis, por apoiá-la quando deveria ser eu a fazê-lo.

— Não precisa agradecer. Aquela garota é como uma irmã para mim. Foi uma das melhores experiências que tive na vida e lamento que tenha perdido isso. Em minha defesa, sempre aconselhei Mirela a contar a verdade.

— Confesso que senti ciúmes dessa amizade de vocês, da maneira como a protege. Quando os vi na capa da revista com aquele anel enorme no dedo dela, queria socar seu rosto até vê-lo desfigurado. Às vezes julgamos as pessoas pela aparência, sem conhecer o interior. Depois de saber sobre a minha filha, sobre o que fez por elas, só posso te agradecer, cara.

— Poxa, o que tem de errado com meu rosto para você querer socá-lo? — Jonas perguntou com um tom de humor, passando a mão pela barba por fazer. — Não foi minha intenção passar essa imagem, precisava laçar Andressa. Vale tudo no amor e na guerra, não é isso que dizem por aí? O que estou dizendo? Estou diante do cara que cometeu as maiores bobagens em nome do amor!

— Como ela era? — Renan quis saber, adquirindo um tom sério de repente. — Como foi ter Esther nos braços?

— Ela era a coisinha mais linda que tive o prazer de conhecer, um pedacinho de amor. Eu não a segurei em meus braços, não em vida. Fui invadido por uma onda de amor que dificilmente conseguirei descrever com palavras...

— Mirela disse que registraram todos os momentos da gestação. — Seus olhos brilhavam cheios de lágrimas. — Tenho medo de magoá-la pedindo para vê-los, sinto que estou em uma espécie de teste e a qualquer passo em falso tudo irá por água a baixo.

— acredite, você está em um teste, sim! Mirela é doida, posso dizer isso com propriedade do assunto. Então, trate de fazer as coisas da maneira correta. Temos os registros da gravidez. Não peça isso a ela, por mais que diga que está tudo bem, nunca está. Isso a faz sofrer! Posso fazer isso por você, desde que me prometa que fará tudo ser épico entre vocês.

— Não estou entendendo onde quer chegar, Jonas.

— Me desculpe, mas vamos direto ao ponto. O fato é que você ainda não mereceu o perdão de Mirela — Renan arregalou os olhos, surpreso pela constatação de Jonas. — Aquela mulher foi forte até agora por vocês dois, ou melhor, pelos três. Ela precisa ser cuidada e protegida. Sua família tem que parar com essa coisa de se meter na vida de vocês.

— Tenho tentado dissuadir minha mãe e irmã disso, mas não tem sido algo fácil. acredite.

— Não me interrompa, Renan, desvio fácil do foco da discussão. Mirela precisa que você tome as rédeas dessa situação, precisa parar de se sentir ameaçada e desvalorizada pela sua família. Você tem que fazer algo grande e épico.

— Uau. Vejo que terei que incorporar algum mocinho dos filmes de romance.

Jonas riu em resposta.

— Disse para não me interromper. Uma última coisa: precisa fazer algo para que a memória de Esther seja honrada. O que elas fizeram com Mirela e com a nossa pequena estrelinha não merece perdão.

— Não pretendo deixar isso barato, Jonas, elas pagarão pelo que fizeram.

— Ótimo, porque até agora você tem agido como um perfeito filho da puta! E aquela mulher merece que todos saibam que ela é a senhora do seu coração. — Jonas virou o copo de cerveja em um só gole, sentindo-se aliviado por ter finalmente verbalizado tudo aquilo.

— Algo mais que eu precise fazer? Há quanto tempo tem esse discurso ensaiado?

— Por ora, é só isso. Quando ensaiei esse discurso, ele tinha muito mais ação, incluía uns bons socos e ponta pés. Porra! Bancar o cupido é um saco, sabia? Espero que não me decepcione ou incluirei ação no próximo discurso.

Os homens riram enquanto Renan absorvia tudo que acabara de ouvir. Hora de colocar seu plano em ação. O primeiro passo tinha dado.



32.

A noite foi agradável, mas acabou mais cedo do que pretendia. Mirela sugeriu que ficassem no apartamento dele, haviam dormido juntos algumas vezes nos últimos dias. Não avançaram muito, ele sentia que já podiam dar o próximo passo, mas queria que a decisão viesse dela.

Renan sentou no sofá, arrumando as pernas no pufe, enquanto a namorada escolhia um filme no Netflix, sentada ao seu lado. Passou o braço ao redor dos ombros dela, trazendo-a para mais perto.

— Então, o que vamos ver hoje? — ele perguntou, enquanto ela vagueava pelas opções que apareciam na tela da tv.

— Pensei em *Outlander*, o que acha?

— Não sei se consigo ver todas aquelas cenas de paixão com você tão sexy ao meu lado. Sabia que esse vestido devia ser proibido? Pelo amor de Deus, mulher, quer enlouquecer todos os homens a sua volta?

— Minha intenção era enlouquecer só você — ela respondeu, rindo.

Ele passou a mão pelos cabelos dela, que interrompe sua busca para beijá-lo.

Renan tocou o rosto da namorada com as pontas dos dedos, segurou seu queixo e a beijou novamente, sem pressa, explorando cada parte da boca deliciosa. Mirela espalmou a mão no peito dele, tomada pela sensação de sentir o gosto que jamais esqueceu.

O beijo se intensificou e se tornou sensual. Num ímpeto, ela sentou no colo dele, sua mão entrou por baixo da camisa, sentindo os músculos definidos. O toque arrancou um gemido dele.

De repente, lembrou que era um mundo literalmente novo para ela e não sabia ao certo o que fazer.

Interrompeu o beijo em busca de ar, seu nariz encostado ao dele, as mãos dele seguravam firme sua cintura e um sorriso bobo brincou nos lábios de Renan.

— O que a gente faz agora? — ela disse sem encará-lo.

— Está indo bem, continue — a voz rouca dele em seu ouvido lhe causou um arrepio.

Ela buscou a boca dele novamente e o beijo fez promessas silenciosas. As mãos dele desceram até o bumbum dela, apertando e pressionando-a contra seu corpo. O coração batia em descompasso, a respiração entrava no mesmo ritmo acelerado. A mulher afundou as mãos no cabelo dele, os lábios se devoraram frenéticos, as línguas se encontraram em carícias demoradas.

As mãos fortes passearam pelo seu corpo cheio de curvas, acariciando, apertando e deixando um rastro de fogo por onde passava. Outra vez o beijo foi interrompido, os olhos se encontraram e Mirela estava ajoelhada sobre ele, que pressionava as mãos nas coxas dela, o cabelo dela acariciando o rosto de Renan.

— Linda — ele disse, devorando-a com aqueles olhos brilhantes. — Minha, só minha.

— Sua, apenas sua — ela sussurrou com luxúria.

O sorriso que ela deu atíça o desejo dele, que levou a mão às madeixas descoloridas e a puxou para um beijo molhado. A boca dele foi descendo pelo pescoço em uma trilha de beijos que a enlouqueceram. As mãos dele subiram, alcançando os seios sob o tecido do vestido, um gemido escapou de seus lábios ao sentir o contato sem sutiã, abocanhando um deles por cima do tecido.

Em um movimento rápido, Renan desceu o vestido dela, deixando os seios fartos à mostra, acariciou o mamilo intumescido, enquanto distribuía beijos por toda a extensão do colo. Os gemidos e suspiros se misturavam.

A mão livre desceu novamente pela cintura da mulher até o quadril, entrando por baixo do vestido, pressionando as coxas dela e subindo ao encontro do seu sexo, tocando-o por cima da renda úmida. Ela continuava o levando à loucura, era incontestável.

Ele voltou a beijá-la enquanto os dedos acariciavam o ponto mais íntimo dela, deslizando sob a calcinha e chegando até o local úmido, friccionando os dedos e a levando aos céus.

Mirela beijou seu pescoço, levou as mãos por baixo da camisa dele, subindo o tecido e tirando-a. Seus olhos devoraram o abdômen perfeito dele. Ela sentou em suas pernas, sentindo a ereção sob a calça. Seus lábios percorreram os músculos, mordiscando, lambendo, beijando e queimando por onde passava, encontrando a boca novamente em uma dança sensual.

Renan inclinou a cabeça para trás, pressionando a namorada contra seu corpo. Os cheiros se misturaram e ele se livrou do vestido dela. Os corpos absorveram a sensação do toque quente dos seios dela contra seu tórax. Ele os segurava, levando-os a boca e sugando um mamilo de cada vez. As mãos de Mirela em seus cabelos o puxavam para mais perto, ela estava completamente tomada pelo desejo.

Sua boca foi descendo com beijos molhados pela barriga de Mirela, que se levantou lentamente e inclinou-se para que ele pudesse chegar onde ela mais desejava.

Com a ponta dos dedos, Renan acariciou o ventre dela enquanto beijava demoradamente cada pedacinho em volta do local úmido, parando em alguns momentos para encará-la com um olhar safado, fazendo-a implorar pelo toque.

Quando finalmente sua língua tocou a intimidade dela, Renan sentiu o corpo da mulher estremecer sob suas mãos. Sua atenção se voltou totalmente em sentir o gosto dela em sua boca. Com a ponta da língua, ele circulou lentamente o ponto intumescido, sugando-o devagar e fazendo-a se arquear e estremecer em completo êxtase.

— Quero você, Renan Barbieri! — ela disse, com a voz rouca, em seu ouvido ao recobrar os sentidos.

Mirela tocou o membro ereto sob a calça e abriu o zíper, saindo de cima dele e tirando a peça rapidamente. O volume sob a cueca boxer a fez passar a língua pelos lábios.

Um sorriso surgiu no canto dos seus lábios.

Tudo aquilo era dela. Como era sortuda!

Livrou-se da última peça que escondia o corpo dele enquanto Renan a encarava com os olhos em chamas.

— Tem algum problema se fôssemos para cadeira? — ela perguntou quando ele estava prestes a puxá-la para si.

— Um fetiche? — Renan perguntou, puxando a cadeira para fazer a transferência. — Está levando a sério a conversa sobre mente aberta.

— Nem imagina o quanto fica sexy nessa cadeira, namorado. Preciso me aproveitar disso de alguma forma.

Renan a puxou para si, colocando-a sobre ele novamente. Quando se encaixaram, o contato quente a fez gritar de prazer.

A posição proporcionou a ele acesso livre aos seios dela e Renan explorou cada parte dela, lambendo, sugando enquanto Mirela se deliciava em uma dança ritmada.

Era uma visão fantástica, o corpo dela sobre o dele em um sobe e desce alucinante até explodirem em deleite, perdendo o controle dos próprios corpos, estremecendo de prazer.

Mirela descansou a cabeça nos seus ombros, tentando recobrar o controle de sua respiração. Ele a encarou com um sorriso malicioso, satisfeito em ter dado a ela uma prova de que nunca deixou de amá-la.

— Quando vai parar de me surpreender, Mirela? — perguntou depois de recobrar a capacidade de respirar normalmente.

— Não tenho pretensão de parar de surpreendê-lo. Nossa, já estou virando melhor amiga dessa cadeira, Renan. Isso foi perfeito, não pode reclamar das performances. — Ela o beijou, extasiada. — Foi muito melhor do que imaginei.

— É só uma pequena demonstração, ainda tenho muito mais a te mostrar.

— Nossa, como eu tenho um namorado modesto.

A verdade era que ela não queria nunca mais ficar longe dele, fazer amor fortaleceu os laços. Foi incrível, não conseguia apagar o sorriso bobo do rosto.

— Quero ficar gravado em você, Mirela. Vai descobrir que o homem que conheceu nem se compara ao que me tornei.

Ele selou a promessa com um beijo, deixando-a tonta e sem palavras.

Nem em sonhos Mirela imaginou um momento tão perfeito como aquele. Sim! Tinha que admitir que amava Renan com todas as forças, mas será que seria capaz de esquecer o passado algum dia?



33.

— Aqui comigo, o atleta crossfit cadeirante Renan Barbieri, que arranca suspiros e muitos comentários intrigantes nas redes sociais — Andressa Zor estava no hall de entrada da festa beneficente de grandes marcas de produtos esportivos. Ao seu lado, o atleta e sua namorada. — Como você lida com o assédio dos seus seguidores?

— Estou acostumado com o assédio, tiro de letra.

Ele segurou a mão de Mirela e sem que ela visse, piscou para a repórter.

— Renan, tem uma coisa que todas as tuas seguidoras estão loucas para saber. Existem rumores de que seu coração agora tem dona, é verdade?

A mulher ao lado dele arregalou os olhos. Que teatro era aquele? Andressa sabia que eles estavam juntos, não precisava expor aquilo.

— Na verdade, meu coração tem dona há muito tempo. Só que agora é oficial, esta mulher — ele disse, colocando Mirela no colo, em um movimento calculado que a pegou desprevenida, os olhares se encontram como se existisse apenas eles — é a dona do meu coração, minha namorada perfeita.

Algumas pessoas que passavam pelo local ficam paralisadas e abismadas com a cena protagonizada por ambos. Ele não perdeu tempo e tomou a boca dela em um beijo avassalador, sem nenhum pudor diante das câmeras e flashes enlouquecidos.

— Definitivamente, esses Barbieri não sabem ser discretos — Karen reclamou assim que eles conseguiram se desvencilhar dos olhares curiosos.

— Realmente, temos um sério problema com isso Karen, mas logo você se acostuma. Meu primo e meu irmão não são exemplos de discrição — Luísa disse, sorrindo e segurando o braço de Karen, enquanto Renan parava pelo caminho para cumprimentar as pessoas.

— Eu nem sei onde vou enfiar a minha cara depois dessa cena digna de um livro hot — Mirela sussurrou, com o rosto vermelho.

— No seu lugar, enfiaria a língua na boca dele outra vez. Que se dane esse povo fuxiqueiro e preconceituoso, Mi...

As pessoas se viravam para olhá-las por onde passavam.

Luísa chamaria atenção até vestida num saco de batatas. O macacão longo de seda deixava o corpo esguio dela ainda mais elegante.

Karen usava um vestido vermelho decotado que colava sobre seu corpo como uma segunda pele até o quadril, onde começava uma cauda sereia que se arrastava pelo chão. Exagero deveria ser seu sobrenome.

— Pelo amor de Deus, Karen, não estamos indo à cerimônia do Oscar!

Foram as palavras da amiga ao vê-la.

— Nunca se sabe, né, gata?! Vai que o próximo astro do tênis está por lá dando sopa.

Mirela revirou os olhos, era impossível argumentar com a amiga.

Ela mesma optou por um modelo menos chamativo. Não deu muito certo, já que seu namorado resolveu que seriam a sensação da festa. O vestido preto com detalhes brilhantes no bojo ia até o meio de suas coxas, ajustando-se as suas formas. O decote era parcialmente coberto por um tule fino.

— Ai meu Deus, o que esse cachorro tá fazendo aqui? — Karen indagou, paralisada, encarando um ponto atrás da amiga.

— O que foi, Karen? Você tá pálida.

— Nada, Luísa, só o meu passado dando as caras, me lembrando que nem sempre fiz boas escolhas.

Ricardo, seu ex-marido, a fitava com cara de poucos amigos. Mesmo separados, ele conseguia estragar seus momentos com pequenos gestos.

— Doeue muito quando você caiu do céu, anjo? — elas escutaram uma voz familiar atrás delas. Sabiam que a pergunta tinha sido direcionada a Karen.

— Vai começar o show — Renan disse, se aproximando delas.

Alex Barbieri em roupas de gala estava logo atrás de Karen. Ele passou a mão pela cintura da mulher, virando-a e tomando a boca dela em um beijo de tirar o folego.

— Falando em discrição... — Mirela murmurou para si mesma.

Quando o casal finalmente se separou, Karen começou a bater em Alex, fazendo com que as pessoas que observavam a cena comessem a rir.

— Seu desgraçado, porque não me disse que vinha esse final de

semana? Ficou me fazendo pensar que tinha sido abandonada.

— Calma, meu anjo. Não foi você que passou a semana por aí, solteira, e ninguém podia te segurar? — ele riu e a beijou novamente.

Karen fuzilou Renan com o olhar.

— Seu linguarudo. Pode ir se despedindo da sua namorada, seu estraga prazeres.

— Não exagera, gata. É só para você saber que tenho olhos e ouvidos em todos os lugares — o safado disse, piscando.

Em pouco tempo, estavam conversando animadamente.

— Mas olha se não é meu *brother* Jonas. E que gostosona ele tem ali?! Para de me cutucar, mulher, daqui a pouco estou cheio de hematomas e vão me obrigar a te denunciar.

— Safado, ela é namorada dele. Ele arranca suas bolas se te ouvir falando isso!

O sócio de Mirela se juntou a eles e tudo correu normalmente. Os amigos conversavam entre si. Vez ou outra, Luísa e Andressa trocavam olhares cúmplices. Alex tratou de exibir Karen para todos ali presentes, mas havia um mistério pairando sobre eles, o que deixou Mirela intrigada.

Pequenos gestos, palavras soltas... estavam escondendo alguma coisa.

Renan foi convidado ao palco para contar um pouco sobre a sua história. Foi emocionante saber como ele superou os dias ruins de sua vida e driblou as dificuldades.

Conciliava a carreira de advogado com o *crossfit*, além de se dedicar a um projeto social voltado para crianças com lesões medulares.

Quanto mais o conhecia, mas se convencia de que havia feito a escolha certa. Porém, ainda havia aquela insegurança dentro dela. Será que ele não ia, de repente, evaporar ou arrumar uma nova desculpa para afastá-la de sua vida?

Enquanto divagava, olhando-o conversar animadamente com a plateia atenta, percebeu que todos os olhares se voltaram para ela.

— Sim! Ela é linda, não é mesmo? Sei exatamente o que estão pensando agora: “*Ela é muito sacana. Coitado dele... fica só desejando esse corpo maravilhoso*”

Mirela sentiu seu rosto queimar, *onde é que ela tinha se metido?*

— Não que seja da conta de vocês, mas para a decepção muitos marmanjos que estão secando a minha namorada nesse momento, sim! Nos entendemos muito bem na cama. — Mirela se afundou na cadeira sob os olhares atentos. — O ponto é que as pessoas precisam mesmo é se informar antes de sair falando bobagens por aí. O que sentimos fala bem mais alto do que o seu preconceito.

Meu Deus do céu! Qual foi o momento exato que minha vida sexual virou tema de discussão em eventos lotado?

— Ok, onde quero chegar com essa conversa? Vamos lá, nossa história de amor começou há três anos, quando eu derramei um balde de pipocas nela, em uma sala de cinema. — As gargalhadas ecoaram pelo espaço lotado e ele continuou: — Quando meus olhos encontraram os dela, tive certeza de que nunca mais poderia me afastar, mas como o bom covarde que eu era, fiz uma proposta totalmente avessa e indecente, para dizer o mínimo...

A história prendeu a atenção, arrancando risos, suspiros e toda sorte de emoções da plateia atenta.

— Não me olhem assim. Sei que fui um tremendo idiota e passei os últimos dias tentando provar o contrário — Renan disse, logo após contar como a dispensou. *Ok!* O homem tinha talento e intimidade com o microfone. — Acreditem, eu enchi essa mulher de flores a semana inteira, mas nada de rosas vermelhas. O símbolo do nosso relacionamento são rosas amarelas.

Ele não podia ficar fazendo aquelas coisas com ela. Seus amigos sorriam ao seu lado, cúmplices.

Um bando de traidores, era isso que eles eram!

Se o objetivo era captar a atenção das pessoas, ele conseguiu com louvor. Agora, todos o fitavam, ansiosos pelo que viria a seguir.

— Talvez eu esteja me precipitando, alguns diriam que é um erro ou que é cedo demais — a voz dele falhou por um momento, os olhos brilharam.

O telão atrás dele se ascendeu e fotos dos dois começaram a passar. Ao fundo, a música *Pra Sonhar* embalou as lembranças dos momentos que ela nunca esqueceu; a melodia a levou às lágrimas novamente. Ele acenou, chamando-a para o palco, e as pessoas a incentivaram a ir até Renan.

Ele a conduziu até o centro do palco, onde uma cadeira a esperava.

— O fato é que essa mulher é a senhora da minha vida e do meu coração — ele confessou. A música foi baixando gradualmente.

Mirela notou a caixa de veludo no colo dele, o coração saltou em descompasso, suas pernas tremeram e a respiração ficou fora do ritmo.

O telão exibia a frase: *quer casar comigo?*

O silêncio se instalou por todo o local.

— Mirela — ele a encarou, a voz carregada de emoção —, sempre acabo enfiando os pés pelas mãos, fazendo coisas das quais me arrependo outras nem tanto, mas você será sempre a minha melhor escolha. Casa comigo?

A caixa de veludo se abriu, exibindo um anel esplêndido. Ela ficou sem palavras por um instante.

Amar Renan foi tão fácil...O difícil foi viver todo aquele tempo longe dele. Suas dores e incertezas ficavam tão pequenas diante de tudo que ele demonstrava a cada dia. A promessa que fez à sua filha continuava de pé. Mirela sabia, olhando para ele, que nunca a magoaria.

Por Deus, ela continuava a amar Renan e era inútil tentar esconder.

— Sim, eu aceito!



— O que pensa que está fazendo, Renan? —Duda o encarava, furiosa.

— Cuidando da minha vida, que é o que você também devia fazer!

Mirela estava do outro lado do salão conversando com os amigos e alheia à presença da irmã dele, que assistiu a tudo o que havia acontecido, sem acreditar.

Por que o idiota do seu irmão não se conformava com sua vida inútil?

Por que ele tinha que ser tão teimoso?

— Foi um belo espetáculo — ela disse, batendo palmas —, mas acha mesmo que acreditei nesse teatro todo? Pensa que a *Barbie* de araque te ama? Essa falsa perfeição me irrita.

— Chega, Duda — Renan segurou o braço dela e a fez encará-lo. — Até hoje me calei diante das atrocidades que você fez com a minha noiva. Até hoje te respeitei, apesar de você não ter a mínima consideração por mim. Escute bem o que vou te dizer, porque não repetirei.

O tom da voz dele a faz estremecer.

— Mas está muito ousado esse meu irmão. O que essa mulher faz com você é patético — ela disse, com um tom debochado, em uma tentativa de esconder o que sentiu de verdade.

— Se tocar em um fio de cabelo dela — ele começou a ameaça a centímetros do rosto dela, tentando controlar a raiva na voz —, se disser ao menos uma palavra para Mirela, juro pela minha filha que eu acabo com a sua raça, Duda. Você não pode ser tão ruim assim. Não dói na sua consciência saber que matou a minha filha?

A cor se esvaiu do rosto dela, a verdade dita por ele a atingiu como uma bofetada.

— Pouco me importa o que aconteceu com a fedelha — ela tentou disfarçar. — Detesto crianças. Elas são choronas e produzem toneladas de cocô!

— A quem quer enganar? — Os olhos dela se perderam de repente. Ele havia tocado em suas feridas. — Aquele tratamento que você faz é para que mesmo, Duda?

— Não se meta na minha vida, Renan!

— Você se mete na minha o tempo todo. Vamos, me responda.

— Seu babaca miserável — Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— Destruí os sonhos da mulher que eu amo, matou a minha filha. Isso me dá o direito de ser o que eu quiser. Só quero que coloque a mão na consciência e me diga com todas as palavras. Por que vai ao médico a cada quinze dias? Talvez assim consiga enxergar algo além do seu ódio infundado. Me responda: para quê é o seu tratamento, Duda?

Sua irmã limpou uma lágrima que escorria pelo canto do seu olho.

— Quero um filho — a voz dela saiu em um som quase inaudível. — Satisfeito?



34.

— Quando eu disse a você para fazer a coisa ser épica, foi no sentido figurado, Renan. Não precisava ter levado ao pé da letra — Jonas encarava o seu novo amigo com um olhar divertido enquanto folhava uma das dez revistas espalhadas sobre a mesa de centro.

— Fazer o quê? Se a mídia me ama...

— A Mirela tá assustada com a repercussão do pedido. Mesmo depois de uma semana, ainda está em tudo que é site. Saiu até melhor que a nossa manchete do mês passado. Inclusive, existe uma especulação sobre ela ter me traído — ele disse, rindo. — Darei um jeito nisso, não posso ficar com essa má fama. Assim que voltar de viagem, preciso exhibir minha namorada em umas festas, mostrar que superei a Mirela.

— Nossa, quanto drama. Trouxe o que te pedi?

— Claro — Jonas lhe entregou uma sacola de papelão. — Por favor, não conte para Mirela que está com isso, eu fiquei com as lembranças porque era doloroso demais para ela olhar para tudo e recordar do que perdeu.

— Ela nunca tocou nelas depois do parto?

— Não. — Jonas colocou as mãos no bolso e encarou os pés, — Sofri muito quando tudo aconteceu, Renan. Ela estava tão fragilizada com tudo que tinha acontecido entre vocês, a notícia da doença de Esther a deixou sem chão. Senti como se aquela criança indefesa também fosse um pedacinho de mim. Houve momentos dentro daquele hospital que pensei que ia perder a minha amiga, minha companheira de vida...

— Sinto muito, Jonas. Obrigado mais uma vez por amá-las e fazer o que eu não pude.

— Não precisa agradecer, apenas faça aquela mulher feliz ou arrebento esse seu nariz. Uau, até rimou — ele volta a ser o cara descontraído de sempre. — Tenho que ir, viajo amanhã cedo para África do Sul. Por favor, não se casem na minha ausência.

Renan o acompanhou até a porta e lhe desejou boa viagem. Encarou a caixa sobre suas pernas por um momento, o coração acelerado. Tirou da sacola e abriu. O aroma da fragrância infantil invadiu seus pulmões.

O macacão cor de rosa lhe chamou atenção. Suas mãos tocaram delicadamente a peça e a apertou contra o peito.

Sua filha!

Como queria tê-la conhecido...

Mirela conseguiu atingir o ponto máximo de sua beleza durante a gestação, as fotos mostravam isso. A felicidade estava estampada no rosto dela, mesmo sabendo que o final não seria dos melhores.

A campainha tocou, interrompendo o momento.

— Luísa, tinha esquecido que vinha aqui.

— Preciso falar uma coisa muito séria, Renan. Eu adiei demais e não consigo ficar escondendo coisas de você — a irmã disse de uma vez ao entrar e se jogou no sofá, passando as mãos pelo rosto.

Ele colocou a caixa sobre a mesa e foi até a irmã, sentando-se ao seu lado.

— O que está acontecendo? A Duda fez alguma coisa contigo?

— Quem dera se fosse algo tão simples e pudesse resolver dando uma bofetada na cara de Duda.

— Está me deixando preocupado, Luísa.

— Eu nem sei por onde começar, mas acho que você tem que saber disso. A festa em homenagem ao papai é daqui a duas semanas. Eu estou com medo do que acontecerá nos próximos dias.

— Vamos, desembucha Luísa. Pare de ficar falando em códigos, sabe o quanto detesto isso.

— Sabe que o papai teve uma amante?

Renan virou-se para a irmã, perplexo. Ela não podia saber daquilo. Seu pai contou aquilo alguns meses antes de morrer, Luísa não era filha de Renata. Eduardo o fez prometer que se alguma coisa lhe acontecesse, ele a protegeria. O pedido do pai foi tão estranho... Ele parecia saber de alguma forma que estava prestes a morrer.

Em seu testamento, a herança de todos, inclusive de Renata, estava condicionada a Luísa. Uma garantia para que ninguém tentasse desprezá-la depois de sua morte.

— Você sabe — era uma constatação. — Sabe que eu não sou filha de

Renata Barbieri, por isso me protege tanto. Como eu nunca percebi?

— Me desculpe, Luísa, papai me fez prometer que nunca contaria. Você com seus segredos, eu com os meus. — Ele a puxou para um abraço. — Como você descobriu isso?

— Semanas atrás, uma pessoa entrou em contato comigo, dizendo ter informações interessantes sobre a minha mãe. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — Ela me contou tudo que aconteceu antes e depois do meu nascimento. A princípio, não acreditei. Só que todas as coisas se encaixaram na minha cabeça. Não consigo olhar na cara da Renata depois disso. Tenho evitado ao máximo me encontrar com ela. Como ela pôde fazer tanto mal às pessoas?

— Sinto muito, Luísa, nossa mãe é estranha. — Renan limpou uma lágrima no rosto da irmã. — Quem te contou tudo isso?

— Andressa Zor. — A incredulidade estava estampada nos olhos dele. — Ela é minha tia, irmã da minha mãe biológica.

— A blogueira?

— Sim, ela mesma. Você não sabia sobre ela?

— Não, papai mencionou algo sobre ter mais alguém que a protegeria, porém, nunca me disse o nome. Como você está, Luísa?

— Me sinto aliviada por não ter o mesmo sangue dela correndo nas minhas veias. Me desculpe, Renan. Depois do que descobri, passei a ter medo do que ela pode ser capaz!

A irmã estremeceu ao dizer as últimas palavras.

— Do que está falando?

— Andressa tem provas de que ela matou a minha mãe na sala do parto. Ela subornou um enfermeiro e injetou uma dose letal de medicação na pobre mulher.

Renata Barbieri era capaz de muitas coisas, só que ele não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. Isso colocava em questão outras perguntas que tinha em sua cabeça, como a morte suspeita do próprio marido.

— São acusações graves. Essa Andressa tem mesmo como provar isso?

— Sim, ela tem como provar. Entregou tudo à polícia e fez uma denúncia formal. Renata é capaz de qualquer coisa em nome da família que ela preza, Renan. Olha o que fizeram com a Mirela.

— O que mais a blogueira descobriu?

— Muita coisa, mas não tenho autorização para falar sobre isso. Você continua sendo meu irmão, Renan, nada mudará isso.

— Eu sei, Lú. Se não fosse você, não sei o que teria me tornado depois desse acidente.

Eles se abraçaram enquanto Luísa chorava. Renan queria ser capaz de tirar a dor que ela estava sentindo, odiava vê-la sofrer. Ficaram em silêncio por alguns momentos, até que ela começou a se acalmar.

— Hoje é sexta, você não vai mesmo me deixar ver a minha namorada? Vamos pedir uma pizza para acalmar os ânimos? — Renan tentou tirar um sorriso da irmã.

Enquanto aguardavam a pizza, Luísa notou a caixa sobre a mesa.

— O que é isso?

— São coisas da minha filha. Pedi a Jonas que trouxesse para mim antes da viagem.

— Posso ver? — Luísa disse, empolgada.

— Pegue a caixa, vamos ver. Só não conte para Mirela sobre isso. Jonas pediu segredo.

— Ei, eu sei guardar segredos — a irmã lhe disse, dando um tapa em seu ombro.

Luísa se emocionou com o conteúdo da caixa, chorou ao ver as fotos da cunhada grávida.

O coração de Renan quase saiu pela boca quando ela abriu o segundo álbum e viram uma foto de Mirela com o rosto encostado ao de um lindo bebê. As fotos seguintes eram todas iguais, variando pouquíssimas posições. A última foto lhe causou uma inquietação.

— Esther era linda! — Luísa constatou.



35.

— Filha, você vai se casar com o homem da sua vida, não pode ser de qualquer jeito — Márcia tentava convencer Mirela a fazer uma festa menos reservada.

Renan havia feito um pedido formal ao pai dela no final de semana depois da festa, e todos estavam radiantes com a notícia.

— Não, mãe. Eu quero ficar longe dos holofotes. É um saco ver as minhas fotos nos sites de fofoca.

— Meu amor, você é minha única filha. Pensa que seu pai aceitará isso?
— O olhar suplicante de sua mãe estava quase lhe convencendo.

A mãe sempre foi muito importante em sua vida, mas moravam em cidades diferentes e acabavam se vendo pouco. Ela foi sua âncora quando perdeu Esther, esteve do seu lado em todos os momentos.

— Contou a ele sobre Esther? Sobre o nosso pedacinho de amor? Não tem um dia que não me lembre daquele anjinho, Mi! Lembra do rostinho dela? Era tão lindo.

— Ah! mamãe, vejo o rostinho dela sempre que fecho os olhos. contei tudo para o Renan, não existem segredos entre nós.

— Você fez certo. Nada melhor que começar uma vida conjugal sem mentiras ou qualquer coisa que atrapalhe o futuro.

— Sabe, mamãe, às vezes tenho uma sensação estranha no meu peito, como se a minha filha estivesse viva em algum lugar, esperando por mim. Só que a tive morta em meus braços. Será que algum dia isso passará, mamãe?

— Vocês são jovens têm uma vida inteira pela frente. Daqui a pouco terão filhos e tudo isso ficará no passado.

— Não sei se as coisas funcionam assim. Andei pesquisando e talvez não será fácil para o Renan. Nunca conversamos sobre isso porque tenho medo de ouvir a resposta. — Uma lágrima escorreu pelo rosto dela. — Meu sonho era casar com o homem que me amasse e ser mãe de uma penca de bebês. É tão injusto!

Márcia abraçou sua menina e a dor em seu peito apenas aumentou.

Deveria ser permitido que os pais tomassem para si a dor dos filhos para não os verem sofrer.



— Para onde a senhora vai assim tão cedo, mamãe? — Duda disse, encostada ao carro de sua mãe, nas primeiras horas da manhã.

— O que você está fazendo aqui? — Renata a olhou de cima a baixo. — Se passaram quinze dias daquela palhaçada toda do Renan e você não conseguiu nada, Duda. Além de velha está ficando incompetente?

— A Barbie não dá um passo em falso, mamãe, quer que eu faça o quê?

— Se vira, dá um jeito. Quero aquela idiota fora do nosso caminho o quanto antes. Meu filho não precisa de uma esposa. Aliás, a questão nem é essa. É para que ele precisa de uma esposa?

— Concordo. Odeio aquele sorrisinho besta estampado no rosto dele. Sabia que a fedelha deles tinha uma doença na cabeça?

Renata sorriu, triunfante.

— Claro que sabia, né?! Não podia ter me dito?

— E perder a chance de que minha filha burra fizesse o que era certo ao menos uma vez na vida?

— Por que nada está bom para você, dona Renata? O que tem de errado comigo, não sou sua cópia perfeita?

A mulher deu uma risada sarcástica.

— Nunca será igual a mim. Eu falhei no meu plano de torná-la igual a mim. Uma pessoa que se deixa levar pelas emoções não pode ser como eu.

— Do que está falando, mamãe?

— Duda, você se abala muito fácil. Precisava ver a sua cara quando me perguntou sobre a doença da filha daquela imprestável. Para mim já deu dessa conversa. Tenho mais o que fazer do que ficar olhando para você, garota inútil. Saia da minha frente!

— Não me disse para onde vai?

— Desde quando devo satisfação da minha vida a você? — ela falou e abriu a porta do carro importado. — Só para satisfazer a sua curiosidade, tenho o meu lado bom, apesar de não parecer. Estou indo ao centro

comunitário, tenho uma festa beneficente para organizar!

A filha a encarou, incrédula.

— O que foi? Devia tentar ser menos má de vez enquanto, Duda. É libertador.

Renata deu uma arrancada com o carro, deixando Duda completamente embasbacada.

Ela pegou o celular e ligou para o marido imediatamente.

— Que porra, Beto. Por que demora tanto tempo para atender a porcaria desse celular?

— Uau. Eu te amo também, Duda. É bom ouvir sua voz estridente no meu ouvido — o homem disse, sarcástico. — O que aconteceu dessa vez? Finalmente a polícia achou a incendiária do guarda-roupas da Luísa?

— Seu cachorro! Minha mãe tá aprontando e preciso da sua ajuda.

— O quê? Repete que não ouvi direito.

— Para de graça que estou sem paciência para suas bobagens hoje, Beto. Meu carro enguiçou quando estava vindo da academia e descobri minha mãe saindo de casa sorrateiramente.

— Conta outra, né, Duda?! A mim você não engana. Estava espiando a sua mãe que eu sei.

— Cala a maldita boca e me ajuda. Meu carro morreu. Ela estava muito estranha.

— Ah, querida esposa, estranho sou eu. Aquela velha é doida de pedra. — A gargalhada dele a irritou. — Desde quando ela precisa sair da própria casa sorrateiramente? Quantos anos ela tem, Duda, uns quinze?

— O assunto é sério, Beto, ela tá aprontando e eu preciso descobrir o que é.

— Já ouviu o ditado que galinha que acompanha pato morre afogado? Então, esse pode ser o seu caso. Esquece tua mãe, Duda. A velha só coloca merda na tua cabeça. Quando é que vai entender isso?

— E quando é que você vai entender que não precisa ficar se metendo onde não é chamado?

— Pensei que a tinha escutado dizer que precisava da minha ajuda. Sou dispensável. Portanto, tchau, querida, e se vira com seus problemas idiotas...

— Espera, Beto.

— Volta o cão arrependido, com suas orelhas tão fartas, com seu osso roído e com o rabo entre as patas. — Duda conseguia visualizar o sorriso triunfante do marido do outro lado.

— Tá citando *Chaves* para mim? Você é um grande imbecil.



36.

—Acha mesmo que a sua mãe seria capaz disso? — Mirela o encarava, incrédula.

Renan acreditava que o acidente do seu pai poderia ter sido intencional.

— Não tenho dúvidas do que a minha mãe é capaz, mas estou com isso na cabeça há um tempo — Renan disse com a voz angustiada. — Nunca pensei que minha mãe poderia cometer tantas barbaridades, Mirela. Olha o que fizeram contigo...

— Confesso que sempre achei a Renata assustadora, mas daí a assassina é um salto enorme!

Renan havia procurado a Andressa após a conversa com Luísa, precisava tirar aquilo da cabeça. A mulher não disse muito, mas o que falou foi suficiente para alimentar a teoria de que sua mãe realmente havia matado seu pai, de uma forma ou de outra.

— Se for mesmo verdade, como a polícia nunca descobriu isso? — Mirela perguntou, passando as mãos pelos cabelos do namorado, que estava deitado sobre suas pernas, enquanto tentavam ver um filme na cama dele.

— Prefiro nem procurar pela resposta para que a decepção não seja pior. Descobri que não conheço a minha mãe. Ela é sutil, silenciosa e letal, como uma serpente venenosa.

— Você me falou algo sobre a Andressa ter registrado uma denúncia formal. Então, qual a razão da sua mãe ainda não ter sido chamada para depor ou até mesmo estar presa?

— Não subestime a minha mãe, amor, ela tem mais influência do que imagina. Andressa pensou que, com as provas em mãos, ela seria presa imediatamente. Acontece que ninguém prenderia uma senhora da alta sociedade e com prestígio sem antes averiguar os fatos.

— Ainda não entendi os motivos da Andressa. Ela te contou algo?

— Sabe qual o problema com os segredos? Cedo ou tarde eles vêm à tona e destroem o mundinho perfeito que criamos em cima de mentiras — Renan procurava uma maneira para não soar estranho, mas era impossível. —

Ela é irmã da mãe da Luísa, que foi amante do meu pai. Uma longa história... Existem rumores de que a minha mãe a matou.

— Estamos em um *thriller* agora? Que sogra eu fui arrumar?! Tá me dando até calafrios, Renan.

— Não vou permitir que façam nada contra você. Tenho meus meios de garantir isso, amor. O fato é que a minha mãe, por algum motivo desconhecido, criou a filha de Luma como sendo dela. — O espanto está estampado no rosto de Mirela. — Sim! Luísa é filha apenas do meu pai. Não sei como, mas conseguiram esconder muito bem esse segredo de todos.

— Que loucura... Sabe que sempre achei que a Luísa era boa demais para ser filha da Renata. Então, a Andressa é tia da Luísa? Nossa, que mundo pequeno. Parece até um ovo.

— Sim, e ela jurou vingança pela morte da irmã. Parece bem determinada em cumprir com o prometido.

Ninguém imaginaria que uma repórter de coluna de fofoca estaria investigando algo tão perigoso.

A festa em homenagem a Eduardo Barbieri aconteceria na noite seguinte. Renan temia pelo que poderia acontecer. Sua mãe sempre interpretou muito bem o papel da mulher dedicada que perdeu o marido em uma tragédia horrível.

Ela era adorada pelas pessoas, ninguém imaginava que por baixo daquela capa boa esposa, escondia-se uma mulher astuta e artilosa.

A inquietação tomou conta de Renan durante todo o dia da festa, mesmo depois da conversa com a namorada.

A proximidade do evento trazia a lembrança do homem que seu pai foi, da sua importância, tanto dentro da família quanto para a comunidade. Eles eram muito ligados, Eduardo foi o principal apoiador das decisões do filho, a angústia crescente ameaçava sufoca-lo.

Imaginar que a própria mãe havia provocado o acidente que causou a morte do seu pai o deixou perturbado. Mirela ficou do seu lado, apoiando e tentando fazê-lo esquecer um pouco toda aquela história. Porém, quanto mais pensava, mais a ideia parecia possível.

Renata Barbieri não sofreu com a morte do marido. Pelo contrário, ela pareceu sentir-se finalmente livre. Apenas quando precisava dar alguma entrevista suas lágrimas eram evocadas, sua tristeza tornava-se pública.

Seria extremamente difícil ficar frente a frente com ela na cerimônia, sabendo de tudo. Os filhos subiriam ao palco e fariam uma homenagem ao pai. Ela daria seu discurso, ensaiado previamente e com direito a pausas dramáticas e lágrimas.

Pensar naquilo lhe causava repulsa. Lembrou-se de Luísa, que estava evitando o contato com a mãe nos últimos tempos. Tudo seria doloroso demais para todos eles.



Andressa Zor olhava fixamente para a tela do seu notebook enquanto as lágrimas ameaçavam vir. Passou a mão pela tela, que exibia a foto da sua jovem irmã. Pobre Luma, morreu tão jovem e com tanta vida pela frente.

Tinha dez anos quando tudo aconteceu. Viu sua irmã cheia de sonhos de um futuro ao lado de Eduardo.

Luma tentou fugir do amor que sentia, mas o homem conseguiu provar que seus sentimentos por ela eram verdadeiros. No fim, o que importava era o que sentiam.

Renata fez da vida de sua irmã um verdadeiro inferno. Luma perdeu oportunidades de emprego e até amizades por causa da perseguição da mulher.

Luísa veio como um anjo no meio de toda a tormenta que a irmã viveu. A inveja corroía a mulher de Eduardo, as ameaças foram constantes durante toda a gravidez.

A maldita mulher matou sua irmã com uma dose letal de remédios e ainda criou Luísa como se fosse dela. Os pais de Andressa morreram três anos após a morte de Luma e nunca conheceram a neta.

Ninguém podia com a força de Renata Barbieri.

Andressa jurou que a faria pagar por tudo que fez à sua irmã. Dedicou parte da sua vida a isso. Nos últimos meses, descobriu que a maldita mulher cometeu atrocidades impensáveis.

Estava absorta em seus pensamentos quando seu celular tocou, trazendo-a de volta à realidade.

— Oi, Sandro, tem alguma novidade para mim?

— Pegamos a safada — o homem disse, triunfante.

— O quê? Prenderam ela e só me diz agora?

— Calma. Faremos isso em grande estilo, na festa em homenagem ao seu Edu Barbieri. Nada mais justo, afinal, ela o matou e tentou destruir as provas.

Sandro era amigo de infância da blogueira e também era o investigador responsável pelo caso. Queria pegar aquela cobra traiçoeira tanto quanto ela.

— Preciso soltar a bomba na festa momentos antes da prisão. Quero que todos saibam do que ela é capaz, que seja julgada pelas mesmas pessoas que a veneram. Como ela pôde matar o marido, a minha irmã? Meu Deus, ela quase matou o próprio filho.

— Não vá me complicar, Andressa, trabalhei duro para chegar onde estou, um passo em falso e tudo vai por água a baixo. Confio em você, não me decepcione.

— Não farei qualquer coisa que complique você, meu amigo. Nos encontramos na festa?

— Sim, hoje finalmente a morte de Luma será vingada!



— Sorria e acene, Mirela — Karen sussurrou no ouvido da amiga e apertou sua mão. — O Renan tinha que sumir justo agora.

— Veja se não é a golpista metida a Barbie — Duda a olhava de cima a baixo com desprezo. — O que faz aqui? Esta festa é uma homenagem ao meu pai. Você nem o conhecia.

— Cala a boca, Duda — Luísa interrompeu os disparates da irmã. — Procure algo melhor para fazer.

— Esqueceu da nossa conversa, Duda? — Renan surgiu atrás da irmã, com cara de poucos amigos.

A mulher revirou os olhos e saiu pisando alto. Quanto à mãe dele, Mirela evitou cruzar seu caminho durante todo o evento.

Até o momento das homenagens, tudo correu exatamente como o planejado. Duda chorou copiosamente durante sua fala. Luísa falou sobre o pai de uma forma tão linda que emocionou o público. Renan escolheu falar sobre tudo de bom que seu pai tinha trago para sua vida.

Renata subiu ao palco as pessoas a aplaudiram, enlouquecidas.

— Eduardo Barbieri, o que dizer sobre esse homem? — a mulher dizia, com a voz embargada. — Eu era tão jovem quando me apaixonei por ele. Nosso casamento foi marcado pela lealdade, cumplicidade, amor e companheirismo. Quando meu marido morreu, um pedacinho de mim foi enterrado com ele. Não consigo pensar em outro homem ao meu lado...

A fala foi interrompida pelas lágrimas.

O telão se acendeu, exibindo a pergunta: *Quem é Renata Barbieri?*

Uma homenagem a ela naquele momento viria bem a calhar, foi o que pensou ao ver sua foto na tela e exibiu um sorriso orgulhoso.

“A rica dama da sociedade, admirada por todos, mãe zelosa, esposa devota. Será mesmo que ela é tudo isso?”

Talvez o que veremos a seguir distorça essa imagem perfeita dessa nobre senhora.”

A mulher ficou estática até compreender o significado das palavras, e um vídeo que ela acreditava ter destruído começou a ser exibido na tela.

“—Você não tinha esse direito, Renata — Eduardo Barbieri dizia, segurando os braços da mulher. — Como pôde fazer isso? Matou a Luma, a mãe da Luísa, apenas por um capricho. Matou a única mulher que amei...”

— Aquela vadia merecia morrer, não mandei ela se meter no meio da minha família. Avisei a você que faria isso caso persistisse com a ideia de divórcio, mas você nunca me escuta, Edu!

— Você é um monstro! Uma assassina! Devia tratar essa sua obsessão por mim e por essa família fracassada. Seu projeto de família feliz fracassou, Renata. Sabe que falo a verdade — A mulher desferiu um golpe no rosto dele.

— Nunca mais ouse falar isso da nossa família, seu miserável. Faço tudo por você e foi isso que ganhei em troca: um belo par de chifres. Devia me agradecer por ter aceitado essa pirralha bastarda na minha casa.

O homem a encarou com fúria.

— Farei melhor que isso e levarei as provas do seu envolvimento na morte de Luma para a polícia. Você pagará pelo seu crime, a morte dela não ficará impune. Devo isso a minha filha.

—Te mato antes disso, Eduardo, não brinque comigo! Sabe, acidentes acontecem... De repente seu carro pode ficar sem freio ou ter uma falha no motor enquanto corre loucamente pela estrada em alguma de suas viagens. Não queira saber do que sou capaz, querido. Tenho as mãos sujas de sangue,

não me custa nada fazer isso novamente. As pessoas nunca imaginariam que eu seria capaz de uma atrocidade dessas. Sou uma ótima atriz, sei interpretar muito bem meu papel perante a sociedade, não se esqueça disso!”



Um silêncio se instalou sobre o local, Renata assume uma postura ereta. Isso não podia estar acontecendo com ela.

Não podia ser verdade!

Eduardo sempre tinha uma carta na manga, mas por essa ela não esperava. Mesmo morto, o maldito ainda conseguia atingi-la.

Ela tentou inutilmente se manter inabalável, o salão foi invadido por policiais. Ela assistiu tudo em câmera lenta, parecia estar em uma experiência extracorpórea.

— Renata Barbieri você está presa pelo assassinato de Luma Zor, do seu marido Eduardo Barbieri, tentativa de homicídio do seu filho Renan Barbieri e obstrução da justiça.

As pessoas a olhavam incrédulas, como se ela fosse o próprio diabo em carne e osso.

— Solte a minha mãe, seu inútil, isso tudo não passa de um grande mal-entendido. Esse vídeo é uma montagem grotesca, não estão vendo? — Duda gritou e partiu para cima de um dos policiais, mas Beto a conteve antes que o alcançasse.

— Quer ser presa por desacato à autoridade? — ele disse em seu ouvido, segurando firme a cintura dela — Ou por compactuar com os planos diabólicos da sua mãe?

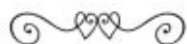
Duda estremeceu, ninguém tinha mencionado seu nome. Se havia aprendido algo com o marido, era saber o momento de se calar.

Colocou sua mãe em um alto pedestal, compactuou com muitas coisas que ela havia feito. Porém, acreditava que sua mãe nunca seria capaz de matar alguém. Ela foi apenas mal interpretada por gente que invejava sua posição.

A revelação de que sua mãe estava envolvida no acidente que o colocou em uma cadeira de rodas atingiu Renan como uma bala. Jamais cogitou a possibilidade do seu acidente ter sido planejado por alguém, muito menos pela própria Renata.

Os três filhos observaram estáticos a mulher ser levada pela polícia sob

os flashes e perguntas perturbadoras de repórteres ansiosos por um furo de reportagem.



— Como pôde matar meu pai? — Duda encarava a mãe, furiosa.

— Não finja que não sabia.

— Eu. Não. Sabia. — Renata mudou de posição na cadeira, se mostrando desinteressada pelo que a filha dizia. — Você é bem pior do que imaginei. Ele era pai dos seus filhos, não tinha esse direito!

— Discurso moral pra cima de mim? Não se esqueça que é responsável pela morte de sua sobrinha...

— É uma coisa bem diferente, mãe. Eu não matei aquele bebê e sabe disso. Ao contrário de você, que tentou de todas as formas fazer com que Mirela perdesse o filho. Sei que planejou roubar a criança sendo ela saudável ou não, mas a fedelha morreu antes que seu plano pudesse ser finalizado.

— Cale a maldita boca, sua inútil! Pelo menos sei fazer as coisas sem deixar rastro!

— A prova disso é que passará uma temporada vendo o sol nascer quadrado.

Renata perdeu o controle e deu uma bofetada na cara da filha, que levou a mão ao rosto.

— No que depender de mim, você apodrece aqui dentro. — A raiva de Duda era quase palpável. — Matou o meu pai, a única pessoa que se importava comigo de verdade, já que você nunca teve coração.

— Não pense que vai se livrar de mim assim, amada filha. Se não der seus pulos pra me tirar daqui, vai pagar muito caro.

— Não tenho medo de você!

— Pois deveria. Ao contrário dos seus irmãos eu tenho você nas mãos, Duda. Um passo em falso e vem parar no meu lugar. Acha mesmo que eles acreditarão que você não tem nada a ver com tudo o que fez?

— Chega, dona Renata. Aceite que ficará aqui apodrecendo por tempo indeterminado.

Duda saiu em direção à porta, determinada a não ajudar a mãe.

— Lembre-se que eu sei o que você esconde por trás dessa máscara de mulher revoltada e cheia de rancor...

As palavras feriram-na como uma navalha. Ela parou por um momento, mas decidiu ir.

Que se dane aquela velha perturbada!



37.

— Você está bem, Renan? — Mirela perguntou, apreensiva.

O homem havia acompanhado, em silêncio, a prisão da mãe, e a revelação de que a mulher tinha causado seu acidente o deixou abalado.

— Não sei direito — ele estava confuso com tudo que havia descoberto.

— Vamos para casa, você não precisa ficar aqui.

Renan concorda com um leve aceno.

Ela conduziu o carro enquanto Renan seguia em silêncio. Ela também ficou muito abalada com as revelações. Saber que a mulher mesquinha havia atentado contra a vida do próprio filho causou-lhe desconforto e inquietação.

Chegaram ao apartamento, o silêncio a estava matando.

— Quer falar sobre isso? — disse, por fim.

— Como a minha mãe pôde fazer algo assim? Qual o motivo por trás de tantos crimes?

— Talvez deva perguntar a ela — Mirela disse, massageando os ombros de Renan e tentando aliviar a tensão.

— Por mais que eu tenha me adaptado a essa nova condição, saber que ela foi responsável pela interrupção dos meus sonhos como piloto me causa um sentimento que não sei se sou capaz de controlar. Ela é minha mãe... ou era.

O coração doía em pensar em tudo que poderia ter vivido se a mãe louca não tivesse interrompido seus sonhos. Teria acompanhado a gestação da noiva, estariam juntos desde então, possivelmente sem mal-entendidos. Teria conquistado todas as metas que havia traçado para sua vida antes do acidente.

Evitava ao máximo pensar em como seria a sua vida se não tivesse sofrido aquele maldito acidente. Renan focava no presente e no futuro, em busca de viver da melhor maneira possível, porque não pensava mais na sua deficiência como um fardo pesado. Tinha aprendido a conviver com suas limitações, tirar proveito e não se deixar abalar facilmente.

Mirela não encontrava palavras de conforto para o noivo. Estava tão

chocada quanto ele. Dona Renata tinha roubado tanta coisa dela, mas nunca pensou na sogra como uma assassina fria e calculista.

— Esqueça isso por enquanto, Renan, pensaremos no lado bom. Ela pagará pelos crimes que cometeu. A Andressa fez tudo isso por vingança?

— Sim, não podemos julgá-la — ele disse, inclinando a cabeça para olhá-la e tocou a mão dela que o massageava. O espanto nos olhos dela foi evidente.

— Como uma repórter de fofocas foi parar na coluna policial?

— Pelo motivo que você mesma disse antes. Vingança. — Mirela sentou-se no colo dele e o fitou, esperando por uma resposta mais elaborada — Luma era sua irmã e desmascarar minha mãe tornou-se seu objetivo de vida nos últimos tempos.

— Uau! Quantos segredos sua família ainda guarda?

— Espero sinceramente que não existam mais. Não sei se tenho estrutura para tantas atrocidades.

Ele a abraçou e ficaram assim, no meio da sala, por um bom tempo. A vida deles parecia uma montanha-russa desde que seus caminhos se cruzaram, mas estarem se apoiando dessa vez tornava tudo mais fácil, de certa forma.

Depois do noivado público, tinham passado mais tempo junto. Precisavam se conhecer novamente, muitas coisas haviam mudado na vida de ambos e descobriram o quão tola foi a ideia proposta por Renan anos antes. Eles podiam muito bem terem se assumido e administrado tudo aquilo à distância.

A filha foi mencionada algumas vezes, mas ele procurava respeitar a decisão dela e não a machucar trazendo à tona suas dores.

O sentimento entre eles era evidente, assim como a conexão que compartilhavam, ele continuava a ser o homem por quem ela se apaixonou tempos atrás. Porém, essa versão dele era muito melhor que a primeira, isso ela tinha que admitir.

Renan conseguia preencher todos os espaços da vida de Mirela com sua força, determinação e, principalmente, com todo seu amor.

Em algumas semanas, ele a convenceu de treinarem juntos na academia. Isso acabou fortalecendo a relação deles de uma forma maravilhosa.

Os olhares curiosos ainda recaíam sobre eles, o preconceito era evidente na reação das pessoas ao vê-los, o que os faziam sentir a necessidade de

mostrar que eram mais que amigos quando estavam em público.

O relacionamento dividia opiniões nas redes sociais. Alguns diziam que o que a mulher queria era apenas se promover; outros acreditavam no sentimento genuíno compartilhado por eles. O fato é que, sem pretensão alguma, acabaram virando a sensação das colunas de fofoca.

Nada disso afetou a vida deles de forma significativa, mas a revelação sobre os crimes de Renata abalou o mundinho que haviam criado para si.

— Prometa para mim que não deixará que isso afete nossa vida, Renan?
— Mirela disse após um longo período em silêncio.

Ele a encarou, segurou o queixo dela com as pontas dos dedos e se aproximou sem perder o contato visual.

— Prometo — sussurrou em seus lábios antes de cobri-los em um beijo lento que a fez lembrar de alguns dos inúmeros motivos de ter aceitado seu pedido de casamento.

O beijo foi interrompido por Mirela.

— Não quero nada entre nós. Quero que confiemos um no outro, Renan. Que em primeiro lugar esteja os nossos sentimentos e que nada possa nos abalar — suas palavras saíram num sussurro enquanto as duas mãos seguravam o rosto dele.

— Vou me esforçar. Prometo. — Ele a beijou novamente. — Por isso amo você, mulher, porque desperta o que há de melhor em mim.

A intensidade das palavras foi complementada pelo encontro dos lábios em uma dança de sincronia perfeita. As mãos dele percorrem suas coxas por baixo do tecido da saia, tocando a meia calça preta.

Nas últimas semanas, haviam desfrutado de momentos perfeitos juntos.

O sexo era incrível, cada dia uma nova descoberta. Renan explorava o corpo dela, a levando ao ápice do prazer de maneiras, até agora, pouco exploradas por ela ou parceiros anteriores.

Tudo era mais visual, as preliminares a levavam à loucura. Descobriu que sexo não se tratava apenas de penetração, como a maioria pensava. Havia um mundo completamente novo para explorar e Renan tornava tudo perfeito.

Enquanto as mãos deles exploravam cada parte do corpo, o beijo se intensificava. Mirela levantou-se lentamente, interrompendo o contato dos lábios. O olhar sensual provava que ela tinha planos bem maiores para a noite, mesmo antes de toda a bagunça se instaurar.

A mulher sumiu pelo corredor do apartamento por alguns minutos, o deixando confuso quanto às intenções dela.

Quando estava prestes a acompanhá-la, ela surgiu com um olhar travesso, o conduziu até ao quarto e quando a porta se abriu, um sorriso inevitável se instaurou no rosto do namorado.

As luzes principais estavam apagadas, apenas as luminárias do criado ao lado da cama estavam acesas e cobertas por um fino tecido pink, deixando o ambiente com uma atmosfera sensual.

O nervosismo dela estava evidente, mas ele fingiu não perceber.

— Esqueceremos o mundo lá fora por uma noite — ela disse, com um sorriso sensual. — Você sairá dessa cadeira para a cama, Renan. Quero garantias de que não irá me interromper. Portanto, a cadeira está fora da nossa noite, pelo menos por enquanto.

— Estou muito ansioso para saber o que você tem em mente, futura senhora Barbieri — Renan disse, atendendo ao pedido dela.

Mirela ofereceu uma taça de champanhe e pegou outra para si.

— Proponho um brinde — ela leva a taça de encontro a ele — ao que o futuro nos reserva.

Ela pegou o celular. Com alguns toques, uma música sensual quebrou o silêncio do ambiente e o sorriso no rosto dele se alargou ao perceber do que se tratava tudo aquilo.

Ela se afastou em uma dança lenta no ritmo da música.

O cabelo preso em um coque clássico, a saia preta com listras verticais douradas se ajustava aos quadris fartos, a camisa branca, fechada até pescoço, a deixava com um ar sensual.

As mãos dela seguiram até os botões e os abriu em um ritmo lento enquanto dançava. Seus olhos se prenderam nele, cheios de luxúria. Ela virou-se de costas e o tecido da camisa foi escorregando lentamente pelos ombros até tocar o chão.

O sutiã preto sustentava os seios fartos que o deixavam louco. A dança sensual continuava e ele a devora com os olhos.

A saia seguiu o mesmo caminho da camisa, descendo devagar, revelando a lingerie preta e as meias. Uma visão deslumbrante.

Lentamente, deslizou uma alça do sutiã para baixo dos ombros, tocou o

decote levemente. Deslizando os dedos no sutiã e, logo em seguida, os levou novamente para fora.

Virou-se novamente e soltou o fecho do sutiã, olhando para trás sobre o ombro. Tirou a peça lentamente e a jogou sutilmente sobre ele.

Os olhos dele eram puro desejo e a mulher o provocava ainda mais, aproximando-se como um felino sobre a cama, sem permitir o contato físico, deixando-o sentir o perfume adocicado. Renan fechou os olhos, se deliciando com o cheiro que exalava do corpo dela.

Ela voltou a ficar de pé, continuando sua dança ao som da música. As mãos percorriam o próprio corpo, acariciando-se. Renan mordeu o lábio, apreciando a visão. Ela soltou o coque, deixando os cabelos caírem lentamente sobre os ombros.

De costas para ele, Mirela se curvou, apoiando na poltrona à sua frente, e, lentamente, levou sua calcinha para logo abaixo do seu bumbum. Ameaçou tirá-la totalmente, mas subiu a peça, parando para olhar para ele com um pequeno sorriso provocante.

Seu noivo não disse nada, porém a maneira como ele a olhava e o sorriso no canto da boca denunciavam que ele estava se deliciando com o pequeno show.

A mulher deslizou a calcinha pelo bumbum mais uma vez, e desceu a peça pelas pernas, tocando a poltrona levemente com a mão livre, procurando apoio. Quando a peça minúscula alcançou seu tornozelo, ela sentou-se graciosamente na poltrona, retirando a peça dos saltos altos.

Mirela caminhou lentamente na direção dele, apenas com as meias pretas e os sapatos altos. Renan a puxou para si assim que o corpo dela ficou ao seu alcance, enquanto a mulher tentava se livrar dos saltos.

O toque quente das mãos dele a fez estremecer, as línguas se encontram em uma carícia. As mãos dela enfiaram-se por debaixo da camisa dele, sentindo o corpo quente. Ela desabotoou a peça enquanto os lábios se deliciavam com o sabor do homem que amava.

Ele explorou seu corpo nu com as mãos hábeis, a boca percorreu o pescoço dela.

— Mulher, você é fogo — ele sussurrou no ouvido de Mirela com a voz rouca, causando-lhe pequenos arrepios.

Os seios foram abocanhados, sugados e apertados, a fazendo inclinar e

segurar os cabelos dele empurrando-o contra seu corpo.

A calça social dele foi retirada habilmente por ela, que subiu pelo corpo dele em uma trilha de beijos até chegar em sua ereção, a qual segurou firme para beijar a extremidade por cima da cueca.

Apesar de não sentir praticamente nada da cintura para baixo, não significava que ele não apreciava a imagem de uma linda mulher fazendo carícias em seu membro ereto. A cueca foi retirada enquanto ela o devorava com os olhos cheios de luxúria, beijando a ponta de sua virilidade, lambendo, sugando.

O homem fechou os olhos, tentando recordar-se da sensação. Sua mente evocou lembranças. Ele abriu os olhos novamente e se deleitou com a imagem da mulher nua sobre o seu membro.

Ele não tinha controle sobre o momento que o levaria ao êxtase, Mirela sabia disso e queria que, quando acontecesse, fosse dentro dela. Interrompeu as carícias, distribuindo beijos e lambidas pelos músculos definidos do abdômen do noivo, chegando à boca que a devorou em um beijo.

A ereção dele tocou sua umidade e ela gemeu de prazer, sentou-se sobre ele lentamente, o toque do membro quente a faz estremecer. As mãos de Renan seguraram firme em suas nádegas, incentivando-a a dançar sobre sua rigidez.

Os movimentos iniciais eram lentos e se tornaram intensos e ritmados, os levando ao ápice do prazer, transformando o mundo a volta deles em algo insignificante se comparado à beleza daquele momento.

— Eu nunca vou me acostumar com a sua intensidade, Mirela — ele disse, fazendo pequenos círculos com os dedos nas costas dela, que apoiava a cabeça em seu peito.

— Não quero que se acostume, Renan — ela sussurrou, beijando seu peito.

Esquecer tudo por uma noite foi fácil. Porém, na manhã seguinte, teriam que enfrentar seus demônios e esclarecer os pontos obscuros que haviam surgido com a prisão de Renata Barbieri.



38.

— Claro que viria. Estava me perguntando quando. — Renata disse, tamborilando os dedos sobre a mesa. — Tenho filhos tão ingratos, nenhum dos dois moveu uma palha para me tirar daqui. Daquela bastardinha nem espero muita coisa, mas meu sangue corre nas suas veias, seu imprestável!

— Infelizmente para mim, você é minha mãe. — Renan massageou as têmporas. — Só que isso não lhe dá o direito de cometer crimes e sair impune.

A mulher revirou os olhos ao ouvi-lo.

— Tudo o que fiz foi para manter nossa família a salvo das colunas sociais e dos escândalos.

— Provavelmente meu acidente se encaixa em um desses seus termos. Como foi capaz de planejar algo que poderia ter me levado à morte?

— Não exagere, meu filho, eu não chegaria a tanto. Você é bem difícil de se dobrar, saiu a mim. Nunca escondi a minha objeção quanto às escolhas que fez para a sua vida. Quando seu pai morreu, pensei que o teria aqui, cuidando dos negócios lado a lado. Não foi bem isso que aconteceu. Aquela mulherzinha idiota apareceu e ainda assim você preferiu sua profissão.

— Veja lá como fala da minha noiva.

— Veremos até onde vai a sua insanidade. Só quero dizer que não sou culpada pelo seu acidente, pela morte do meu amado marido e muito menos daquela prostituta que ele insistia em amar. Vocês fizeram escolhas erradas e me forçaram a tomar medidas drásticas para colocar a vida de vocês nos eixos novamente.

Renan a encarou, perplexo. Como aquela mulher podia dizer aquelas coisas todas tão friamente?

— Não pode estar falando sério, dona Renata.

— Vai me culpar pela sua escolha, filho? Se tivesse escolhido ficar ao invés de ir se aventurar com aquelas insanidades, talvez você teria as suas pernas saudáveis e, quem sabe, poderia realmente se casar e satisfazer qualquer outra mulher que não fosse Mirela.

— Sabe que minha condição física não é um obstáculo, e que não importa se eu tenho as pernas boas ou não. Sempre será Mirela a minha escolha.

— Aquela piranha aproveitadora merece um futuro desolador ao seu lado. — A mulher encarou o filho, desafiadora. — Me recuso a aceitar esse casamento. Não te criei para dar de mão beijada para qualquer uma.

— Olha aqui — Renan disse, apontando o dedo no rosto dela —, não admito que uma mulher mesquinha, fútil e assassina fale qualquer coisa a respeito de Mirela. Aliás, nem se atreva a tocar no nome dela. Também esqueça que sou seu filho, ouviu bem?

— Ele tem garras afiadas — a mulher retrucou, indiferente às últimas declarações deles — Saiba que não existe o termo ex-mãe. Não se livrará de mim assim tão fácil. Nem pense que vou apodrecer aqui, não esqueça que estamos no Brasil, o país da impunidade. No máximo amanhã eu estarei fora dessa espelunca, você e sua irmã não perdem por esperar. Aquela bastardinha também vai me pagar, dediquei minha vida a essa família e é isso que ganho no final?

— Essa família foi destruída há muito tempo, dona Renata, só você não percebeu isso ainda.

— Nunca mais repita isso, seu aleijado inútil — ela tinha tanta raiva na voz que Renan ficou perturbado com as palavras. Sua mãe tinha um jeito especial de arrancar o pior das pessoas.

— Não se esqueça que foi você quem provocou tudo isso, *mamãe*.

— Faço questão de me lembrar de tudo. Não vejo isso como algo ruim. Pelo menos agora você não está pondo sua vida em risco, apesar dessa idiotice de crossfit. Prefiro vê-lo preso a uma cadeira em um lugar onde eu possa alcançar.

— Tem certeza de que é minha mãe? Porque começo a duvidar disso — Renan disse, em meio ao ódio.

— Não alimente esperanças quanto a isso, porque você saiu das minhas entranhas e não há como mudar esse fato.

No último mês, a vida de Renan sofreu reviravoltas e lidar com elas estava se tornando difícil. Porém, com Mirela ao seu lado, ele conseguia coragem para enfrentar tudo de cabeça erguida.

Havia conversado com alguns amigos advogados criminalistas e,

infelizmente, Renata tinha razão, ela poderia responder em liberdade, mesmo depois das acusações. Afinal, estavam em um país onde ricos não ficavam presos por muito tempo. Mesmo com tantas provas, a justiça era falha.

As ameaças dela o deixaram apreensivo. Ela não era o tipo de pessoa que costumava voltar atrás com o que dizia. Por muito que tentasse, as palavras dela não lhe saiam da cabeça.

“Você e sua irmã não perdem por esperar...”



39.

Renata não ficou presa, como todos acreditavam. Ninguém sabia, mas ela tinha um bom advogado e muitos contatos.

— Gatona, o que pensa agora? — O jovem rapaz perguntou enquanto procurava suas roupas espalhadas pela suíte da mansão. — Tirar você de lá foi muito fácil, mas não pense que as acusações serão retiradas. Não dura muito para a imprensa começar a pressionar a justiça para que volte para a cadeia.

— Caio, não seja tão pessimista, querido. Estaremos fora do país antes mesmo que eles tenham tempo de pensar — Renata se encosta a cabeceira da cama e o observa se vestir — Preciso resolver algumas pendências com meus ingratos filhos e partimos para a Europa na próxima semana. Eles não vão me pegar.

O homem para de abotoar sua camisa e a olha pensativo, como se calculasse as probabilidades de serem pegos.

— Se tem uma coisa que a minha profissão e meus colegas advogados me ensinaram, gatona, foi não subestimar a inteligência dos agentes da lei!

— Uau! Sempre soube que um dia precisaríamos da sua experiência como advogado.

O tom dela é de orgulho e ele sorri satisfeito.

— Você consegue extrair o pior de mim, gatona! Devo a minha vida a você. Isso é o mínimo que podia fazer. Em pensar que consegui convencer aquela boba da Aline que estava perdidamente apaixonado, acabar com ela foi mais fácil do que pensamos. Sua consciência não dói por todas as coisas que fez?

— Isso é para os fracos, meu querido — a mulher o encarou por um momento. — Sabe o que é mais gratificante em tudo isso?

Caio acena a cabeça em negativa.

— Ver o medo estampado na cara daquela mulherzinha. Ela sabe que fui eu e isso a deixa com o pé atrás comigo.

— Você é muito má, gatona! — Ele diz inclinando-se sobre a cama para

beijá-la. — Onde foi que eu achei você mesmo?

—Ganhou na mega sena, querido. Nunca vai encontrar alguém como eu, que te dê tudo o que merece.

O rapaz dá um sorriso largo no e senta-se na beirada da cama enquanto a mulher massageia seus ombros.

Tinha apenas dezoito anos quando a conheceu, estavam juntos há dez anos e ele foi cúmplice em muitas coisas que ela fez. Caio não era só um rostinho bonito, ele era muito inteligente e isso fascinou Renata. Ele era ambicioso e nenhuma grana para realizar seus grandiosos sonhos.

— Acha mesmo que seu filho é culpado por algo? — Ele hesita ao perguntar.

—Claro que é! Foi depois que ele nasceu que o Eduardo parou de me ver como mulher. Só tinha olhos para aquele garoto chorão. Tudo o que eu sempre quis foi ter Renan nas mãos, fazê-lo sofrer e depender de mim. Mas Deus sabe de onde, aquele imbecil tira tanta força para me enfrentar.

Caio sorriu da convicção nas palavras dela. Como conhecedor das leis, ele sempre conseguia fazer com que os rastros dela sempre fossem apagados, estranhamente ele não se envolvia a fundo nos planos dela, nunca tomava decisões e a última palavra era sempre dela. Isso alimentava o ego de Renata e a deixava satisfeita, porque com Eduardo sempre era o contrário.

A morte de Aline veio bem a calhar, porque, não precisaram interferir, mas causou uma bagunça que tirou tudo do controle, porque Renan resolveu que seria piloto – para o desespero de Renata, que o queria bem abaixo do seu nariz, controlando cada passo e interferindo na vida dele a qualquer sinal de felicidade.

Ela se aproveitou que Eduardo era amante da velocidade e providenciou uma falha mecânica no veículo, nada que pudesse ser detectado por uma investigação policial. Caio tinha medo de ser preso e ela tentava entender o lado dele, mas isso as vezes rendia muitas brigas entre eles. O homem quase enlouqueceu quando ela lhe contou que a morte do marido não tinha sido acidental.

— Renata, eu sou advogado! Vou perder meu registro na ordem por sua culpa. — Ele esbravejou aquela tarde andando de um lado para o outro no quarto do motel que se encontraram.

— Calma, seu nome não está envolvido. Aliás, você é um fraco e medroso. Não sei porque ainda insisto contigo.

Então, ele simplesmente sorria e ela esquecia tudo. Depois o convencia a apagar os rastros que ela havia deixado.

O acidente de Renan quase causou o rompimento dele.

—Você é louca? Queria matar seu próprio filho? — Ele perguntou histérico.

— Não queria matar ele, era só um susto. Mas saiu melhor do que eu imaginei.

— E quando pensava em me contar? Na missa de sétimo dia dele? — O olhar dele furioso não a atingia.

— Acha que tenho medo de você garoto? Cala a boca, eu sustento seus luxos e pago suas contas. Pare de me julgar e limpe a bagunça como o bom menino que é.

Era sempre assim, ela só contava depois que a merda estava feita e ele tinha que dar um jeito de limpar os rastros. Tinha feito isso nos últimos dias, limpado a bagunça dela e aquilo o deixou muito irritado.

— Você ia mesmo roubar o bebezinho, Renata? — Ele perguntou encarando-a.

— Ainda duvida? Você é tão medroso, Caio. Ainda bem que apesar de tudo, consegue entender os meus motivos.

Ele desvia o olhar dela e sorri.

— O que pretende fazer em relação aos seus filhos?

—Os dois ingratos e a bastardinha sentirão a minha raiva. Não pense que sairei desse maldito país antes de acertar as contas com eles.

— Não mate ninguém — Ele diz incisivo — isso vai te prejudicar ainda mais.

— Fique tranquilo, não pretendo matar ninguém.

A mulher o beija possessivamente, derrubando-o na cama.

— Gatona, você ainda será a minha perdição — ele sussurrou ofegante.



40.

— Renan, me ajuda, por favor — a voz desesperada de Duda disparou alguns alarmes na cabeça dele.

Passava da meia-noite, Mirela dormia serenamente ao seu lado. Tentou falar baixo para que ela não acordasse.

— O que aconteceu, Duda?

— O Beto... ele está preso nas ferragens... Um carro bateu na gente, fugiu. Tô com medo. Minha barriga dói. Ele vai morrer, me ajuda. Ninguém me atende!

— Calma, Duda, onde você está? Vou ligar para a emergência, chego assim que possível!

— Estamos da rodovia, perto da ponte do farol. Fala comigo, Beto, por favor. Seu desgraçado, não se atreva a morrer agora

Sua irmã estava apavorada e aquilo era preocupante. Ela nunca deu a mínima para ninguém!

Enquanto se organizava para sair em socorro a sua irmã, Mirela acordou, sonolenta.

— Onde vai?

— Duda sofreu um acidente, não entendi direito o que aconteceu. Ela está desesperada!

— Vou com você, amor!

— Não, você volta a dormir. Pode ser alguma das artimanhas da minha irmã, melhor ficar aqui — ele disse, pegando as chaves do carro sobre o criado e girando a cadeira em direção à porta.

— Eu sei me defender — Mirela afirmou, pulando da cama e trocando de roupa rapidamente. — Se você pode sair sozinho a essa hora, eu também posso.

Renan esboçou um sorriso, não adiantava argumentar com ela.

Seguiram por todo o caminho em silêncio, tinha alguma coisa muito

errada. Os socorristas estavam no local, a rodovia estava totalmente deserta, a não ser pela ambulância e o carro destruído fora da pista.

Sua irmã gritava, histérica, com as mãos na cabeça. Mirela ajudou Renan a descer do carro. Ao se aproximarem do local, um desconforto foi tomando conta do casal, algo como um mau presságio.

— Beto, você não pode morrer, seu desgraçado! — a voz de Duda podia ser ouvida a quilômetros de distância. Os paramédicos tentavam controlá-la, mas a tarefa era quase impossível.

— Acalme-se, senhora, os bombeiros estão serrando a ferragem do carro. Fique calma!

— Por que trouxe ela, Renan? — Duda esbravejou assim que viu Mirela.

— Ela é minha noiva, acho bom se acostumar com isso — ele disse, impaciente. — Fique calma, posso fazer algo por você?

Sua irmã o encarava com os olhos marejados, só havia visto ela daquela forma uma única vez, com a morte do pai.

— Foi ela quem fez isso — a irmã disse, encarando os pés e limpando as lágrimas. — Aquela velha desgraçada queria me matar, eu sou filha dela. A segui por todo lado, fiz tudo que ela me pediu. Ela matou meu pai e agora tentou me matar!

— Por que isso não me surpreende? — Renan sentiu a mão da noiva sob seu ombro.

— Juro que não sabia que ela tinha causado teu acidente, Renan — ela chorava copiosamente —, não seria capaz de matar alguém. Ela é doente, como soltaram aquela louca? Mamãe nunca vai me perdoar por deixá-la à deriva. Renata vai matar a todos nós!

Com muita dificuldade, os bombeiros conseguiram retirar Beto. O estado dele era crítico. Chegando ao hospital, ele foi levado direto para a sala de cirurgia enquanto sua esposa caminhava de um lado para o outro, chorando.

— Duda, senta um pouco — Mirela tentou um diálogo com a cunhada.

— Eu não consigo, preciso saber o que está acontecendo lá dentro — disse, sem forças — Você deve estar sorrindo por dentro, não é, Barbie? Foi assim que você se sentiu quando eu e mamãe a impedimos vê-lo?

Mirela fechou os olhos por um momento. Sim! A dor talvez fosse a

mesma, mas ela não tinha o costume de tripudiar sobre a dor das pessoas.

— Senti exatamente isso, me senti impotente. Mas não é da sua conta.

— Por que está aqui ainda? Cadê o meu irmão?

— Não estou aqui por você — a resposta dura de Mirela atingiu a cunhada como um soco. — Estou aqui pelo Renan. Eu nem conheço seu marido. Você e nada para mim é a mesma coisa. Nem tente me tirar do sério. Devia se preocupar com seu marido que está quase morrendo em vez de descontar suas frustrações em mim.

O silêncio pairou sobre elas por um longo momento. Mirela só queria sair dali, mas sabia que era importante para Renan que ela estivesse com ele naquele momento.

— Você é uma grande pedra no caminho da minha mãe. Tome cuidado, ela tentará alguma coisa. Não que eu me importe com você... — Duda tentou parecer indiferente.

— Nunca tive medo de vocês duas!

A cunhada continuava a andar de um lado para o outro, em aflição pela falta de notícias de Beto. Quando Mirela sentou, notou o líquido vermelho escorrendo pelas pernas de Duda.

— Você está bem? — perguntou, levantando-se de uma vez e chamando a atenção de uma enfermeira que passava.

— Estou bem, Barbie, só preciso saber do estado de saúde do meu marido — a mulher estancou de uma vez, sentindo o sangue escorrer pelas suas pernas. — Velha maldita, você não tinha esse direito!

Renan chegou acompanhado por Luísa. Escutaram os gritos histéricos da irmã e tentaram acalmá-la enquanto a enfermeira a colocava em uma cadeira de rodas. Finalmente, conseguiu levá-la para o consultório médico

— Alguém pode acompanhá-la? — Os irmãos se entreolham e Mirela tomou a frente antes que decidissem por algo.

No consultório, Duda disse para o médico, em meio ao choro, que estava grávida de oito semanas e que fazia tratamento de fertilidade, deixando a cunhada perplexa com tais revelações.

O médico pediu para que ela se deitasse na maca. Fez um exame pélvico, que confirmou que o colo do útero havia começado a dilatar.

— Sinto muito, Maria Eduarda — ele disse o mais profissionalmente

possível. — Você está sangrando, o útero está se contraindo e o colo está dilatando, é inevitável. A natureza quis assim.

— Meu Deus! Não, por favor! Eu só queria meu bebezinho. — A agonia dela fez com que Mirela segurasse a sua mão. Ela conhecia muito bem aquela dor que, inclusive, foi causada por Duda. A vida e suas ironias.



A cirurgia de Beto tinha corrido tudo bem, não se podia dizer o mesmo de sua mulher, que teve que ser dopada após a triste notícia sobre o aborto e, posteriormente, de que nunca mais poderia ter filhos. Seu sonho havia sido roubado por sua mãe.

Estava sendo punida por todas as loucuras que havia feito, era só nisso que ela pensava. Aquela velha louca tirou o que mais queria na vida. Um filho. Tentou matar seu marido.

Uma semana após o acidente, Beto teve alta. Seu baço havia sido retirado, sua perna estava quebrada e tinha muitas escoriações pelo corpo. Duda continuava inconformada com a perda precoce do bebê; era como se não pudesse chorar a morte dele. As pessoas nunca entenderiam a dor que estava sentindo. Sua mãe havia sumido do mapa. Não se sabia nada sobre a maldita.

— Sei que não é o momento ideal para eu dizer isso — Beto quebrou o silêncio perturbador que havia se instaurado entre eles depois de chegarem em casa —, mas eu disse a você várias vezes para ficar longe daquela velha maluca.

O homem riu, sem humor, enquanto a mulher arrumava os travesseiros atrás de sua cabeça.

— Não pensei que ela fosse capaz disso — ela confessou, passando a mão com cuidado sobre o rosto dele.

— Não tente se enganar, Duda. No fundo, você sempre soube da loucura de sua mãe, inclusive compactuou com algumas delas. Sinto muito pelo nosso bebê — Beto secou a lágrima solitária que escorria no rosto de sua esposa.

Ela deitou-se ao lado dele e chorou silenciosamente enquanto o marido acariciava suas costas. A relação deles sempre foi esquisita, mas sempre se entenderam. Apesar das tentativas de interferências da sogra, o casamento foi adiante.

— Você vai me perdoar algum dia por isso, Beto? Pelo nosso filho e pelas loucuras que cometo cada vez que piso o pé fora daquela porta? Por nunca poder te dar um filho?

— Não tenho o que te perdoar. Talvez deva dizer isso às pessoas que você pisou. Nunca permiti que me magoasse. E quanto ao nosso bebê — ele tocou o rosto dela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha —, não fique remoendo isso. A culpa não foi sua, foi daquela velha escrota. Um dia ainda terei o prazer de vê-la sofrendo por tudo que fez a você e aos seus irmãos.

Era exatamente por esse motivo que Renata sempre o quis longe de Duda. A princípio, ela pensou que o jovem e rico rapaz seria facilmente manipulado, mas alguns meses após o casamento, descobriu que ele poderia ser uma ameaça a todos os seus planos. Apesar de não ser totalmente correto e falar exatamente o que pensava, Beto se tornou uma espécie de consciência de sua filha, e isso a deixava possessa.

Parte IV - Recomeço

“Se a vida não ficar mais fácil, trate de ficar mais forte”

(Autor Desconhecido)



41.

— Filha, por favor, quer sentar um pouco? Mirela, você tem que descansar, o casamento é daqui a quatro dias. Essas benditas rosas amarelas vão chegar a tempo.

— Tia Márcia, se eu fosse a senhora, teria amarrado essa garota na cadeira — Karen disse, deitada no sofá do escritório da amiga, com as pernas para o alto.

— Tudo tem que sair perfeito. Passei seis meses planejando. É o meu casamento com o Renan e não pretendo me casar outra vez!

Mirela ainda não acreditava que ia se casar com Renan. Parecia algo impossível um ano atrás, mas lá estavam eles com o pé no altar. Os preparativos para a festa tomavam todo o seu tempo, mas ela se sentia realizada e feliz, apesar do cansaço.

— Calma aí, garota. Você é a senhora da perfeição! Se o seu casamento tiver alguma coisa errada, pode ter certeza que vão encontrar água em Marte fácil, fácil...

— Obrigada por estar aqui, mamãe, eu nem sei o que faria sem a senhora. Essa louca da Karen só complica mais a minha cabeça — Mirela disse, abraçando a mãe e beijando-a.

Nos últimos dias, andava emotiva com a proximidade do grande momento de sua vida. Ter sua mãe por perto significava muito. Toda mulher, por mais independente que fosse, sonhava algum dia com um casamento e um príncipe encantado no cavalo branco. Com ela não era diferente.

O seu conto de fadas fugiu um pouco dos padrões sociais, afinal, o príncipe veio em uma cadeira de rodas. Seu coração transbordava de felicidade, não via a hora de finalmente se tornar esposa de Renan.

— Você é minha única filha, merece tudo. Ainda bem que não consegui te convencer a fazer essa festa para muitas pessoas. Com certeza teria me arrependido, e minha princesa estaria louca.

A ideia de uma festa para um grande número de pessoas causava calafrios em Mirela. Após seis longos meses, e quase quatro anos de espera, eles iriam se casar em uma cerimônia íntima para cem pessoas. Seu nome

estava na boca do povo, era inconcebível que o grande destaque do crossfit e o queridinho das redes sociais se casasse assim, longe dos holofotes.

A imprensa não tinha informação da data correta da festa. Eles se casariam no salão de festas da fazenda Barbieri, a duzentos quilômetros da cidade. Um dos motivos para a escolha foi a dificuldade de acesso para curiosos.

— O papai chega quando, mamãe?

— Falei com o Humberto hoje cedo e ele disse que pegaria a estrada amanhã no primeiro horário. Quer curtir os últimos momentos da sua princesa.

— Vocês sabem que nada mudará, não é, mamãe?

Ela era filha única, foi mimada ao extremo. Tinha medo dos seus pais pensarem que seriam esquecidos. Eles eram sua base, seu parâmetro para medir a felicidade. Desejava em seu coração que seu casamento fosse sólido como o deles, era bonito ver como se amavam mesmo depois de tanto tempo de casados.

— Dona Márcia, que isso? Essa menina só vai casar, nem mudar de cidade ela vai. O Renan não é um cara malvado que a proibirá de vê-los.

— Ah, Karen, você não toma jeito, menina — Márcia envolveu a amiga da filha em um abraço. — Mas te amo assim mesmo!

— Desse jeito eu choro, tia. Olha que quem tá te abandonando é a sua filha! Eu estarei sempre aqui. Essa coisa de casamento não deu muito certo para mim, tive as minhas cotas de decepções.

— Não fale isso, menina. Aquele Ricardo era um rapaz bobo que não te merecia. A vida sempre tem suas surpresas e quando menos esperamos, lá estamos nós, laçados pelo amor novamente.

Karen riu das filosofias da jovem senhora, que apesar de achar absurda a ideia de ser laçada pelo amor novamente, sabia que ela tinha toda a razão.

Márcia abraçou mais uma vez a filha e se emocionou.

— Você vai ser feliz, meu amor — afirmou, segurando carinhosamente o rosto de Mirela. — O Renan ama você, todas as mágoas do passado vão ser superadas. Pare de ficar remoendo tudo, pense apenas no futuro que terão. Tenho certeza que a nossa estrelinha estaria feliz se estivesse aqui. Vá ser feliz, minha filha, não perca mais tempo.

— Te amo, mamãe. Nem imagina o quanto me faz feliz! — a filha

declarou, limpando as lágrimas.

As emoções estavam afloradas. Mirela abraçou mais uma vez sua mãe, seu coração ficou mais leve ao longo dos meses. De alguma maneira, Renan conseguiu curar as suas feridas.

— Tá, chega de chorar. Você não tem que buscar o Jonas no aeroporto?

— Nossa, quase esqueci. Você vai comigo?

— Mas é claro! Tenho que parabenizar o abusado pela contribuição dele na última matéria da Andressa na África. As fotos ficaram maravilhosas. Quem diria que o blog dela se tornaria um guia de viagens?

— Eles estão felizes, isso não tem preço!

A Agromaq estava no auge. Havia fechado contrato com uma multinacional e estavam prestando serviços em vários países do continente africano. Jonas viajava com frequência para treinar e supervisionar o pessoal deles, e a namorada passou a ir junto, explorando as belezas naturais ainda não descobertas pelos turistas.

Eles tinham apenas uma semana livre a cada trinta dias, e o casamento foi planejado para se encaixar com a folga de ambos, que eram padrinhos de casamento.



— Vai mesmo se casar comigo, Mirela?

Eles passeavam pelo shopping de mãos dadas, depois de assistirem a um filme.

— Ainda duvida? — A noiva perguntou, parando um momento para encará-lo. — Só preciso que você me espere no altar.

— Com certeza estarei lá — ele respondeu, puxando-a para si e a envolvendo em seus braços. — Você vai ser oficialmente minha.

Renan a beijou e algumas pessoas pararam para olhá-los. Umas escandalizadas, outras encantadas com o amor que emanava deles. Todas as dificuldades que enfrentaram fortaleceram a relação.

Apenas uma coisa os preocupava: Renata Barbieri. O sumiço dela os deixava apreensivos, como se ela fosse aparecer a qualquer momento e acabar com a felicidade deles.

— Acha que sua mãe vai aparecer? — Mirela perguntou, apreensiva,

quando chegaram ao apartamento dele.

— Não sei, amor. Ela tem esse prazer em torturar as pessoas. Mas não vamos pensar nisso, é o nosso momento, ela não pode nos machucar. — Ele a puxou para mais perto. — Hoje eu só quero passar uns momentos com a minha noiva. Faltam apenas dois dias, quero aproveitar meus últimos momentos como seu noivo.

Ela foi a sua melhor loucura. Desde o primeiro momento, sabia que, cedo ou tarde, acabariam juntos. O período em que ficaram separados o ensinou a amá-la muito mais. Às vezes se pegava querendo voltar no tempo e mudar o momento em que a tirou de sua vida.

Tê-la em seus braços significava muito mais do que as pessoas poderiam imaginar. Há seis meses que vinha provando o que sentia com atitudes, mostrando a ela que estava lá por eles e nada conseguiria destruir o que sentia.

Casar com a mulher que amava derrubava um dos seus maiores medos, que surgiu logo após a descoberta de sua deficiência. Naquele momento, achou que o sonho de um dia ter uma família havia morrido juntamente com a sua capacidade de andar.

— Te amo, Mirela — declarou quando ela o ajudou a se arrumar na cama. — Prometo que vou fazer você feliz.

— Você já me faz feliz. — Ele segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou com carinho.

Desde que voltaram a namorar, Mirela nunca disse que o amava. Aceitou seu pedido de casamento, emocionada. Isso com certeza dizia muito sobre o que ela sentia.

Os corpos se encaixavam perfeitamente, descobriram juntos maneiras de encontrarem o prazer um no outro. Mas essa noite tudo tinha um significado diferente. Os beijos foram lentos. As carícias demoradas. O prazer atingiu o ápice.

A manhã chegou com os raios de sol entrando pela janela. Mirela dormia serenamente ao seu lado, as madeixas descoloridas espalhadas pelo travesseiro, o rosto sereno. Sim, a faria feliz.

— Bom dia, dorminhoca — ele a acordou assim que tinha tudo preparado na mesa da sala de jantar.

— Bom dia — a mulher disse com a voz ainda sonolenta. — Nossa,

dormi feito uma pedra. Tenho mil coisas para fazer antes de irmos para fazenda.

— Mas antes de fazer todas essas coisas, vai tomar café da manhã comigo. Garanto que seu dia vai ser muito melhor.

— Que noivo convencido eu arrumei — ela riu, ainda entre as cobertas.

Em poucos minutos, já está pronta com suas roupas estilosas, que deixam o noivo louco.

— Estava aqui pensando, Renan. A Luísa anda muito diferente desde que sua mãe sumiu. Ela te contou alguma coisa? — Mirela perguntou, passando requeijão na torrada.

— Também senti isso, amor. Mas ela não quer me contar o que está acontecendo. Alguma coisa me diz que minha mãe aprontou com ela. Ou foi a Duda, não sei.

— Convidou a Duda para o casamento? — perguntou, apreensiva.

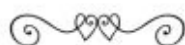
Sua irmã tinha feito coisas ruins contra a noiva dele. Não a queria por perto. O contato deles era estritamente profissional. Ela administrava os negócios da família e Renan a supervisionava. Com tantas revelações, não queria ser surpreendido com um rombo nas contas das empresas.

— Não, deixei bem claro que a quero longe da gente. Talvez tenha sido duro, mas o que ela fez a você não tem justificativa. Pelo Beto eu até convidaria, ele é uma boa pessoa e, pelo menos, tenta colocar um pouco de juízo na cabeça da minha irmã.

— Já não tenho mais tanta raiva dela, mas talvez fosse bom esfregar na cara dela a nossa felicidade. O que acha disso?

— Não sei, amor. Deixa eu ver o que decido até o final do dia. Minha preocupação é a Luísa. Minha mãe fez alguma coisa, tenho certeza. Ela conseguiu um estágio com o melhor estilista do país e mesmo assim não parece feliz.

— Conversa com ela, querido — Mirela o aconselhou, pegando sua bolsa e beijando-o. — Tenho que ir, nos vemos à noite.



Seis meses antes

— Ora, ora se não é a bastardinha ingrata — a voz de Renata fez com que o coração de Luísa batesse freneticamente. — Pensou que tinha se livrado de mim, filha amada?

A jovem procurou apressadamente o celular dentro da bolsa. Sua mente tentava decidir o que fazer. Ligar para Renan? Falar com a tia?

Suas pernas tremiam e a mulher se aproximava cada vez mais, com um sorriso estampado no rosto.

— Acredita mesmo que seu super irmão aleijado pode vir te salvar de mim com a *batcadeira*?

— Eu não disse isso — a garota tentou controlar o nervosismo em sua voz.

— Mas pensou. Que feio você pensar isso da mamãe, filha — Renata disse, tocando os cabelos de Luísa.

— O que você quer? Sei que tentou matar a Duda e o Beto...

O sorriso irônico de Renata ecoou pelo ambiente silencioso.

— Aquela garota idiota precisa aprender a me ouvir, e o rapaz sabichão é um intrometido — ela revirou os olhos ao mencionar o genro. — Sempre tive Duda nas mãos, o casamento era mera formalidade. Uma fusão de negócios. Mas aquele engomadinho imbecil decidiu ser a consciência da minha filha. Lamentável que ele não tenha morrido!

— Você não pode ser tão ruim, Renata — Luísa resolveu apelar para o lado humano, se é que ainda existia algum resquício.

— Sabe qual o significado do seu nome, querida? — A garota balançou a cabeça negativamente. — Vencedora das batalhas, ilustre guerreira ou gloriosa combatente e, no fundo, você é tudo isso filha. Pela ordem natural das coisas, eu deveria odiar você. Meu casamento foi quase destruído por culpa da sua mãe. Aquela mulher insolente me enfrentava; às vezes você me lembra muito ela. Quando tomei a decisão de acabar com a desgraçada, me desculpe pelos meus modos, você também estava inclusa no pacote. Só não contei que quando a tivesse em meus braços, me apaixonaria por esses olhos tão doces.

Luísa sentiu as lágrimas quentes molharem seu rosto. Renata falava de Luma como se fosse apenas um empecilho em seu caminho e não como uma pessoa.

— Eu não deveria, mas me apaixonei por você, filha, meu coração

escolheu você. Nunca quis que soubesse sua verdadeira origem. No meu coração, você é sangue do meu sangue.

— Como me diz essas coisas? Passou a vida inteira me humilhando, me chantageando, me diminuindo, tentando me fazer brigar pelo seu amor, pelo seu reconhecimento. Sempre tinha que ser melhor que os meus irmãos, Renata!

— Passei a sua vida toda tentando odiá-la e fazendo todas essas coisas, talvez eu não tenha mesmo um coração, como dizem por aí. Só queria que soubesse que, antes de qualquer crueldade que cometi, antes até do idiota do seu pai, sempre foi você a minha garotinha dos olhos de mel. Nunca tocaria num fio de cabelo seu, Luísa. Eu não me importo com seus irmãos...

— São seus filhos! Não pode dizer isso — A garota tentou argumentar, as palavras de Renata causavam uma confusão em sua cabeça.

— Eles são ingratos, isso sim. Aliás, você também é, mas tem uma coisa que nenhum deles têm. Coragem de lutar pelo que quer e me enfrentar! Duda sempre foi a minha sombra, mas a imbecil se apaixonou pelo Beto, quando deveria apenas jogar um jogo e ganhar. Porém, nunca assumiu o que sente. Renan é outro fraco, deixou a mulher que amava escorrer pelos dedos apenas por um capricho meu. Ele bem que tentou se igualar a você, mas ninguém nunca chegará tão longe.

— Você sempre me manteve longe, Renata, como pode dizer que me ama?

— Sou sua mãe, é isso que diz sua certidão de nascimento — ela disse, sem controlar a irritação. — Estou indo embora do país essa madrugada e precisava que soubesse disso. Prometi uma coisa tempos atrás e nunca consegui cumprir, mas fiz algumas ligações hoje à tarde e, apesar dessa lama toda, meu nome ainda vale alguma coisa. Consegui um estágio para você com Jacques Cavalli, o melhor estilista desse país.

— Não posso aceitar isso, Renata!

— Não só pode, como vai. É uma garota talentosa, inteligente e vai ter uma carreira brilhante. Não quero seu perdão, filha, só quero que entenda que é muito difícil para mim admitir que amo a filha da mulher que jurei odiar até o fim dos meus dias. Eu a criei como minha. Não é fácil conviver com isso.

Os braços de Renata envolveram Luísa em um abraço apertado. O momento era surreal. Era uma ideia inconcebível para a garota. Tempos atrás, ela ficaria em êxtase com o reconhecimento, afinal, tinha passado a vida toda

tentando fazer com que sua mãe a enxergasse, para agora descobrir que ela sempre a viu.

Ambas choraram por motivos diferentes. A mãe porque provavelmente nunca mais a veria, a filha porque a mãe mostrou uma parte que sempre desejou conhecer, mas agora era extremamente tarde para arrependimentos.

Renata beijou-lhe os cabelos e sussurrou: eu sempre vou te amar, filha!

Luísa viu a mulher se afastar lentamente até sumir de suas vistas. Era errado amar a assassina de sua mãe biológica, mas não havia explicação lógica para isso.



42.

— Que lugar maravilhoso é esse? Mirela, isso aqui é um pedacinho do paraíso — Humberto ficou empolgado com a propriedade da família do genro.

— É lindo, não é? — ela disse, sentando ao lado do pai.

Tinha chegado cedo, todos estavam devidamente instalados. Beto e Duda viriam no final do dia. Apenas alguns primos e tios de Renan viriam no dia seguinte, a empresa de decoração já estava a caminho.

O lugar parecia ter saído de uma daquelas revistas de decoração. A casa principal de dois andares era feita em madeira rústica, com grandes janelas de vidro. Cercada por um enorme jardim com uma infinidade de espécies de plantas, havia uma piscina aos fundos, com espreguiçadeiras de madeira e guarda-sóis espalhados pelo ambiente.

O jantar seria servido no salão de festas, um espaço aberto com decoração rústica, um pouco afastado da casa principal. Uma parte do local entrava pelo lago em um deque de madeira.

A cerimônia seria realizada no gramado bem ao lado do salão de festas, as cadeiras de madeira seriam colocadas na frente do lago, o pergolado tomado por trepadeiras com flores amarelas serviria de altar. Seria perfeito, Mirela planejou tudo nos mínimos detalhes.

— Minha menininha sonhadora cresceu e eu nem percebi — seu pai a envolveu, apertando-a contra o peito.

— Ah, papai, não me faça chorar!

— Você ganhou o mundo, filha. É uma empresária de sucesso, tem paixão por sua profissão, agora se casará com o rapaz que ama, o pai da nossa pequena Esther que em tão pouco tempo de vida nos ensinou tanto. Isso é para encher qualquer pai de orgulho.

— Obrigada pelo carinho com a minha estrelinha e por estarem sempre por perto, mesmo com essa correria que tem sido a minha vida. Devo boa parte do meu sucesso a você e à mamãe, que nunca podaram meus sonhos, sempre me dando forças para seguir adiante e conquistar meus objetivos.

— Aqui estão vocês, posso me sentar aqui ou a velha mãe não é bem-vinda nessa conversa?

Eles ficaram ali, juntos, como há muito não faziam. Às vezes, os deveres da vida acabam nos fazendo esquecer a importância dos nossos entes queridos.

Os pais de Mirela sempre a apoiaram em tudo. Há alguns anos, eles se mudaram para a cidade vizinha por causa do trabalho de Humberto. Como a filha tinha os próprios objetivos, acabou ficando para trás, mas, no fim, tudo correu bem.



— Em menos de vinte e quatro horas você será minha mulher, Mirela. Ainda penso que estou vivendo uma realidade paralela.

Ambos estavam sentados em um banco de madeira do deque sob o lago, afastados da confusão que se formava lá dentro da casa, com os amigos e familiares reunidos em volta da mesa de jantar.

— Não está, amor. Depois de tudo de ruim que passamos, estamos aqui. — Mirela deitou no colo dele, que acariciou seus cabelos. — Tenho pensado muito em nossa filha, Renan.

— Também tenho querida.

— Não sinto mais tanta dor ao me lembrar dela, mas nunca vou esquecê-la.

— Apesar de não a ter conhecido, eu a amo tanto, Mirela. — Ele contornou o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Desculpe ter ficado irritada com você depois que descobri que Jonas tinha te entregado a caixa.

A mulher havia ficado muito chateada. Segundo ela, ele não tinha o direito de sair fuçando suas coisas. Porém, depois de uma longa conversa sobre os direitos de paternidade dele, acabou perdendo.

— Querida, amanhã será um passo muito importante em nossas vidas, devemos iniciá-lo sem nada entre nós. Precisamos manter viva a lembrança da nossa pequena estrelinha, mas não quero vê-la sofrer por isso. Quero aproveitar e te pedir perdão por todas aquelas coisas que não fui capaz de fazer por você anos antes, por permitir que minha família interferisse na nossa relação, por não ser forte o suficiente para assumir tudo que sentia por você.

— Perdoei você há algum tempo, Renan, e me perdoei também. Preciso seguir adiante sem medos e incertezas. Tenho você, meus pais, meus amigos e sei que a nossa filha está olhando por nós de algum lugar lá em cima.

Mirela levantou e encarou Renan, levando a mão ao rosto dele que a puxou para si em um beijo apaixonado e cheio de significados. Sua mão afundou nas madeixas dela, trazendo-a para mais perto. Nada tinha sido fácil até aqui, mas era gratificante tê-la em seus braços e em seu coração.

— Eu te amo, Mirela. Repetirei quantas vezes for necessário.



— Meu Deus, lá fora está uma loucura. — Andressa entrou no quarto correndo com o sapato de Mirela nas mãos. — Me lembrem de me casar em segredo numa dessas viagens.

— Querida, não pense que vai se livrar de nós facilmente — Karen disse, colocando o vestido de noiva sobre a cama. — Onde está a Luísa quando precisamos dela? Isso é culpa sua, Andressa, quem mandou trazer um policial gato para essa festa. Agora perdemos a ajudante.

— Deixa a minha sobrinha em paz, ela está orientando o pessoal do bufê e da decoração. Assim que terminar, ela vem.

— Me ajudem aqui, meninas, esse arranjo idiota se enroscou no meu cabelo e não quer soltar mais. Onde está a maquiadora? Acho bom você definir seu relacionamento com o Alex, Karen, ele tá todo cheio de gentilezas por lado da Flavia.

— Ah! Eu mato aquele safado hoje.

Elas corriam de um lado para o outro, tentando deixar tudo em ordem para começarem a arrumar a noiva.

— Mi, vocês convidaram a Duda? Eu a vi lá fora. Continuo com o pé atrás com ela. O marido dela é um gato. Eu tinha esquecido o quanto o Beto era lindo.

— Karen! Pense em outra coisa, mulher — Andressa disse, se jogando sobre a cama ao lado do vestido.

— Vocês viram a minha mãe?

— Ai meu Deus, deixa eu ir atrás da tia Márcia, porque do jeito que ela conversa, vai se atrasar pelo menos uma semana esperando por ela.

— Vá tomar um banho relaxante, Mirela, ainda falta um bom tempo até a cerimônia. Enquanto a louca procura a sua mãe, vou atrás da maquiadora — Andressa disse, a empurrando para o banheiro.

Deitada na banheira cheia de espumas, Mirela pensou em tudo que enfrentara até chegar àquele momento. Fechou os olhos e relaxou.

Após alguns minutos, saiu do banho e colocou seu roupão felpudo. Quando chegou ao quarto, encara seu vestido de noiva, que foi um presente de Luísa. Ao lado dele, notou um grande envelope branco.

Talvez as meninas tivessem voltado e o deixado sobre a cama. Ela abriu o envelope, curiosa em saber o que suas amigas estavam aprontando, mas o conteúdo a deixou confusa.

São ultrassons, exames laboratoriais, laudos médicos.

Que coisa esquisita!

Olhando-os detalhadamente todos tinham o seu nome.

Do que se tratava tudo aquilo?

Uma folha de papel dobrada ao meio lhe chamou atenção. Suas mãos começaram a tremer quando leu as primeiras palavras. Seu sangue congelou em suas veias e o coração estava galopando dentro do peito.

Olá, querida nora

Você tanto lutou que, enfim, conseguiu laçar Renan.

Não pense que eu não participaria desse momento tão importante da vida do meu único filho!

Antes que suba ao altar, quero te deixar um pequeno presentinho. Sei que deve ter encontrado os exames e não entendeu nada. Eles são seus, ou melhor, da sua gravidez. Queridinha, foi tão fácil enganar você! As pessoas se vendem por tão pouco.

Minha neta era perfeitamente saudável como mostram os exames. Consegui te enganar direitinho. Se não fosse a Duda, provavelmente eu teria aquele bebezinho comigo hoje, mas quis o destino que ela realmente morresse por sua incompetência até mesmo para gerar uma criança.

Em meus planos, eu a roubaria de você, antes mesmo que percebesse que ela era saudável, mas a pobrezinha nasceu tão frágil que morreu antes que chegasse a Montreal.

Pensei que você era mais inteligente, Mirela!

Quero ver agora se esse sorriso idiota ainda permanecerá no seu rosto depois que souber a verdade sobre a sua fedelha, como minha ingrata filha Duda a chama.

Com os mais sinceros desejos de felicidade,

Renata Barbieri



43.

Mirela viu seu mundinho perfeito de amor ruir outra vez. Como aquela mulher foi capaz de uma coisa dessas? Esther era sua neta, ela iria roubá-la, forjou exames com uma doença que não existia. Isso ao menos era verdade? Ou queria apenas desestruturá-la naquele momento.

O som abafado de seu choro foi tomando conta do quarto, o corpo se encolheu ao pé da cama, a dor em seu peito atingiu o nível máximo e seu coração sangrou.

Que tipo de pessoa era a sua sogra? Por que ela tinha que manchar o dia mais feliz da vida de Mirela com tantas maldades?

De repente, os alarmes dispararam na cabeça de Mirela. Ela estava lá! Alguma coisa dentro dela dizia isso, mas não encontrava forças nem de ir até seu celular e ligar para sua mãe ou suas amigas.

— Vamos arrumar logo essa noiva — A porta do quarto se abriu e Márcia surgiu, acompanhada por Karen, Andressa e a maquiadora. — O que faz aí, filha?

As mulheres estancam ao verem o rosto inchado da noiva e os papéis espalhados pela cama.

— Não acredito nisso — Karen disse, incrédula, após ler o conteúdo da carta. — Andressa, ligue para o Sandro agora. A cobra peçonhenta tá aqui. É claro que não perderia a oportunidade de infernizar a vida da Mi.

— O que aconteceu filha? — Márcia sentou ao lado da filha e a abraçou, ainda sem entender o que estava acontecendo.

— Meu bebê... minha estrelinha... eu quero ela de volta... ela está aqui...

— Calma, filha, fica calma. Flavia, vá buscar um copo com água para Mirela!

Em alguns minutos, Sandro estava no quarto com o envelope nas mãos e lendo a carta de Renata.

— Essa mulher deveria ter ficado presa — afirmou, fechando as mãos em punho. — Não lembra de ouvir algum barulho estranho vindo do quarto

ou qualquer outro detalhe?

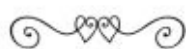
— A porta da sacada. Tenho certeza que a fechei antes de entrar no banheiro.

O homem seguiu até o local indicado, puxou as cortinas e observou a movimentação das pessoas lá em baixo. Caminhava de um lado para o outro, procurando por qualquer indício da presença de Renata. Pegá-la tornou-se seu desafio pessoal, a justiça do Brasil era falha e as brechas na lei possibilitaram a fuga dela para o exterior.

A possibilidade de prendê-la o deixou eufórico. Se ela realmente tivesse voltado, não a deixaria escapar dessa vez.

— Mi, tente se acalmar, querida — Karen tentava, em vão, fazer com que a amiga parasse de chorar. — Sandro, diga alguma coisa, por favor!

— Infelizmente, não tem como saber se ela realmente está aqui — constatou, colocando as mãos no bolso da calça social. — Vou andar por aí, talvez alguém a tenha visto. Mirela, garanto a você que ela não vai importuná-la. Se foi ela quem esteve aqui, vou encontrá-la e dessa vez não escapará ilesa.



Faltava menos de duas horas para o início da cerimônia e Renan estava impaciente. Uma confusão de sentimentos lhe invadia o peito, a mensagem de Karen a deixou inquieto.

Será que desistiria?

“Mirela quer falar com você, agora!”

— Por que preciso de um padrinho tão incompetente feito você, Alex?

— O que fiz? — seu primo perguntou, arrumando a gravata borboleta na frente do espelho. — Para que diabos as pessoas usam esse troço sufocando o pescoço?

— Ao menos ouviu o que te falei?

— Claro, o que tem de errado a noiva querer fazer uma última avaliação do conteúdo antes de se enforcar?

— Te pedi uma coisa tão simples. Falou com a Karen?

— Acha mesmo que ela ia me dizer alguma coisa? Caro primo, entenda uma coisa sobre o universo feminino: mulheres colocam a amizade acima de

tudo e não existe charme encantador que consiga arrancar coisas que elas insistem em esconder — Alex virou para ele, se inclinou e aperta seu ombro. — Talvez se tivesse ido até lá, isso tudo teria se resolvido. Portanto, gire essa cadeira e vá até a garota, não quero ser privado de desfilhar minha beleza naquela passarela só porque você tá com medinho de enfrentar sua noiva.

— Queria ser descomplicado assim.

— Tá perdendo tempo aqui comigo ainda por quê? — o primo disse, estalando os dedos.

Enquanto guiava sua cadeira em direção ao corredor onde estava a mulher com quem queria passar o resto de sua vida, o coração de Renan batia em completo descompasso.

E se ela tivesse se arrependido?

Karen o esperava no corredor. Pela cara dela, a conversa caminharia exatamente para o lado que temia.

— Queria falar comigo?

Mirela estava encarando algo através do vidro da porta que dava para a sacada. O robe de seda branca realçava o bronzeado da pele dela.

— Agora pouco eu recebi isto de Renata Barbieri.

Virou-se e colocou um envelope em suas mãos, os olhos estavam vermelhos e inchados. Ver aquela tristeza associada ao nome de sua mãe o fez tencionar os músculos.

Qual besteira a mulher mesquinha teria feito agora?

Ela nunca impediria sua felicidade.

— Leia a carta — a voz embargada denunciava que algo ruim estava por vir.

Conforme as palavras formavam frases, o sangue de Renan fugia do rosto.

— Isso não pode ser verdade — falou para si mesmo. — Ela não pode ter feito isso. Acha que é verdade? Que nossa filha nasceu saudável?

— É mentira, não tem como alterar um exame como o ultrassom. Eu vi as deformidades da nossa filha. Não havia margem para erros. Sua mãe é a pessoa mais perversa que já conheci. Ia roubar a própria neta! Que espécie de pessoa faz isso?

— Desculpe, tudo isso é culpa minha — afirmou tristemente e se aproximou dela. — Deveria ter dado um basta nisso tudo aquele dia em que as apresentei no restaurante, mas estava tão preocupado com a minha dor que acabei permitindo que ela direcionasse a você o ódio que sentia por mim.

— Isso não é culpa sua. Renata é doente, nenhuma mãe pode ser capaz de fazer tanto mal a um filho — afirmou, sem conseguir encará-lo. — Sofri tanto na minha gestação, chorei muito. Ela não tinha esse direito de macular a memória da nossa filha. Do que mais seriam capazes para me tirar da sua vida, Renan? Fiquei pensando o que mais eu poderia aguentar em nome do que sinto por você...

— Está desistindo do nosso casamento. É isso?

— Não quero subir naquele altar e fazer votos de amor eterno me sentindo culpada pelas escolhas erradas que fiz na minha vida.

— Sou uma escolha errada, Mirela? — ele perguntou, desapontado, encarando as mãos.

— Sempre te culpei por ter me colocado para fora da sua vida quando, na verdade, a culpa foi minha.

— Não fale assim... — sua mão procurou a dela.

— Me deixe terminar! Deveria ter lutado pelo nosso amor.

As lágrimas começaram a cair à medida em que ela falava. Os soluços ecoavam pelo quarto. Renan a puxou para si, fazendo com que ela sentasse em seu colo. Gentilmente, ele começou a afagar os cabelos escuros e sedosos.

— Até quando sua mãe continuará fazendo isso, Renan? Não sei se aguento viver assim. Todas as vezes que avançamos ela vem e me desestabiliza. Desisti uma vez porque tive medo. Sua mãe e Duda me humilharam por muitas vezes enquanto estava inconsciente naquele hospital. Tive medo por mim, pelo nosso bebê e fiz o que sabia fazer de melhor. Fugi.

— É isso que está pensando em fazer agora?

— Não, mas confesso que passou pela minha cabeça essa ideia momentos atrás. Fugir para o mais longe possível dessa angústia, dessa dor que rasga meu peito, das maldades da sua mãe ou de Duda. Daí me dei conta de uma coisa...

A respiração de Renan parou por um instante.

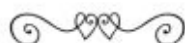
— A memória da nossa filha deve ser honrada. Aquelas pessoas fizeram tudo isso para nos separar, só que não foi o suficiente. Não deixarei que nada,

nem ninguém, destrua tudo aquilo que sonhamos há tanto tempo Renan. Não vamos deixar que ganhem. Pela nossa filha. Pelo nosso amor.

Mirela limpou as lágrimas em seu rosto, os olhos se encontraram e o alívio era evidente. Suas mãos emolduraram o rosto do homem, que fechou os olhos em resposta ao toque.

— Eu amo você, demorei muito para entender isso — sussurrou e as lágrimas ainda insistiam em cair.

— Você será a noiva mais linda do mundo — Renan a beijou demoradamente.



— Meu Deus, como você está linda, filha! — Márcia disse com a voz embargada.

— Obrigada, mamãe, e obrigada, meninas. Sem vocês, talvez eu tivesse fugido!

— Nunca te deixaria fugir, Mi, tá doida? Acha que perderia a oportunidade de esfregar na cara de umas e outras por aí sua felicidade? — Karen disse e sorriu ao encarar seu próprio reflexo no espelho. Dessa vez, sua amiga a tinha convencido a usar algo menos extravagante.

— Para isso que servem os amigos, Mi — Andressa entregou o buquê de rosas amarelas para Mirela e digitou alguma coisa no celular — O Jonas está pior que o Renan, não para de me mandar mensagem querendo saber se está bem.

— A conversa está muito boa, mulherada, mas acho que está na hora da minha filha descer.

Na sala da casa, Humberto esperava ansioso pela filha. Quando Mirela surgiu no topo da escada, os olhos dele encheram-se de lágrimas.

— Está linda, minha princesa — a voz do pai soou carregada de emoção. — Podemos ir?

Ela apenas acenou a cabeça afirmativamente. Entraram no carro, o coração batia freneticamente, as mãos suavam, as pernas tremiam.

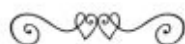
Não era um sonho, ia se casar com Renan!

Quando a cerimonialista anunciou sua entrada, o veículo se posicionou. Seu pai a ajudou descer e o quarteto de cordas começou a tocar a música *Pra*

you guard the love.

O coração parecia querer sair pela boca.

As pessoas sorriam, tiravam fotos, acenavam, mas seus olhos vaguearam pela passarela decorada com margaridas à procura da única pessoa que importava naquele momento.



Quando Renan a viu caminhar em sua direção, o mundo parou. Só existia aquela linda mulher vestida de branco.

O rosto dela estava iluminado; em nada lembra a tristeza de uma hora atrás. O vestido era justo, todo trabalhado em renda, com uma cauda de sereia que se arrastava pelo gramado. Os cabelos, presos de lado em uma trança elegante, estavam enfeitados com pequenas flores prateadas.

Ele girou as rodas da cadeira, desceu a rampa do altar e foi ao encontro dela. O sorriso de ambos fez com que a juíza de paz antecipasse sua fala.

— É lindo ver um casal tão jovem sorrir dessa forma. Gostaria de parabenizar você, meu rapaz, por fazer essa moça sorrir lindamente. Espero que continue fazendo isso até ficarem velhinhos!

Mirela seguiu ao lado de Renan até o altar e sentou-se ao lado dele. A juíza deu início à cerimônia.

— Senhoras e senhores, estamos aqui reunidos hoje para celebrar a união desse belíssimo casal...

Os noivos estavam de mãos dadas diante do altar, perdidos um no outro.

O tempo passou num segundo e chegou o momento dos votos.

— Sou um bom orador e todos sabem disso — Renan iniciou, fazendo todo mundo rir —, mas confesso que foi difícil encontrar as palavras e as promessas certas para fazer à Mirela. Passamos por muita coisa para chegarmos aqui, nossos amigos sabem como foi longa a jornada. Acreditem, durante esse tempo essa mulher foi a minha loucura e a minha razão. Um tempo atrás, fomos um casal perfeito. Hoje, sou quebrado e cheio de cicatrizes visíveis pelo meu corpo. Apesar de não demonstrar, ela carrega dores que talvez eu não poderia suportar, mas nos amamos, nós queremos com nossos erros e imperfeições. Perdemos nossa filha e ela carrega em seu corpo a cicatriz mais linda que nos lembra desse amor. Façamos um trato, querida? — Um breve aceno dela, com os olhos marejados, o incentivou a

continuar: — Aproveitando que daqui a pouco assinaremos esse contrato para uma vida inteira, quero que a partir de hoje nunca mais fiquemos sozinhos ou sintam a falta um do outro, pois agora sempre teremos o nosso amor. Porque eu tenho o seu amor e você terá tudo de mim. Mirela Lacerda, eu te amo e ninguém nunca mudará o que sinto.

Renan colocou a aliança e beijou a mão da noiva.

— Ao contrário do meu noivo, não sou expert nisso — ela riu timidamente. — Pode ser que tenha amado você desde o primeiro momento, mas nunca fui muito boa com essa coisa de sentimentos. Apesar dos nossos desencontros, tivemos nosso pedacinho de amor só nosso e que ficará para sempre guardado em nossos corações. Em muitos momentos, achei que nunca te perdoaria, Renan, mas hoje te vejo como a luz que tocou meu coração machucado e acendeu todas as estrelas em mim. Bastou te ver novamente para saber que sempre te amei, porque ninguém me olha como você. Renan Barbieri, te amo e quero dizer que aceito seu trato e repito o que disse horas atrás: não deixarei que nada, nem ninguém, destrua tudo o que sonhamos há tanto tempo!

Os convidados assobiaram, bateram palmas e gritaram eufóricos. O noivo limpou a lágrima solitária que escorria pelo rosto dela. A juíza falou as palavras que ambos esperavam ansiosos:

— Pelo poder a mim concedido, eu os declaro marido e mulher. Sei que está ansioso, Renan, pode beijar a noiva!

O homem a puxa levemente e se inclinou, tomando os lábios em um beijo que levou a plateia à loucura.

Enfim casados!

A felicidade que os tomou foi quase incontrolável.



44.

— Não pensei que essa festa seria tão interessante — Luísa comentou com Andressa.

— Essa empolgação toda se deveu a um certo policial que está entre nós? — Karen sorriu, maliciosa. — Esse Sandro é um pedaço de mal caminho...

— Você não toma jeito, não é? — a tia de Luísa ralhou.

— Por um momento pensei que Mirela desistiria de tudo.

Karen fitou sua amiga ao lado do agora marido, conversando com os convidados.

— Que mulher desprezível essa Renata, viu?! — Andressa comentou. — O Sandro não encontrou rastros que indicassem a presença dela aqui na fazenda. Ela deu um jeito de fugir mais uma vez.

As três estavam sentadas em um canto, falando sobre os acontecimentos que antecederam a cerimônia. Se passavam das onze da noite e algumas pessoas já se despediam e pegavam a estrada de volta para a cidade. Apenas alguns familiares e amigos pernoitariam.

— Meninas, não é por nada não, sabe, mas essa Duda tá me dando medo — a curiosidade estampava o rosto de Karen. — Nenhum showzinho... Se manteve quieta. Notei em alguns momentos da cerimônia que ela se segurava para não chorar. Luísa, minha amiga, essa tua irmã tá sinistra.

— Confesso que ela tá bem esquisita depois da prisão da mamãe e daquele acidente questionável que a fez perder o bebê. Mas essa mudança dela não convence ninguém.

— Olha lá, esse Beto sempre foi gato assim? Passei por ele agora pouco e fiquei até sem ar.

— Sossega o facho, mulher — Luísa riu das loucuras da amiga. — O Alex também não fica atrás. Se não fosse meu primo, juro que pegava ele fácil, fácil!

— Tá querendo morrer, menina, o Alex é meu! — A mulher procurou por ele em meio às pessoas e o encontrou todo faceiro, conversando com a

maquiadora. — Era só o que me faltava, aquela lambisgoia não tem noção do perigo que está correndo.

— Vá com calma, eles só... — Andressa tentou conter o furacão, mas a amiga saiu a passos firmes sem escutá-la.

A cena chegou a ser hilária, Karen simplesmente se enfia no meio dos dois e agarrou o homem em um beijo escandaloso.

— Ah! Você estava ai, Flavia — o rosto estampava uma falsa surpresa. — Nem percebi. Então, amor, vamos? Estava te procurando.

Alex se afastou e encarou, intrigado, a mulher em seus braços, mas a puxou novamente para outro beijo, segurando-a pela cintura.

O rosto da maquiadora atingiu um tom rosado e ela saiu de fininho sem que o casal note.

— Com ciúmes de mim, gata?

— Seu safado idiota, estava dando em cima daquela lambisgoia que eu sei — a mulher batia no peito dele com mais força do que o necessário.

— Só tenho olhos para você, meu anjo — a voz dele atingiu um tom sério. Alguns casais ainda rodopiavam pelo salão. Ele segurou a mão dela e a conduziu para fora da festa, seguindo em direção ao jardim.

— O que está aprontando, Alex? — a voz desconfiada o fez rir.

Ele parou e a puxou pela cintura, chocando o corpo da mulher contra o seu.

— Karen — os olhos dele se prenderam nela, com um brilho intenso —, não tenho vocação para ficar dividindo o que é meu com ninguém.

O homem a beijou possessivamente, lhe deixando sem ar.

— Pensei muito nessa relação estranha que temos e cheguei a uma conclusão inevitável...

Ele vai terminar comigo, assim? Karen pensou.

— Quero assumir todos os riscos com você. Veja o que aconteceu com meu primo e sua amiga. Pensa que eles teriam sofrido tanto se tivessem decidido ficar juntos lá no início?

— Claro que não!

A mulher afirmou prontamente estremeceu ao sentir o toque das mãos de Alex em suas costas.

— Sou todo atrapalhado, eu sei! Estou apaixonado por você, sua maluquinha, sei que tem toda a parada com o seu ex-marido babaca. — Ele segurou gentilmente o queixo dela, fazendo com que Karen olhasse para ele. — Olhe para mim, meu anjo, não sou ele!

— É oficial, você está me assustando, Alex. Se for por causa da minha cena de ciúmes, juro que tentei me controlar!

— A questão não é a cena em si, mas o que a causou. A insegurança que temos nessa relação. Foi tolice da minha parte, pensar que essa coisa indefinida ia dar certo para nós. — Ele tomou a mão da mulher e a maneira como olhou para ela a deixou encabulada.

— Onde quer chegar?

— O que mais quero é poder dizer que você é minha namorada, te apresentar para os meus pais, andar de mãos dadas por aí, sem que se sinta ameaçada cada vez que uma mulher se aproximar de mim.

Karen sentiu as pernas falharem, mas Alex a segurou firme.

— Quer ser minha namorada?

— Não sei, Alex, tenho medo desses rótulos em relacionamentos. Você mora em outra cidade, não posso largar meu trabalho e ir contigo. — Ela se afastou, pensativa.

— Nunca te pediria isso, Karen — a irritação na voz dele era evidente. — Me dê uma chance, vamos fazer dar certo.

Ele a envolveu, depositando um beijo no ombro nu e a proximidade dele a faz perder a razão.

— Tudo bem, eu aceito!

Foi surpreendida por um Alex eufórico, que a beijou e girou ao mesmo tempo.

— Você é minha, meu anjo!



Meses depois

— É sério?

Os olhos cheios de lágrimas e a euforia de Renan aqueciam o coração

de Mirela.

— Vou ser pai? É isso?

Ele ainda não acreditava no que via dentro da caixa de papel. Segurou o macacão macio nas mãos e encarou fixamente sua esposa, que estava sentada no sofá a sua frente.

— Sim, é o que diz esse exame aí dentro — afirmou, tirando a caixa das mãos dele, e sentou em seu colo. Renan envolveu sua cintura, passando a mão sob sua barriga. — Fiz três testes de farmácia, fiz exame de sangue e uma ultrassonografia. Estamos grávidos de dezoito semanas.

— Fez tudo isso? — Os olhos do marido brilhavam em uma mistura de felicidade e curiosidade. — Como conseguiu esconder esse tempo todo?

— Descobri semana passada. Queria ter certeza de que tudo ia bem com o bebê antes de contar.

— Quanto tempo exatamente são dezoito semanas?

— Pouco mais que três meses. Pelas minhas contas, fiquei grávida em nossa lua de mel. — Ela pegou a caixa novamente. — Acho que você não viu tudo ainda.

Renan olhou a caixa curioso, a roupinha estava em sua mão, dentro ainda havia o resultado do exame de sangue, uma embalagem com chocolates artesanais e um envelope branco com um papel dobrado ao meio.

As palavras escritas fizeram o sorriso em seu rosto se alargar ainda mais.

“Estou chegando para alegrar os seus dias, papai. Morda os chocolates e saberá se sou menino ou menina.”

Ele abriu a embalagem apressadamente e levou um dos doces à boca. Quando identificou a cor, seu grito eufórico foi inevitável:

— É menino! — afirmou, jogando a caixa sobre o sofá, e segurou o rosto de Mirela entre as mãos, beijando toda a extensão do rosto dela e repetindo as palavras.



45.

— Caio, esse cara está te enrolando há meses e não entrega os documentos. Cada semana uma desculpa diferente. Será que terei que agir por conta própria?

Estavam no antigo apartamento do rapaz. Sem o nome dele envolvido, ninguém poderia imaginar onde Renata se escondia.

— Calma, gatona! Demora mesmo. Se até para tirar os originais demoram, imagine falsos? Afinal, não queremos ser presos pela Polícia Federal por falsidade ideológica, portanto, esperar é a única opção que temos. Se você tivesse me ouvido, não estávamos nessa enrascada.

— Faça-me o favor, né?! Vai jogar isso na minha cara até quando?

Se tudo correr como planejei, acabará mais cedo do que imagina! O homem pensou, mas a resposta que saiu de sua boca foi bem diferente.

— Gatona, me desculpe — Caio disse, encarando a tela do celular. — Minha invasão a sua casa está sendo investigada, ainda bem que consegui apagar todos os meus rastros. Uma pena não ter encontrado nada no cofre. Quem poderia ter roubado suas joias e todas aquelas provas?

— Não faço ideia, juro que estrangularia com minhas próprias mãos se descobrisse.

— A merda é que meu nome está lá naquelas gravações. Estamos ferrados, gatona!

— Não estamos nada! — rebateu, convicta.

Ninguém a pegaria e isso era uma certeza.

Com a sua esperteza e a inteligência de Caio, eles se safariam facilmente. O problema é que o cerco estava se fechando cada dia mais.

— Adoro seu otimismo! — o rapaz se aproximou dela como um felino à espreita.

— Confesse que me adora, Caio. Sem mim, você seria menos que nada. — O desprezo dela não passou despercebido.

— Tudo bem, você ainda vai ser a minha ruína. — *Ou não*, seu cérebro

completou, secretamente.

— Tem certeza de que não tinha nada no cofre?

O corpo no rapaz ficou tenso por um mísero segundo, mas a mulher não percebeu.

— Acha mesmo que eu seria idiota de mentir para você?

— Investiguei sua vida, rapaz! — A mulher disse, fitando-o. — Não encontrei nada. Além disso, me deu provas suficientes da sua lealdade!

Os lábios encostaram levemente na boca de Caio.

— Ainda bem! Deus me livre de ser seu inimigo. — Renata sorriu das últimas palavras dele. — O fato é que o cofre estava vazio! Talvez sua primogênita tenha decidido se vingar. Todo mundo sabe que aquele acidente do Roberto foi culpa sua!

— Não subestime a minha inteligência, querido! Duda não puxou a mim. Por mais que tenha tentado arduamente fazê-la enxergar a vida nua e crua, o sangue de Eduardo corre nas veias dela. Nossa mistura genética não deu tão certo como eu gostaria. Talvez o Renan e aquela sonsa da mulher dele possam ter feito isso, mas não a Duda.

— Como tem tanta certeza disso?

— A tonta está fazendo acompanhamento com psicólogo — ela revirou os olhos. — Eu a transformei numa louca, é isso?

— Não tenho nada a ver com isso. E quanto a Luísa?

O brilho nos olhos dele ao mencionar a filha caçula de Renata a deixam intrigada.

— Não se preocupe com ela. A fiz acreditar que meus sentimentos maternos eram genuínos, porque sei que, cedo ou tarde, vou precisar da garota idiota. Então, não espere isso de Luísa!

Renata nunca foi uma boa mãe para nenhum de seus filhos, isso admitia. Não nasceu para ser uma senhora do lar dedicada, mas para ser mimada e adorada pelo marido, o que obviamente não aconteceu.

Pensar neles e no sofrimento individual que infligiu a cada um não lhe causava remorso, pelo contrário, sentia-se vingada. Como se a existência deles fosse um carma em sua vida. Durante os últimos meses, nenhum de seus planos deu certo. A polícia estava sempre rondando a casa do seu filho e a maldita empresa daquela aproveitadora.

Soube da gravidez da nora pelas redes sociais. Tentou, por várias vezes, impedir que aquela idiota levasse a gestação a diante, mas cada uma de suas tentativas foi estranhamente sabotada.

Quando estive na fazenda, para acompanhar aquela loucura que seu filho chamava de casamento, por muito pouco não acabou com a maldita vida da mulherzinha infeliz. Seria tão simples! Era só tirar a arma da bolsa e apertar o gatilho contra a nora distraída na banheira.

Só que vê-la sofrendo ao descobrir a verdade lhe trouxe um prazer muito maior do que se a tivesse matado. Acompanhou todas as reações de Mirela até que as mulheres chegaram ao quarto e acabaram com a sua diversão.

Conferiu a hora em seu celular. *Droga!* Precisava ir. Pegou sua bolsa e saiu como fazia todas as noites, deixando seu amante concentrado em assistir uma daquelas series de tv que ele adorava.



Caio esperou pacientemente a saída noturna de Renata. Assim que a porta se fechou, foi até a janela do apartamento e a observou entrar no taxi.

Tirou o celular do bolso e discou um número.

— Bruna, preciso que me faça um favor!

— O que você quiser — a mulher disse, solícita.

— Podemos nos encontrar, hoje?

Pegou as chaves do seu próprio carro, uma mochila e dirigiu até o local combinado.

— Vai mesmo levar isso até as últimas consequências, Felipe? — Bruna perguntou com os olhos cheios de lágrimas.

— Não chore, prometi ao nosso tio que vingaria a morte de Luma. Farei aquela mulher pagar por todo o sofrimento que causou a nossa família — admitiu com pesar. — Sei que Andressa escolheu o lado certo e fez um ótimo trabalho, quanto a mim, já não posso dizer a mesma coisa. Anos convivendo com Renata me fizeram uma pessoa que nem mesmo eu reconheço.

— Sei que a Luma era como uma irmã pra você, mas não precisava ter ido tão longe. Olha o Sandro e a Andressa, eles conseguiram pôr Renata na cadeia por meios legais.

— Mas eu não precisei fazer quase nada para tirá-la de lá.

— Por que a tirou da cadeia?

— Porque se não fizesse, qualquer outro bom advogado faria. Renata Barbieri até hoje conseguiu o que bem quis com todo aquele dinheiro. — Ele fechou as mãos em punho. — Enviei aquele vídeo para a Andressa de forma anônima e aquele espetáculo na festa não poderia ter sido melhor!

— Sim, foi um show e tanto. Pena que não foi o suficiente para manter aquela assassina atrás das grades.

— Fiz coisas horríveis, Bruna. Assumi uma identidade falsa, passei os últimos anos vivendo uma farsa. Me sinto sujo! Presenciei todos os disparates dela com os braços cruzados. Renata é perversa, matou nossa prima, depois o marido. Tentou matar os próprios filhos e fala disso como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Felipe, tem que parar com isso antes que seja tarde. Não quero perder meu irmão!

— Tem tanto tempo que ninguém me chama pelo meu nome, me sinto estranho. — Socou o volante do carro em agonia e desespero. — É muito tarde para arrependimentos. Acabei me perdendo em meio a tudo que me submeti em nome dessa vingança. Nem sei mais se é por isso mesmo que luto.

— Converse com o Sandro, talvez ele possa te ajudar...

— Não, Bruna. — segurou as mãos da irmã e a encarou. — Ele vai me prender. Sou tão culpado quanto aquela mulher asquerosa. Tomei uma decisão, vou embora esta noite. Por maior que seja o meu arrependimento, não estou preparado para ser preso. Quero que me prometa que vai fazer tudo conforme vou te pedir.

— É meu irmão e faço qualquer coisa por você!

O homem pegou a bolsa no banco de trás do carro e explicou detalhadamente tudo que a irmã teria que fazer depois de sua partida.



46.

— Como está o meu sobrinho? E você está bem?

— O meu Eduzinho não me deixa dormir direito, mas estou ótima, Jonas. — Mirela encarou a tela do computador e passou a mão sobre a barriga, que começava a despontar. — E a Andressa?

— Minha mulher está em um safari na África do Sul, do jeitinho que ela gosta.

— Não me conformo com esse casamento de vocês. Como pôde fazer isso comigo, seu ingrato?

Jonas se casara há um mês. E como tudo na vida dele, foi uma decisão repentina.

Depois do casamento da sócia ele viajou em seguida e não retornou ao Brasil. Os negócios deles na África se expandiram e ele acabou tomando a decisão de estabelecer uma filial em Moçambique. A burocracia exigida pelo país acabou demandando mais tempo que o previsto.

— Mirela, querida, aceite que já perdeu o controle da minha vida — a resposta foi acompanhada de um sorriso travesso.

A vídeo chamada era para tratar de negócios, mas seu amigo sempre dava um jeito de discutir os assuntos pessoais.

— Juro que se o Renan não tivesse tão enrolado com o trabalho e os campeonatos eu já tinha ido até aí apenas para dar uns bons tapas em vocês.

— Calma, Mi, semana que vem estaremos aí! E a sua sogra? Não deu mais sinal de vida?

— Depois da invasão a casa de Luísa, há dois meses, não soubemos mais dela — as rugas que se formaram em sua testa apenas demonstravam o quanto toda aquela confusão a deixava preocupada.

— Mas a polícia conseguiu confirmar que foi realmente ela?

— As imagens das câmeras de segurança, foram apagadas misteriosamente. A polícia tem certeza que aquela mulher tem um cúmplice. O problema é que essa pessoa parece ser um maldito fantasma. A casa foi

revirada e o conteúdo desconhecido do cofre de Renata foi levado.

— E a Luísa, como está?

— Apreensiva com essa situação. Sandro achou melhor que ela viesse morar conosco, pelo menos por um tempo... Estou com medo daquela mulher tentar algo contra mim. Desde aquela carta que recebi no casamento, vivo em estado de alerta. A justiça desse país é uma piada! Cinco meses desde que ela voltou ao país e nada de a encontrarem.

Pensar em Renata lhe causava arrepios. Sua sogra era louca e provavelmente estava tramando algo contra sua família.

— Tenha cuidado, Mi — aconselhou o amigo. — Andressa me contou sobre seu quase acidente semana passada. Graças a Deus que não houve nada com o bebê.

— Nem me lembre, Jonas. Pensei que aquele carro ia passar em cima de mim. O Renan agora nem me deixa dirigir sozinha, vem me trazer e buscar todos os dias.

— Seu marido está certo, Mi — ele disse, ainda perturbado com a história, mas sem querer trazer à tona suas teorias sobre o assunto. — Me conta essa história da Karen e do Alex, é verdade que estão noivos?

— Sim! Não é que o piloto conseguiu levar nossa amiga na lábia. — Jonas sorriu. — Ele a pediu em casamento após vencer o Supercross. É... Os Barbieri estão com tudo. Dois campeões na família. Mas ainda não conversei com a Karen depois disso. Eles chegam de viagem essa tarde.

— Espero que ele realmente a faça feliz! Karen é uma boa garota por baixo de toda aquela loucura.

— Falando em loucas, a Duda continua distante. Não consigo perdoá-la, mesmo sabendo que tudo foi uma trama bem elaborada por Renata, eu não consigo. A polícia investigou a história de Renata ter forjado os exames e não passa de mais mentiras, uma atitude desesperada para tentar me fazer fugir.

— Elas pegaram pesado, Mi. É totalmente compreensível a sua incapacidade de perdoar a Duda — ele disse, bocejando. — A conversa está ótima, mas aqui já passam das onze e preciso dormir. Amanhã tenho uma reunião com o gerente geral da manutenção, estamos fechando uma nova remessa de treinamentos.

— E eu preciso terminar de assinar os documentos que você me enviou. Boa noite, Jonas!

— Boa Noite, Mi.

A sócia sentia falta de ter o velho amigo por perto, mas a vida era assim mesmo. Juntava e separava as pessoas de forma repentina.

Renan a havia surpreendido algumas semanas após o casamento. A presenteou com a escritura de uma casa em um condomínio de luxo um pouco afastado da cidade. Um lugar perfeito, cercado por um lindo jardim e uma decoração incrível.

A vida de ambos, tinha se tornado uma correria nos últimos meses. Seu marido se desdobrava entre seu escritório e a academia, onde se preparava para o campeonato mundial de crossfit no Canadá. Com as viagens de Jonas, as responsabilidades de Mirela na Agromaq aumentaram e ela passava menos tempo do que gostaria com o marido.

Terminava de assinar os documentos e se preparava para ir para casa quando seu celular tocou.

— Oi, Sandro. Tudo bem?

— Oi, Mirela! — a empolgação na voz dele aguçou sua curiosidade. — Tenho novidades sobre as investigações.

— Fale logo. Já estou ficando nervosa, Sandro.

— Recebemos uma denúncia anônima sobre a localização da Renata e um dossiê que conta em detalhes o envolvimento dela em muitos crimes, inclusive no acidente do seu marido. Tem gravações de fitas de segurança, áudios e fotos. Não tem como escapar. Dessa vez, pegamos ela! — a satisfação era quase palpável.



47.

—Droga, droga! — Renata gritou, arremessando um jarro de vidro contra a parede. — Desgraçado, não acredito que confiei em você.

O pequeno apartamento estava completamente destruído. A carta que acabara de receber a deixou em um estado de loucura incontrolável.

Há uma semana, Caio disse a ela que resolveria alguns problemas pessoais na cidade vizinha e voltaria assim que possível. Agora, aquele maldito papel lhe contava o quão terrível seria seu destino.

Ouvia as sirenes se aproximando, não haveria escapatória, seus planos de vingança acabavam ali. As lágrimas de ódio borravam toda a sua maquiagem.

— Seu filho da puta, miserável! Por que me traiu? Eu dei tudo a você — gritou, encarando o teto.

Tudo fazia sentido agora. A razão para aquele apartamento ser tão impessoal, não ter nada realmente dele. Sempre soube que Caio seria sua ruína, mas nunca imaginou que ia acabar dessa forma, com ele a traindo da pior forma possível.

Foi até a janela e observou a movimentação dos jornalistas que chegavam. Mais duas viaturas estacionavam na frente do prédio.

Acabou!

Encarou as letras no papel novamente, escorada à parede suja e em meio aos cacos de vidro.

Olá, gatona!

Quando receber esta carta, quero que saiba que estarei fora do seu alcance.

Tenho algumas verdades para dizer.

A primeira é que sempre tive nojo de você, sua velha asquerosa e desprezível. A segunda é que odeio esse maldito nome que usei nos últimos anos, ainda mais quando sai da sua boca.

Eu tinha um plano, sempre tive, e você foi parte dele o tempo todo. Precisava cumprir uma promessa que fiz a um velho pai em seu leito de morte. Colocaria atrás das grades a mulher sem coração que arrancou a vida de sua jovem filha por causa de um casamento falido.

Ao longo de todos esses anos, a vi cometer as mais diversas atrocidades em silêncio, esperando o momento certo. De alguma forma, me preendi em sua teia de crimes e não consegui cumprir a porra da promessa que fiz ao meu tio.

Luma!

Lembra dela? Minha prima, jovem e sonhadora, ia ser uma ótima mãe para Luísa, ao contrário do que você foi.

Surpresa?

Espere até te contar quem enviou aquele seu vídeo comprometedor para aquela “blogueira de quinta”, como você disse. Sim, fui eu. Ops, ela também é minha prima.

Quando fiz aquela pequena visita a sua casa, meses atrás, encontrei tudo intacto dentro do cofre, inclusive suas joias. Tomei a liberdade de pegá-las emprestadas para viver — confortavelmente — por algum tempo no exterior.

Quanto aos documentos, vídeos, gravações, etc., não posso dizer o mesmo. Neste exato momento, deve estar nas mãos da polícia.

Ah! Sua conta bancaria não tem um tostão. Tudo o que era seu passou a pertencer à Luísa Barbieri, que depois de ver as cópias das gravações que enviei, duvido muito que queria pagar sua fiança ou um bom advogado. Bingo!

Quem é mais esperto agora, gatona?

Felipe Zor

p.s.: não pense em fugir, muito menos tenha sonhos de liberdade. Dessa vez, não tem advogado competente no mundo que consiga tirar você daquele muquifo.

Ainda tentava assimilar tudo quando a porta foi arrebentada e a sala

invadida por policiais armados. Um deles era o mesmo imbecil que estava no maldito casamento, à procura dela.

— Renata Barbieri, você está presa!



Andressa Zor andava impaciente de um lado para o outro no quarto do hotel. Sandro havia ligado mais cedo, com notícias sobre o caso da assassina de sua irmã.

Péssima hora para estar em outro país!

O celular tocou novamente em uma vídeo-chamada e seu marido apareceu na tela, com uma ruga de preocupação.

— Oi, amor, tudo bem?

— Tudo péssimo, queria que você estivesse aqui, Jonas! Também queria estar lá no Brasil, olhando a cara daquela safada.

Foram tantos anos... Agora, finalmente, a maldita pagaria pelos seus crimes, e ela não podia estar lá para presenciar.

— Amor, é melhor assim. Se quiser antecipar a viagem, posso dar um jeito aqui. Eu ainda não entendi como isso aconteceu, o Sandro te contou?

— Eles receberam uma denúncia anônima. Na verdade, era um dossiê contendo fotos, gravações, vídeos de todos os crimes que ela cometeu. O Sandro me disse que não chega nem perto das coisas que juntei todos esses anos. Tudo é muito detalhado, não há brechas para que ela possa se safar dessa vez.

— Alguma ideia de quem possa ter feito isso?

— Tenho uma suspeita — ela disse, intrigada. — Lembra do vídeo que divulguei no dia da prisão dela?

— Sim.

— Ele simplesmente apareceu na minha mesa de trabalho com um bilhete muito estranho. Apenas dizia: “Acabe com ela”. Penso que foi a mesma pessoa que a delatou. A polícia sempre suspeitou que ela tivesse um comparsa, mas nunca conseguiram encontrá-lo.

Jonas conversou com a esposa por um tempo, tentando acalmá-la. Desligou a chamada apenas quando ela o assegurou que estava bem.

Andressa encarou o teto do quarto, pensando em como as coisas chegaram àquele ponto, quando recebe uma notificação de e-mail.

O conteúdo a deixou perplexa.

Cara, prima!

Admito que devia ter feito isso há algum tempo, mas temia que uma aproximação atrapalhasse os seus ou os meus planos.

Provavelmente, você nunca imaginou que eu pudesse estar envolvido nisso, afinal, não temos contato desde que éramos adolescentes. Talvez não saiba, mas prometi ao seu pai que me vingaria da morte de Luma, nem que para isso fosse preciso me arrastar ao inferno.

Pois bem! Tracei um plano paralelo ao seu, mas acabei me perdendo em meio à teia de crimes que Renata Barbieri cometeu. Assumi uma identidade falsa (Caio, usei esse maldito nome por mais tempo do que planejei), criei um passado convincente e a envolvi de maneira que ela não pudesse confiar em ninguém além de mim.

Descobri todos os seus crimes. Me envergonho em dizer que fui cúmplice em alguns deles. Consegui, finalmente, que ela pague por todo o mal que fez a nossa família quando nos tirou Luma.

Sua sobrinha está assegurada. Renata nunca poderá fazer nada contra a garota, e me certifiquei de que aquela mulher nunca mais engane Luísa.

Cometi coisas perversas em nome dessa vingança, mas antes eu do que você, minha prima. Não merece carregar esse peso nas costas.

Me desculpe por ter feito isso sozinho, espero que um dia entenda.

Felipe Zor

Puxando em suas lembranças agora, conseguia lembrar vagamente do primo. Um rapaz bonito, inteligente e doce. Jamais imaginaria que ele fosse capaz de um plano como esse.

Por muitas vezes, Andressa sentiu-se sozinha após a morte dos pais, o ódio que a dominou a fez repelir qualquer aproximação de possíveis parentes.

Seria apenas a sua vingança, assim ninguém mais choraria por ela se

desse errado.

Agora, sabia que tinha sido uma tola por ver as coisas dessa maneira.



48.

Um ano depois...

—Ingratos! Fiz tudo pela nossa família. Luma, sua desgraçada, não entre na minha cabeça. Pouco me importa o que diz, não pedirei desculpas pelo que fiz. Está me ouvindo, Eduardo? *Me solta!* Quero falar com o Caio — Renata Barbieri gritava, enfurecida, tentando, inutilmente, se livrar das mãos do policial que a segurava. —Caio, eu quero falar com o Caio!

Um médico foi solicitado na sala de audiência. A mulher atentou contra o juiz logo após a leitura da sua terrível sentença. As coisas que falava não faziam o menor sentido. Após uma dose dupla de calmante, ela continuava agitada. Policiais a escoltaram pelos corredores do fórum, sob o olhar perplexo das pessoas.

O barulho da multidão do lado de fora não ajudava em nada. Os gritos de acusação a deixaram mais agitada. “Assassina”, acusavam as pessoas.

— Devia ter te matado, Renan. Pensa que não sei que foi você quem me entregou, seu aleijado inútil?! — acusou, apontando o dedo para o filho assim que ele entrou em seu campo de visão. — Onde está o Caio? Quero ele, só ele vai me salvar. Quero meu advogado, esse juiz é um incompetente...

Os três irmãos, juntamente com Mirela e Beto, acompanhavam a cena que se desenrolou, e ninguém ousava pronunciar uma única palavra. Não deveriam estar ali, mas o instinto os fez querer saber o estado de sua mãe.

— Caio, eu amava você. Por que fez isso comigo? A culpa é sua, Luísa! — A caçula estremeceu ao ouvir a acusação. — Sua fedelha desgraçada, ele foi embora e a culpa é toda sua.

De repente, ela virou-se para a nora, com um olhar mortal.

— Sua aproveitadora, tá feliz agora? Não acredito que conseguiu me vencer, sua desgraçada. Eu deveria te estrangular, sua piranha... — O ódio escancarado fez Mirela estremeecer. — Eu odeio você, uma pena não ter conseguido que perdesse aquele menininho. Devia ter passado com o carro em cima de você. Me solta, seu idiota, eu quero o Caio!

A levaram para uma sala reservada, na esperança de que a medicação fizesse efeito logo e a ajuda chegasse o mais rápido possível.

— Não me venha com conselhos agora, Luma, saia da minha cabeça — Renata riu de repente. — Eu matei você, não pode falar comigo! — O humor oscilava outra vez e ela começou a chorar. — Me ajude, Caio, seu traidor... Eu quero o Fe...

A matriarca desfaleceu antes de terminar a frase. Os paramédicos chegaram em seguida e a levaram para a ambulância.

Aqueles que poderiam ser a sua família seguiram logo atrás. Renan e sua esposa se afastaram dos outros e foram ter com o médico que atendeu a sua mãe. Os demais continuaram em estado catatônico.

— Quem diabos é Caio? — Beto quebrou o silêncio, intrigado.

— Não faço ideia, cunhado. — Luísa limpou as lágrimas com as costas das mãos.

— Certeza de que essa mulher é a minha mãe? — Duda indagou quando a porta da ambulância foi fechada e o veículo começou a se afastar com a sirene ligada.

— Agradeça aos céus por ter se libertado dessa velha doida ou provavelmente estaria bem ali do lado como ela — Beto tentou quebrar o clima tenso que se instalava.

— Ela não aguentou a pressão de saber que passaria trinta anos cumprindo pena. Meu Deus, como pôde fazer tudo aquilo? — a caçula ainda estava perplexa com tudo que a mãe cometeu.

— Você tem razão, Beto — Duda afirma por fim.

— Razão sobre o quê?

Renan se aproximou em sua cadeira, com a esposa ao seu lado.

— Por ter me livrado da mamãe.

— Será mesmo que se livrou dela, Duda? — o irmão não escondeu o sarcasmo na voz e a mulher se encolheu.

Nunca perdoaria sua irmã por todo o mal causado à Mirela. Além de ser cúmplice da mãe, a remissão dela ainda não o convencia.

— O que os médicos disseram? — Luísa tentou mudar de assunto.

— Ela está, aparentemente, em um surto psicótico. O sedativo demorou

a fazer efeito, vão mantê-la na clínica psiquiátrica sob vigilância policial até que esteja bem e possa retornar ao presídio.

— Nossa, foi horrível vê-la nesse estado — Mirela disse, pesarosa.

— Ela só está colhendo o que plantou, Mi. — Luísa afirmou, apertando solidariamente o braço da cunhada.

Todos sofreram nas mãos de Renata Barbieri. Algumas feridas ainda nem tinham cicatrizado. Um ano após a prisão dela e os irmãos não conseguiam se entender, os danos pareciam irreversíveis. No fim, Renata tinha conseguido que se distanciassem uns dos outros.

Duda estava tentando conquistar a confiança dos irmãos novamente e conviver com seus próprios demônios. Seu marido a convenceu, quando sua mãe foi presa, que ela procurasse ajuda profissional. Seu médico a aconselhou a se aproximar dos seus irmãos, pedir perdão às pessoas que ela tinha feito sofrer, além de tentar ser uma pessoa melhor.

Mas conseguir o perdão deles não seria fácil, ela descobriu muito cedo. Teria que se esforçar muito para que, pelo menos, sua presença entre eles não causasse desconforto.

— Me desculpem — Beto comentou ao lado dela. — Sempre soube que, um dia, ainda ia ter o prazer de ver essa velha doida pagando por tudo que ela fez a vocês.

— Tem razão, Beto. Aqui se faz, aqui se paga. — Mirela finalmente tomou coragem para expressar o alívio por tudo ter acabado bem.

O julgamento da matriarca foi um fechamento de ciclo para a família Barbieri. Talvez um dia os irmãos conseguissem se perdoar, mas haveria um longo caminho a ser seguido até lá.

O cúmplice de Renata não foi encontrado. A polícia suspeitava de que ele tinha feito a denúncia anônima que a colocara atrás das grades.



49.

Andar pelas ruas com sua esposa e seu filho ainda significava ter os olhares escandalizados das pessoas sobre si. Renan Barbieri não se importava com isso.

Fazia questão de que vissem sua família.

Na sessão de cinema que assistiram mais cedo, sentiu a inveja dos homens que olhavam sua mulher com cobiça, mesmo que ela estivesse com o pequeno Eduardo nos braços. Mirela parecia gostar de provocar esse tipo de situação, as roupas dela não ajudavam em nada.

O short jeans desfiado ia até à cintura, mas, em contrapartida, era curto, deixando as pernas bem malhadas à mostra. O top manga longa, tinha uma fenda que deixava os seios dela quase saltando para fora.

Quem se importa com isso? Essa mulher é minha! Era só o que conseguia pensar ao vê-la caminhar em sua direção, na praça de alimentação lotada do shopping, trazendo o pedido deles da bandeja.

— Olha só que gata — ele mostrou a mulher para o filho em seu colo.
— A nossa gata, sua mãe!

— Mamã... Mamã — O pequeno ensaiava a palavra.

— Isso mesmo, seu pequeno traidor. Agora repete comigo: pa... pai.

— Mamã... — Eduardo disse, batendo palmas, e sorriu quando Mirela chegou até eles.

— Eu desisto — Renan disse, derrotado, entregando o filho para a mulher. — Esse pequeno traidor, nunca vai me chamar de papai!

— Pare de ser bobo, ele vai aprender sim.

A esposa sorriu, apertando o bebê em seu colo, e beijou o marido sem nenhum pudor. Às vezes, ela sentia necessidade de mostrar que eram uma família, e aquele momento era um desses.

Mais tarde, após colocarem o filho para dormir, o casal velou o sono dele, tomados por uma onda de amor que não cabia no peito.

— Fizemos juntos esse serzinho tão perfeito... — Mirela estava

emocionada.

— Somos bons nisso!

Seu marido disse, beijando o ombro dela, que estava sentada sobre suas pernas.

O amor deles passou por tantas provações, que estarem ali, olhando para aquela criança, parecia uma dádiva dos céus.

Renata estava confinada em uma clínica, mesmo que temporariamente. Havia sido julgada e condenada, pagaria pelos crimes que cometeu. A família estava finalmente segura das loucuras daquela mulher.

Não sabiam quem foi o responsável pela denúncia de sua mãe. A polícia pensava se tratar de um comparsa que terminou por passar a perna nela. Isso pouco importava agora. Renan só queria agradecer, a quem quer que fosse o tal cúmplice, pela tranquilidade que tinha proporcionado a todos eles.

Por um tempo, ele achou que a esposa nunca esqueceria as mágoas do passado. Agora, olhando-a tão serena, sabia que estava em paz consigo mesma.

Ela o ajudou a deitar na cama e trocar de roupa. Depois, o homem apreciou enquanto Mirela trocava de roupas. Continuava linda, mesmo com alguns quilos extras, adquiridos após a gravidez, além de suas curvas a mais e aquela cicatriz na barriga, que provava que o amor deles transcendia tudo.

A mulher se aninhou em seu peito, como fazia todas as noites.

— Renata não é mais uma ameaça para nossa família — ela sussurrou, em um misto de alegria e alívio.

— Saímos ilesos — Renan beijou o topo da cabeça dela. — Nunca mais ela vai nos atingir.

— Vamos esquecê-la, querido. Amo você e tudo que trouxe para a minha vida, até mesmo, as coisas ruins, porque elas nos tornaram mais fortes.

— É, moça, penso que você roubou mesmo meu coração. — As mãos dele emolduraram o rosto dela, que se aproximou devagar.

— Ainda tinha dúvidas disso, baderneiro de sessão de cinema? — as palavras foram ditas com os lábios quase colados.

O amor é tão simples, porém, insistimos em complicá-lo, colocá-lo em lugares inatingíveis e, no final, acabamos por tomar a decisão que sempre foi tão óbvia.

Quando dizem que o amor é cego, surdo e mudo, não estão mentindo. Porque o verdadeiro amor vai além dos defeitos e das nossas limitações.

Os sentimentos de Mirela por Renan conseguiram ir além do que todo mundo enxergava. Ela nunca viu as limitações do marido como um problema sem solução. Tinha orgulho de quem ele havia se tornado. Por pior que fosse a condição dele para as pessoas, aquele homem conseguiu quebrar cada obstáculo que a vida o impôs.

Renan amava sua esposa por diversos motivos e o maior deles era a capacidade que ela tinha de o enxergar além da cadeira, além de sua deficiência. Ela era uma das poucas pessoas que enxergava o homem por baixo de tudo.

A felicidade está nos lugares mais simples, ali nos braços daquela mulher, Renan, sabia que seria plenamente feliz, assim como Mirela tinha certeza de que juntos poderiam vencer qualquer coisa.

Não há no mundo um lugar melhor que este, ambos pensaram.

A vida nunca é fácil para ninguém. No rally da vida, não há espaço para os fracos. Então, trate de superar os seus medos, seja forte e siga em frente.

FIM



Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pois, sem ele nada seria. Escrever é algo divino e me sinto privilegiada por ter sido agraciada com esse dom maravilhoso. É um caminho cheio de tropeços, mas devagar vou trilhando meus passos nesse vasto mundo com tantos talentos.

Rally da Vida é o segundo livro que escrevo e foi um desafio contar essa história para vocês. Por muitas vezes pensei em desistir, mas sempre havia alguém me impulsionando a continuar.

Em segundo lugar gostaria de agradecer aos amigos fieis que estiveram ao meu lado me incentivando e me ajudando a seguir em frente. À minha amiga de infância e da vida toda Fáyla Karine, meu muito obrigada por me aturar durante os capítulos finais dessa história (sei que eu estava chata para caramba!) e por emprestar algumas de suas características irreverentes a Karen e Mirela. À Carolina Sthefan, minha (também) amiga de infância e leitora voraz, que foi minha beta e me dava dicas ótimas, me ajudou muito.

Não posso deixar de mencionar as amigas do SSRL, vocês foram um presente que a vida me deu nesse último ano. Me incentivaram a dar continuidade ao livro, adorei os surtos que deram lendo a história e as muitas experiências que trocamos juntas. Quero deixar também registrado meu carinho pelas autoras incríveis que conheci em 2017, que estão sempre me dando aquela forcinha nas divulgações. Obrigada por tudo!

Aos meus leitores do wattpad que fizeram a história alcançar 70 mil visualizações, não tenho palavras para agradecer cada comentário e cada voto que deixaram na plataforma e fora dela. Obrigada por todo o carinho!

Agradeço ao meu esposo, Marcos, pela paciência comigo e por me aturar nos momentos em que eu só queria pesquisar e pesquisar sobre o tema principal do livro. Enfim, quero agradecer a todos que torcem por mim. Obrigada!